



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MARIELE CRISTINA CONCEIÇÃO

**COMO PLANTAMOS BAOBÁ VÓ?
AFETO E CULTURA NAS ENCRUZILHADAS
DA ANCESTRALIDADE E DESCOLONIZAÇÃO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

MARIELE CRISTINA CONCEIÇÃO

**COMO PLANTAMOS BAOBÁ VÓ?
AFETO E CULTURA NAS ENCRUZILHADAS
DA ANCESTRALIDADE E DESCOLONIZAÇÃO**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Humanidades sediado no Instituto de Humanidades e Letras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Cardoso Andrade.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

C744c

Conceição, Mariele Cristina.

Como plantamos Baobá vó? Afeto e cultura nas encruzilhadas da ancestralidade e descolonização / Mariele Cristina Conceição. - 2019. 203 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Cardoso Andrade.

1. Ancestralidade. 2. Cultura afro-brasileira. 3. Descolonização - África.
4. Etnologia - Pesquisa qualitativa. I. Projeto de Extensão Baobá. II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 306.092

MARIELE CRISTINA CONCEIÇÃO

**COMO PLANTAMOS BAOBÁ VÓ?
AFETO E CULTURA NAS ENCRUZILHADAS
DA ANCESTRALIDADE E DESCOLONIZAÇÃO**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Humanidades sediado no Instituto de Humanidades e Letras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovada em 26 de março de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Cardoso Andrade (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Eliane Costa Santos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

*Dedico esta pesquisa para as mãos que nos
abençoam.
Em cada folha desse texto estendo um beijo de
criança com alegria, trabalho, carinho
E um pedido de proteção.*

RESUMO

Na presente monografia apresentamos o processo que levou a construção do Projeto de Extensão Baobá. Primeiramente desenvolveremos o debate das bases conceituais que sustentam o Projeto – afeto, cultura, ancestralidade e descolonização. Seguiremos o trabalho com o estudo das metodologias que proporcionam a pesquisa: o afroperspectivismo, o teatro do oprimido e a metodologia FOFA. Os referenciais teóricos que permitem esta discussão estão situados no continente africano e na diáspora ressaltando o fato de que trabalharemos com o diálogo, com o entrecruzamento de pessoas e teorias. Nosso objetivo principal é aprender sete saberes tradicionais 1) barro, 2) folhas, 3) plantio, 4) artesanato, 5) culinária, 6) costura, 7) oralidade (histórias, canções, ditados e provérbios), priorizando o conhecimento de mulheres negras, guardiãs de pedagogias e ensinamentos. Essa pesquisa se justifica no sentido de salvaguardar conhecimentos que tem se perdido por conta do racismo, do eurocentrismo. Também trazemos como fruto de nossa ação-reflexão o esboço da I Apostila *Saberes do Chá – UMOJA*. Na medida em que realizarmos trocas de saberes construiremos sete Apostilas referentes aos saberes no sentido de reunir um material que, futuramente, contribua para um currículo afrocentrado, voltado para educação básica e para as relações étnico raciais em comunidades negras.

Palavras-chave: Ancestralidade. Cultura afro-brasileira. Descolonização - África. Etnologia - Pesquisa qualitativa. Projeto de Extensão Baobá.

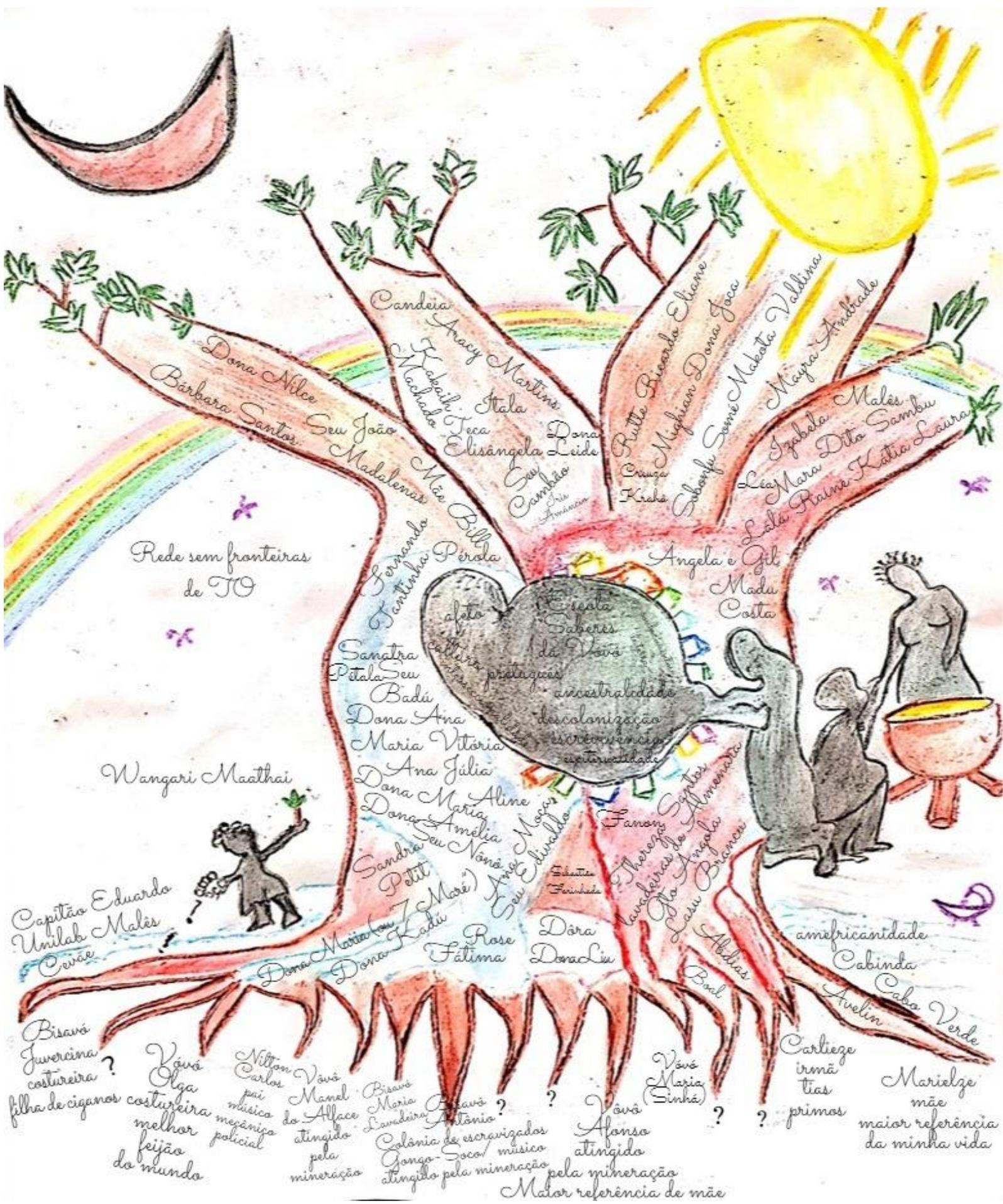
ABSTRACT

In this monograph we present the process that led to the construction of the Baobá Extension Project. First we will develop the debate on the conceptual bases that underpin the Project - affection, culture, ancestry and decolonization. We will continue the work with the study of the methodologies that provide the research: the afroperspectivismo, the theater of the oppressed and the methodology F.F.O.A. The theoretical frameworks that allow this discussion are situated in the African continent and in the diaspora emphasizing the fact that we will work with the dialogue, with the intertwining of people and theories. Our main objective is to learn seven traditional knowledge: 1) clay, 2) leaves, 3) planting, 4) handicrafts, 5) cooking, 6) sewing, 7) orality (stories, songs, sayings and sayings), prioritizing women's knowledge blacks, guardians of pedagogies and teachings. This research is justified in the sense of safeguarding knowledge that has been lost due to racism, Eurocentrism. We also bring as a result of our action-reflection the outline of the I Apostila Saberes do Chá - UMOJA. To the extent that we exchange knowledge, we will construct seven Apostilles referring to the knowledge to gather material that, in the future, contributes to an afrocentrado curriculum, focused on basic education and ethnic racial relations in black communities.

Keywords: Ancestry. Baobá Extension Project. Afro-Brazilian culture. Decolonization - Africa. Ethnology - Qualitative research.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	10
2	OBSERVAÇÕES	12
3	BASES CONCEITUAIS	15
3.1	AFETO	16
3.1.2	Espírito da intimidade	26
3.1.3	Cosmosensações	27
3.2	CULTURA	29
3.2.1	Oralidade	33
3.2.2	Escolarização	36
3.2.3	Teatro como arte marcial	41
3.2.4	Saberes tradicionais	47
3.3	ANCESTRALIDADE	49
3.3.1	Diálogo entre gerações	51
3.3.2	Descolonização	52
3.3.3	Interseccionalidade	53
3.3.4	Pretuguês e Amefricanidade	56
4	METODOLOGIAS A PARTIR DE ESCREVIVÊNCIAS	58
4.1	TEATRO DO OPRIMIDO	58
4.2	AFROPERSPECTIVISMO	69
4.3	METODOLOGIA FOFA	73
4.4	CONHECIMENTOS NO PROJETO BAOBÁ	79
5	PROJETO DE PESQUISA	88
6	I TROCA DE SABERES DOS CHÁS - UMOJA	114
	REFERÊNCIAS	195



1 APRESENTAÇÃO

Convido você que recebe esse texto para ler um sonho. Precisamos de seu apoio para continuar a pesquisa que intitulamos de Baobá: afeto e cultura nas encruzilhadas da ancestralidade e da descolonização. Nossa tentativa aqui é a de contribuir com outras formas de educação. Com outras possibilidades de escola.

E por que falo em um outro tipo de educação? Fiquei mais de dez anos em uma escola que me distanciou dos saberes de minha família. E me ensinaram o quê? Conteúdos sem conexão com minhas realidades, decorebas para a prova, para não tomar bomba. Mesmo sendo estudiosa, saí da escola com a sensação de não saber nada. Saio com a sensação de que se me pedirem para fazer uma equação de segundo grau já não sei. Se me pedirem para aplicar os conhecimentos de física e instalar um chuveiro ou pintar uma parede não consigo (ainda).

Hoje, se eu passo mal, recorro ao posto de saúde e na maior parte das vezes que sou atendida escuto o famoso “né nada não”. Quase sempre é a minha mãe Marielze, que cuida da gente. Nos salva com os “suco doido” e com os chás que ela mesmo conceituou de chá “levanta cadáver”. Medicina é também os conhecimentos da terra como veremos ao longo deste estudo. É afeto e espiritualidade, saberes milenares. Envolve português, matemática, física, química, história, biologia, geografia, educação física, artes, sociologia, filosofia(...).

E por que nossa cultura não é ensinada na escola? O que significa chamar um modo de vida de folclore? Senso comum? Superstição? Macumba? Podemos trazer para crianças, jovens e adultos um conhecimento com significado para a vida e que reconheça as dinâmicas de comunidades negras?

A pesquisa que apresentamos como Trabalho de Final de Curso tem esse objetivo: Aprender conhecimentos para salvaguardar sete saberes que estão se perdendo por conta do racismo, por conta do eurocentrismo, por conta da crença de que somente o ocidente branco, europeu, norte-americano é portador de ciência. E vamos aprender o quê, com quem, para quê?

Nosso foco é o aprendizado de sete saberes tradicionais: 1) barro, 2) folhas, 3) plantio, 4) artesanato, 5) culinária, 6) costura, 7) oralidade (histórias, canções, ditados e provérbios). Vamos aprender estas ciências, principalmente, com mulheres negras porque reconhecemos que a mulher negra ocupa um lugar de relevância na transmissão de cultura, na proposição de alternativas coletivas para enfrentar

opressões. Futuramente nossos esforços serão o de reunir o material construído e elaborar um currículo que, ao longo do ensino básico, fundamental e médio possa desenvolver na educação escolar esses sete saberes ditos tradicionais.

E como veio a proposta de desenvolver essa pesquisa? Na medida em que caminhei por comunidades e escolas, sendo atriz, contadora de histórias, aluna, bibliotecária ou professora, fui cada vez mais me dando conta de que a natureza e a arte acessam lugares de crescimento intelectual, emocional e espiritual nas pessoas. Percebi a importância de internalizar princípios da natureza para o autoconhecimento, para reconstruir nossas relações. Aprender o tempo das coisas, a plantar para colher, a perder, a observar e dançar com a terra.

Natureza e arte é a palavra que sai de nossas bocas. É a escuta dos sonhos e problemas de quem convivemos. Natureza é pé no chão. E como há muito tempo eu estava com o pé no sapato e com o sapato no azulejo, precisei largar tudo e replantar um Baobá, árvore sagrada no continente africano e na diáspora.

Natureza são conexões e redes. E as redes aqui estão para além do aprendizado. Envolvem trocas: Temos o Teatro do Oprimido como metodologia para criar redes e trocas trazendo para esse Projeto instituições de Direitos Humanos. Aprenderemos saberes com mulheres mais velhas do Recôncavo Baiano e de Minas Gerais e, ao mesmo tempo, compartilharemos nossas bagagens culturais e o Teatro do Oprimido. As pessoas e comunidades que nos ensinam possuem demandas, nos apresentam suas vulnerabilidades e conflitos.

Reconhecemos que a bagagem de um(a) multiplicador(a) de saberes necessita de estar aberta à aprendizados. Assim quando nossas profissões demandarem práticas, já teremos experimentado formas institucionais e quilombistas para atuar coletivamente diante de conflitos. Ou, quando recebermos o diploma, teremos junto do “canudo” entendimentos de como nos organizar, de compreender qual a lógica da opressão que gera um determinado preconceito, que pergunta fazer para chegar à raiz dos problemas, ir além de sintomas e das consequências.

Segue aqui o compromisso de retornar o dinheiro público que financiou nossos estudos. Em nome das lutas pela liberdade temos um *Campus* chamado Malês pertencente a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira (UNILAB). Este espaço universitário foi reivindicado pelos movimentos negros que marcaram a demanda de criação de uma universidade não eurocêntrica

na Conferência de Durban (2001), conhecida como a Terceira Conferência Mundial contra o Racismo, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância.

2 OBSERVAÇÕES

Em cada linha desse texto tem muito estudo e trabalho. O esforço de ler, resumir e dialogar com o que foi compreendido do pensamento de outras pessoas. O texto do TCC será longo porque trabalhamos com áreas diversas: teatro do oprimido –saberes tradicionais – mulheres negras – afroperspectivismo – extensão universitária – currículo afrocentado – direitos humanos – terra – oralidade. Cada uma destas áreas possui referências teóricas.

Primeiramente, apresentaremos os debates teóricos que mantêm o Projeto Baobá. As bases conceituais - afeto; cultura; ancestralidade e descolonização - são a seiva, os nutrientes e o solo desse Projeto e estão destacadas no próprio título. Já as metodologias, que vêm a partir de experiências, são as raízes desta árvore: Afroperspectivismo, Teatro do Oprimido e Metodologia FOFA.

No segundo capítulo, apresentaremos alguns pontos do Projeto de Extensão submetido ao setor administrativo da Universidade. Consideramos a importância de colocar em roda a escrita de um documento, que em seu formato colonizatório, já possui parâmetros e exigências pré-definidas, mas que está descolado de um movimento de empoderamento coletivo que ensine à comunidade acadêmica pleitear espaços de bolsas e editais.

Por fim, compartilharemos a primeira Apostila Saberes do Chá – UMOJA. Na medida em que aprendermos cada um dos sete saberes, alimentaremos sete apostilas, divulgadas em um site que vise encontrar pessoas interessadas em plantar um currículo que contribua para educação em comunidades negras.

Na tentativa de romper com o racismo linguístico nos apoiamos: 1) Na “escrita falada”, metodologia utilizada pela indígena Creuza P. Kahô na busca da escrita que possua o formato de fala, de conversa e que valorize a oralidade. 2) No “pretuguês”, conceito da ativista Lélia González contra a obrigatoriedade de utilizar a língua do colonizador (gramática oficial da língua portuguesa) e descartar os krios que existem no Brasil. 3) na “escrevivência” de Conceição Evaristo, que considera a escrita de “nós”, nossas vivências com a primeira pessoa e parcialidade; 4) no

afropespectivismo de Na'im Akbar, cientista social que reivindica mais afeto e espiritualidade para as produções acadêmicas.

Adotamos o posicionamento da pesquisadora Mighian Danae de fazer referência aos teóricos(as) apresentando seus nomes e sobrenomes. Geralmente, nas regras da ABNT, citamos uma pessoa utilizando somente seu sobrenome. Pela exclusão social de mulheres e LGBTQIA¹, quando escrevemos apenas o sobrenome, SILVA, OLIVEIRA, SANTOS, BORGES, nunca sabemos qual a expressão de gênero, a identidade de gênero, a sexualidade que afeta a escrita das pesquisas. As pessoas falam de um lugar, possuem privilégios e experiências de opressão que precisam ser consideradas até mesmo para termos a humildade de ler cientistas, pessoas com falhas, em constante mudança e não deuses (as) com teoria perfeitas e finitas.

Sente esse chero de céu

Sente esse chero de mar

Sente esse chero de flor

Lembra do chero da fumaça

misturado com esgoto

misturado com coco...

ai quê que eu faço pra melhorar minha vida?

“Tem que amar a terra mar, porque a terra é nossa mãe. Eu sou o Badú. Meu nome é Sílvio de Siqueira. Badú é o apelido que adquiri na infância. Sou nascido e criado no Quilombo. Sou quilombola. Eu já fui peão de amansá animal pra trabaiaá. Sem judiá, através de amor de minha profissão. Fui carpinteiro. Tenho instrução prá passa porque trabaiei 50 ano. Conheço todo tipo de madeira. Minha vida é um livro. Então eu vou explicar um pouco, porque se eu for explicar tudo não dá. Eu já fui muito massacrado por inveja, por preconceito, por racismo. Porque o negro toda vida

¹ LGBTQIA é a sigla para definir Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, queer (atua com a ideia que abrange as pessoas de ambos os gêneros que possuem uma variedade de orientações, preferências e hábitos sexuais, ou seja, um termo neutro que possa ser utilizado por todos os adeptos desse movimento), Intersexo (pessoas em que a sua característica física não é expressa por características sexuais exclusivamente masculinas ou femininas) e assexual (pessoa que não possui atração sexual nem por homens e nem por mulheres ou que não possua orientação sexual definida). In: <http://prceu.usp.br/uspdiversidade/lgbtqia/o-que-e-lgbtqia/> acesso: 25/02/19.

foi complexado por preconceito. Mas eu tenho um grande talento por uma benção de Deus que me fortalece diariamente. E a gente tem que passar pra alguém. Então hoje, graças a Deus, eu tenho um pouco de conhecimento. A gente tem algum talento pra combater os mal que afeta a natureza, que afeta o ser humano. Eu tenho conhecimento do começo da história. Porque eu fui criado com escrava. Tenho a história da Tia Tança que foi crucificada em senzala. Vendida como se fosse um animal. E passou todos os conhecimento da vida dela pra gente saber como ela foi criada. O resto da vida dela foi repassar esse conhecimento. Ela falava a língua africana. E hoje a gente tem um conhecimento diferente porque a gente tá convivendo com outras pessoas, mas a gente através da prática vem vencendo todo sofrimento. Aprendi a lidar com o conhecimento da homeopatia. Que trás os conhecimentos da terra, da água e da natureza. E conheço um pouco da radiestesia, que foi o conhecimento que veio dos hebreus do Egito. Tenho muito amor pelas crianças que é o futuro da vida da gente hoje e sempre. Um abraço.”

Escuta o som da chuva,
o canto do passarim,
a pedra caindo no rio - -
ouve o engarrafamento
com o som do centro
e com som do meu vizim...

Porque será que tem tanta gente adoecendo?

“Nós estamos aqui fazendo um filme de Mulheres do Capitão Eduardo que lutaram pela escola, pela... pelo posto de saúde. Agora que a planta que a minha mãe me deu quando eu ficava nervosa foi armica, erva cidreira junto com puejinho. Eu tomo ela, eu tomo ela, mas de vez em quando é ruim. Quem sempre fica ruim, fica nervosa com a lua cheia, cada um tem um tempo né? pra cada coisa. Eu tenho o meu, todos tem o seu. Cada um tem que esperar o seu tempo...

agora minha cidade natal é lá em Dom Joaquim. Onde eu nasci. Como lá não tem hospital, minha avó mesmo fez o meu parto. Aí de lá eu vim pra cá né?” Ana Júlia.

(Ana Júlia tem sete anos e esta aprendendo ainda. Misturar arnica com puejinho e erva cidreira faz mal. Arnica é melhor como um creme para massagem.)

ô Preta
 ô preta vem de bike
 ôÔôoaaaêê
 vai até a horta
 escuta a sua avó:

“-Eu falo com meus meninos ó: - Se ces tiver alguma coisa pra conversar. Coisa de ruim. Não conversa na vista dos seus filho. (...) Porque minino, ês registra tudo. De bom e de ruim. Ês registra tudo na cabeça. Agora quando ês cresce, fica véi e tal. Tem o dia que vem tudo na ideia delas. Então a gente tem que ter muita cautela com isso”.

Dona Ana (agricultora no Bairro Capitão Eduardo/ Belo Horizonte MG)

3 BASES CONCEITUAIS

O Projeto Baobá já existia dentro de práticas da pesquisadora. Mas ele só pôde ser traduzido em texto, com objetivo geral, específico e justificativa quando no livro “Histórias de Ébano” da intelectual negra Mighian Danae, tive contato com uma “escrita falada” de Makota Valdina:

E é isso que eu acho que toda criança negra hoje... eu quero que vá, busque, procure sua avó, procure seu avô, procure seu tio, procure um vizinho mais velho, procure alguém que possa falar dos tempos de ontem, como era, a gente tem que resgatar muita coisa, muitos valores que ficaram lá atrás, esses valores de solidariedade, de fazer as coisas juntos, de construir coisas juntos. Isso é bem nosso. A gente ficou muito solto. A gente tem que voltar a aprender a fazer a massa, fazer o tijolo para construir uma casa. Isso querendo dizer, fazer as coisas juntos pra aprender a crescer junto. A gente ficou muito individualista, e a gente tem que largar essa coisa do individualismo de lado e pegar o que é coletivo. Esses são os jeitos negros de ser, e acho que é aí que a gente vai reconstruir a nossa história, esse nosso jeito de tocar pra frente, eu acho que a gente tem muita coisa a conquistar. (Danae, 2017, Pág. 143 *apud* Makota Valdina, 2008, A cor da Cultura)

Ao ler esta “escrita falada” de Makota Valdina me peguei em uma crise de choro durante horas porque ela simplesmente traduziu aquilo que eu ainda não pensava em forma de texto e que a disciplina de Metodologia da Pesquisa me

exigia: dizer o que eu pesquiso na universidade. Aprendi que por mais que uma pessoa não tenha uma avó ou um avô de sangue, ainda sim, podemos seguir a teoria de Makota Valdina. Temos várias famílias em nosso caminho. Antes de iniciar o capítulo, trouxe seu Badú, Dona Ana, Ana Júlia e apresentaremos abaixo a família de teóricas que dão embasamento conceitual para o Baobá.

Afeto, cultura, ancestralidade e descolonização – são nossas bases conceituais. Todavia, cada pessoa pode ter um entendimento diferente destes conceitos. Entendemos como “afeto” o diálogo entre “Amor” (bell hooks: 2013), o “Espírito da Intimidade” (Sobonfu Somé: 2003) e as “Cosmosensações” (Oyèrónké Oyèwùmí:1997). Para nós a cultura é um conceito que abraça a Teoria dos dois Berços (Cheik Anta Diop: 2015), o Teatro (Bárbara Santos: 2016) a Escolarização (Ricardo M. Benedicto: 2016), a Oralidade (Alan S. Oliveira:2016) e os Saberes (Creuza P Krahô:2017).

Ancestralidade e Descolonização, para nós, envolve o diálogo entre gerações (Joselita G. dos Santos:2018), a interseccionalidade (Kimberlé Crenshaw: 2002), o pretuguês e a amefricanidade (Lélia Gonzalez: 1988). Estas são nossas encruzilhadas que desembocam na busca por uma pretagogia, para uma pedagoginga².

3.1 AFETO

O que significa falar de afeto? Por que não falar de paz e amor? Que condições de afeto temos nesta sociedade dita brasileira e contemporânea? Em que lugar está a agressão, o egoísmo, o dinheiro, a exploração? Em que lugar de afeto

² Neste trabalho não daremos conta de aprofundar nessas metodologias, ainda em estudo no Grupo de Pesquisa e Extensão Baobá. A partir da experiência com a formação de educadoras para atuar em comunidades quilombolas, a pesquisadora Sandra Petit desenvolveu “uma nova abordagem de ensino e pesquisa de intervenção na perspectiva das africanidades e que denominamos de Pretagogia.” Segundo a Petit, existe a “construção em curso da Pretagogia, enquanto referencial teórico-metodológico que pretende potencializar as influências africanas, afro-brasileiras e afrodiáspóricas na nossa educação, transformando-as em contribuições didático-pedagógicas e curriculares.” (In: PETIT, Sandra: 2016, Págs.657 e 659R). Referência também o conceito de *pedagoginga* fundamentado por Allan da Rosa no livro *Pedagoginga, Autonomia e Mocambagem*. Allan defende um “movimento social educativo”, calcado nas “nossas memórias, tradições e desejos” que vogue entre o “estético e o político”. Nesses moldes, o próprio educador construiu, durante três anos (2009-2012) cursos autônomos e encontros com “ensino de história e de cultura de matriz afro, cultura que o povo negro pôs a rodar pela necessidade de sobrevivência (...). In: <https://www.geledes.org.br/pedagoginga-autonomia-e-mocambagem-allan-da-rosa-lanca-livro-sobre-educacao-popular-nas-periferias-de-sao-paulo/>

se encontram as nossas mais velhas, mulheres guardiãs de saberes? Como falar em possibilidades pedagógicas com base no afeto considerando a hipersexualização da juventude, a falta de diálogo entre gerações, o genocídio, a gravidez precoce, a “guerra as drogas”, a pedofilia, violências médicas, familiares e sociais?

Muito do que me fez mudar de estado, sair de Minas gerais e ir estudar na Bahia, foi essa falta de afeto, de ânimo, de tempo, de paciência das mestras de saberes, avós, mães em ensinar. Minha falta de tato para incentivar uma juventude a aprender estando adoecida e convivendo com adoecimentos diversos. A sobrecarga de mães, tias e avós sempre foi algo que me incomodou. Queremos delas sempre “o venha nós”, o ombro, o consolo, a benção, mas na hora do doar afeto, existe a emissão de palavras tóxicas:

“- ah Vó fica na sua que você não sabe nada do que eu tô falando”;

“- íiiii mãe ó eu sei o que eu tô fazendo”;

“- Eu não vou fazer nada. Não enche o saco”

“- ela não estudou”, “ela não sabe ler”;...

Convivo com mulheres a exemplo de minha mãe, mulher branca do interior de Diamantina, Inhaí, que nasceu na roça, mas que não gosta de lembrar desse passado; Avós, tias ou mães, principalmente nas grandes cidades, são pessoas que migraram de várias regiões e notaremos delas silêncios, dificuldades em partilhar saberes. Em Belo Horizonte (MG) percebi pessoas que têm de conviver com a dor da indiferença, de agressões, com a dor da violência do assassinato que atinge seus filhos ou parentes mais próximos. Nos vemos com a ação restringida pelas instituições que nem sempre funcionam (delegacia da mulher, conselho tutelar, etc), pelo tráfico e por fatores diversos.

Nosso regime é considerado “democrático”, mas falamos de mulheres que são impedidas de transmitir saberes com afeto de geração para geração: Saem 5,6 horas da manhã, retornam as 22h para outras jornadas de trabalho dentro de casa. Geralmente, quando existe alguma situação de conflito, algum problema, alguém passando sufoco, quando alguém “quebra a cara” ou quando a comida fica pronta, costumo a escutar algo parecido com:

“- Fala com sua avó que ela resolve”;

- “-Vai lá e mostra pra sua mãe”;
- “- Pede ajuda pra sua tia”;
- “- Eu trouxe meus amigos pra almoçar”;

Trocando uma palavra ou outra, estas falas que mencionamos acima já apareceram constantemente nas comunidades onde vivi e troquei experiências, sendo os lugares que me marcam: Bairro Goiânia, Capitão Eduardo, Ribeiro de Abreu, Raposos, Cabo Verde, algumas ocupações urbanas e comunidades quilombolas em Minas Gerais.

Não cabe aqui estudar a extensão dos fenômenos de violência. Mas, falamos de um país, o Brasil, onde a mulher negra tem um lugar. E para falar deste lugar, evocamos a ativista negra Thereza Santos:

Eu acho que a participação da mulher negra sempre foi uma coisa muito clara né? Ela sempre foi o esteio da família negra (...) você pega a mulher negra trabalhando na Frente Negra Brasileira, quer dizer, nas Legiões negras quer dizer, na imprensa negra brasileira, que eu acho que é muito importante a gente colocar, sempre também como base. (...) se você for mais pra trás você tem Luisa Mahin. Quer dizer, que foi expulsa da Bahia, né? porque participou da Revolta dos chamados Malês na Bahia, e que depois é expulsa para o Rio de Janeiro, e que do Rio de Janeiro é expulsa para Angola. Exatamente por causa da força, porque ela pegava em armas para lutar. (...) Eu acho que outra coisa que é muito importante colocar pra nós é que apesar dessa grande luta da mulher negra essa falta de reconhecimento da sociedade brasileira, no papel da mulher negra dentro dessa estrutura social porque outra coisa também que é muito importante que a mulher negra, quer dizer, hoje e sempre ela sempre foi a base da estrutura familiar também na família branca. Porque era ela que dava condições na época da escravidão para que a sinhá se enfeitasse pro senhor, foi ela que deu condições quando começa já toda uma revolução industrial no Brasil. Dá condições para que a mulher branca procure caminhos para fora de casa porque ela consegue entende? Segurar o núcleo familiar também da mulher branca. Ela de repente passou toda vida assumindo duas famílias.

(SANTOS, Thereza³)

Falamos de um país onde a mulher indígena tem um lugar. E para falar deste lugar evocamos Avelin Buniacá Kambiwá, ativista indígena:

³ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=WDqGLJ3TPQU> Acesso: 18/12/18. Thereza Santos foi exilada política na década de 70, e ao sair do Brasil participa da luta de libertação em Angola, Guiné Bissau, incluindo os movimentos de base, inclusive em Cabo Verde. Atriz, intelectual, pouco temos acesso a seus textos, uma das consequências da desvalorização da mulher negra e de sua sabedoria e experiências. Existe o Neab UFSCAR com a coleção de suas obras, mas este acervo não está digitalizado pela internet, apenas em espaço físico. <http://www.neab.ufscar.br>.

(...) ninguém vai fazer o que é nossa missão não. Tem dia que...eu acho até engraçado, que a missão vira uma maldição (risos). Meu pai fala assim: “- Não. Tem que aguentar o capote. Aguenta o capote”. Vocês imaginem como é né? Você ser uma mulher indígena(...) Eu tenho que aprender os saberes da academia da mesma forma que ela tem que aprender os saberes tradicionais(...). Uma das coisas que eu não poderia deixar de falar(...) dentro da cultura da história dos povos indígenas, o que mais existe são inverdades(...) E vamos desconstruir é como? Conversando. (...) Então nós não somos um povo atrasado. Não somos ignorantes. Na época da invasão a catequização primeiro dizia que nós não tínhamos alma. (...) A mesma coisa aconteceu com o negro transatlântico. Eu falo o negro transatlântico porque nós somos o negro da terra. **O negro indígena é o negro da terra e o negro transatlântico é aquele que foi trazido na marra.** Da África prá cá (...) Não tivemos alma quando convinha (...). Temos muito respeito pela mãe terra. (...) É bem complicada essa relação com a mãe terra na cidade. Os rios que eram pra ser um lugar bom de ficar, um igarapé pra você ficar, se refrescar é um transtorno. Ele está fedido. (...) Ele virou um esgoto. Um esgotão. (...) A gente podia ter uma cidade linda com o rio que cortasse a cidade inteira. Podia ser um lugar de lazer, um lugar de pescar. Eu vejo as pessoas mais velhas que são mineiras e elas dizem né? Que já pescaram(...) Isso não tem 300 anos atrás não. Isso é começo do século. Anos 30. Por aí. Então será que é tão impossível assim reverter isso?(...). Quando a gente fala dessa coisa, minha avó foi pega a laço. Era uma criança uma menina, era uma mulher né? Ainda uma menina, criança, tirada da sua família, botada numa família estranha, falando uma língua estranha, sendo obrigada a ser escrava doméstica e sexual (...). A mulher é uma coisa a ser pega e tomada(...). De toda essa família dessa mulher que foi levada à força há um apagamento de identidade.(...)

(KAMBIWÁ, Avelin Buniacá⁴)

Falamos de um país onde são assassinadas cerca de 50 mil pessoas por ano⁵.

No início de 2015, foi lançada uma atual versão do IHA, através de uma iniciativa do Observatório de Favelas (RJ), em parceria com o Laboratório de Análise da Violência (LAV), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), bem como com apoio do UNICEF e da então Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, hoje Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos⁶. Segundo a publicação, caso o contexto de vulnerabilidade não mude, 42 mil adolescentes, entre 12 e 18 anos, poderão ser vítimas de homicídio nos municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes entre 2013 e 2019. Esse índice é o mais alto dos últimos 8 anos, com um aumento de 17% em relação a 2011. Dentre as características mais marcantes dos homicídios de adolescentes brasileiros tem-se o fato de que os jovens negros apresentam uma tendência a serem vítimas de homicídio quase 3 (três) vezes maior do que os brancos. A região Nordeste do país é tanto a de maior incidência desse crime, quanto aquela na qual ele mais cresce. Verifica-se ainda que é

⁴ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=in72ihOHEdg> Acesso: 18/12/18. Ativista, mulher indígena.

⁵ Entre 2012 e 2015, houve mais de 200 mil homicídios no Brasil, tendo sido 55 a 60 mil por ano (CERQUEIRA et al., 2017). Isso significa que, a cada dez minutos, uma pessoa é assassinada no nosso país. Em 2005, foram cerca de 48 mil assassinatos, de forma que em dez anos o número cresceu em mais de 10 mil casos – uma aceleração forte. (...) Em 2012, de acordo com o relatório mundial sobre prevenção da violência (OMS, 2014), quase 10% dos homicídios mundiais ocorreram no Brasil. (FRÖES, CRISTINA; REIS, BORJA: 2008, Pág.19).

⁶ Ministério extinto por Michel Temer após o impedimento da presidenta Dilma Rousseff.

um fenômeno cada vez mais urbano, visto que quanto maior o número populacional dos municípios, mais altos são os índices de homicídio na adolescência (MELO e CANO, 2012, p. 60).

(FLORES, Tarsila: 2016, Pág.111)

A falta de afeto provoca migrações, evasões, extermínios e extrapola o indivíduo, o micro contexto da família. As situações frequentes de desrespeito às mais velhas que citamos acima, não podem se restringir a coisas de mãe, avó ou tia. A alienação da cultura, preconceitos e genocídios são sintomas de uma política de estado genocida. Existem netos que fazem suas avós e mães mudarem de casa, que vendem seus móveis por conta do tráfico de drogas. Mas a guerra às drogas começa onde? É financiada por quem?

Em uma via de mão dupla, as opressões se entrecruzam. Existem avós, mães e tias que expulsam netos de casa por estes assumirem sua sexualidade. Se pegarmos na tradição do povo Dagara (Burkina Faso), Sobonfu Somé nos apresenta uma sociedade onde o que o ocidente considera como pessoas homossexuais, gays, lésbicas é definido por guardião, como pessoas sagradas para comunidade⁷. Como aprender ensinamentos africanos e maneiras de se relacionar em realidades tão distintas?

O que seria do afeto, se houvessem investimentos no direito à diversidade?
No direito à ancestralidade?

O governo de Michel Temer traz como exemplo da falta de afeto e de estado genocida a aprovação PEC 241 em 2016. A Proposta de Emenda Constitucional aprovada pela maioria da Câmara dos Deputados e pelo Senado colocou como saída para reduzir os gastos do país parar de aplicar dinheiro na saúde e na educação por 20 anos. Para economizar verba vamos congelar por vinte anos o investimento em direitos que, na verdade, garantem oportunidades de vida para população. Contraditoriamente, o Brasil que quer economizar dívidas, é, por exemplo, o quinto maior importador de armas do estado de Israel⁸.

⁷ Segundo Sobonfu Somé, na sua aldeia as pessoas que no ocidente estão definidas enquanto comunidade LGBTQIA, são guardiãs entre dois mundos, aconselham os mais velhos a tomar decisões e são respeitadas por conectar espiritualmente a comunidade com o mundo sagrado. Vide: Somé: 2013, Cap. 13.

⁸ (NOVA, Carolina:2018 In: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/03/israel-quer-pacto-de-seguranca-para-elevar-cooperacao-cientifica-com-brasil.shtml>)

Falamos de paz, ordem e progresso. Entretanto, como bem apresenta a pesquisadora Marielle Franco, assassinada pela polícia, divulgar a política de intervenção militar enquanto “alusão à paz”, é uma estratégia de genocídio e, ao mesmo tempo, a implantação de uma política do medo.

Medo de falar, medo de ocupar as ruas.

Esta pesquisadora, mãe, vereadora, mulher negra, lésbica e ativista, assim como Thereza Santos e Avelin Kambiwá, traz propostas de afeto, de enfrentamento à problemas sociais que a atual ciência e política não tem dado conta:

Há duas ações predominantes no Estado, frente aos territórios populares: tornar-se ausente, ou não se faz absolutamente presente. Significa que o Estado sintetiza outra face. As duas opções demonstram a escolha feita pelo Estado, quando sob a prerrogativa da garantia de direitos, opta por baixos investimentos e poucos equipamentos. E/ou marca a presença com o uso da força e da repressão, principalmente por meio da ação policial. Reforça-se, assim, a visão predominante de que favelas e periferias são locais de ausência, carência, onde predomina a “vagabundagem”, ou a narrativa do assistencialismo, em um espaço considerado território de “pobres coitados”. (...) “Nos territórios de uma cidade que não vive os riscos permanentes dos conflitos entre polícia e grupos criminosos armados, a presença da polícia nas ruas passa um sentimento de segurança. O contrário ocorre nas favelas e periferias, que vivem sob controle de grupos criminosos, e a presença do policiamento ostensivo traz risco permanente e medo para os moradores. Isso, no entanto, é um sentimento de uma realidade que apresenta a questão de segurança apenas pela força e não por meio de políticas públicas que apostem na mobilidade, no encontro dos corpos, na participação e na ocupação das ruas. Essa situação gera desigualdades cada vez mais profundas no tratamento dado aos moradores desses diversos territórios que compõem a cidade. O fundamental, ao se pensar em uma política de segurança cidadã, está em manter o foco em investimentos em iluminação, **pessoas nas ruas, praças ocupadas, esquinas de encontro, atividades públicas de esporte e lazer, como demonstrações de práticas de segurança pública**. Políticas públicas nesse campo devem predominar nas ações das várias instâncias do Estado (no caso do Brasil, prefeituras, estados federativos e nível federal). No entanto, o predomínio do neoliberalismo, com as políticas de privatização e maximização do capital, contribuíram para esvaziar essa postura pública que deveria ser predominante nas ações do Estado. (FRANCO, Marielle: 2014, Págs. 14-24, *grifo nosso*).

O artista, a artista é aquela pessoa que ocupa espaços públicos. Mas ocupa espaços de saber precariamente, sem apoio financeiro, psicológico ou material⁹.

⁹ Tentamos, por exemplo, vincular este Projeto de Pesquisa ao programa PIBEAC (Programa de Bolsas de Extensão, Arte e Cultura da Unilab) no 2º semestre de 2018. Apesar de não conseguir a aprovação no Programa e bolsas de pesquisa na Unilab, temos atuado voluntariamente. A maneira como permanecemos com o Baobá, sem recursos, sem doações diante de demandas e da falta de apoio é um dos exemplos onde a luta pelo mínimo - o direito de nos manifestar artisticamente, de viver em um mundo sem escravização ou extermínio de nossos corpos parece ser mais uma saga que há séculos nos desprende energia como a da própria Marielle Franco, Dandara, Roseli, dentre

Você pode se perguntar, porque para conceituar o que é afeto, o debate começa pela reflexão do que é a falta de afeto? Buscamos exemplos que fotografam a sociedade, para que, sem negar as nossas realidades, possamos encontrar caminhos de definir onde encontramos boicotes ao afeto, onde encontramos manifestações de cuidado e carinho, de coletividade e de solidariedade.

Sem romantizar as relações, acreditando que as mães, avós e mulheres das quais falamos não são perfeitas, trazemos a valorização de um grupo formado por seres humanos que, se forem escrever tudo que fazem, vão ser reconhecidas enquanto deusas, rainhas, guerreiras. Mulheres negras da terra (indígenas) e do atlântico (africanas do continente e da diáspora) são pessoas¹⁰. Pessoas sem o reconhecimento que merecem, afetadas pela colonização, pela sobrecarga de trabalho, e pela falta de amar. Com potencial para reproduzir opressões e oprimirem.

Falamos de fenômenos atuais na sociedade brasileira que impedem o afeto. Mas também existe um processo histórico de colonização apontado por bell hooks¹¹. Um dos conceitos fundamentais desta teórica é o Amor - base para chegarmos ao conceito de afeto:

O amor cura. Nossa recuperação está no ato e na arte de amar. (...) Muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor. Essa realidade é tão dolorosa que as mulheres negras raramente falam abertamente sobre isso. O sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu **crescimento espiritual**. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem a nossa capacidade de amar. (...) A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os afroamericanos. Mas, ao fazer essa escolha, **muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor**. (...) Imagino que após o término da escravidão, muitos negros estivessem **ansiosos para experimentar relações de intimidade**, compromisso e paixão, fora dos limites antes estabelecidos. Mas é também possível que muitos estivessem despreparados para praticar a arte de amar. Essa talvez seja a razão pela qual muitos negros estabeleceram relações familiares espelhadas na brutalidade que conheceram na época da escravidão. Seguindo o nosso modelo hierárquico, criaram espaços domésticos onde conflitos de poder levavam os **homens a espancarem as mulheres e os adultos a baterem nas crianças como para que provar seu controle e dominação**.

(Hooks, bell:2000. Págs.1-2, *grifo nosso*)

outros milhares de pessoas sem chances de terem incentivo para as propostas coletivas que apresentam.

¹⁰ Sobre os termos “negro do atlântico e negro da terra” *vide* Pág.7 KAMBIWÁ, Avelin Buniacá.

¹¹ Esta teórica afroamericana só assina seu nome com letras minúsculas. Por reconhecer o pouco que somos e sabemos.

Entendemos a colonização como um processo de dominação existente desde as invasões europeias no continente africano com a escravização de pessoas Mas também como um fenômeno atual em que elites brancas, norte americanas, europeias, brasileiras, mantêm a dominação de povos por meio de imposições que tentam tirar nossa capacidade de amar a nós mesmas e as outras pessoas. Como por exemplo, as políticas que citamos no início deste tópico. Mas cabe também ressaltar a força midiática que nos condiciona a ter um imaginário referente ao que seria, desenvolvimento, bem viver, paz e amor, por meio de noções transmitidas em novelas, filmes, propagandas.

Sabemos que no contexto de colonização, temos gerações impedidas de assumir sua espiritualidade, sua língua, sua sexualidade, sua beleza, gerações forçadas a se submeter a violações a começar da própria casa. Existem violências estruturais que perpetuam as opressões da colonização. Violências psicológicas que estão entranhadas em nossos corpos e pensamentos. Frantz Fanon é um dos teóricos responsáveis por investigar os efeitos psicológicos da colonização:

Não faz muito tempo a terra tinha dois bilhões de habitantes, isto é, quinhentos milhões de homens e um bilhão e quinhentos milhões de indígenas. (...) Às colônias a verdade se mostrava nua; as "metrópoles" queriam-na vestida; era preciso que o indígena as amasse. **Como às mães, por assim dizer.** A elite européia tentou engendrar um indigenato de elite; selecionava adolescentes, gravava-lhes na testa, com ferro em brasa, os princípios da cultura ocidental, metia-lhes na boca mordaças sonoras, expressões bombásticas e pastosas que grudavam nos dentes; depois de breve estada na metrópole, recambiava-os, adulterados.(...) perpetuemos-lhes a infelicidade, que dela não resultará coisa alguma. Quanto à possibilidade de revolta, estávamos tranqüilos. Que indígena consciente iria massacrar os **filhos da Europa** com o fim único de se tornar europeu como eles?

(FANNON, Frantz: 1979, Págs: 3-4, **grifo nosso**)

Ciências como a antropologia foram financiadas e constituídas enquanto campo de estudos para que pesquisadores fossem às comunidades, as teorizassem como primitivas e investigassem suas estruturas: sabendo como funcionam as sociedades é mais fácil desestabilizá-las. Depois da antropologia, e com a antropologia, a atuação religiosa também levou alguns missionários como o belga Tempels a serem condenados pela Igreja. Já em 1945 o missionário teve seu livro condenado porque reconhecia que povos africanos, nesse caso os bantu, tinham

filosofia. Tempels reconheceu uma força nas comunidades banto, essa força vital, *ntu*, que une e movimenta a sociedade. Ao mesmo tempo, na sua missão de converter uma população Tempels assumia que a dominação que exerciam precisava ser mais profunda, porque os ritos católicos, ainda estavam sendo impostos de maneira fraca e era necessário ir mais a fundo no processo de conversão forçada do Outro¹².

O afeto não coexiste com o racismo e como aponta Fanon:

O racismo vimo-lo não é mais do que um elemento de um conjunto mais vasto: a opressão sistematizada de um povo. Como se comporta um povo que oprime? Aqui, encontram-se constantes. Assiste-se à destruição dos valores culturais, das modalidades de existência. A linguagem, o vestuário, as técnicas são **desvalorizados**. (FANON, Frantz *apud* BASTOS, Jairo, 2018, Pág. 5, **grifo nosso**).

No caso das ciências naturais,

Carl Von Linné, o Lineu, o mesmo naturalista sueco que fez a primeira classificação racial das plantas, oferece também no século XVIII, o melhor exemplo da classificação racial humana acompanhada de uma escala de valores que sugere a hierarquização. Com efeito, na sua classificação da diversidade humana, Lineu divide o Homo Sapiens em quatro raças:

- **Americano**, que o próprio classificador descreve como moreno, colérico, cabeçudo, amante da liberdade, governado pelo hábito, tem corpo pintado.
- **Asiático**: amarelo, melancólico, governado pela opinião e pelos preconceitos, usa roupas largas.
- **Africano**: negro, flegmático, astucioso, preguiçoso, negligente, governado pela vontade de seus chefes(despotismo), unta o corpo com óleo ou gordura, sua **mulher tem vulva pendente e quando amamenta seus seios se tornam moles e alongados**.
- **Europeu**: branco, sangüíneo, musculoso, engenhoso, inventivo, governado pelas leis, usa roupas apertados. (MUNANGA, Kabengele:2004, Pág.9, **grifo nosso**)

Neste artigo do professor Kabengele Munanga, teremos o desenvolvimento dos conceitos de raça, racismo, etnia e identidade. Somente na década de 1970, com as discussões ligadas à genética, ficará cientificamente comprovado que a raça humana não se divide nas classificações de Lineu. Os seres humanos fazem parte de um grupo único. Podem até se diferenciar em questões de etnia e identidade.

No trecho supracitado, queremos chamar atenção para o fato de que a descrição da mulher aparece somente em uma das classificações racistas de Lineu: Aparece apenas na descrição do que seria a “raça africana”. A mulher africana ter a

¹² Sobre antropologia e dominação *vide* Bôas Filho, Orlando Villas:2007. A respeito de Tempels *vide* MUDIMBE, Yves: 2013.

“vulva pendente” revela o processo de estupro pelo qual passou a mulher negra; seus “seios que amamentam” dizem da escravização que, dentre várias questões, significou deixar de cuidar dos próprios filhos para violentamente amamentar os filhos das mulheres brancas.

Em sociedades matriarcais, atingir as mulheres, as lideranças espirituais têm sido um processo cirúrgico de dominação e tortura, de extinção do afeto. Inferiorizando um povo, uma nação, a regra opressora diz: quanto mais próximo chegar ao branco e modificar a sua essência, a sua aparência, menos violência te atingirá. É preciso se odiar e ser odiado, alimentar a baixa auto-estima e o medo:

“Preto sujo!!” Ou simplesmente: “Olhe, um preto!” Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que **me descobro objeto** em meio a outros objetos. (FANON, Frantz *apud* BASTOS, Jairo, 2018, Pág. 5, **grifo nosso**).

Buscar a mãe no europeu e tentar ser igual ao outro que é diferente, com modos de vida que nevam em dezembro no hemisfério norte, e que vão trazer para o verão do hemisfério sul, no mesmo dezembro, um papai Noel vestido com roupas quentes em pleno calor de 30º, 40º graus. Por isso, não é uma questão simples fazer uma filha, uma neta entenderem o que representa essa avó “sem estudo”, essa mãe que “não sabe de nada”.

Existem efeitos psicológicos da colonização, mas como aponta bell hooks, as condições para amar em tempos de dominação são difíceis, não impossíveis. Temos mães que vão comprar bonecas extremamente loiras para suas netas negras, que vão relaxar o cabelo da criança criando feridas em seu corpo. Mas estas mães que reproduzem a opressão (e também são atingidas), podem ter em suas trajetórias vivências de outras bonecas. Bonecas abayomis, de bonecas com sabugo de milho, de outras possibilidades de bonecas e de cabelo. Podem guardar mensagens cantadas que falem da descolonização.

Quem entrou na roda foi uma boneca / Foi uma boneca, foi uma boneca

Dona Joca¹³.

Tô cansada do embranquecimento do Brasil/ Preconceito racismo como nunca se viu/Meninas negras não brincam com bonecas pretas/Foi a Barbie que carreguei até a minha adolescência/Porque não posso andar no estilo

¹³ Vide o TCC, DOS SANTOS, Joselita Gonçalves. “Essa é a minha filosofia”.2018.

da minha raiz/Sempre riam do meu cabelo e do meu nariz/Na novela sou empregada/Da globo sou escrava/Não me dão oportunidade aqui pra nada/Sou revolucionária negra consciente/Não uso corpo, eu não me mostro eu uso a mente/Sou afro descendente você vai ter que me aceitar assim/Cabelo enraizado é bom pra mim.

Tarja Preta. *“Falsa abolição”*.

Num conto de fadas a Rapunzel joga suas tranças/Na minha história, ela tem dread e é africana/Agora vou contar o meu conto para vocês/Como todas as histórias começa com era uma vez/Era uma vez uma princesa Rastafari/que nasceu no reino de Sabá/Na minha história quem disse que a bruxa é má?/Meninas unidas pode tudo mudar/E cria uma princesa que pareça com você.

MC Soffia. *“Minha Rapunzel de Dread”*.

"Ora viva quem estava, ora viva quem chegô! Quem estava era uma rosa, quem chegô é uma flor!" (Canção ouvida na oralidade)

Um caminho de afeto é buscar essas mensagens e entender os efeitos psicológicos da colonização (automutilação, depressão, baixa autoestima, reprodução do racismo, etc.). É preciso percorrer a realidade da falta de afeto que dói, ao invés de fingir que ela não existe e, através da espiritualidade, criar a intimidade necessária para nos relacionarmos de outras maneiras, com outras linguagens (as canções que existem no espírito, manifestadas no rap, no congado, no samba são mantras seculares de meditação e de conexão com o universo).

3.1.2 Espírito da intimidade

Podemos dialogar Sobonfu Somé com bell hooks quando esta última menciona uma “ansiedade (da comunidade negra no pós-abolição) de experimentar relações de intimidade” (Pág.20). E o que significa essa intimidade? Trazemos aqui o conceito de espírito da intimidade apresentado por Sobonfu Some, teórica e professora em Burkina Faso:

A intimidade, em termos gerais, é uma **canção do espírito** que convida duas pessoas a compartilharem seu espírito (...). Em nossa tradição, cada um de nós é visto como um espírito que tomou forma humana, para desempenhar um propósito. Espírito é a energia que ajuda a nos unir, que nos ajuda a ver além de nossos parâmetros racionalmente limitados. Também nos ajuda nos rituais e na conexão com nossos ancestrais. (...) Quem vive no Ocidente pode começar a fortalecer seus relacionamentos íntimos mantendo sua conexão com o espírito. Quando não levamos em conta o espírito, deixamos o ego tomar conta dos problemas de relacionamento ou simplesmente escondemos nossos problemas para nos sentir bem. (...) as crianças que foram para as cidades já estão distanciadas da vida diária conectada ao espírito. Quando vão para a escola, não aprendem a respeito do espírito, nem trabalham sua conexão com ele. Não

aprendem a respeito de suas tradições. **Vão para as escolas aprender coisas que não tem base no espírito e para esquecer a forma tradicional de viver**".

(SOMÉ, Sobonfu:2003, Págs.24-27, *grifo nosso*).

Sobunfu Somé amplia as reflexões de bell hooks ao repensar a categoria de amor, de espiritualidade, tendo em vista que quando falamos essa palavra –amor – temos no ocidente o imaginário de um sentimento romântico. Para Somé (2013), “O amor romântico afasta o espírito e a comunidade (...) o poder do amor romântico no ocidente realmente é um sintoma de uma separação do mundo espiritual”.

Para Sobunfu Somé precisamos ter a espiritualidade para ir além do amor romântico, considerar que é preciso amar a tudo como algo divino e não somente um(a) parceiro(a) de modo sexualizado e individual. Uma vida íntima e saudável, na perspectiva de Somé, é aquela onde a terra na qual caminhamos é sagrada, onde os animais, as forças da natureza vibram em sintonia com o nosso ser, ou seja, vibram de forma que nos afeta. Que nos toca. E como sentir o espírito, como ser afetado pela intimidade?

Com estas questões e imaginando que estamos em uma roda de família é que colocamos em diálogo bell hooks (afro-estadunidense), Sobonfu Somé (burkinabê) e Oyèrónké Oyèwùmí (nigeriana).

3.1.3 Cosmosensações

O “espírito da intimidade” (Somé) está ligado a encontrar formas de se comunicar e se relacionar consigo mesma, o autoconhecimento para nos entendermos como parte e parcela do todo. E a comunicação não se restringe à fala, ao olhar. Julgar pessoas somente por aquilo que a gente vê é descartar a possibilidade de entendê-las através de outros sentidos. Consideramos que, para “Viver de Amor” (hooks) é preciso estar atravessada pelo “espírito da intimidade” e para isso estar aberta a vários sentidos, a “cosmosensações” (Oyèwùmí).

Um exame de raio-x por meio de radiações eletromagnéticas, pode detectar diversas partes do corpo e a condição de (a)normalidade que estas partes estão. Mas, o hábito de estar atento ao corpo é algo que tem se perdido. Não é a toa que doenças avançam e, somente no estágio terminal, algumas pessoas descobrem que estão doentes. Ou não é a toa que existem medicinas milenares que conseguem

chegar à raiz dos problemas percebendo sintomas a partir de uma observação de si mesmo e do outro como o hospital International Health Centre, em Mumbai, Índia.

Se apenas olharmos para a mãe que relaxa o cabelo da filha e, em um sentido de superioridade, já impormos o que é certo ou errado em uma criação, não estaremos a considerar a **totalidade** dessa relação. Acusar essa mãe é uma receita imperativa, podendo esta receita ser transformada em um ato que impedirá qualquer diálogo de afeto com essa família. Trabalhar as opressões psicológicas, a autoestima com uma família. Necessitamos da *cosmosensação* para reconhecer o exercício de superar o ego, a imposição de um sentido - a visão- sobre os outros sentidos.

O mundo ocidental é uma sociedade concebida a partir da imagem. A cosmovisão. É a visão que seleciona, dá oportunidades e classifica. Aos olhos do naturalista Carl Lineu (ver pág.22), percebemos como a humanidade foi dividida por sua **visão** de homem branco, europeu (que ocupava um espaço de poder e privilégio). A organização de quatro raças (européia, americana, asiática e africana) concebidas a partir da imagem, povoa imaginários até os dias atuais que perpetuam a hierarquia entre povos.

A partir da teórica nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí, buscaremos atuar neste estudo rompendo a ideia de cosmovisão com o conceito de *cosmosensação*:

Sem a *cosmosensação* não é possível haver afeto. Porque a *cosmosensação* para Oyèrónké Oyèwùmí se refere a “formas de viver, explicar e sentir o mundo, capazes de incorporar todos os sentidos da singularidade humana, inclusive na relação com os demais seres do universo”¹⁴.

Nas encruzilhadas entre “amor”, “espírito da intimidade” e “cosmosensações” é que localizamos e escolhemos para o título do Projeto a base conceitual do afeto. Foi pensando em todo debate da colonização, que chegamos ao consenso de que é preciso recriar um léxico, um vocabulário que fuja do imaginário ocidental. Ler o *Espírito da Intimidade* (Somé: 2003) permitiu observar como nossas relações estão ainda sem intimidade, sem espiritualidade, para vencer violências estruturais, como o racismo, onde não é necessário haver brancos para reproduzir a “máscara branca”:

¹⁴ MEINERZ, Carla Beatriz; PEREIRA, Priscila Nunes. Educação das relações étnico-raciais e superação da branquitude. *identidade!*, v. 23, n. 1, p. 161-180, 2018. Disponível em: file:///C:/Users/unicafe.LABTISFC24.000/localunicafe/aula/Downloads/3165-13131-1-PB.pdf

Na África, diz-se que quando uma pessoa adocece todo mundo está doente. A aldeia ou a tribo é vista como uma enorme árvore, com milhares de galhos. Quando uma parte dessa entidade viva adocece, é preciso reexaminar a árvore inteira. É por isso que, quando alguém está doente, todo mundo se preocupa, faz lembrar um risco que *afeta* a todos. Quando as pessoas ficam sabendo que algo de ruim aconteceu a alguém, elas não dizem “ainda bem que não foi comigo”. Em vez disso dão apoio à pessoa, para que possa voltar à paz.

(SOMÉ:2013, pág.117, *grifo nosso*)

A intimidade que buscamos para falar em educação e em saberes tradicionais, não está só no amor, na cosmovisão. Ela está em sentir para além do olhar, na espiritualidade proposta por Sobonfu Somé. E é nessa encruzilhada, de como sair da palavra amor - sem desconsiderar o sentido do amor em bell hooks - que trazemos a palavra afeto gerada dentro de debates teóricos diversos.

Um rio que morre em Minas Gerais devido à um crime ambiental da mineradora Vale do Rio Doce afeta a Bahia. E um rio não é apenas “um rio” indefinido. Rios tem nome, Paraopeba, Doce (...) tem ancestralidade e parte de nós morre com eles. Pessoas tem nome, não podem ser apenas números em índices de violência e criminalidade. Como a gente se afeta, buscando maneiras ancestrais de viver e de lutar? Uma das alternativas no Baobá foi aprender com a comunidade quilombola de Acupe (ver pág.87).

3.2 CULTURA

Em nossa época é muito comum ouvirmos que devemos respeitar todas as culturas, que não existem culturas superiores e inferiores, mas apenas culturas, diferentes e que estes postulados são importantes para a construção de uma sociedade e uma educação verdadeiramente intercultural. Entretanto, o que é cultura? De que maneira este conceito pode ser definido?

(BENEDICTO, Ricardo:2016. pág.16)

O amor enquanto conceito, teorias que falam de cosmosensações e espírito da intimidade propostas por bell hooks, afro-estadunidense, por uma teórica nigeriana Oyèrónkẹ Oyèwùmí, e por uma teórica bukinabê do povo Dagara, Sobonfu Some, são referências intelectuais aceitas em universidades brasileiras?

Fizemos menção até agora nesse trabalho a falas e teorias de cerca de treze pessoas, avós, mães, mulheres indígenas, quilombolas, uma intelectual candoblecionista, acadêmicos negros e negras. Todas essas pessoas, estando em

épocas distintas, pertencentes a culturas distintas abordam princípios comuns. Reconhecem a discriminação porque são afetadas por ela. De um modo geral, reivindicam a coletividade, reconhecem um modo de vida ligado a terra e à luta pelo território. Porque a retirada do território, seja ele físico, intelectual, impede filosofias como modo de vida.

Dessas teóricas, as que seguem a cultura acadêmica, escrita, conseguem trazer suas pesquisas com uma linguagem que fala de si e não se fixa ao padrão formal e rebuscado da língua, acessando outros públicos. Sem reduzir pessoas negras a um bloco único, a uma raça de frutos iguais, reconhecemos a questão da cultura que traz para os textos que apresentamos uma “unidade na diversidade” (Diop: 2015). A unidade das pessoas e das teorias que apresentamos apresenta uma diversidade de perspectivas, mas, ao mesmo tempo, está localizada em um berço comum: O berço Sul.¹⁵

Para o senegalês Cheik Anta Diop, “para compreendermos adequadamente o desenvolvimento histórico do ser humano - e por consequência - seus profundos traços culturais, devemos admitir que a espécie humana evolui a partir de dois ‘berços’ distintos: O berço *Meridional ou do Sul*, e o *Berço do Norte* (Benedicto:2016, pág.16)”. Diop, identifica a unidade na diversidade. Isso não significa que um berço seja melhor do que o outro. Mas implica em reconhecer que, cientificamente, um berço se construiu inferiorizando o outro.

O berço Nórdico, por mais que contenha conflitos, sempre consegue produzir narrativas de identidade: União europeia, filmes com a bandeira norte-americana, moedas comuns. E é uma estratégia do Norte Global proporcionar a exaltação das diferenças no sul –financiar conflitos étnicos, trazer moedas externas, cooptar elites e exportar conceitos de modernidades líquida, fluídas, pós-modernidades, quando é preciso pensar se o Berço Sul realmente segue os marcos temporais do Norte.

É a Grécia o berço da Humanidade? Acreditamos que a Grécia pode até ser o berço para o eurocentrismo do século XX, que construiu os marcos -Antiguidade Clássica, Idade Média- Renascimento- Revolução Industrial - Revolução Francesa - Guerras e Contemporaneidade. Esta história da Europa, do berço norte que se pretende universal, é a história de uma pequena parte da Europa. Antes das

¹⁵ “Os chamados negros, brancos e amarelos estariam como as laranjeiras, mangueiras, bananeiras, etc. que produzem respectivamente laranjas, mangas e bananas produzindo também as culturas brancas, negras e amarelas? Sem dúvida, a etnia não é uma entidade estática. Ela tem uma história, isto é uma origem e uma evolução no tempo e no espaço”. (MUNANGA:2004)

invasões além mar, elites europeias aprenderam a realizar o epistemicídio¹⁶, a queimar “bruxas”, anular a história de povos “bárbaros” e culturas na própria Europa.

As características do berço Sul e berço Norte para Diop seriam:

Berço Sul	Berço Norte
- Família matriarcal	- Família Patriarcal
- Emancipação da mulher na vida doméstica	- Estado territorial e Império
- Estado Territorial	- Patriotismo Interno
- Coletivismo Social	- Individualismo
- Solidariedade Material	- Solidão moral
- Não há xenofobia (acolhe o estrangeiro)	- Ideal de guerra
- Cosmopolitismo	- Xenofobia

17

A partir da análise geoclimática, Diop percebe que as sociedades que se fixam em solos férteis tendem a praticar agricultura. Ao adquirir subsistência e produzir alimentos, formam famílias e a atuação da mulher nessa sociedade, ligada a fertilidade e ao desenvolvimento de trabalhos diversos, se relaciona a rituais, a cultos aos ancestrais pertencentes ao território. Se relaciona ao matriarcado. O espaço-tempo, o território e a organização da vida de acordo com a natureza são fundamentais para a coletividade. Sendo esta coletividade subsistente, produtora de alimentos, ela estará preparada para acolher o estrangeiro.

¹⁶ No capítulo 3 da tese de doutorado da professora Sueli Carneiro, “A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser, haverá o desenvolvimento do conceito de epistemicídio que, a grosso modo, significa não só a anulação e a deslegitimação da cultura, da inteligência e dos modos de vida do Outro, como também a negação desse outro em espaços públicos, educacionais e de poder. Sueli Carneiro tem como referencial teórico o português Boaventura de Souza Santos. (CARNEIRO, Sueli:2005, Pág.98)

¹⁷ Tabela sistematizada com o professor Ricardo B. Santos a partir da leitura do Capítulo 3 e da Conclusão do Livro “A Unidade Cultural da África Negra” (Diop:2015)

Já o nomadismo, que caracteriza o berço norte, evidencia a figura do homem enquanto caçador. Por conta do clima frio, as constantes migrações exigem que a ideia de família se restrinja a um grupo limitado, tendo a guerra como das principais fontes de organização do tempo; o não acolhimento do estrangeiro como consequência da impossibilidade de haver em alguns territórios a fixação e a subsistência; Isto pede um Estado, uma delimitação de poder sobre as terras férteis configurando uma estrutura privada de organização e o patriarcado.

Refletindo acerca de relações cotidianas, é muito comum perceber que uma família agricultora, “do interior”, que possui território e cultiva terá modos de vida bastante distintos de uma família da cidade, dependente do emprego e do aluguel para ter suas condições de sobrevivência. O individualismo presente nas grandes cidades, a solidão, o modo de vida comunitário no interior, estão diretamente ligadas às formas de vida que podem ser comparadas aos dois berços até certo ponto.

Mas sendo a cultura um elemento que permanece e identifica grupos a partir de um pertencimento comum, recuperamos aqui a comparação do afroestadunidense Wade Nobles de que a “cultura é para o ser humano o que a água é para o peixe”¹⁸. A cultura enquanto o que constitui o ser humano insistirá em suas bases mesmo que o tempo e espaço sejam retirados dos sujeitos.

Em comunidades de matrizes indígenas e africanas, temos um conhecimento milenar que sobrevive ao longo do tempo, lutando pelo seu espaço estando nas cidades ou não. Por mais que ativistas indígenas como Avelin Buniacá estejam nas cidades, ou que mulheres negras, a exemplo de Thereza Santos, estejam na academia, haverá um jeito negro de ser ligado às características do Berço Sul. O berço norte, não é o berço para os africanos do continente e da diáspora. Seus ancestrais não estão localizados apenas ali.

No caso do Brasil, a presença do Berço Norte é uma encruzilhada constituinte da nação. Com a colonização, os ideais de guerra, do patriarcado, da divisão de terras em propriedades privadas criaram marcas culturais na sociedade brasileira. Mas aprender este processo classificado por Abdias do Nascimento de “*genocídio do negro brasileiro*” (uma vez que implicou a exploração sexual da mulher afrobrasileira)¹⁹, aprender esse processo de genocídio e aculturação enquanto

¹⁸ Vide BENEDICTO, Ricardo:2016. pág.21.

¹⁹ Sobre Abdias do Nascimento *vide* BENEDICTO, Ricardo (2016. pág.89).

“democracia racial”, “miscigenação”, “mistura” de três raças pode ser entendido no que classificamos culturalmente como crime de racismo.

Não seria uma ação racista manter nos livros didáticos teorias de democracia racial, ou teorias evolucionistas a exemplo de Charles Darwin que associam o homem negro à imagem do macaco, do primata sem contextualizar que pode existir senso comum na ciência? Sem contextualizar que o racismo produziu mentiras científicas? Sem explicar contextos históricos do eugenismo?²⁰

3.2.1 Oralidade

Dizer que a cultura falada de um povo não é uma fonte válida de pesquisa. Que apenas a escrita é uma comprovação científica e formal. É como estar de frente para um milharal dizendo que não há comida. Da mesma forma que debulhamos o texto é possível debulhar a cultura falada e se alimentar da oralidade para contribuir com a ciência e com a circularidade do conhecimento.

De tudo que iremos construir nesse trabalho, grande parte das lutas, saberes e solidariedades não poderão ser encontrados em fontes escritas. Esse caminho, de valorizar a fonte histórica textual, desemboca para a “história do negro” a começar das fontes escritas - escravidão. Mas não aprofundará no fato de que existiam no Brasil milhões de indígenas com conhecimentos avançados ou que filósofos da Grécia como Platão, Eudoxo, Pitágoras (“Pai da matemática”), e Tales de Mileto (“Pai da filosofia ocidental) foram estudar na África, no Egito negro²¹.

Ao contrário do que aprendemos, a história do negro não começa com a escravidão. Quem veio traficada para o Brasil não era “mão de obra”, mas engenheiros, rainhas e reis que detinham um conhecimento científico de agricultura, mineração sem dividir saberes em caixinhas: Intuição ou racionalidade. Hoje a herança destes saberes permanece no saber tradicional, de um pedreiro, de uma costureira, mas a desvalorização da mão de obra, que também continua, segrega

²⁰ Quando digitamos no google acadêmico “racismo no livro didático” aparecem 21.900 resultados em 0,17 segundos. O trabalho mais citado, “**Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**” de autoria da pesquisadora Ana Célia da Silva, começa com o seguinte prefácio: “Todos nós afro-descendentes tivemos, no Brasil, pelo menos uma experiência traumática relacionada à questão racial na escola. Não peço pela generalização. Também não quero remover memórias. Basta o título deste texto”. CONCEIÇÃO, Jônatas. **Na escola a professora tinha sangue azul**”.

²¹ Vide BENEDICTO, Ricardo: 2016, Cap. 1 Págs.27 e 28.

possibilidades de ascensão social, por mais que existam habilidades científicas em fazeres negros.

Cito o exemplo de saber científico e afrocêntrico a partir da cidade de Ouro Preto em Minas Gerais. Ouvi do pesquisador Eduardo Evangelista que Ouro Preto tem a terra frágil e a mineração criou túneis subterrâneos por cima de um solo que desmorona. Se não fosse esse saber negro da mineração a cidade de Ouro Preto com suas igrejas e casarões já teria caído por terra.

É por isso que temos em Minas Gerais o ditado “de Cabo à Rabo” para dizer que alguém domina um conhecimento do início ao fim. O português, ou o europeu em geral, não descobriu territórios, mas invadiu, estuprou e sequestrou pessoas de Caba (Marrocos) até Rabat (África do Sul). Daí o ditado. Se o desejo era por grandes mineradores ia à Costa da Mina. Por grandes agricultores ia aos povos banto, na região de Angola²².

Alan Santos de Oliveira é outro teórico que traz o debate crítico da divisão dos conhecimentos para reconstruir nossa percepção acerca do apagamento histórico que as fontes escritas geram e da importância da oralidade enquanto fonte:

Vale lembrar que, no contexto atual, a mídia, bem como outros campos da cultura, desinteressam-se pela cultura oral como aprendizado. Cada vez mais valorizam a leitura e a escrita com requisitos formais de aprendizado. Nossas escolas não ensinam a escuta e a fala, em suma: não ensinam a oralidade. Buscamos novas perspectivas da pesquisa sobre nossos ancestrais, que explorem exaustivamente a sabedoria da cultura africana no Brasil. A intenção aqui é preservar a equidade de um conhecimento que envolve todos os povos e sociedades e que provoque a compreensão muito mais do que a explicação. (...) Edgar Morin afirma que nossa humanidade ancestral, de caçadores e coletores já produzia conhecimento a partir de um pensamento empírico/lógico/racional distribuídos em saberes: botânico, zoológico, ecológico e tecnológico associados ainda a rituais, crenças e magias. Para Morin “os dois modos coexistem, entrelaçam-se, estão em constantes interações, como se tivessem uma necessidade permanente um do outro”(...). Ele destaca ainda que, acaso nossos ancestrais não tivessem usufruído destes conhecimentos empírico/técnico/racional teriam nos levado a extinção, da mesma forma que se tivessem renunciado as suas crenças teriam desintegrado suas sociedades. Desta forma, conciliamos diversas sociedades africanas juntamente a esta tese de que o pensamento é “uno” e “duplo” ao mesmo tempo, ou como Morin denominou “unidual”. (OLIVEIRA, Alan Santos de: 2016, Pág.26)

Depois do século XIX parece ser difícil rever a imagem do negro nos livros didáticos e cabe à oralidade de movimentos sociais resgatar a atualidade de comunidades negras, indígenas.

²² Vide: FERREIRA, Eduardo Evangelista: 2017.

Atualmente temos Wangari Maathai representante do movimento de luta em África que não divide em caixinhas “meio ambiente” ou “racismo”. Por isso ela foi perseguida e baleada: por plantar árvores. Maathai sabia que África não é um problema um lugar carente que precisa de ajuda²³. Ao plantar cerca de quarenta milhões de árvores e perceber que as raízes da árvore puxam a água do solo para cima e levam as águas da chuva para baixo, para a terra, várias comunidades onde ela atuou têm tido a oportunidade de revitalizar seus rios, não depender do colonizador para se alimentar e criar sua própria narrativa.

Por toda a África, as mulheres são as responsáveis principais, que ficam a cargo de atividades significativas como cultivar a terra e alimentar a família. Como resultado, são as primeiras a perceberem os danos causados ao ambiente ao mesmo tempo em que escasseiam os recursos para sustentar suas famílias. (...) Assim, juntas, plantamos mais de 30 milhões de árvores que fornecem combustível, alimento, abrigo e renda para sustentar a educação de suas crianças e as necessidades domésticas. A atividade também cria empregos e melhora o solo e as vertentes. Através de seu envolvimento as mulheres adquirem alguns graus de poder sobre suas vidas, especialmente sua posição social e econômica e relevância na família. (...)

Ao concluir, faço uma reflexão sobre a experiência de minha infância quando eu visitava um regato próximo de minha casa para apanhar água para minha mãe. Eu bebia água diretamente do regato. Brincando entre as folhas de araruta eu tentava em vão pegar as fieiras de ovos de sapinhos acreditando que eram contas. Mas toda vez que colocava meus dedinhos embaixo deles eles se rebentavam. Depois eu via milhares de sapinhos de rabo: negros, energéticos e serpenteando através da água cristalina contra o terreno amarronzado. Este foi o mundo que eu herdei de meus pais. Hoje, mais de 50 anos depois, o regato secou, as mulheres caminham longas distâncias para pegar água, que nem sempre é limpa e as crianças nunca saberão o que perderam. O desafio é restaurar o lar dos sapinhos de rabo e dar de volta a nossas crianças um mundo de beleza e maravilhas.” (MAATHAI, Wangari Muta, 2004, In: <http://jorge-novidadedevida.blogspot.com>)

Nas conferências de meio ambiente promovidas por países colonizadores, divulgadas nos livros didáticos, pouco é dito que o continente africano foi responsável pelo reflorestamento de 60,4% do planeta em 2007 e a Europa, por exemplo, reflorestou apenas 5,6% no mesmo ano (WALDMAN, Maurício:2009).

Na Etiópia, onde midiaticamente prevalecem imagens de anemia e fome, foram plantadas 1 bilhão de árvores em 2007.

Desconstruir a África de AIDS, guerras e fomes. Desconstruir a imagem da palavra “mandinga” associada à “magia do mal”, é ter de falar do potencial de

²³ Vide o texto do moçambicano Elísio Macamo, **Respostas sem perguntas, ou: porque África não é um problema por resolver** (MACAMO:2013).

resistência e cultura de uma língua, de uma nação em Guiné Bissau que resistiu, por exemplo, com o reino de Kaaba até o século XIX. Ouvimos estas histórias de estudantes da UNILAB, que recontam a partir da oralidade dos mais velhos de Guiné Bissau e não a partir de um conteúdo que estudaram nas escolas guineenses.

Aqui no Brasil, pouco é dito para crianças e adolescentes que o nome do “Senhor de engenho” poderia ser escravagista, estuprador, ou “assassino”. “Senhor” no imaginário brasileiro é alguém mais velho a quem se deve respeito, ou Deus que está no céu. E imaginários tem relevância na perpetuação de opressões, pré-conceitos (ver Pág.22).

As palavras têm força e a língua pode ser um gatilho. Por isso é preciso estar atento a conceitos. Não é em vão que Hampaté Bá, uma das principais referências no que diz respeito aos estudos sobre a oralidade enuncia que:

Nas tradições africanas – pelo menos nas que conheço e que dizem respeito a toda a região de Savana ao Sul do Saara – a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. Agente mágico por excelência, grande vetor de ‘forças etéreas’, não era utilizada sem prudência.

(SANTOS:2019 *apud* BÁ, Hampaté, pág.169)

Hampaté Bá escritor malinês reforça a ideia de que não basta ensinar, é preciso viver o que se ensina.

Toda diferença entre a educação moderna e a tradição oral encontra-se aí. Aquilo que se aprende na escola ocidental, por mais útil que seja, nem sempre é vivido, enquanto o conhecimento herdado da tradição oral encontra-se na totalidade do ser.²⁴

3.2.2 Escolarização

Em 1993, o antropólogo afroestadunidense Mwalimu Shujaa lança o texto *“Education and Schooling: You Can Have One Without The Other”*.

Shujaa irá fazer uma diferenciação entre os termos *“schooling”* e *“education”*.

Vinte e cinco anos depois do lançamento deste artigo disponibilizado no site <https://journals.sagepub.com>, não encontramos uma versão traduzida do trabalho. E a permissão para download do texto é negada para estudantes de graduação

²⁴ In: www.editoraaldeiadourada.com.br. Acesso 26/02/18

mesmo tendo cadastro no sítio eletrônico. Na impossibilidade de pagar 36 dólares por um texto, evocaremos Shujaa a partir de dois autores, Thiago dos Santos Molina e Ricardo Matheus Benedicto.

A palavra *Schooling* é traduzida por Benedicto como escolarização (BENEDICTO: 2016, pág. 22). E a escolarização não significa o mesmo que educação uma vez que as escolas, as universidades - enquanto instituições políticas, criadas pelo Estado - foram organizadas para manter as relações de poder na sociedade. Educar significa transmitir valores culturais- e como nem toda cultura é aceita nas escolas- é possível ter escolarização sem que exista educação: “*You Can Have One Without The Other*”. De acordo com o pesquisador Thiago M. dos Santos:

(...) o autor [Shujaa] assinala três áreas de sobreposição que todas as escolas públicas deveriam se preocupar: fomentar adequadas habilidades em letramento, humanidades e tecnologia necessárias para negociação de **autossuficiência econômica**; incitar **habilidades cidadã**, promovidas através do pensamento e do questionamento crítico do sistema político e do ensino de valores democráticos; prover noções históricas da nação, do continente e do mundo, representando acuradamente a **contribuição de todos os grupos étnicos para a construção do conhecimento humano** (SHUJAA,1994,p15-16-tradução nossa). (MOLINA, Thiago dos Santos: 2011, pág.28, *grifo nosso*).

Daí também parte a nossa tentativa no Projeto Baobá que, de maneira geral, se propõe a aprender os saberes tradicionais, acreditando em possibilidades de autossuficiência; a multiplicar o teatro do oprimido no sentido da libertação e cidadania; e a construir um repertório com mestras e sujeitos africanos do continente e da diáspora para valorizar e se conectar com raízes e histórias não eurocênticas. Propor um currículo escolar que contemple o afeto, a cultura, a ancestralidade e a descolonização para a educação e as relações étnico-raciais.

De acordo com o autor [Shujaa] se essas [três] áreas fossem atingidas pela escola pública já seriam de grande valia para uma participação completa e igualitária de todos os cidadãos na sociedade. Mas quando existem grupos que desconhecem adequado conhecimento da sua própria história, como é o caso dos afro-estadunidenses (e, derivado por extensão dos afro-brasileiros), é uma interpretação inapropriada esperar que a escola pública atinja essas metas por si só. A visão de mundo da qual falou Shujaa pode somente ser transmitida através de um processo de educação estrategicamente guiado por uma orientação cultural afro-estadunidense (afro-brasileira para nós) e um entendimento de como as relações de poder na sociedade são mantidas. (*idem*)

Iniciativas de escolas antirracistas foram protagonizadas no Brasil. A exemplo, podemos citar, Pretextato dos Passos e Silva (no século XIX)²⁵, a Frente Negra Brasileira na década de 1930²⁶. Atualmente podemos citar a atuação do Instituto Cultural Benedito de Lencina. Que não se constitui enquanto escola de educação básica, mas enquanto uma organização que trabalha a educação dentro de uma perspectiva afrocentrada²⁷. Seria necessária uma investigação para buscar mais exemplos de escolas públicas criadas dentro de uma perspectiva não eurocêntrica.

Tentativas de democratização dos currículos têm sido cada vez mais frequentes. Principalmente com a obrigatoriedade de duas Leis a 10.639/03 “que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos das redes de ensino e na lei 10.645/08 que trata da obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”²⁸. Um dos autores de referência no debate teórico afrocentrado é Renato Nogueira:

Elementos para um currículo afrocentrado

Língua Portuguesa e Língua Estrangeira Moderna podem debater os conflitos de linguagens, os processos de colonização e transposição das línguas europeias para os países africanos. Problematizar a noção de “dialeto”, uma designação discriminatória(...).

Educação Física pode explorar o papel dos jogos como um rito de passagem que oferece apoio aos jovens na transição da vida adulta através de experiências intergeracionais. Estimular jogos que não se encerram com a vitória de um indivíduo, ou de uma equipe, incentivar jogos (...) como a mankalas.

Educação Artística (...) localize artistas africanas(os) no contexto internacional (...) tradição griôt (...) música na manutenção do repertório de cosmovisões de povos como os Songhai (...) escultura (...)

(NOGUEIRA, Renato: 2010. Págs.8-13).

Fazemos questão de citar uma boa parte do artigo de Nogueira (2010) porque nele são apresentadas possibilidades de ensino que estão ligadas aos futuros desdobramentos desse Projeto. Os sete ofícios a serem aprendidos, serão transmitidos dentro das três áreas em que se dividem as disciplinas escolares,

²⁵ Vide: **SILVA, Adriana Maria Paulo da**: *Aprender com perfeição e sem coação: uma escola para meninos pretos e pardos na Corte (Plano, 2000) Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).* **FONSECA, Marcus Vinícius**. “Pretos, pardos, crioulos e cabras nas escolas mineiras do século XIX”. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

²⁶ <https://www.geledes.org.br/frente-negra-brasileira-2/>

²⁷ <https://www.stevebiko.org.br/sobre-nos>

²⁸ BASILIO, Ana Luiza. **Quinze anos depois, Lei 10.639 ainda esbarra em desconhecimento e resistência**. In:<https://www.geledes.org.br/quinze-anos-depois-lei-10-639-ainda-esbarra-em-desconhecimento-e-resistencia/> acesso:25/12/18.

Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Educação Física e Educação Artística); Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias (Biologia, Física, Química e Matemática); Ciências Humanas e suas Tecnologias (História, Geografia, Sociologia e Filosofia).

Não se trata de aprender a fazer um artesanato, um balaio de cipó e decodificar para a matemática toda a estrutura de pensamento configurada em um saber tradicional. Mas sim de incluir a potência desse saber tradicional que em si já é interdisciplinar, que relaciona teoria e prática e pode contribuir com significado para a vida de quem aprende, sendo um meio de subsistência, de cidadania, de conhecimento histórico.

Cabe ressaltar que na corrente de pensamento de Nogueira, negros na diáspora são africanos (afro-estadunidenses, afro-brasileiros que foram traficados no período colonial).

Então, falar de África, não é falar de um espaço que está descolado da realidade de comunidades periféricas. Uma avó, uma mestra de saberes, é reconhecida em algumas vertentes do afroperspectivismo como uma mulher africana na diáspora, ou seja, uma mulher negra que nasceu no Brasil, que nasceu na diáspora, mas tem uma ligação com o continente africano.

São diversas as possibilidades para construir um currículo que valorize a cultura de crianças, adolescentes, jovens e adultos negros. Essas possibilidades precisam dialogar com a educação existente no seio familiar dos estudantes se entendermos a educação na perspectiva de Shujaa “um processo de transmissão de uma geração para a geração seguinte o conhecimento dos valores, da estética, crenças espirituais, e todas as coisas que dão singularidade a uma particular orientação cultural” (BENEDICTO: 2016, Pág. 21 *apud* SHUJAA 1998, p.15).

Talvez o pai ou a mãe não tenha mais referências desses valores, modos de vida e tradição, muitos saberes têm se perdido. Por conta da dinâmica de urbanização e da falta trabalho, temos uma juventude que deixa suas comunidades e que por motivos outros como a violência não dá continuidade a transmissão de sua cultura. Somado a estes processos podemos analisar a escolarização na sociedade brasileira como um dos fatores responsáveis pela interrupção no processo de transmissão de conhecimentos culturais nas famílias e comunidades negras. Identificamos que o Brasil tomou para si, na década de 1930 o papel não só de instruir os sujeitos, mas de educar.

Antes da década de 1930, a Proclamação da República imbuída dos ideais positivistas de “ordem e progresso” já havia arrematado a violência de uma falsa abolição com medidas higienistas e de apagamento da história das lutas pela libertação. E, a continuidade desse processo com um “Estado Novo” na Era Vargas, modificará na educação o termo *instruir* para o termo *educar*, no sentido de construir uma legislação aos moldes eurocêntricos e eugênicos.

Médicos eugenistas como Renato Kehl dialogaram com educadores como Fernando de Azevedo – primeiro secretário da Sociedade Eugênica. Falamos aqui de Fernando de Azevedo representando educadores que influenciaram as bases do ensino nacional. E para, além disso, no caso de Fernando de Azevedo, na Sociedade que fundaram a sociedade Eugênica, teremos a divulgação científica da superioridade da raça branca e o apoio à políticas como as políticas de Adolf Hitler²⁹. Teremos uma educação física, uma história preocupadas em aprender ideais europeus, em atingir o corpo perfeito.

E esse corpo é o corpo branco europeu. As noções de civilidade, uniformização, vão estar na ideologia do educar no sentido de **consertar** um indivíduo com maus modos, principalmente se este vier de um contexto afrodescendente. Quando o governo brasileiro pretendeu aprofundar as leis na educação, aprofundou de modo a dizer para as famílias “nós vamos educar seu filho”, a escola vai dar a “educação” e não somente instruí-lo, instrumentalizá-lo.

Salas em formatos quadrados; Corredores; Grades; Sinais para marcar horários e intervalo; O professor como autoridade máxima no centro da sala; Os estudantes como meros ouvintes, organizados em fileira, somente para receber os conteúdos. As paredes, o quadro e o relógio como cenário predominante, isolando a sala de aula do espaço e do tempo que está lá fora. Pelos corredores e demais espaços onde “não tem aula”, a “moça” da biblioteca, o zelador, o jardineiro, a cozinheira, a moça da limpeza ficam marcados como pessoas “invisíveis”, sem valor por não ter um diploma. Entretanto, na prática dos serviços gerais da escola vemos conhecimentos de todas as disciplinas, sem divisão em matérias, e saberes com heranças indígenas, afrodescendentes.

Podemos constatar também que teremos com mais recorrência a cantineira da escola sendo chamada de “tia” e o funcionário dos serviços gerais da escola,

²⁹ Ver: BENEDICTO, Ricardo: 2016, Págs.159-160.

(aquele que conserta tudo) sendo chamado de “tio”. Porque cozinhar é destinado às coisas de mulher, da “tia”; e os reparos elétricos, no bebedouro, serviços de pedreiro, serão coisas de homem. A cor das pessoas que ocupam essas funções na comunidade escolar será predominantemente negra.

Será que se houvesse de fato um ensino que valorizasse a descolonização e a ancestralidade, imperaria na composição escola o racismo estrutural?

Será que se o Estado não tivesse tomado para si a função de educar, as famílias participariam mais da vida escolar, das Conferências Nacionais de Educação (CONAE), ou das Reuniões de Pais, que apesar de esvaziadas poderiam ser chamadas de fato de Reunião de Mães?

Uma vez que não é possível partir do “será” como valorizar as mulheres negras, seus saberes tradicionais no cenário eurocêntrico que predomina na escolarização brasileira? Como convidar as avós para escola na perspectiva de um currículo afrocentrado? Consideramos que primeiramente é preciso atuar sobre opressões. Entender que a escola é uma das estruturas de poder subordinadas ao Estado. Mas não cabe aqui tratar as professoras como indivíduos responsáveis pelos impactos negativos da escolarização. Existe um micro cenário de opressões relacionado à um contexto estrutural maior, que envolve a precarização do trabalho, a falta de formação e políticas públicas. Existe a falta de afeto que apresentamos no início do trabalho e que envolve opressões dentro das famílias.

Culpabilizar a escola, ou colocar sobre esta a carga de ser a educação escolar o principal caminho para combater opressões é exigir de uma instituição a salvação dos problemas sociais, o que ela não é capaz de oferecer.

3.2.3 Teatro como arte marcial

No início de cada ano letivo, promovíamos um seminário regional, abordando temas que deveriam ser desenvolvidos nas escolas. Para 1991, a pauta era a democratização das escolas, eleições diretas para a direção das escolas e maior inclusão da família e da comunidade na vida escolar. Sabíamos da complexidade dos temas e por isso passamos meses sem encontrar uma forma para o seminário. (...) A ideia de nosso colega nos parecia radical: fazer uma apresentação teatral em vez de um seminário convencional. Seria mais dinâmico e eficaz para introduzir temas com tamanha complexidade, que já encontravam resistência antes de serem discutidos. (...) Produzimos o espetáculo de Teatro-Fórum- *No compasso da escola, Passo?* - sobre as questões pedagógicas que nos afligiam e sobre a importância do envolvimento da família na busca de alternativas para superação de problemas escolares. Um espetáculo de Teatro Fórum sobre um menino que na escola era um fracasso, mas que, na sua vida pessoal,

acabara de receber o prêmio de melhor ritmista mirim da escola de samba da qual era componente. Através da história do menino, traçamos um paralelo entre as experiências de nossos alunos dentro e fora da escola e introduzimos a temática do Conselho Escola Comunidade. Além de nos questionarmos como educadores.

Nossas perguntas eram: como um aluno que consideramos malsucedido como estudante na escola formal pode realizar, na vida cotidiana, tarefas mais complexas das que exigíamos em sala de aula? Como consegue, mesmo sem aprender a nossa matemática, trabalhar como vendedor e efetuar as quatro operações com agilidade? Por que o fracasso escolar frequentemente é incluído apenas na conta do aluno e da família? Por que não conseguíamos atrair as famílias para acompanhar a vida escolar? Qual o espaço de questionamento de nossa atuação como educadores?

Como acontecia todo o ano, muitos profissionais da educação compareceram ao seminário. As professoras foram surpreendidas com um cenário teatral no lugar da tradicional mesa forrada com toalha pomposa (...). O confronto de opiniões contraditórias parecia mais fácil pela via teatral. Ao final da sessão Fórum, fomos aplaudidas e elogiadas. Os professores disseram que nunca tinham participado de uma reunião tão interessante. (...) (SANTOS, Bárbara: 2016, págs.29-34)

Este teatro do qual a kuringa Bárbara Santos faz menção – o Teatro Fórum – é em uma peça construída a partir de um processo de oficinas. O coletivo que faz a oficina vivencia jogos que vão trabalhar trajetórias de opressão em cada pessoa que ali está. A partir de uma história real de opressão relatada pelo grupo participante este coletivo escolhe o que vai apresentar.

O processo de oficinas para gerar o Teatro Fórum, considera as cosmosensações (Oyèwùmí:1997), e os próprios jogos do “arsenal” do Teatro do Oprimido tem como categorias os cinco sentidos: “olhar tudo que se vê”, “sentir tudo que se toca”, “escutar tudo que se ouve”, “memória dos sentidos”, “ativando vários sentidos”. A apresentação de um Teatro Fórum é uma história que pertence a, pelo menos, uma pessoa do coletivo que vivenciou a opressão a ser narrada e conhece seus impactos; é uma cena curta, com um aquecimento prévio da plateia. A plateia é “aquecida” porque ela não é considerada plateia, como um grupo que estará ali para contemplar, aplaudir e ir embora do teatro.

Quem vai assistir uma cena de Teatro Fórum é um “espect-ator”, uma “espect-atriz”, ou seja, uma pessoa espectadora que vai atuar na cena enquanto ator ou atriz. Depois de realizada a primeira passagem do espetáculo o Fórum Teatral acontece. E nesse Fórum a personagem oprimida será substituída por pessoas que queiram entrar em cena, apontando com seus corpos e estéticas alternativas de enfrentar a questão denunciada através do teatro, no teatro. E por que Augusto Boal, principal sistematizador do método, da estética do oprimido, conceituou essa forma de teatro como uma arte marcial? Continuemos com a leitura de Bárbara Santos:

Nesses eventos, o aluno, a funcionária responsável pela limpeza da escola, a coordenadora de horários, a professora ou a diretora tinham o mesmo espaço de poder para comunicar suas ideias, todos eram parte da mesma plateia. Essas apresentações democratizavam o espaço e simbolizavam o conteúdo das propostas que queríamos colocar em discussão. Não precisávamos falar, mostrávamos na prática, como poderia ser a convivência democrática entre professores, alunos, família e comunidade.

Com esse espetáculo, promovemos a discussão de muitas questões pedagógicas, envolvendo a participação de gestores e de profissionais da educação, de estudantes, de familiares, da comunidade em geral, através de um diálogo horizontal - democrático, propositivo e também lúdico.

Na Sessão de Teatro-Fórum, a intervenção da professora era tão importante e interessante quanto a intervenção do aluno, do funcionário da limpeza ou de um membro da comunidade. (...) O centro da questão era a proposta encenada e a possibilidade de superação do problema. Podia acontecer que, logo em seguida, um aluno fizesse outra intervenção. Na direção inversa àquela proposta pela professora. A sessão de Fórum não buscava o consenso ou a coincidência de opiniões. Pelo contrário, valorizava a diversidade e a multiplicidade de possibilidades de abordar o tema em discussão. O que importava era ressaltar que ambas as intervenções teriam espaço de partilha e análise. Que ambas as intervenções seriam consideradas como percepções da realidade e estariam no mesmo patamar de valorização.

A encenação passava a ser o ponto de contato entre as propostas e a plateia, a viabilização do diálogo transversal entre professoras, alunos e comunidade, diálogo que talvez não fosse possível na relação convencional e hierárquica entre esses atores sociais. (...) Apresentamo-nos em diversas escolas do nosso distrito. Depois ampliamos nossa participação para outros distritos educacionais. Fomos convidadas por universidades e para eventos oficiais da Secretaria de Educação. Chegamos a viajar para outro estado. (...) (*idem*).

O Teatro do Oprimido foi considerado enquanto arte marcial, porque conquistada essa capacidade de ocupar um espaço de poder, o espaço cênico, foi possível criar mecanismos estéticos de ensaiar e de dialogar sobre identidades, opressões e lutas.

O teatro é um espelho onde vemos nossos vícios e virtudes, disse Shakespeare. Pode-se também transformar em espelho mágico, como no Teatro do Oprimido, espelho que podemos invadir e, ao penetrá-lo, ensaiar modificações dessa imagem, fazê-la melhor, mais ao nosso gosto. Nesse espelho vemos o presente diante de nós, mas podemos também inventar o futuro dos nossos sonhos. Sabemos que o ato de transformar é transformador. Ao mudarmos nossa imagem estaremos mudando a nós mesmos, para mudarmos depois o mundo. Teatro é arte e sempre foi arma. Hoje, para nós, mais do que nunca, lutando pela nossa sobrevivência cultural, o teatro é a arte que revela nossa identidade e é a arma que a preserva. Sabemos que para resistir não basta dizer não. Desejar é preciso! É preciso sonhar. Não o sonho tecnicolorido da televisão, que substitui a dura realidade em preto e branco, mas o sonho que prepara uma nova realidade.

(BOAL, Augusto, 1969. In: <https://www1.folha.uol.com.br>)

Como apresenta Boal, partindo do pressuposto existente no Teatro do Oprimido de que “ser humano é ser teatro”, que atuamos o tempo inteiro ocupando papéis com um figurino, um tom de voz a depender dos cenários em que estamos, é importante sermos diretoras e diretores de nós mesmos. Experimentar possibilidades de retrucar, aprender como responder a opressões permite seguir um passo adiante tendo autoafirmação e amor próprio. A opressão impede a vivência de situações cotidianas, como o simples ato de estudar, de sair na rua, de comer um lanche, uma merenda. Como relata a cantora Bia Ferreira:

“Eu sempre soube que era uma menina negra. Sempre tive essa vivência. Eu era a mais feia da classe, eu era a menina que as meninas brancas batiam e pegavam a merenda, eu era o cabelo de Bombril, eu era...sei lá, várias coisas. Eu lembro que eu era pequena, eu cheguei em casa. Uma tia da minha mãe, então minha tia avó né?, tava visitando a gente e aí eu cheguei em casa chorando muito. Porque tinham me chamado de cabelo de Bombril na escola. E ela virou pra mim e falou assim: ‘-Senta aqui. Olha o Bombril tem mil e uma utilidades. (Risos) E o cabelo deles não tem utilidade nenhuma! E aí nossa eu fiquei tão feliz. Queria muito chegar no outro dia na escola e falar aquilo pro primeiro que me chamasse de cabelo de Bombril. E acho que aí começou minha militância (...) Pra mim essa é a melhor sensação, a sensação de o dever estar sendo cumprido, sabe? É a sensação de –poxa!- eu estudei tanto tempo pra fazer isso. Eu estudei as pessoas, eu estudei a reação das pessoas, eu estudei como ler aquelas pessoas que tão ali pra eu saber como falar com elas. Eu estudei isso. Não é assim – ah! É um dom caiu do céu, pum! – não. Não é. Sabe? Então, eu estudei isso. E aí quando você vê que deu certo. (...) Eu recebi um vídeo de uma menininha ontem. (...) Com o queixo ralado. (...) Cantando assim ó: - preta, pinta o mundo com seu tom (...) só que ela não sabia a música inteira, ela falava: - pêta, pinta, o mundo de azul, negra, tinta, e aí muito lindo (...) ela deve ter sei lá uns dois anos, sabe? E eu olhar e falar: chegou. E é uma menininha branca loirinha, sabe?. Mas chegou ali. E ela vai ser uma menininha branca loirinha que vai crescer ouvindo essa música e que, provavelmente, se as coisas derem certo, ela não vai reproduzir o racismo que talvez os pais dela reproduzam hoje. Então essa sensação de receber o vídeo é a mesma sensação de quando eu vejo a cara das pessoas quando eu estou cantando. De ver gente chorando, quando eu vejo olhando e falando assim: – poxa eu queria tanto falar isso (...) (FERREIRA, Bia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XIo36vAniE8>).

Na cena musical, citamos Bia Ferreira. Em sua fala reconhecemos a artista enquanto pessoa que atua com a inspiração, mas não somente com inspiração e emoção: a artista lê um mundo, estuda formas de compreender suas mensagens, de tocar, de cantar agindo racionalmente também. Em uma das oficinas, durante o relato de seu trabalho pela Europa, Bárbara Santos precisou desconstruir a ideia de que a mulher no sul pensa da cabeça para baixo, ou seja, de que estes povos “do sul” agem com o corpo e as pessoas “do norte” agiriam com a cabeça, intelecto.

Se mantemos a divisão ocidental de arte como sendo diferente de uma ciência, de algo que não precisa de uma pesquisa empírica e racional citaremos músicas, poesias, apenas para florear trabalhos científicos, esquecendo de reconhecer a presença da estética no processo de pesquisa e escrita que traduz pensamentos em trabalhos acadêmicos, ou como instrumentos que podem ajudar a resumir todo o trabalho científico em poucos versos. Bia Ferreira, Bárbara Santos, Augusto Boal são referências artísticas, científicas e metodológicas para este TCC.

Em situações de conflito entre adultos, crianças ou adolescentes ter a sensibilidade de evocar um repertório de versos, canções, provérbios, como fez a “tia avó” de Bia Ferreira ao falar do Bombril, pode ser algo complementar e tão significativo como um artigo e uma palestra.

Sem entrar no mérito de investigar as dificuldades de propor tais metodologias “alternativas” para atuar contra opressões estruturais; Sem discutir a perseguição contra estudantes universitários, profissionais na área da educação ou da política que são exilados, assassinados, pedem exonerações profissionais ou desistem de estudar, desistem de seus temas de pesquisa por pressão de um orientador, recorremos a um exemplo de percurso estético não muito comum nas escolas brasileiras ao citar Bárbara Santos.

Comparando o relato de Bárbara Santos, uma ação realizada em 1991, com o atual contexto em que vigora no cenário brasileiro, a proposta de escolas sem partido, de estruturas reacionárias, podemos refletir sobre o quanto a discussão oficial sobre a educação tem regredido, inventando falsas informações, “fake News” sobre “kit gay”, doutrinação de estudantes³⁰. Daí a necessidade de desenvolver frentes de educação dentro das estruturas existentes de escolarização, mas também de ter em vista a possibilidade de se aquilombar, construindo, instituições, redes autônomas afrocentradas.

³⁰ Em outubro de 2018 foi realizada uma campanha para impugnação, proibição da candidatura de Jair Messias Bolsonaro. Bolsonaro baseou parte de sua campanha à presidência na invenção de uma mentira, o “Kit Gay”: Segundo o então presidente da República, existiu uma campanha do Ministério da Educação e um movimento do governo do PT para ensinar educação sexual às crianças e incentivar a pedofilia. Apresentando um livro que nunca foi impresso pelo MEC, dizendo que esse livro era parte do “kit gay” que chegava nas escolas. Bolsonaro provocou um cenário de homofobia no país, desvirtuando uma campanha que nem foi aprovada pelo governo Dilma, que não chegou a ser trabalhada nas escolas, e se aprovada, iria chamar “Brasil sem Homofobia”. Essa violação ao Código Eleitoral, que implicaria na anulação da candidatura de Bolsonaro não foi aplicada pela Justiça, mas o Tribunal Superior Eleitoral ordenou a retirada dessas inverdades, dessas “Fake News” da página de Bolsonaro. Vide: <https://veja.abril.com.br/politica/tse-manda-tirar-do-ar-fake-news-de-bolsonaro-sobre-kit-gay/> (Acesso 02/01/19) e <https://peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=BR108360> (idem)

Atualmente na Rede Internacional de Teatro do Oprimido, temos como principal referência deste método Bárbara Santos, mulher negra, periférica que nos permite sair do foco da escola e ter contato com experiências práticas da arte enquanto pedagogia e estética para enfrentar contextos de violações na saúde mental, em presídios, comunidades rurais, países africanos, europeus, asiáticos e latino americanos, recolhendo jogos tradicionais e trabalhando esses jogos em oficinas voltadas à desmecanização de corpos e à possibilidades de existência.

O Teatro do Oprimido não está para resolver problemas, solucionar questões. Pelo contrário, existe uma reflexão e movimentação constante de como fazer Teatro do Oprimido, a exemplo do Fórum por Identidade – recentemente desenvolvido pelo grupo Madalenas Anastacias, Rede de Mulheres Negras praticantes do Teatro do Oprimido. No Fórum por Identidade, existe um “Letramento Racial Crítico”. Se a peça se refere ao racismo e ao machismo que atinge mulheres negras, quando o público tiver propostas para o Fórum, primeiramente entrará em cena as mulheres negras que estão na plateia e estas substituirão a personagem oprimida.

Se o caso for o de um homem branco, potencial opressor, que deseja contribuir para enfrentar a opressão, este homem entrará no Teatro Fórum a partir de seu lugar social. No papel em que lhe cabe apoiar a personagem, mas não irá substituí-la em cena. É impossível o homem se tornar mulher para sentir o machismo, ou o branco sentir na pele o que é o racismo. O Letramento Racial Crítico de uma peça não termina aqui³¹. Durante a sessão de Teatro Fórum são indicados telefones, instituições e movimentos presentes na macro estrutura social que vão trazer caminhos para não individualizar uma injustiça.

Filmes, músicas são mencionados como repertórios de argumentos e respostas em cena ou fora dela. Na última peça – A cor do Brasil - apresentada pelo Centro de Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro (CTO-Rio) foram indicados ao público filmes como “Olhos Azuis” e a própria peça trazia uma contextualização de canções da música popular brasileira. De acordo com Bárbara Santos:

A pergunta do Fórum costuma ser definida pela história escolhida para ser representada. Entretanto, nem sempre o conflito relatado pela história tem condições de revelar o problema. E, se o problema, por detrás do conflito, não fica evidente, as chances de alcançar a opressão e seus mecanismos de funcionamento se reduzem. Por isso a produção tem que ser um

³¹ Sobre o Letramento Racial Crítico no teatro do Oprimido ver o artigo da atriz e pesquisadora Carolina A. F. Neto (NETO, Carolina A.F.:2017)

processo radical de ASCESE: o conflito identificado no micro deve nos guiar à opressão instalada no macro. (...) Como mulher negra, minha atuação artístico-ativista me leva constantemente a temas que atingem o profundo da subjetividade e são, ao mesmo tempo, específicos e estruturais: sexismo, machismo e violência machista, hipersexualização da imagem da mulher negra e racismo. Temas que envolvem experiências traumáticas e que dificultam a abordagem objetiva e contextual. Temas que envolvem conceitos abstratos como solidão, amor, rejeição e tendem a silenciar e invisibilizar quem os confronta cotidianamente. Temas que se relacionam com situações radicais de violência e isolamento que beiram o fatalismo e transformam oprimidas em vítimas. (...) Com esses tópicos, diante de histórias pessoais com forte carga emocional, envolvendo manipulação psíquica, precariedade de condições para a vítima perceber o ataque e recolher provas, violência, além da auto-culpabilização, com frequência caímos na armadilha do “um x um”, de confrontações entre indivíduos particulares no âmbito privado. (...) Mesmo correndo o risco de seguir cometendo erros dramaturgicos, não temos o direito de desistir de buscar alternativas para representar a macroestrutura sem perder a particularidade da perspectiva. (SANTOS, Bárbara: 2018, Págs.171 -176)

Desenvolveremos a discussão do Teatro do Oprimido enquanto metodologia no item 4.1 desta pesquisa. Trazer a questão da arte anteriormente aparece como necessidade de situar nosso enfoque no teatro, na música, na poesia enquanto cultura, ou seja, dentro do conceito de cultura deste Projeto.

3.2.4 Saberes tradicionais

Na tentativa de buscar referências sobre a definição do conceito “saberes tradicionais”, tive acesso à página do Programa de Formação de Saberes Tradicionais da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG³². Na possibilidade de encontrar textos de mestras e mestres de saberes, encontro como referência Creuza Prumkwyj Krahô, indígena nascida na aldeia de Galheiro e hoje moradora da Aldeia Nova (Tocantins). Em sua dissertação de mestrado, Creuza Prumkwyj Krahô não utiliza a expressão “saberes tradicionais”. Encontramos apenas a palavra saberes. E é possível identificar na sua pesquisa quem possui e transmite saberes:

(...) os saberes estão com os sábios: os/as chefes da casa, pajés, cantores/as, mensageiros, chamadores, corredores. Os jovens precisam se interessar em buscar o conhecimento junto com os sábios e os professores devem ser incentivadores desse processo.” (...)“Nesse movimento da comunidade, cada família sempre participa da construção dos saberes, cada uma construindo atividades cotidianas.”(...) “Grupo de velhos (*mekoré*)

³² Ver: www.saberestradicionais.org/

reunidos que sabem das coisas. São pajé, cantor da memória, chamador, outro canta no *Wythy*, outro no *krinkapé* com *cotoj* (maracá). São vários especialistas que ensinam os jovens o que devem fazer; os aprendizados dos saberes estão aqui. Nessa reunião dos velhos, os aprendizes dos saberes devem estar próximos a eles para aprender. (KRAHÔ: 2017, Pág.13, 23 e 143).

Existe nessa pesquisa de Krahô um objetivo comum ao do Projeto Baobá, que é focar no aprendizado de saberes e transmiti-los em contexto escolar:

Por isso, este trabalho pretende aprender, registrar e divulgar esses saberes no ambiente da escola.

Nossos saberes são cheios de conhecimento sobre o cerrado e de histórias de vidas. Acredito na necessidade de se ter estratégias para que todo esse conhecimento não se perca. Os resguardos tratam dos conhecimentos sobre o corpo, o território, os saberes. E isso tudo é importante para a escola. Desde 1994, trabalho com educação junto ao meu povo. Quero construir uma escola do jeito do povo Krahô, quer dizer, com cara Timbira. Nossa educação é diferenciada, mas na prática isso nunca aconteceu. Penso que a relação entre o contexto social, território, processos formativos diversos e a prática pedagógica deve ser fortalecida, não pode haver separação entre uma coisa da outra. Estou trabalhando na elaboração do Plano Político Pedagógico (PPP) da minha aldeia, onde pretendo fazer com que o ensino formal respeite nosso sistema tradicional de educação e conhecimento. Na nossa visão de mundo, dividimos o mundo em várias metades. Na estação seca, a metade *Wacmejê* acontece, quando começam as principais festas, assim as aulas aconteceriam nesse ambiente, no pátio, junto com velhos/velhas, pajés, cantores/cantoras, caçadores e outros especialistas tradicionais. Nesse período, os estudantes poderiam acompanhar de perto cada detalhe desses movimentos. Na estação chuvosa, quando acontece a metade *Catamjê*, ficaríamos mais em sala de aula, estudando mais escrita em português, o que não impediria de ter os velhos para explicar como a sociedade funciona e se organiza tradicionalmente. Em ambos os períodos, seriam realizadas avaliações e registros com professores e estudantes.”

(KRAHÔ: 2017, Pág.13).

No que diz respeito às mulheres, Creuza também tem sua pesquisa voltada para o aprendizado com esse grupo:

Todos os antropólogos que vão aos Krahô só pesquisam os homens. Eles não pesquisam as mulheres. A mulher fica de lado, sempre lá para os fundos da casa. Eles não chamam as mulheres para pesquisar. Fiquei observando isso desde quando meu marido era vivo e eu me perguntava: por que os antropólogos vão à aldeia e só pesquisam os homens? Só andam com os homens? Os mensageiros da aldeia são os homens, para dar notícia, para distribuir. Mas é falsidade os homens explicarem tudo porque não sabem tudo.

As mulheres sabem muitas coisas, passam o dia inteiro fazendo enfeite para os caçadores, porque eles não podem andar sem enfeite. Se andarem sem enfeite, não matam nada. Aprendemos assim: sabemos fazer desenho no corpo, pintar, cortar o cabelo do jeito Krahô... Só quem corta o cabelo das pessoas é a mulher mais velha que não menstrua mais, uma mulher nova não pode cortar o cabelo de ninguém. A gente tem que participar só

olhando mesmo, olhando muito como corta, como arranca, porque o cabelo é arrancado um por um. (...)

Ao pesquisar, vi que a maioria das coisas não é do jeito que estão registradas, porque são as mulheres que fazem e os homens que contam. Mal acredito que tinha tanta coisa guardada com as mulheres mais velhas! Nunca saiu nada das histórias das mulheres Krahô, de como faziam as coisas, nenhum livro conta a mulher Krahô. Nenhum. O antropólogo pode ser mulher, pode ser homem, o que for, vai pesquisar os Krahô e só procura os homens. Eu pesquisei a maioria das mulheres. Eu fui atrás só das mulheres. (...)

Olham para a mulher e vão embora, acham que ela não tem nada para dizer. Mas quem tem mesmo muita coisa para falar e muita coisa para fazer e com quem devemos aprender são as mulheres.

(KRAHÔ: 2017. In: <https://piseagrama.org/mulheres-cabacas/>)

Entendemos o conceito de “saberes tradicionais” dentro de uma *cosmosensação*, de um *espírito da intimidade* criado por Creuza P. Krahô ao convidar as pessoas à compreender a definição de saberes. Segundo a pesquisadora indígena, saberes são “jeitos de viver das mulheres que mantêm o movimento da vida (...)” (KRAHÔ: 2017 Pág. 115). E se reconhecermos o fato de que saberes milenares estão morrendo, que movimento terá a vida?

3.3 ANCESTRALIDADE

Apesar de apresentar dois pontos de partida comuns com a pesquisa de Creuza Prrumkwyi Krahô – 1) aprender ofícios com mulheres mais velhas e 2) trazer esses ofícios para processos de educação escolar - Creuza Krahô envolve no seu mestrado a sua própria ancestralidade, sua raiz indígena, Krahô. Aquilo que nos conecta com a tradição é ancestralidade. E ancestralidade não significa apenas um processo positivo, podendo também estar ligada a questões negativas.

Na leitura de Creuza P. Krahô, identificamos como pode ser feito o diálogo entre ancestralidades e formações culturais distintas:

O técnico tem que chegar e conversar com a comunidade e ver se o que ele aprendeu lá, “fora”, em outro contexto, será bom para eles, para o povo que o técnico está indo visitar ou trabalhar. Ele tem que ouvir o povo, principalmente, as pessoas que trabalham na roça para saber como ele pode ajudar quem convive na comunidade com o estudo que ele aprendeu. Então, se ele vai levar o trator, ele deve explicar qual estrago o trator pode fazer. A pessoa que trabalha com o facão, enxada e com o fogo, ela sabe o estrago da sua tecnologia. O técnico tem que dizer como as novas técnicas fazem o estrago, como, por exemplo, é o trator, ele tem que explicar o que estudou e falar. Não pode “estragar” o pensamento da comunidade, tem que captar o pensamento da comunidade para ele também. Ele faz uma boa ou má comunicação com a comunidade, a depender se ele irá usar a

tecnologia dele da maneira como ele aprendeu ou a tecnologia do conhecimento da pessoa que mora no local, na área preservada.
(KRAHÔ: 2017 Pág. 11)

Na educação é uma questão de escolha atuar como uma técnica - que irá agir com a mesma lógica do texto acima, ou atuar como uma multiplicadora de saberes. Pensando no objetivo geral deste Projeto, construir uma bagagem para que uma multiplicadora de saberes possa trocar conhecimentos em comunidades negras diante de dificuldades e de grandes possibilidades, será uma possibilidade, por exemplo, falar do Jongo.

Aprender com a monografia de Laissa Sobral (Lálá), brincante, catadora, pesquisadora e jogueira sobre a história do Jongo lendo o seu TCC, ouvindo sua sabedoria na Unilab ou pelo Recôncavo Baiano. Mas cantar alguns pontos de Jongo não faz parte da ancestralidade de pessoas fora da família de Jongo a qual Lálá pertence. Entoar um canto sem a permissão ou a licença, é um desrespeito à ancestralidade tendo suas consequências. E é preciso explicar às pessoas o que é ancestralidade a partir do respeito à espiritualidade, do respeito às tradições que tem sofrido com violências de diversos “técnicos” e “tratores”.

O fato de não cantar um ponto de jongo, não faz do ensino do Jongo uma dificuldade. Pelo contrário, permite ver o que existe de ancestralidade em uma cultura relacionando-a com outras. A dificuldade existente para compartilhar essa bagagem cultural, e que é real no cenário brasileiro, poderá ser a acusação de funcionárias da escola, ou da comunidade em que está a escola em dizer que falar sobre o “jongo”, é ofender pessoas de outras religiões, “fazer macumba”. Então caberá a essa profissional, a essa multiplicadora, atuar como uma mestra Krahô. Saber explicar a importância dos conteúdos, das ferramentas, fogo, enxada, facão.

Caberá a esta profissional, saber explicar o que é a ferramenta do eurocentrismo, o que este trator tem feito no país. Saber os canais para denunciar o racismo enquanto crime. E ter estratégias para aplicar as Leis 10.639 e 11.645 a partir da realidade e da ancestralidade da comunidade onde ela irá trocar saberes e fazeres. Ao ouvir que um conteúdo é macumba, certamente ela terá o instrumento de percussão, a macumba, para apresentar que macumba é um instrumento musical e que, na violência de impedir o som de um instrumento, pessoas foram acusadas e presas por serem “macumbeiras”.

Na Bahia, (...) até a década de 1970, os terreiros precisavam pedir autorização e pagar uma taxa à polícia para o seu funcionamento. Foi tão somente com a Lei estadual n. 3097/72 que a autorização foi dispensada, pois os terreiros foram considerados como “sociedades afro-brasileiras para atos folclóricos. (SOUZA, Bruno Moitinho Andrade de.:2009, Pág. 9)

Na medida em que houver um equilíbrio do não apagamento da história do povo negro, respeitando suas ancestralidades sairemos do dilema de uma encruzilhada.

3.3.1 Diálogo entre gerações

A palavra velho vem do grego *vetus*, que significa “idoso, antigo”³³. Um idoso, no sistema dicotômico, é aquele que não é novo e se o novo vem de novidade, o velho traz o que não é novidade. Na sociedade moderna, o inverso de novidade e progresso é atraso, primitivo, antiquado, cafona. Idoso é uma palavra que traz imaginários negativos e que se torna pesada diante dos conceitos de griôt, sábio/sábia, ancião/anciã, mestra/mestre, mais velho/velha.

Uma geração de seres humanos adultos ao se considerar superior aos idosos, as crianças e aos outros seres vivos, não poderá chegar até os saberes tradicionais. É preciso haver respeito a todas as formas de vida para alcançar a dimensão desses conhecimentos. Tratar alguém com um chá, trabalhar com o barro. Dialogar com o que o sagrado gera, com outras gerações é algo que estamos a aprender na prática, e a partir da oralidade, citamos como referência nossa biblioteca viva, Dona Joca:

Hoje as pessoas entra na mata, não pede licença. Isso é uma obrigação da gente: Pedir licença. (...) Tem coisas que a gente nem vê. Aí meu marido fala assim: Quando eu passava num lugar. Porque antes da gente entrar na mata quando eu vô com ele pra dentro do mato eu pego peço licença. Faço o ritual que eu fui ensinada. (...) Aí quando eu vejo ele tá fazendo com facão assim ó: -xá!!!. Ele matava uma cobra ela passava no facão. A cobra diante de mim e eu não via a cobra. Porque na hora que eu entrava eu dizia assim: - Licença todos animais que tiver rasteiro aqui, que tiver ne árvore. Que eu passe e que ele não me enxergue, não me veja. Eu sou uma pessoa aqui invisível. E ele ficava perguntando o que é eu tô fazendo. E eu nunca dizia à ele o que que eu fazia. Aí só via ele passar o facão. Minina, aqui ó, cê num viu a cobra aqui não. A cobra de junto de você aquela coisa. Falei. Não vi não. Então eu pedia licença. (...) Tem noite aqui que a maré fala com a gente mar. Ela fala porque os batido do peixe dentro da maré é uma coisa muito linda. E tem momento de fazer até medo. De o batido ser tão forte dos

³³ <http://origemdapalavra.com.br/palavras/velho/>

peixe. E como eu digo a Mãe Maré é uma coisa muito sagrada. Eles parece que eles conversa com a gente. Né? Aí eles, momento deles estar...num sei se é um peixe maior do que outros, ele parece que é assim pedindo defesa. Aquela zuada no mar, chega -páh, -páh, -chá, chá, aí só vê aquela coisa da água bate -chá, -chá, e aí eu fico assim perguntando, acho que é eles se defendendo daquela do que tá acontecendo. Porque aqui também tem peixe muito grande. Então, eu vejo aqueles peixe querendo se defender. As vezes eu fico sentada naquela pedra ali olhando a noite, aquela claridade que fica na maré aquelas aguá ali. A gente vê aquelas zuada ali –chá! . Então a maré fala com a gente. A gente conversa. Os peixe fala também com a gente. Então eu fico assim...pensando né? Como não é o fundo do mar? A coisa mais linda. As vezes a gente não dá nem valor...muitas pessoas não dá valor ao mar desse. Da onde a gente tira nosso sustento. Temo todas as espécie de peixe. Fazemos um bonito banquete. né? Tem as melhores espécie de peixe que tem aí dento. Como o baru, temos o dourado, o vermelho, peixe que pode crescer de cá olho de boi, peixes aí né, peixe muito que é uma maravilha. Então só também aqueles pequenininho, a pititinga né? Tem a anxova, tem o pago, o pampo, então a gente não sabe dá o valor daqueles alimentos. Então a maré pra mim é uma coisa muito sagrada. Da onde é isso mesmo, uma “gaveta de memória”. Porque tem vários tipos de, tanto a espécie né, o tamanho, e se o som que eles fazem é um som muito bonito. As vezes a zoada é tão grande que eu, eu fico assim assustada de ver. Tem noite que a maré é uma maravilha. Maré fala, canta. Isso muitas pessoas não sabem. E quando tá o tempo de inverno que dá o trovão, que dá aquelas trovoada que é mais lindo ainda. Que eu digo meu Deus, eu fico assim pensando, meu Deus será que esse mar vai fazer uma viravolta, vai acabar com tudo, aí eu já me entrego logo a Deus...ah meu Deus me prepara aí pra eu pra eu coisa, porque é maravilhoso. Nós não sabemos o...só sabe dar valor quem mora perto. E dizer falar disso. E que tem seu sua crença, respeita a gente pode até falar, mas quem não tem não pode falar de um lugar sagrado que é o mar. É uma maré.

(BORGES, Joselita Gonçalves:2018)

O diálogo entre gerações é a ponte que permite a transmissão de saberes. Uma mestra de saberes saberá dentro de princípios e valores ancestrais o que pode ser dito, ensinado e repassado como forma de salvaguardar a cultura, de combater preconceitos e buscar o afeto para a coletividade.

3.3.2 Descolonização

“O hábito do cachimbo é que faz a boca torta”

Ditado popular ensinado por Dona Maria (Simões Filho)

“Se uma madeira ficar no oceano não vai se tornar crocodilo”

Ditado cabo-verdiano ensinado pela pesquisadora Dairine Carvalho.

A descolonização se refere a toda discussão que trazemos nesse Projeto. É estar atento ao perigo de uma história única, que apaga, extermina qualquer

possibilidade de existência de outras histórias. Conforme ilustra a escritora africana Chimamanda Adichie

Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. Comece a história com o fracasso do estado africano e não com a criação colonial do estado africano e você tem uma história totalmente diferente. (...) Histórias têm sido usadas para expropriar e ressaltar o mal. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida. (...) Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso.

(ADICHIE, Chimamanda: 2009, Págs.1-5)

No título desse trabalho, definimos que a ancestralidade e a descolonização estão em encruzilhadas. Trazemos para este projeto, quatro estradas que entrecruzam maneiras de descolonizar e de respeitar a ancestralidade: a “Interseccionalidade”, o “lugar de fala”, o “pretuguês” e a “amefricanidade”

3.3.3 Interseccionalidade

“Saku bazio n’ka ta firma”

(Saco vazio não para em pé)

Ditado Guineense ensinado pelo pesquisador Marcelino Souza

Frequentemente, movimentos sociais e ativistas são acusados de “mimimi”, caso tentem denunciar o racismo, a gordofobia, a LGBTQIA fobia. É comum presenciarmos essa fala:

Todos nós somos opressores e opressoras, por mais que estejamos na condição de oprimidos. Preconceitos afetam as mulheres, os jovens, os homossexuais, pobres, burgueses, militares, etc. Não são só os negros que sofrem. O próprio negro é racista. E os negros é que escravizaram os próprios negros

O que há de equívoco nesse discurso?

Por meio do conceito de “interseccionalidade” proposto pela estudiosa afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw refletimos sobre a descolonização.

Em seu texto “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero” (2002), vemos que o conceito de

“interseccionalidade” desenha uma encruzilhada onde um corpo e uma trajetória podem passar por várias situações de opressão ao mesmo tempo.

Um corpo branco que colonizou a África e as Américas se utilizou de um sistema de servidão já existente, se pegarmos as sociedades incas, maias, astecas, egípcias. Mas é preciso ter a dimensão histórica e ética de que a colonização europeia, não se restringia a aprisionar uma pessoa para que esta pagasse dívidas e fosse embora, para se alimentar da força vital de outro povo. A sistematização da colonização europeia utilizou de corpos negros como agentes do tráfico de pessoas, mas os corpos negros que atuavam nesse sistema nunca tiveram os privilégios de um corpo branco. Com um sistema de tráfico, sequestro e estupro de milhões de africanos as proporções dessa escravização ultrapassaram fronteiras continentais e temporais. E as consequências da colonização, para a comunidade negra mundial, estão até hoje a apresentar impactos com o encarceramento, racismo, desigualdade de direitos e genocídio.

A representatividade nos espaços de poder brasileiros, ainda é a de um corpo masculino, branco, heterossexual, cristão, de classe social alta. Este é o recorte do Congresso Nacional, dos espaços universitários, dos Fóruns e Tribunais, dos condomínios de luxo e da televisão nacional. Falamos de uma estrutura que reverbera nos salários, nas condições financeiras de sobrevivência e ação política.

No caso de mulheres negras, é preciso levar em consideração não só o racismo, mas o gênero, a sexualidade, as jornadas de trabalho (dentro de casa e fora dela) o tipo físico, a localização de origem, as condições financeiras, a idade, a classe social, dentre outras opressões. Ou seja, estatisticamente, existem opressões que atingem a vida de determinados corpos, mais do que outros.

Para concentrar o foco nos sujeitos que, dentro de um processo de colonização foram impedidos de falar, são metodologias apontadas por Kimberlé Crenshaw, que consideramos de fundamental importância para atuar diante da descolonização:

- O reconhecimento da categoria interseccionalidade para expandir as atividades de direitos humanos;
- Um modelo para a identificação das várias formas de subordinação;

- Um catálogo parcial das vulnerabilidades de mulheres marginalizadas porque a situação de gênero precisa ser ampliada ou combinada com a questão da discriminação racial;
- Examinar experiências de mulheres marginalizadas;
- Expandir direitos humanos baseando-se em perguntas “onde está o sexismo nisso?”, “Qual a sua dimensão de classe?”, “onde está o heterossexismo?”, “De que forma esse problema é matizado pelo regionalismo?”, “há racismo atuando na determinação de quais mulheres estarão sujeitas a condições de trabalho precárias?”, “há alguma outra estrutura de poder que permite que essas condições continuem?”, “na arena global mais ampla, o que contribui para a existência dessas condições?” (CRENSHAW: 2002. Págs.171-174).

São dilemas para a utilização do conceito de interseccionalidade, os seguintes fatores apresentados por Crenshaw:

- 1) Raça ou etnia não são marcadores constantes em todo o mundo;
- 2) Existe um desenvolvimento desigual dos conceitos de raça e gênero;
- 3) Falta tematizar o que é a divisão norte e sul;
- 4) Existe um complexo papel das elites atualizadas que ocupam o papel em órgãos, comitês (e nesse sentido podemos pensar nos gestores que ocupam setores ligados à segurança pública, cultura, ensino e pesquisa).
- 5) Os discursos do nacionalismo não acompanharam a revisão de tratados, revisão de dados estatísticos;
- 6) É necessária a capacitação de mulheres para atuar em espaços de poder;
- 7) Existe a dificuldade na realização de reuniões conjuntas de órgãos ligados à garantia de direitos. (Como o artigo de Crenshaw está ligado ao direito internacional ela se refere à organizações como o CERD e CEDAW³⁴. Mas é possível transferir para a microescala que existem desafios para implantação de um projeto, quando pensamos a dificuldade de diálogo entre projetos

³⁴ Committee on the Elimination of Racial Discrimination (**CERD**). Committee on the Elimination of Discrimination against Women (**CEDAW**). Mantivemos a referência ao artigo de Crenshaw porque apesar de ser um Projeto a nível local, o Baobá está ligado às macroestruturas que definem as orientações para efetivação da Eliminação da Discriminação Racial e da Eliminação da Discriminação de Gênero.

comuns, com a própria gestão da instituição que institucionaliza as ações, mas não as apoia ou promove encontros temáticos para o desenvolvimento de trabalhos em rede).

8) Criar linguagens que acessem aos sujeitos de políticas públicas.

Pela falta da interseccionalidade, de analisar políticas públicas e comportamentos sociais dentro de um recorte amplo que considere privilégios e opressões, regimes de extermínio continuam a desconsiderar o lugar de fala e a desigualdade de direitos. Por exemplo, com a justificativa de preservar o direito à diferença, o apartheid na África do Sul foi legitimado dentro de um argumento de que a segregação poderia ser positiva³⁵. Para tematizar os itens 3 e 8, enunciados por Crenshaw trazemos para o debate da ancestralidade e da descolonização, a questão da língua e da localização geográfica, sob contribuições de Lélia Gonzaléz.

3.3.4 Pretuguês e Amefricanidade

É uma encruzilhada escrever afrodescendente. Porque existem em comunidades negras heranças indígenas. Algumas das mulheres com quem vamos aprender saberes evocam essa raiz indígena. Localizar o afro-brasileiro, também restringe o Brasil de toda uma história latino-americana que é afrodescendente, indígena. E por vezes, é essa a pretensão de governos nacionais, ser diferente da América Latina, colocando o Brasil como um país imperialista. Um país a frente do continente, quase como um Estados Unidos do Sul.

Existe a dificuldade apontada por Crenshaw, em definir o que é norte e sul. Porque o Brasil pode ser o Norte do Sul se formos analisar sua política de exploração sobre Guiné Bissau, Angola e Cabo Verde, por exemplo. Tendo a mídia e instituições religiosas como criadoras de ideologias e imaginários, instrumentos de colonização e aculturação³⁶.

Recuperamos aqui a teórica negra, Lélia Gonzaléz que traz para ciência dois conceitos de extrema importância: a *amefricanidade*, levando em conta que existem

³⁵ Toda essa discussão sobre o esvaziamento do conceito de racismo foi retirada do artigo do professor Kabenguele Munanga (2004).

³⁶ Sobre a exploração do Brasil em Cabo Verde ver a dissertação de João Paulo Araújo Silva (2018): "HOMENS E MULHERES DE "RIBA MAR": a pesca artesanal de Porto Inglês, Cabo Verde, em perspectiva etnográfica". Ver também: Angola suspende atividades da Igreja Universal. In: <https://www.geledes.org.br/angola-suspende-atividades-da-igreja-universal/>

raízes latino-americanas e africanas que constituem a sociedade brasileira e que é preciso reconhecer a cultura das etnias indígenas que aqui existem. Outro conceito proposto por González é o *pretuguês*, considerando que linguagens de cada região ou estado brasileiro carregam heranças amefricanas. Por isso quando transcrevemos uma fala, uma entrevista, nesse trabalho tentamos respeitar ao máximo o pretuguês de quem ensina. Pretuguês não é “falar errado” é o kriolo que a sociedade brasileira conseguiu sustentar.

Ficamos com o pretuguês de nossas bisavós ao falar “oio”, “muié”, “cuié” em Minas Gerais. Porque unir as vogais, retirando as consoantes é um traço que vem da cultura *bantu*. Mas se pedirmos a uma criança negra para dizer quem foi sua bisavó, se perguntarmos para ela de qual país sua família descende, perceberemos uma falta de raiz, que é também uma encruzilhada, uma vez que falar de ancestralidade é chamar pela raiz. A ampliação do conceito de família, tendo como referência matrizes africanas, é fundamental nesse processo de reconstrução da identidade negra³⁷.

Família não compreende apenas os parentes consanguíneos. Nesta linha, amefricanidade é um conceito que nos localiza em uma família maior, africana, latinoamericana. Como apontamos anteriormente, mulheres desta pesquisa não possuem apenas a afrodescendência, mas raízes indígenas e europeias. E focamos na amefricanidade para descolonização e para ancestralidade no sentido de ressaltar raízes latino americanas e raízes africanas, uma vez que já existe na sociedade brasileira a predominância da valorização do europeu e é preciso democratizar o pertencimento identitário.

De acordo com Lélia González:

Os termos “afroamericano” nos remetem a uma primeira reflexão: que só existiam negros nos Estados Unidos. (...) As implicações políticas e culturais da categoria de *Amefricanidade* (“Amefricanity”) são, de fato, democráticas. Extamente porque o termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A AMÉRICA, e como um todo (Sul, Central, Norte e Insular). Para além do

³⁷ Vide: Sobunfo Somé, *O Espírito da Intimidade* (2003, Pág.43). “Se uma criança nasce achando que sua mãe e seu pai são sua única família, quando tem um problema e os pais não conseguem resolvê-lo, ela não tem ninguém a quem recorrer. Os pais são os únicos responsáveis pelo que aquela crianças se torna, e isso é pedir demais de apenas duas pessoas. Pior ainda: muitas vezes, uma única pessoa é deixada com os filhos. Dar à criança um sentido maior de comunidade ajuda-a a não depender de apenas um adulto”. Agradeço à pesquisadora Silvana da Silva S. de Almeida pela indicação do livro.

seu caráter puramente geográfico, a categoria de *Amefricanidade* incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada, isto é, referenciada em modelos como: a Jamaica e o akan, seu modelo dominante; o Brasil e os seus modelos yorubá, banto, ewe-fon. Em consequência, ela nos encaminha no sentido da construção de toda uma identidade étnica. Desnecessário dizer que a categoria de *Amefricanidade* está intimamente relacionada às aquelas de *Panafricanismo*, *“Négritude”*, *“Afrocentricity”* etc. (GONZALÉZ, Lélia: 1988, Págs.76-77)

Uma planta sem raiz agoniza e morre. Localizar identidades coletivas nos processos educacionais e teóricos de Diop (o “Berço Sul”, o “Berço Norte”), de González (a amefricanidade, o pretuguês), de Somé (a aldeia enquanto família) é uma encruzilhada possível para alimentar raízes.

Em uma de suas palestras na Unilab, a pesquisadora Mighian Danae chamou atenção para o fato de que na educação infantil prevalecem atividades que vão trabalhar com o foco na identidade individual da criança – o *meu* nome, a *minha* família, o *meu* desenho. Queremos finalizar esta discussão das bases conceituais marcando o lugar de que conceitos interferem em metodologias. E a busca por conceitos de unidade na diversidade, pelo entrecruzamento de teóricas, principalmente, as mulheres negras, interfere diretamente em nossas metodologias.

4 METODOLOGIAS A PARTIR DE ESCRIVIVÊNCIAS³⁸

4.1 TEATRO DO OPRIMIDO

O Teatro do Oprimido é uma metodologia que também possui raízes amefricanas. Este Teatro acontece no período da ditadura militar, quando Augusto Boal sistematiza o Teatro Jornal. Dada a impossibilidade de fazer teatro por conta da ditadura, o grupo do Teatro de Arena passa a fazer as peças com jornais que foram aprovados pelo regime militar. Se o Jornal foi aprovado pelo regime militar, por que então proibir um espetáculo que é apenas a leitura de uma reportagem que já passou pela censura?

³⁸ Escrevivências segundo uma criança de nove anos é a “escrita de nós”. Conceição Evaristo, foi convidada no ano de 2018 para ser madrinha da turma de Formando em Letras da Unilab. Ao responder para Noé, o que seria em sua obra o conceito de “escrevivência” nos contou a história de uma professora que sugeriu às crianças, para, desde os primeiros anos das séries iniciais fazerem suas escrevivências. E esse foi o entendimento do que é a escrevivência para uma criança que contemplou a escritora e à todas as pessoas que a ouviam.

As peças incomodavam porque na época foram criadas cerca de treze técnicas de leitura dos Jornais, considerando, por exemplo, a técnica da leitura cruzada. Em 2016, quando realizamos uma pesquisa com o Sindicato das Prostitutas em Belo Horizonte, trouxemos a notícia do assassinato de Capitu com um Teatro Jornal. A reportagem sobre Capitu ocupava um espaço mínimo na página do jornal e era atropelada por um anúncio de financiamento para casa própria, com uma família branca, heteronormativa.

Cruzar essas leituras ajuda a entender a colonização que utiliza de ferramentas estéticas para produzir narrativas, jornais, naturalizando violências diversas, em um processo que conduz à apatia diante de um crime, da falta de cuidado de algumas zonas de prostituição que não investem na segurança de seus espaços, sem detectores de metal e outras medidas de proteção. Augusto Boal foi exilado por conta do Teatro Jornal, por conta do ativismo.

Durante uma campanha de Alfabetização no Peru, juntamente com Paulo Freire, Augusto Boal sistematiza a modalidade de Teatro que apresentamos na base conceitual do Projeto. O Teatro Fórum não foi pensado, mas aconteceu em uma peça convencional sobre violência contra a mulher. Nesta campanha de alfabetização, haveria uma roda de conversa após a peça teatral. Mas, uma peruana que assistia ao espetáculo quis subir ao palco e mostrar o que faria caso estivesse no lugar da personagem oprimida.

A atriz que fazia o espetáculo até tentou atuar mediante a sugestão desta mulher que estava no público, mas não conseguia atender as expectativas dela sendo que, por fim, quem estava na plateia, foi convidada a subir em cena e apresentar sua alternativa para resolver a questão. Nesse trabalho de alfabetização no Peru, que aconteceu em comunidades camponesas, indígenas, mediante a trocas com outras línguas, foi preciso desenvolver Fóruns através de Imagens, daí o Teatro fórum, e para além do Teatro falado, o Teatro Imagem, teatro realizado com o corpo comunicando a história, pois a palavra restringia o diálogo entre povos distintos.

Hoje o Teatro Imagem é muito utilizado em Moçambique, onde kuringas como Alvim Cossa, fazem Fóruns em comunidades multiculturais com povos diversos e com recursos precários, exigindo elaboração estética para apresentar cenas a um público de centenas ou milhares de pessoas. Bárbara Santos têm aprofundado nesse Teatro Imagem, no Teatro Fórum, trazendo cosmosensações, ou seja, Fóruns

que vão mergulhar nos sentidos, uma vez que não é só a falta de uma caixa de som que faz com que seja feita a escolha pelo não dito: O excesso de ego e do discurso, por vezes, é um elemento dificultador nas cenas de Fórum.

Quem entra em cena para intervir, precisa sentir a complexidade das relações, sem ter para isso uma fala pronta. É preciso criar um “espírito da intimidade”.

Em trabalhos pela Argentina, ainda na segunda metade do século XX, Boal sistematiza o Teatro Invisível quando é pensada uma peça de Fórum que cria a intimidade sem avisar para o público que haveria um Teatro. O Teatro Invisível nasce em um restaurante argentino, quando um grupo de atores e atrizes senta, pede a comida e ao pagar a conta apresentam a Constituição Argentina.

A grosso modo, a mensagem da peça era: Se na Constituição Nacional é dito que nenhum cidadão ou cidadã pode passar fome, então o restaurante precisa enviar a conta ao Estado. Com a intervenção real da polícia na cena e com um trabalho de ativismo, Boal, homem branco, de classe média, pôde sair da Argentina (que também estava em um contexto de ditadura militar) e se refugiar na Europa.

Em diversos países europeus, fazendo o mesmo tipo de trabalho artístico, Boal percebe que as questões de opressão envolviam outros fatores: suicídio, depressão, aborto. Assim foi criada uma nova Técnica, o Arco-Íris do Desejo, muito utilizada hoje pelo Laboratório Ma(g)dalenas, Rede Internacional de Mulheres Praticantes do Teatro das Oprimidas, havendo também a Rede Madalena Anastácia, coletivo de Mulheres Negras, multiplicadoras dessa estética. O maior grupo de Teatro do Oprimido tem o protagonismo feminino como marca e está na Índia, o Jana Sanskrit.

De volta ao Brasil, com a redemocratização, Augusto Boal, é convidado por Darcy Ribeiro, para realizar trabalhos artísticos. Boal se candidata, é eleito vereador e ao Fazer Teatro Fórum, em Fóruns oficiais, é criado o Teatro Legislativo. Com a participação popular e estratégias diversas, foram aprovadas quinze leis no Rio de Janeiro a partir do Teatro. As alternativas que o público apresentava em cena, no Teatro Fórum, eram votadas e escritas em formas de Projeto de Lei com a presença de advogados.

Darcy Ribeiro foi o intelectual que defendeu o conceito de mestiçagem, tendo como marco nacional o livro O Povo Brasileiro. Paulo Freire é um dos teóricos criticados por Ricardo Benedicto (2016), autor base para esse Projeto. Ativistas

como Paulo Freire, Darcy Ribeiro e Augusto Boal, apresentam limitações teóricas por conta de seus lugares de privilégio, pelo foco na questão da classe social sem aprofundar na interseccionalidade com movimentos antirracistas, feministas coexistentes na época em que eles eram perseguidos, mas onde, mesmo perseguidos, tinham maior espaço de fala e poder para transmitir denúncias sociais ao mundo por serem brancos, homens amparados por órgãos internacionais de direitos humanos.

Consideramos as limitações de Augusto Boal. E entendemos o Teatro do Oprimido como um método que não foi criado somente por um homem. Cabe ressaltar que junto dele estava uma equipe diversa.

Citamos o exemplo do processo de escrita do último livro que Boal deixou em vida, “A estética do oprimido”: Houve uma imersão com encontros no Centro de Teatro do Oprimido unindo contribuições de pessoas que já vinham sistematizando experiências em vários contextos. Então cabe desenvolver trabalhos com esse método de forma crítica. A cada banho, a cada renovação, é preciso jogar fora a água suja da bacia, sem jogar fora o bebê que ali está. A criança são os aspectos positivos daquilo que foi construído.

Em menos de 40 anos, o Teatro do Oprimido foi multiplicado em cerca de 70 países. E entendemos que para uma estética se firmar sem apoio financeiro, contra os interesses políticos de dominação ela precisa ser pertinente. Em entrevista ao GTO Angola, constatamos que o grupo ficou 5 (cinco) anos na justiça para que o nome GTO-Angola fosse aprovado pelo governo. A proibição do nome Grupo de Teatro do Oprimido (GTO-Angola) era devido à alegação de que depois da independência não havia mais oprimidos no país.

Lemos o teatro do oprimido também como uma estética amefricana. E estética não traz solução para nada. O Teatro do Oprimido não traz soluções. É uma forma simples de voltar a criar um espírito de intimidade (Sobunfu Some: 2003), onde haverá a circularidade do diálogo em uma roda e esse coletivo vai decidir, por si mesmo, com autonomia, o que é possível fazer para enfrentar um problema, se vendo e se sentindo dentro do problema, substituindo quem sofre a opressão. Dialogar sobre um tabu, sobre uma injustiça de maneira artística é uma quebra na linguagem convencional do debate pela fala, é uma cosmosensação (Oyèrónké Oyèwùmí: 1997).

Por várias vezes ouvi o mestre de saberes seu Nônô, responsável por revitalizar uma nascente em Minas Gerais, dizer: “- aquilo que você estragou você tem que ser capaz de consertar. Mas se o ser humano estraga um rio, que não foi criado por ele, que levou milhares de anos para formação, porque continuar a destruir algo que está além de suas condições de consertar?”.

Ao menos para ter a consciência do estrago causado por uma opressão uma estética voltada para cidadania irá ter de dedicar esforços, com outras linguagens, com raízes.

O fato do símbolo do Teatro do Oprimido (TO) ser uma árvore vai de encontro com o Projeto chamado Baobá, porque Baobá é uma árvore.

(...) árvores como símbolo da paz está de acordo com uma tradição conhecida da África. Por exemplo, os mais velhos entre os Kikuyu carregavam um cajado feito da árvore Thigi que quando colocado entre dois grupos em disputa, acabava com a briga e procurava a reconciliação. (...) Muitas comunidades da África possuem essas tradições. (...) Somos chamados para ajudar a Terra a cuidar de seus ferimentos e nesse processo, curar os nossos também (...). (MAATHAI, Wangari Muta, 2004, In: <http://jorge-novidadedevida.blogspot.com>)

E o fato das raízes e ao, mesmo tempo, as seivas do Teatro do Oprimido serem bem definidas - A solidariedade e a ética – serve de elemento para todo subtítulo que trazemos (afeto e cultura nas encruzilhadas da ancestralidade e da descolonização). Isso porque ética não significa moral. Cada cultura tem suas morais e costumes. A Ética neste caso, é permitir que cada cultura possa existir e manifestar seus pensamentos sensíveis e simbólicos. Entretanto, muitas culturas querem impor um moralismo, se fazerem universais. Ética é ter humanidade, ou seja, ir contra sistemas que geram, por exemplo, fome, escravidão e genocídios:

Moral se obedece, Ética se inventa. Moral é o que é – Ética é o que se deseja que seja.(...) Para que a lei permitisse a existência de uma justiça ética e não apenas condenatória dos adversários e absolutória dos aliados, deveria pesar fatos e significados, hierarquizados pelo bem maior. Não é o que acontece. Victor Hugo, irônico, comentou: “A lei é igual para todos: proíbe tanto ao pobre como ao rico roubar um pão para matar a fome!” (BOAL, Augusto:2009, Págs. 17,30,38 e 72)

Solidariedade não é conveniência. Augusto Boal descreve uma cena em que fazendo Teatro em uma comunidade rural ameaçada pelo latifúndio, seu grupo propunha pegar em armas na peça teatral. Terminado o espetáculo, a comunidade

sugeriu concretizar a ação pegar em armas naquele momento. O grupo que apresentou a cena argumentou que as armas não eram verdadeiras. Não havia problema, na comunidade tinha armas de fogo. O que faltava, era a coragem dos artistas da peça de se colocar no lugar do outro, sofrer os mesmos riscos que ele, ter a ética juntamente com a solidariedade. É preciso saber quem propõe a solidariedade e como a propõe:

O psicanalista Hélio Pellegrino costumava dizer: “Se Judas Iscariotes estivesse passando um abaixo-assinado em solidariedade a Jesus Cristo, eu não assinaria!” Mensagem e emissor são unha e carne.”. (BOAL, Augusto:2009, Pág. 103).

Solidariedade significa dialogar com uma peça teatral, com a responsabilidade de promover encaminhamentos que gerem ações concretas e continuadas para combater uma opressão:

Solidariedade ativa, não puramente formal! Na Índia, mulheres vestidas com saris cor-de-rosa vão à casa do agressor tirar satisfações – vão muitas e vão armadas com paus para qualquer eventualidade... Assustam! Estas são ações concretas sociais continuadas, solidárias (BOAL, Augusto:2009, Pág. 103).

O Teatro Fórum está ali para que o coletivo pense todos os riscos que uma pessoa oprimida pode ter ao fazer uma ação. Sem propor soluções “mágicas”, ou seja, alternativas que não contribuem na vida real, sendo portanto, antiéticas.

Exemplos (...) maiúsculos (de solidariedade) podem nos assustar. Che Guevara dizia que ser solidário é correr o mesmo risco. Eu penso que existem graus na solidariedade possível e nem todos atingem o grau sublime a que ele chegou. Nem por isso devemos nos abster: já que não podemos tudo, não façamos nada... Não! Ser solidário é fazer tudo, integralmente, tudo que cada um pode fazer. É não deixar de fazer! Madre Teresa de Calcutá dizia que “O que fazemos é apenas uma gota d’água no oceano, mas, se não o fizéssemos, ficaria faltando, no oceano, a nossa gota d’água”. (BOAL, Augusto:2009, Pág. 214-215).

O solo que vai nutrir essa raiz do TO é composto por saberes, ciências e filosofias diversas, e a seiva que sustenta essa árvore, além da ética e solidariedade é uma estética em constante transformação. No coração estão os jogos, que farão o bombeamento para cada ramo do método, Teatro Imagem, Teatro Fórum, Teatro Legislativo, Teatro Jornal, Arco-Íris do Desejo, Ma(g)dalenas, Teatro Insíviel. Os frutos são “ações concretas e continuadas” e os passarinhos desse sistema são

kuringas. Kuringa, palavra que já utilizamos nesse texto, se refere a um sistema que começou a ser elaborado na década de 60, promovendo o revezamento de papéis em uma cena.

Tendo em vista o excesso de vaidade no teatro, foi sistematizada uma forma de fazer um trabalho teatral com a troca personagens, onde todas as pessoas passariam pelo ‘papel que ninguém quer’ e pelo ‘papel principal’ sem cristalizar em uma apresentação um modelo de pessoa e de corporeidade para protagonistas e coadjuvantes. Com o Teatro Fórum, de acordo com Santos, kuringa passou a ser:

Um ou uma Curinga deve ser capaz de entrar em cena e atuar, de ministrar oficinas e cursos teóricos e práticos; de organizar e coordenar grupos populares; de orientar a produção de espetáculos de Teatro-Fórum (da criação da imagem ao texto coletivo); de mediar diálogos teatrais em sessões de Fórum e de Teatro Legislativo, de estimular a efetivação de ações sociais concretas e continuadas e, claro, de sistematizar sua experiência para que sirva a outros praticantes e contribua para o desenvolvimento do Método. (SANTOS, Bárbara. In: <http://kuringa-barbarasantos.blogspot.com> Acesso: 02/01/2019)

Bárbara Santos introduz o termo kuringa com “K” por algumas razões: “Em alguns idiomas, a grafia da palavra com a letra “C” tem pronúncia de “S” ou “Ç”, por isso substituí pela letra “K”, para preservar a sonoridade original da palavra em idiomas distintos.” Esse é também o nome do espaço onde a artista realiza trabalhos em Berlim. Adotamos a palavra kuringa com “K”, para enfatizar o Teatro do Oprimido na árvore do Projeto, o Baobá, levando em conta as questões da amefricanidade, o pretuguês e a presença da letra “k” nas línguas africanas.

Nos trabalhos que começamos a realizar no Projeto Baobá, não temos uma kuringa, formada pelo Centro de Teatro do Oprimido, mas uma multiplicadora do método em constante formação, preocupada com a multiplicação que envolva a qualificação de um grupo disposto a sempre realizar pesquisas e vivências de um tema antes de qualquer apresentação. Nossa proposta é a formação de multiplicadoras(es), para que a kuringagem das peças seja feita por pessoas das comunidades. A proposta é que uma pessoa não chegue de fora, para kuringar, mas que sejam formados curingas onde houver demanda pelo Teatro do Oprimido.

Esse processo exige encontros de longa duração para que as pessoas participantes passem por um processo de qualificação que contemple a proposta das raízes, dos ramos e sentidos da árvore. Existem grupos que utilizam o Teatro do Oprimido para motivos que a Rede de Teatro do Oprimido rejeita porque a arte é

uma linguagem que pode ir tanto contra, como a favor da opressão. E a proposta do TO não é conciliar opressores e oprimidos, mas enfrentar opressões coletivamente.

Em se tratando de uma metodologia a partir de experiências. Desde que tive contato com o Teatro do Oprimido, há sete anos, pude sentir como é entrar em um Fórum de uma opressão que nos diz respeito e poder aprender a enfrentá-la. Como aponta Boal, transformar a opressão em cena, de alguma forma, encoraja na realidade. Ter a oportunidade de voltar em certas feridas e falar aquilo que não foi dito é um processo psicológico de vencer mágoas, superar bloqueios. Por isso tenho trabalhado o teatro do oprimido juntamente com amefricanidades, os saberes tradicionais (terra, chás, plantio) e com a espiritualidade, desenvolvendo técnicas de meditação, buscando caminhos para silenciar pensamentos, para trabalhar o ego, o amor, uma vez que é um processo delicado levantar as opressões sem uma estrutura de equilíbrio emocional, espiritual.

Por mais que ainda precise desenvolver e muito a corporeidade, a timidez e diversos bloqueios foi com o teatro do oprimido que pude superar opressões, e superando essas opressões, acontece o movimento de buscar estudar, de querer conhecer outras culturas. Chego a essa metodologia, não porque fui convidada ou porque tive apoio para aprofundar no teatro, mas porque fui atrás dela, vários e-mails não foram respondidos, mas fui atrás mesmo sem condições. Em viagem de carona até o Chile, dormi no meio da Cordilheira dos Andes com uma barraca 'do Gugu' arriscando a vida, mas conheci Castel Ana, mexicana que realizou uma formação em teatro do oprimido na linguagem de Sinais.

Marie-Hélène, canadense que me entoou canções indígenas de sua terra. Andrea, Max, Blás, Roberto Pino com quem fiz passeatas contra política que os governos brasileiros e francês pretendem fazer na área marítima do Chile. Bebemos das cosmosensações do povo mapuche para fazer os jogos, conhecendo nomes de ativistas como o de Macarena Valdes e Berta Cáceres, trazendo a perspectiva latino-americana, a história de vida dessas mulheres para escolas públicas de Minas Gerais, em comunidades negras. Sem destino, cheguei a Salvador perdida e minha irmã encontrou um desconhecido no Facebook, a quem hoje sou grata por partilhar experiências de luta, Gil Novaes e Angela que me acolheram na Bahia e será com Ângela que desenvolveremos os saberes da costura para este Projeto.

Mariela Rigano (Teatro do Oprimido Argentina), e Kayene Cupertino são pessoas com quem houve partilha de trabalhos e de vida na penitenciária feminina

em Lauro de Freitas. Depois de caronas, com o desejo de sempre viajar, descobri como viajar com identidade jovem atrás de festivais, porque nos festivais não se cobra 300, 500 reais pelo curso de formação em teatro do oprimido, os cursos são gratuitos. Mochileiras como Kayene, Mia, Andre Robinson, Sara, Islaine, Ivy, Francine, Matias, Rodrigo, estão sempre ali nos festivais. A última formação que tive acesso, “Teatro do Oprimido, Samba de Bumbo e Ancestralidade” permitiu a criação de amizades com Amabile, Madalenas e suas canções levadas para marcha da Consciência Negra em Salvador como:

“Não tem terra pra preto plantar
 Não tem terra pra preto sambar
 Branco quer botar veneno e me tirar do meu lugar”

“Salivou palavras tortas e ditô o meu valor
 Exigindo meus direitos o silêncio se acabô
 Na revolta de Dandara e no Machado de Xangô”

“13 de maio é traição/13 de maio é traição
 É dia da Falsa abolição”

Para criar esses versos, antes buscamos versos que já existiam

“Dona Maria sai cá fora e venha ver
 Dona Maria saí cá fora e venha ver
 O seu terreiro acabou de florescer”

Conhecemos sobre o samba de bumbo pela presença da kuringa Lucia Steves que hoje reflete sobre a possibilidade de ser mulher e tocar instrumentos como a zabumba. Essa reflexão junto a sua comunidade de samba de bumbo veio com o teatro do oprimido, com o respeito à ancestralidade dentro do Movimento de Dramaturgia Rural. Se for aprovado por Matheus Gonçalves, no próximo festival no Ceará esperamos ir com o Coletivo Baobá, reencontrar parceiras de luta na saúde mental, Daniel Jara Sierra, Patty Farina, educação de jovens e adultos, Dimir Viana, teatro legislativo, Gabriela Chiari, na área de teatro do oprimido com solo nutrido pela espiritualidade reencontrar Meire Regina, Kakaih Machado, participante do grupo de pesquisa do pensamento complexo, coordenado pela professora Teca.

Com Kakaih fiz diversos trabalhos em dupla desde a experiência em Teatro com moradores de rua na ocupação da Funarte até na Comunidade do Capivari, na Comunidade Quilombola do Baú com a presença da professora cabo-verdiana

Fátima Fernandes a quem dedico um enorme respeito e carinho. Kakaih me colocou em contato com o Projeto de Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais “*Ler qual Língua, Ensinar qual Cultura?*”, e pude realizar trabalho com TO em Cabo Verde, acompanhando Tikay em turnê, o festival de Teatro em Assomada, o rapper Naná, a historiadora Thaísa e o Antropólogo João no cine gueto na Achada de Trás.

Com Di Fortes e Patrícia tive a oportunidade de fazer vivências com um grupo de dependentes químicos, recebendo a peça “Chinelo” de Patrícia Silva com vídeos de processos de teatro na escola. Ficam os textos em crioulo do grupo de Teatro do Oprimido em Cabo Verde Lasu Brancu, as canções de Kaku Alves e Mayra Andrade. Vendendo os cabelos fui para Angola e lá encontrei Gabriel Meeira em Cabinda e fizemos um dia de prática com teatro do oprimido, porque nos outros dias senti na pele que existem de fato opressões em Angola, mas também anjos como os Professores Doutores Francisco e Antônio Chocolate, José Sita, Ezequiel Bernardo, poeta e estudioso em Sociolinguística, o GTO-Angola.

Foi somente de volta a Cabo Verde, conhecendo o pan africanista Fábio no sucupira que pude ter acesso aos nomes de Thereza Santos, Lélia González, à história de Guiné Bissau por meio do professor Diogo Omega, Osvaldino Gomes e Nardi Souza. À Professora Aracy Martins devo um site dedicado a apoiar na formação étnicorracial de profissionais ligados a arteeducação. Ela sabe que, por um processo de adoecimento que envolve questões financeiras, o racismo, o eurocentrismo, o machismo, interrompi a universidade chegando à beira da depressão. Mas Aracy sabe também que uma das questões que mais me incomoda na afrocentricidade, no teatro do oprimido é a falta de divulgação das teorias nas bases, para quem são os sujeitos que vivem essas estéticas no seu dia a dia.

Somente depois de seis anos multiplicando o TO é que fui descobrir a existência de festivais. A rotina de educadoras negras, sem um “google” personalizado, como o dos professores universitários, impede chegar em referências como o site <http://contafrika.org> com histórias tradicionais em crioulo. Não é fácil descobrir cantoras como Elida Almeida. Se tivermos uma criança que sofre com racismo na escola e quisermos atuar contra essa prática, chegar com o vídeo de uma cantora negra, aonde uma menina negra vai se sentir representada ao parecer com uma atriz, poderá ser um caminho para começar um trabalho que valerá mais do que uma aula, vivi isso na prática enquanto educadora.

Então como anexo desse projeto e em agradecimento a Aracy Alves Martins, incluímos a primeira apostila de troca de saberes Umoja, partilhando práticas de trabalho do primeiro saber tradicional a ser pesquisado (Chás). Umoja é o primeiro princípio da filosofia kwanza e significa unidade³⁹. Na apostila Umoja reunimos um pouco de processos do Projeto Crescer no Capitão Eduardo (MG) e do Projeto Baobá. Este ainda é um material a ser formatado e construído. Apresentamos um esboço da proposta. Serão setes apostilas, cada qual com um saber tradicional, atualizadas na medida em que cada área tiver uma nova informação. “Roma não foi construída em um dia”, assim me diz a mestra de saber Ana Moça, ao plantar em Cascavel.

Estas sete apostilas não serão finitas, daí o site. Para contribuição de outras pessoas nessa construção e multiplicação de saberes com ética e solidariedade, com os princípios da Kwanzaa.

Angustia não saber quais jogos Abdias do Nascimento utilizava no Teatro Experimental do Negro (TEN), ou não saber o que o grupo Jana Sanskrit têm criado na Índia. Falar em descolonização, mas ter restrições de encontrar práticas-teóricas, que se propõe a descolonizar.

A solidariedade significa também ter estratégia para criar redes de forma segura. Existem pessoas sérias procurando informação e desistem de trabalhos

³⁹ Kwanzaa é uma festa, de caráter interreligioso, que dura sete dias, e que é muito comum na comunidade afroamericana e entre negros da diáspora.(...) O nome “Kwanzaa” deriva da expressão “matunda ya kwanza”, que significa “primeiros frutos” em swahili, a língua original mais falada entre as centenas que existem na África.(...) Na África, os rituais associados à colheita existiram no passado e existem ainda hoje: “Estas celebrações eram comuns nos tempos antigos, mas também existem hoje, cultivadas por imensos grupos sociais, como os zulus, tanto quanto por pequenos agrupamentos, como os matabelos, os thonga e os lovedus, todos do sudeste do continente africano”.(...) O Kwanzaa está centrado nos sete princípios, **Nguzo Saba**, que representa os valores da família, da comunidade e da cultura para os africanos e para os descendentes de africanos. Os princípios foram desenvolvidos pelo fundador do Kwanzaa, Dr. Maulana Karenga, baseados nos ideais das colheitas dos primeiros frutos.

Os princípios da Kwanzaa são:

- **Umoja** : união. Estar unido como família, comunidade e raça;
- **Kujichagulia** : auto-determinação. Responsabilidade em relação a seu próprio futuro;
- **Ujima**: trabalho coletivo e responsabilidade. Construir juntos a comunidade e resolver quaisquer problemas como um grupo;
- **Ujamaa**: economia cooperativa. A construção e os ganhos da comunidade através de suas próprias atividades;
- **Nia**: propósito. O objetivo de trabalho em grupo para construir a comunidade e expandir a cultura africana;
- **Kuumba**: criatividade. Usar novas idéias para criar uma comunidade mais bonita e mais bem-sucedida;
- **Imani**: fé. Honrar os ancestrais, as tradições e os líderes africanos e celebrar os triunfos do passado sobre as adversidades.

porque não encontram. Quando estava prestes a desistir do trabalho em uma horta comunitária com adolescentes em Belo Horizonte, Fernando e Tatinha raizeiros e mestres de saberes me deram a Apostila Educação Popular em Segurança Alimentar e Nutricional: Uma metodologia de formação com enfoque de gênero ⁴⁰. Com acesso à informação e apoio de mestres sou a pessoa mais feliz do universo. É a importância de doar e receber.

A força de Fernando nos acompanha de outras maneiras e hoje vejo a importância de livros como “Onde Tocam os Tambores do Além”, em que Paulina Chiziane, moçambicana, escreve, não sobre um curandeiro, mas juntamente com um mestre de saberes Rasta Pita. Trabalhar com mestres e poder ler o que esses mestras e mestras vão deixar de legado, como o Protocolo Biocultural das raizeiras do Cerrado luta de Fernando, Tatinha e de várias mestras e mestres, complementa uma função de transmissão de conhecimentos que a oralidade já faz.

4.2 AFROPERSPECTIVISMO

No texto “Ciências Sociais Africêntricas para Libertação Humana”, o teórico Na'im Akbar verifica que a ciência representa a expressão de um povo e que essa expressão contém tanto aspectos positivos, quanto ideologias com elementos implícitos de opressão. No caso da ciência predominante, o modelo euro-americano de pensamento, temos uma prática e uma escrita acadêmica, com foco na objetividade, no racionalismo que desconsidera a emoção, a espiritualidade, sentimentos e afetos do fazer científico⁴¹.

O modelo euro-americano de pensamento não corresponde às necessidades do continente africano e da diáspora em trabalhar para a resolução de problemas no

⁴⁰ Capítulo 1 Disponível em: file:///C:/Users/PC/Downloads/REDE_SAN_parte1.pdf

⁴¹ “Um exemplo desse modelo talvez seja visto no curandeiro tradicional africano. Tais curandeiros são simultaneamente herbalistas (usuários de poder objetivo) e griots (recitadores do "eu" ou conjuradores de poder subjetivo). O curador tradicional reconheceu a interdependência da ordem moral e da ordem material. Uma violação geraria impactos em todas as dimensões da figura humana. Tal abordagem não exige uma negação do domínio material ou avanço tecnológico, mas exige um desenvolvimento equilibrado dos mundos interno e externo. Em tal mundo não se constrói grandes arranha-céus como um precipício a partir do qual os perturbados podem se jogar. Em vez disso, a habilidade de escalar as alturas da gravidade é paralela ao explorar as profundezas do espírito humano. A característica final de uma ciência social africêntrica são seus pressupostos epistemológicos. Essa abordagem da africanicidade admite os símbolos e afetos como determinantes legítimos da atividade humana. (AKBAR, NA'im:1984, Pág. 15).

que diz respeito à libertação humana em termos de vida e desenvolvimento. No caso das matrizes africanas, como apresenta Na'im Akbar:

a inteligência implicaria em (1) conhecimento da realidade coletiva de si mesmo, (2) o conhecimento dos obstáculos ambientais ao autodesenvolvimento (coletivo) efetivo, (3) ações iniciadas para remover ou dominar tais obstáculos e, finalmente, (4) conhecimento das Leis divinas e universais que orientam o desenvolvimento humano para o conhecimento do Criador. Uma avaliação adequada da inteligência exigiria efetivamente tocar em toda a gama de imagens simbólicas de um povo (como, palavras, gestos, tons, ritmos, rituais). Não se pode avaliar o "conhecimento" de uma pessoa sem saber com que eficácia essa pessoa se realiza enquanto ser por completo. Portanto, a possibilidade de um homem ou uma mulher avaliar um gênio com base em seu conhecimento externo, mas provando ser moralmente incapaz, não seria concebível a partir da abordagem africêntrica. Do mesmo modo, uma sociedade com tecnologia opulenta, mas em decadência social e moral não pode ser vista como uma civilização avançada ou modelo.

(AKBAR, NA'im:1984, Pág. 16).

A afrocentricidade, enquanto paradigma científico é uma proposta consolidada por Molefi Asante em 1980⁴². No artigo "A afrocentricidade como um novo paradigma" Ama Mazama (2009), irá destacar os princípios da afrocentricidade. Adotamos esses princípios como metodologia para o Projeto Baobá quando situamos um trabalho com sete saberes tradicionais, cultura e ancestralidade nas correntes teóricas do afroperspectivismo:

- 1) centralidade da comunidade;
- 2) respeito à tradição;
- 3) alto nível de espiritualidade e envolvimento ético;
- 4) harmonia com a natureza;
- 5) natureza social da identidade individual;
- 6) veneração dos ancestrais;
- 7) unidade do ser.

(In: NASCIMENTO, Beatriz (org), 2009, Pág. 117).

Acreditamos que os sete saberes tradicionais salvaguardam os sete princípios da Afrocentricidade, conseguindo abrir espaço para o que Na'im Akbar compreende

⁴² "Afrocentricidade é um paradigma baseado na idéia de que os povos africanos devem reafirmar o sentido de agência para atingir a sanidade. Durante os anos de 1960 um grupo de intelectuais afro-americanos inseriram os Estudos Negros nos departamentos das universidades, começando a formular maneiras originais de análise do conhecimento. No fim dos anos de 1970 Molefi Kete Asante começou a falar sobre a necessidade de uma orientação Afrocêntrica da informação. Em 1980 ele publicou o livro, *Afrocentricidade: a teoria da mudança social*, o qual promoveu pela primeira vez um debate detalhado do conceito. Embora o termo seja anterior ao livro de Asante tenha sido usado por muitas pessoas, incluindo Asante nos anos de 1970 e Kwame Nkrumah na década de 1960, a ideia intelectual não tinha base enquanto conceito filosófico antes de 1980." (ASANTE, Molefi Kete:2016, Pág.1)

como inteligência para resolver obstáculos ambientais ao autodesenvolvimento com afetos e espiritualidades. Os saberes tradicionais movimentam símbolos de pessoas, mestras de saberes, moralmente capazes de conciliar ciência e bem comum nas diferentes comunidades que vivem.

Encontrar mestras de saberes que estejam disponíveis para ensinar, tendo em vista a rotina e a sobrecarga de vida dos membros do projeto e das próprias mestras de saberes, exige esforços, tempo, recursos de deslocamento e passagens. Até então estamos na busca por possibilidades de encontros. Mas para além das questões práticas, existe a questão do afeto. De construir afetos, antes mesmo de pensar em pesquisas.

Podemos citar como possíveis referências de conhecimento para este trabalho.

Em Minas Gerais:

- Dona Vera, agricultora urbana, guardiã de sementes criolas, e uma das reponsáveis por revitalizar o córrego do onça na comunidade do Ribeiro de Abreu, em Belo Horizonte.

- Tantina, raizeira do cerrado, que juntamente com seu companheiro Fernando, construiu o Ervanário São Francisco de Assis. Tantina é conhecedora de uma Farmacopéia, sobrevive do trabalho com a terra e luta pelo reconhecimento das plantas medicinais, não só beneficiando vidas, mas também realizando cursos e formações em espaços escolares, universitários, feiras, etc.

- Rose, raizeira, trabalha em um Centro de Saúde na Comunidade do Capitão Eduardo, e conhece de costura enquanto um ofício complementar a tantos outros que ela tem de atuar.

- Dôra, nascida em Almenara (MG), traz uma bagagem de cantos de trabalho, do coral de lavadeiras de sua terra.

No Recôncavo Baiano, tivemos o prazer e a bênção em conhecer:

- Dona Joca, marisqueira, mãe, quilombola, pesquisadora que, além de ser um repertório vivo do samba e de luta pela comunidade, transmite histórias e ensinamentos sobre ancestralidade a partir da filosofia de vida que aprendeu com sua família.

- Dona Kadú ceramista e sambadeira na cidade de Coqueiros. Possui o Rio Paraguaçu dentro dos olhos e sobrevive do trabalho com o barro.

- Dona Amélia, vendedora de frutas, conhece das plantas e faz o doce de banana mais conhecido de São Francisco do Conde, receita aprendida com sua bisavó.

- Ângela da Silva Moreira, nascida em Alagoinhas (BA), é costureira das antigas e o carinho que dedica aos trabalhos de vestuário, dedica no fazer da culinária, criando receitas e alegrias por onde passa.

- Ana Moça, agricultora em São Francisco do Conde, juntamente com Seu Edivaldo, com disponibilidade de ensinar a plantar na sua roça em Cascavel.

- Dona Maria (ou “7 Maré”), moradora da comunidade quilombola do Monte Recôncavo, em São Francisco do Conde. Conhece do artesanato com cipó, com palha, além da mariscagem e das plantas.

- Dona Liu, artesã e costureira que trabalha crochê com as fibras de bananeira.

- Dona Bill, benzedeira, sambadeira, yalorixá, residente em São Francisco do Conde.

Até então foi possível conhecer estas mulheres negras, amefricanas, que com exceção de Rose (a avó mais nova), já são mais velhas, e de, certo modo, atravessam o conhecimento em relação a maior parte dos saberes que desejamos aprender, apesar de terem religiosidades distintas, modos de vida com trajetórias em comunidades diversas, possuem históricos de luta, afeto, cultura e ancestralidade comuns. Ainda não definimos como será o aprendizado de cada ofício. O que acontece primeiramente ao encontrá-las é um vínculo de afeto e amizade.

Alguns movimentos espontâneos permitiram consolidar a primeira apostila sobre o saber dos chás (em anexo), a aprendizagem do plantio e do artesanato está acontecendo, com encontros na roça em Cascavel e no Monte Recôncavo (São Francisco do Conde). A aprendizagem da costura já tem a possibilidade real de acontecer, mas como se trata de um Projeto em início, apresentamos os nomes de mestras que admiramos, sem ainda ter o estabelecimento de agendas, de pessoas, uma vez que essas ações dependem do apoio institucional da própria Unilab e de uma equipe disposta a abraçar o Projeto. A cada semestre é sempre um desafio concluir os ciclos das ações que propomos porque elas exigem empenho e recursos.

4.3 METODOLOGIA FOFA

A professora Eliane Costa desenvolveu a metodologia FOFA, no trabalho com comunidades quilombolas durante o I Encontro de Comunidades Quilombolas na Unilab. A metodologia FOFA consiste em reconhecer **F**raquezas, **O**portunidades, **F**ortalezas e **A**meaças ao iniciar um processo de trabalho. A partir da minha última experiência enquanto educadora (auxiliar de biblioteca escolar), foi que identifiquei que as opressões e silenciamentos na área pedagógica não são tão diferentes de escola para escola, e reaparecem quando tentamos realizar trabalhos em outras esferas, que não sejam necessariamente a escolar. A biblioteca me permitiu unir a Literatura, o Teatro do Oprimido, com raízes africanas, sendo a encruzilhada destas artes com o diálogo entre gerações e os saberes tradicionais, pressupostos que considero hoje imprescindíveis para realizar trabalhos pedagógicos na linha do afroperspectivismo, da educação e relações étnico-raciais⁴³. Metodologia FOFA:

❖ Fraquezas:

- Trabalhar em uma escola onde se comemora todos os anos o Dia da Água.

Para celebrar essa data comemorativa, gasta-se muito material (e é uma disputa porque nem há recursos para fornecer materiais para todas as professoras). Mas falta trabalhar em rede, falta trabalhar a água vinculada com a horta comunitária que existe na própria comunidade onde está a escola. Aliás, poucos estudantes sabem da horta e menos estudantes ainda sabem que a comunidade onde está a horta e a escola, que a comunidade onde moram foi fruto de uma ocupação.

Na luta por moradia, foram, principalmente, suas mães avós e tias que conquistaram materiais para fazer suas casas, o posto de saúde, a creche. Lutaram para que o lugar onde está a horta comunitária fosse uma área de preservação ambiental, visto que era proposta praticamente aprovada pelo estado a construção de um lixão na região. O foco do estado em comunidades chamadas de “aglomerados” ou “periferias” é o investimento em aterros sanitários e Unidades de “Pacificação”, mas como bem investiga Marielle Franco, o policiamento está

⁴³ A lógica da opressão, da colonização euro-americana, atua de forma comum para subjugar corpos e pensamentos. Pouco investigamos como se constroem opressões, opressores e lógicas estruturais de preconceito. Mas por experiências sabemos que a lógica da opressão é mais comum do que imaginamos, inclusive, opressões de natureza distintas podem agregar lógicas comuns de violência.

diretamente ligado à uma política de extermínio da população negra⁴⁴. Só que favela é o nome de uma árvore, conhecida por crescer em terrenos difíceis. E árvores resistem⁴⁵.

❖ Oportunidades:

- Trabalhar em uma escola onde se comemora todos os anos o Dia da Água.

As possibilidades exigem um Projeto. Então escrevo o que já estava fazendo na escola. Só que faço o trabalho na escola, trabalho em mais dois lugares, procuro financiamento, compro materiais com dinheiro próprio. Esse Projeto não interessa à direção, mas busco parcerias, envio muitos e-mails à ativistas. Tenho como parceiras principais duas avós, a equipe da faxina e cantina da escola, pouquíssimas professoras, um professor de arte e outro de matemática, uma mãe e uma raizeira que trabalha no Centro de Saúde, sendo estas duas últimas mulheres quem participa de fato das ações, co-autoras do Projeto Crescer (em anexo) e pessoas que me ensinam afetos, tempo e saberes. Fazíamos “aulas passeio” pela escola.

As 14 turmas que iam na biblioteca caminhavam pela instituição e ao encontrar uma funcionária, um “livro vivo”⁴⁶ ouviam suas histórias de vida. Aprendemos com a cantineira desde a quantidade de litros de água utilizados para não *empapar* o arroz para cerca de 500 pessoas, até como a acompanhante de inclusão com “a criança no colo e a mamadeira na sacolinha” ainda na época que era faxineira da escola fez passeata nas avenidas de Belo Horizonte para conquistar o básico para seus filhos e netos.

Sem ter construído sua casa, morando debaixo de lona, uma das funcionárias fazia parte do grupo que levava comida para as professoras. Incentivadas a

⁴⁴ Ver Pág.18

⁴⁵ Nome científico da árvore *atropa phyllacantha*, como a árvore era presente no morro onde Antônio Conselheiro fundou a comunidade de Canudos, favela passou a significar essa região que em uma perspectiva eurocêntrica do dicionário Houaiss é “lugar de mau aspecto; situação que se considera desagradável ou desorganizada”. In: <https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/de-canudos-para-o-brasil-a-historia-da-palavra-favela-2/>

⁴⁶ Ouvi do Pajé Agostinho Ika Muru, etnia Huni Kuin que cada pessoa é um Livro Vivo – Uma Hiwea. Com a publicação de “Livro Vivo”, temos “pesquisas dos pajés sobre a medicina tradicional Huni Kuin. Essas pesquisas relatam o surgimento das doenças, suas categorizações e tratamentos. Para os Huni Kuin, cada grupo de doença está relacionado a um grupo de animais e seu tratamento é realizado a partir da combinação de ervas específicas. As “ervas medicina”, como são denominadas pelos pajés, surgiram da transformação dos primeiros Huni Kuin em famílias de plantas, cujo uso foi transmitido de geração em geração desde os tempos antigos até os dias de hoje.” ““Ter o livro, nosso Livro Vivo, porque os antigos, quando surgiu doença, se preocuparam em se transformar em ervas para socorrer o seu povo.” (Pajé Agostinho Ika Muru). Fonte: <http://www.forumdoc.org.br>

continuar a escuta de histórias fazendo “aulas passeio” em casa, crianças, adolescentes traziam a escrita de vivências, as “escrevivências” das histórias de sua família e fazíamos teatro com essas histórias. Uma das peças apresentadas foi o casamento em Dom Joaquim. Para a avó casar, a igreja precisava ficar pronta. Então ela ajudou os pedreiros da cidade a construir a Igreja. E sendo lavadeira, essa avó cantou para sua neta canções das lavadeiras de Almenara, um repertório que entrou para minha alma: o canto de trabalho e fé Senhora Santana.

Com as avós aprendemos sobre as plantas medicinais, plantando, fazendo sabonete, tintura, extrato, exsicagem de ervas e folhas encontradas em caminhadas pela região, na horta, na escola. Alguma parte da comida da cantina era trabalhada na compostagem e virava adubo para nutrir canteiros. O caldo de verduras e frutas que no aterro sanitário vira chorume, na compostagem se torna biofertilizante para afastar pulgões e colchonilas das folhas. Ao caminharmos às margens do Rio e de fontes poluídas na comunidade caminhamos com ativistas moradores dali, Projetos e Movimentos pelas serras e águas de Minas em uma manifestação no centro da cidade, fora do bairro.

Falar de água é também trazer a literatura indígena de Daniel Munduruku, Sônia Guajajara e a presença da indígena Avelin Buniacá Kambiwá para conversar com quem mais participa das chamadas de atividade, nossas mães, crianças e adolescentes. Trabalhar o dia da água é reconhecer a ancestralidade de culturas que cuidam da terra, indígenas e comunidades negras começando a partir de onde estamos uma comunidade negra, amefricana e partindo para o diálogo além da escola. A troca de cartas com Seu Badú da comunidade Quilombola do Mato do Tição, ou a presença da escritora Madu Costa na instituição trouxeram pertencimento de identidade.

Saber através do doutorado de uma engenheira negra, Ângela Maria Gomes (2009) que mulheres africanas esconderam em seus cabelos sementes de quiabo, melão, dentre outras culturas, povoando o solo brasileiro de africanidades. E saber que partiu do Brasil para Cabo Verde a semente do milho. Saber desta história de nós batendo pilão, comendo cuzcuz, conversando com Pedro Matos (escritor cabo verdiano) na cantina da escola é ser uma biblioteca viva.

Os livros, alguns deles já estavam na biblioteca escolar por conta da ação do Núcleo de Relações Étnico Raciais da Prefeitura, com a política de fornecimento de

materiais literários para estudantes e para a escola. Nesse movimento estava sendo gravado por nós o Filme Capitãs em Flor que ressignificava o nome do bairro Capitão Eduardo. Aliás, na época da ocupação a comunidade foi batizada de Nossa Senhora da Rosa Mística.

Capitãs são essas mulheres que à flor da Pele, lutam por seus direitos. E que nutridas pela força de “Rosas Místicas” conhecem das Flores para cuidar da comunidade. São homens também. E um deles, Seu Gastão partiu, mas deixou sua marca em conversas e gravações amadoras que ainda precisam de edição, pois o Filme ficou pela metade. Então não é só em novembro ou abril que é dia do “negro e do índio”, ou só em “março” que é “dia da água”. Todo dia temos a força vital da cultura, da ancestralidade correndo em nós. Abrir esses livros, soltar o cabelo, atuar em situações de brigas, piadinhas e apelidos pediu a presença da poesia e do Teatro do Oprimido, com ensaios no contra turno do horário escolar.

Depois que levei uma poeta trans para escola, rapper e fizemos oficina de tranças, na mesma semana interromperam a ida das turmas para biblioteca. Com a interrupção do trabalho, passei a reciclar copos descartáveis e passar nas salas de aula, na escola, presenteando funcionárias e estudantes com o Beba Poesia - um copo para matar outro tipo de sede, com mensagens de Paulina Chiziane, Conceição Evaristo, Elisa Lucinda, Jarrid Arraes. Distribuindo poesias e sementes pelo bairro, na Umei (creche) e na escola tivemos condições para que sobrevivesse um movimento de fora para dentro e de dentro para fora. Muitas vezes estar dentro da escola é o estar fora. Nesses momentos uma canção salvava e teorizava práticas pedagógicas: “Minha garganta pede um copo d’água e os meus olhos pedem teu olhar”.

❖ Ameaças

- Falar de folhas e chás é para alguns profissionais e moradores fazer macumba.

- Os conceitos de “sustentável” e “meio ambiente” apresentam como protetores do planeta uma Europa que promove conferências mundiais criando metas para não destruir o Planeta Terra.

- Parece que a culpa de um rio secar se deve tão somente às sacolinhas e sofás despejados na água. Mas denunciar empresas mineradoras, construtoras, agrotóxicos, monoculturas nem passa pela discussão.

- Ego. É um exercício constante parar de ver erros somente nos outros e achar que as pessoas precisam te apoiar. Elas tem direito de não querer te escutar. Furam compromissos sem avisar. Nem tudo que é importante para nós é importante para os outros. Aprender a não criar expectativas.

- Ver muitas pessoas criticando o sistema, julgando pessoas e poucas pessoas dispostas a fazer ações, ou ao menos incentivar com palavras de força, com escuta e solidariedade. Geralmente quem fala demais não escuta sua fala até o fim.

- Solidão de mulher negra.

- Não ter Ensino Superior. Desprezo, boicotes, não ser ouvida, mas ouvir se levei choque por estar de cabelo solto, que sou radical por tentar comprar menos cinderela e branca de neve para a biblioteca, visto que “é isso que as crianças gostam” ao invés de a gestão reconhecer um processo de trabalho com literaturas negras e indígenas. Comprar livros de autoria negra e indígena encontrando 3 orçamentos, ou seja, encontrar 3 livrarias na cidade ou região metropolitana que possuam um material que o mercado racista e literário nem sempre se interessa.

- Ensinar como pegar o urucum e fazer corante. Quando encontramos uma avó que se dispõe a ensinar: Os adolescentes não a respeitam, apesar dela respeitá-los.

- Querer fazer um forno de barro e não ter quem ensine. Voltar com a turma no horário da escola, lavar ferramentas, fazer canteiros com problema na coluna, carregar terra esterco e peso de mau jeito.

- Não ter aprendido com meu avô, minha avó os ofícios necessários para vida cotidiana, ser da geração que vê o rio morrer, mas que não ouviu os segredos de como curá-lo.

- Falar de ancestralidade, de respeito aos mais velhos, de tradição, de cuidado com a natureza e vivenciar o contrário nas comunidades além de deparar com assédios diversos, não ter a possibilidade de buscar antepassados, pois na árvore genealógica vamos até a avó.

- Preconceito religioso, lgbtq fobia existente na equipe da escola, nas pessoas estudantes, nas famílias, nas pessoas mais velhas mestras de saberes. Levar uma

poeta trans para a escola, contar histórias de folhas parece ser um atentado, ou vontade de querer desafiar a direção, querer causar desavenças com a comunidade, principalmente, uma pequena parte da comunidade evangélica da região.

- Ter de lidar com casos de crianças e adolescentes que cometem automutilação, vivenciam pedofilia, cenas de abuso e agressão familiar. Com pré-adolescentes que saem da escola, engravidam, ou então que desaparecem e vemos seu cartaz no ônibus ouvindo na própria escola que a saia curta e o baile funk já diziam que não tinha conserto.

- Não adoecer, manter a própria autoestima e seguir em frente recriando.

- Tentar outra coisa. Desistir de empregos vinculados à minha fonte de renda e segurança financeira, tendo outras pessoas além de mim para sustentar.

❖ Fortalezas

- Sair e voltar mais forte.

- Fazer a Unilab - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira, cuja proposta é um currículo não colonizado, voltado à aplicação da lei 10.639 e 11.645. Um dos princípios da Universidade “cooperação solidária”. “Em parceria com outros países, principalmente africanos, a Unilab desenvolve formas de crescimento econômico, político e social entre os estudantes, formando cidadãos capazes de multiplicar o aprendizado.”⁴⁷ São falhas que vou superar:

- Não ter “deitado para aprender para somente depois me levantar para ensinar”.⁴⁸

- Aprender ofícios, principalmente, com as mulheres negras, um dos segmentos mais excluídos da história dos livros didáticos. Aprendizagem que é fundamental para ensinar à sociedade alternativas científicas de resolução de problemas que enfrentamos.

- Entender que a lógica da opressão acontece já nas micro relações e é a mesma. Por mais que uma pessoa mude de lugar, a indiferença, a falta de solidariedade, as hierarquias levarão a adoecimentos se não for possível blindá-las.

⁴⁷ In: <http://www.unilab.edu.br/como-surgiu/> Acesso: 02/01/19

⁴⁸ Aprendizagem a partir de um conselho do Mestre Adó, mestre de capoeira em Santo Amaro da Purificação, Bahia.

- Ter irmãos como Fred (José Quecido) e Edmilson que ensinam a plantar e são fontes vivas de conhecimento.
- Problematizar “Meninas bonitas do laço de fita” em cursos com Iris Amâncio.
- Qualificação teórica a partir do afroperspectivismo.
- Seguindo o título do livro de Bárbara Santos, ter “Raízes e Asas”: referências teóricas próximas, dentro da própria comunidade e aquelas que produzem saberes em âmbito estadual, nacional e/ou internacional, seja pela oralidade ou pela escrita.
- Construção de uma equipe na execução do Projeto Baobá.
- Apoio de profissionais e de estudantes, entendimento de que essas relações não são somente acadêmicas, mas familiares.

4.4 CONHECIMENTOS NO PROJETO BAOBÁ⁴⁹

FOGÃO DE BARRO



Com apoio dos pesquisadores e poetas Filipe Bubba, Lorena Nunes, Edson Oliveira, Jussira construímos um fogão de barro. Filipe, guineense, além de realizar trocas sobre o saber do barro, nos ensinou histórias de sua terra, cantos em kriolo e violão.



FÓRUM SOCIAL MUNDIAL



Com os kuringas de teatro do Oprimido Gil Novaes (GTO-Puã, Itapuã –BA), Nego e Matias (Movimento Sem Teto (MSTB)–BA), Dioul Mamadou (Senegal), fizemos uma formação com a Juventude Negra e Forte do MSTB e apresentação da Peça no Fórum Mundial Social. As atividades contaram ainda com uma oficina de teatro do Oprimido em Itapuã, e proporcionaram o encontro com uma mestra de saberes, Juciara e seu companheiro no Rio Vermelho, Salvador, trabalham com o barro.

⁴⁹ Inicialmente esse tópico ia se chamar Experiências no Projeto Baobá. Mas, consideramos a reflexão feita por Djamila Ribeiro de que a palavra epistemologia possui radicias gregos de *episteme* e *logos*, conhecimento e ciência. Segundo a autora, quando mulheres negras vão apresentar seus trabalhos escutam que a temática é interessante, mas que falta “objetividade”, “neutralidade”. Fica a narrativa de que “eles [cientistas brancos, eurocêtricos] têm conhecimento; nós experiências” (RIBEIRO:2017, Págs.88-89). Então não cabe reduzir um saber, um mestre, mestra a expressão experiência e sim valorizar a espistemologia, o conhecimento e a ciência em outros modos de fazer pesquisas.

ÁRVORE DE DOAÇÃO DE TEXTOS DO BHU



Com apoio de Seu Zé do Ganhamum dos estudantes Diego, Léo e Lorena, bem como do professor Márcio André pensamos na possibilidade de fortalecer a solidariedade na Unilab. Levando em consideração o custo do xerox, e as dificuldades em ler textos extensos pelo celular, construímos a árvore de doação de textos. Um espaço de trocas e reciclagem. Que não é limitada aos textos, também recebe livros e poesias. Com o trabalho de Sandila, desenhos de Alysson, floreamos a árvore trazendo a arte de uma mestra de saberes da cidade de Madre de Deus que faz Flores de garrafa pet. Florear a árvore na primavera foi fruto de uma intervenção na disciplina da Professora Elizia Cristina

TEATRO FÓRUM E PERFORMANCE A ÁRVORE DOS GINGONGOS



Para o Projeto Baobá, foi de fundamental importância realizar a disciplina “Literatura Africana” ministrada pela professora Giiselle Ribeiro. A leitura de livros como a Árvore dos Gingongos, A Rainha Nzinga, poesias e histórias tradicionais, contos como “Tio me dá só cem” serviram de núcleo para contação de histórias no Caruru dos Ibejis, bem como para a criação de intervenções artísticas em seminários acadêmicos. A pesquisadora quilombola, Dona Joca traz consigo essa luta de construir um trabalho intelectual que represente sua comunidade e que consiga comunicar, ser profundo e inteligível, com outras linguagens e cosmosensações. No seminário de Educação, apresentamos o Teatro Fórum violência doméstica para discutir a tese do doutorado do Professor Ricardo Benedicto.

BEBA POESIA



A venda de poesias e lanches naturais, com a parceria de agricultoras de Santo Amaro trouxeram recursos financeiros para o Projeto. Assim como as doações da comunidade universitária.



VISITA A DONA KADU – COQUEIROS

Dona Kadu, é uma mestra de saberes, sambadeira, mulher negra que trabalha com cerâmica e sobrevive do ofício do barro. Apenas uma pessoa do Projeto pôde conhecê-la. Mas deixamos em aberto possibilidades de mais encontros.

PLANTIO COM SEU NEGO DUM

Nego Dum, agricultor, nascido no quilombo Dom João, nos apoiou no plantio de milho e quiabo, ensinando simpatias e técnicas de plantio. Essa troca foi de fundamental importância com destaque para as possibilidades de fazer leira com a salada de fruta vendida na Unilab, de vender lanches como mingau de milho, e de ter apoio de um mestre para o trabalho com a terra; Não precisa agachar para plantar, pode jogar a semente, empurrar terra com pé. Também fomos saber esse conhecimento em oficina de Teatro ministrada pela professora Maria Andrea com a performance da pesquisadora e poeta guineense, Naentrem M.O.Sanca⁵⁰. Nego Dum ajudou Mariele, em uma das trocas de Saberes do Plantio. Aprendendo sobre plantio, se não fosse à presença dele, não saberíamos como queimar a caixa de marimbondos que ela acertou com a enxada.

VIVÊNCIA DE TEATRO DO OPRIMIDO



A formação deste grupo foi o que proporcionou a construção de todas as atividades descritas nesse Projeto.

PREPARAÇÃO JORNADA INTERNACIONAL
TEATRO DO OPRIMIDO
E UNIVERSIDADE

Da bu man
Vamos fazer
teatro?
Em Julho

ARTE
MULTIPLICACÃO

Mini curso de Teatro do
Oprimido
Construção de Teatro Fórum

Contato e Inscrições:
Mar
marehistorias@gmail.com
+553.1988369859

JOGOS
ENSAIOS
PARA
REVOLUÇÃO

SOLIDARIEDADE ÉTICA

Imagine uma apresentação de teatro onde nós (!) apresentásemos primeiro nossa visão de mundo para que na segunda parte o público pudesse criar seu próprio mundo inventar seu próprio futuro, experimentar seus próprios ideais? (Augusto Boal)

⁵⁰ Naentrem MO Sanca faz parte do Coletivo de Mulheres Africanas - CMA
<http://cma.filosofiapop.com.br/index/>

APRESENTAÇÃO NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO DO OPRIMIDO E UNIVERSIDADE - JITOU



O Teatro Fórum trazia como tema principal o racismo em sala de aula. Mas por meio do jogo “O que mais me impressionou nos últimos anos”, também abrimos a cena refletindo sobre aborto e transfobia.

ENCONTRO MULHERES ÁRVORE-SENDO RAÍZES NEGRAS



Com o empenho das professoras Rutte Cardoso, Elizia Ferreira, e kuringas Claudete Félix, Licko Turlle e Gil Novaes durante o Festival JITOU, trouxemos para a comunidade Porto Dom João a peça do grupo Marias do Brasil, as ganhadeiras de Itapuã e o mestre de samba Seu Régis. Esse encontro apoia as pesquisas da estudante Lorena Nunes, sobre os direitos das trabalhadoras domésticas. No grupo Marias do Brasil, as Marias, atrizes e as mestras de saberes exercem essa profissão e trazem a luta do sindicato das Trabalhadoras Domésticas. O coletivo Andanças, Bia, Madalena, Bruna fizeram a comida e a arte para convidar a comunidade. Ver: Canal Andanças (youtube)..

ALMOÇO COLETIVO NO SÃO BENTO



Para escrever o Projeto Baobá, realizamos um almoço coletivo no bairro São Bento das Lajes. Com a presença de mães, a mãe de Sanatra e a mãe de Mariele.

VIVÊNCIA DE TEATRO NO SÃO BENTO DAS LAJES



Trabalhar previamente as opressões de um grupo e realizar trocas no Gurugé, também em São Francisco do Conde. (Na fotografia, construção de Mankalas que foram feitas na oficina com materiais recicláveis)

MANKALA – TROCAS ENTRE SÃO BENTO E GURUGÉ



Criamos uma história sobre a Mankala, que nos permitiu entender a importância histórica de jogar este jogo datado de 7.000 anos a.C, com raízes no Egito e sabedorias de plantio, de coletividade presentes nos próprios movimentos do jogo. (ver Anexo – I Apostila saberes do Chá).

BRINCADEIRAS AMEFRICANAS - SÃO BENTO E GURUGÉ



Na foto temos uma brincadeira de Guiné Bissau ensinada por Dito Sambu, gato e cahorro. Em roda, duas pessoas farão uma o papel da gata, a outra a cachorra. Como cachorro nem sempre combina com gato, o objetivo é o cão pegar o gato. Só que a corrida, o pega pega é dentro da roda de forma enviesada, ou seja cão e gato correm entrando e saindo dos braços de quem está na roda, como se fosse um movimento de

Lálá também nos ensinou uma brincadeira angolana “Terra e Mar” feita com a corda. Um lado da corda é terra, o outro lado da corda é Mar. Se falar terra vai pra terra. Mar vai pra Mar. Só que a cada grito de terra ou mar, a corda vai abaixando, diminuindo o espaço de passagem, tornando o jogo mais difícil. Quem encosta-se à corda ao mudar de terra-mar, mar-terra sai do jogo.

Fizemos uma variante com a música aprendida no Projeto biblioteca Náutica: Para passar para o mar a corda pode balançar por conta da maré que balança. A maré pode estar cheia ou baixa. Então, cantamos a música abaixando e subindo a corda para tornar mais difícil a passagem para o mar “A maré subiu, sobe maré, a maré desceu, desce maré”.

ARTES VISUAIS - SÃO BENTO E GURUGÉ



Dito, artista plástico foi fazer Mestrado no Ceará. Mas precisaremos dele sempre em São Francisco do Conde para as oficinas de Pintura, e para além das oficinas, seus saberes e dedicação ao partilhar culturas.



HISTÓRIAS QUE ALIMENTAM - SÃO BENTO E GURUGÉ

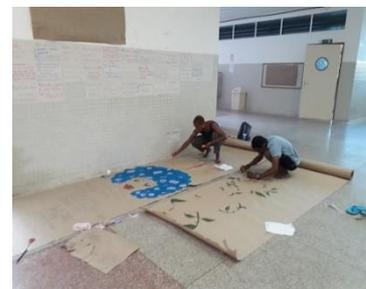


Com o came, Sanatra sugeriu fazermos uma cobra de quatro metros. Abrimos a Contação de Histórias com a cobra Xapoanã, e as crianças entravam e saíam da cobra. As histórias contadas eram histórias que as crianças e adolescentes do São Bento ouviram das mais velhas. Nos

INTERVENÇÃO POÉTICA

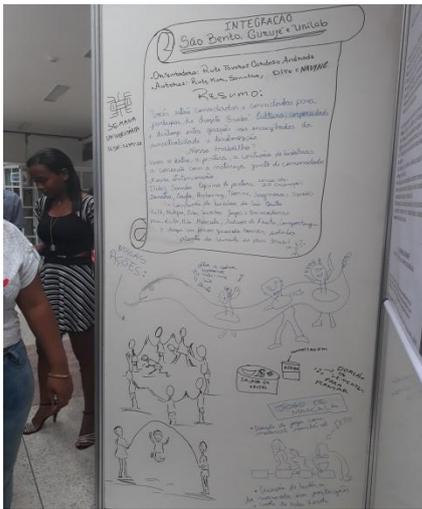


Yohanna Rosa, pesquisadora da Mulherisma Africana e da Espiritualidade de raízes yorubá no Candomblé queria fazer uma intervenção para o dia da Mulher Negra, Latino-Americana e Afrocaribenha.



Ainda tinha tinta do projeto e na Unilab sempre encontramos mãos artistas, poéticas. A poesia foi de Kátia Regina, desenho de Jamile Santana, grafite de Duarte. Com várias mãos em todo processo. Diego e Priscila presentes.

PARTICIPAÇÃO NA SEMANA DO CONHECIMENTO UNILAB



Nossa apresentação na modalidade Banner construiu o Banner com uma intervenção, visto que a impressão deste material varia entre trinta e setenta reais. Não houve quem sabia e quem não sabia desenhar. Todos e todas são artistas.

PARTICIPAÇÃO NO IV ENCONTRO DA REDE NATO DE TEATRO DO OPRIMIDO



Oportunidade de rever pessoas, de conhecer as Madalenas Anastácias, de fazer uma oficina de Teatro do Oprimido Samba de Bumbo e Ancestralidade. Tentamos articular transporte, com os esforços de Mia organizadora do evento, da coordenadora Rutte, mas não foi possível o ônibus da Unilab por questões burocráticas.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA COMUNIDADE DO BATE FACHO



Essa foi a primeira atividade que permitiu a pesquisadora do Projeto, Mariele, voltar ao contexto escolar. Em meio ao que lhe fez pedir demissão de uma escola, em meio a menstruação e choros foi preciso homenagear uma avó Dona Clemilda que construiu a creche e tem saberes tradicionais na comunidade Bate Facho (Salvador). A mesma história em Minas se repetia na Bahia: protagonismo da mulher ligada ao respeito à terra e cuidado do coletivo. Montar a cena em uma noite para apresentar no outro dia de manhã, só foi possível com apoio emocional de Ângela, Gil, Marilene e Fortes.

VIVÊNCIA DE TEATRO DO OPRIMIDO NO MONTE RECÔNCAVO

Com a oportunidade de voltar ao contexto escolar, de uma escola na comunidade quilombola Monte Reconcavo, fizemos mudas de baobá, contação da história “Tio Flores” (em anexo na Apotila Saberes do Chá) e oficina de Teatro do Oprimido. I Encontro de comunidades Quilombolas da Unilab, organizada pela professora Eliane Costa, Mighian Danae e Rafael Butti.

PLANTIO COM ANA MOÇA

Plantamos batata, aipim, quiabo, abacaxi, mamão, caju, abacate com a mestra Ana Moça e seu companheiro Edivaldo, durante encontros na Roça de Cascavél, São Francisco do Conde.

CONSTRUÇÃO DE VIVEIRO NA UNILAB COM AGRICULTORES DA BAIXA FRIA

Aprendemos com Izabela, da comunidade quilombola de Acupe, que plantar árvores é um ritual de luta e de luto. Na sua comunidade, localizada no Recôncavo Baiano, quando uma pessoa escravizada era assassinada, as pessoas plantavam uma bananeira e desta tradição se originam várias celebrações e manifestações espirituais. Na UNILAB, em memória às vítimas da mineração afetadas pela vale em Brumadinho, desenvolvemos um viveiro para produzir 400 mudas e arborizar o bairro da Baixa Fria em parceria com munícipes. Esse saber do plantio, estará presente nas apostilas do Baobá.

ENCONTRO DAS BAOBÁS

Grupo de Pesquisa que se encontra quinzenalmente na UNILAB com foco na leitura de autoras negras do continente africano e da diápora. Cabe ressaltar que a segunda linha do Projeto Baobá, dedicada a ouvir um repertório cultural que está a nossa volta, é enriquecida com as pesquisas de:

- Kakaih Machado, livro Parto (2018), meditação, teatro e poesia.
- Dona Joca, TCC: Essa é a minha filosofia.
- Sanatra, TCC sobre o teatro comunitário e educação, principal mobilizadora para o Baobá.
- Nadyne Nascimento Neves, TCC sobre seletividade e racismo no Sistema Penal. Nadyne apoiou na estrutura de todas as oficinas e a partir do seu

envolvimento com a Comunidade do Gurugé é que construímos a proposta de trocas entre comunidades.

- Jamile dos Santos Reis, TCC vinculado ao Projeto “Preta vem de Bike”, visando unir mulher negra e bicicleta para luta de acesso à cidade, ocupação de espaços públicos, espiritualidade e irmandade entre pretas.
- Geisla, TCC sobre cura através de plantas medicinais e círculos de mulheres.
- Lalá, TCC sobre Jongo, mulher negra brincante, que organizou a ida à Casa do Boneco, possibilitando o contato de alguns estudantes da Unilab com a Pedagogia envolvendo um Caruru e sendo um divisor de águas para pesquisas e modos de vida de várias pessoas que participaram do evento.
- Erica, TCC sobre genocídio da população negra, que pode ser compartilhado na mesa de lanches da Unilab, onde existe muito mais do que um café.
- Lorena, TCC sobre empregadas domésticas, sendo sua mãe e avó mestras que nos ensinaram via telefone, receitas e saberes tradicionais.
- Dito, TCC sobre o crioulo guineense enquanto manifestação cultural e de resistência frente às imposições da língua portuguesa e do colonialismo.
- Edmilson, TCC sobre justiça ambiental, irmão que presenteou o Projeto com uma enxada de cabo de goiaba e desenvolve trabalhos de recuperação de solos (incluindo solos humanos) com moringa e capim vetiver.
- Lêda, TCC sobre heranças de Guiné Bissau no Maranhão, além de discussões sobre lgbtqfobia, culturas indígenas no Pará, Tocantins, Maranhão
- Silvia Diana Bispo Ferreira, discussões sobre genocídio da população negra.
- Fabiana Gelard, TCC entre Muros e Murais, mãe e pedagoga 24 horas por dia.
- Mada intelectual, trans, pedagoga e Bruna mestranda e irmã tatuada.
- Ian, TCC que leva desde Nietzsche até vivência de homossexuais em São Francisco.
- Anderson, TCC que é uma análise da Guerra às Drogas
- Filipe Bubba e Juciane me ensinam crioulo, canto e violão

- Edu, criança que é a própria fonte pesquisas e de afrocentricidades.
- 4k, Canal no youtube *Preto Disgraça*, poeta, rapper, jovem negro.
- Naiane de Jesus, mulher negra quilombola do Dom João que só podia ser do São Bento ao criar livros de histórias tradicionais com crianças e jovens, ser mãe e pesquisadora universitária de territórios falante
- Aline que com a força do asè luta pela construção da Unilab e pelo bem de suas famílias.
- Raíne, Yohana e Cátia mulheres negras com experiências poéticas, teóricas e de vida.

ANEXOS

5 PROJETO DE PESQUISA

Este Projeto de Pesquisa foi escrito no 2º Semestre de 2018. Até então contávamos com cerca de 27 pessoas no Baobá. Iniciamos o ano de 2019 com outra configuração de grupo. Tivemos uma sobrecarga para fechar cada ciclo de atividade proposta, dependente de doações da própria comunidade acadêmica e de munícipes.

Trazemos no Anexo deste TCC o Projeto encaminhado ao setor de extensão da Unilab, pela dificuldade que tivemos em construí-lo. Falta uma política nas universidades que esteja disposta a ensinar a comunidade acadêmica como escrever Projetos e pleitear espaços de bolsas e financiamentos de Pesquisa. No período do Edital de Arte e Cultura (PIBEAC), nos vimos na mesma situação de muitos estudantes – com vontade de nos inscrever em um Programa de financiamento, sem saber ao certo como lidar com Formulários de Projetos.

Realizamos um almoço coletivo na comunidade do São Bento para pensarmos este Baobá e a escrita, infelizmente, foi elaborada em um prazo mínimo por duas pessoas Profa. Dra. Rutte T.C. Andrade e Mariele C. Conceição. Com o indeferimento no edital e as dificuldades financeiras pelas quais passamos enquanto estudantes, assistimos o desligamento de duas das principais voluntárias do Projeto, que muito contribuíram para realizar ações e que estariam na frente de dois dos três planos de trabalho.

O BHU é um curso que possibilita a pretas e pretos ter uma atuação na área de Humanidades. Mas como podemos nos referenciar em editais considerando a escrevivência e o afoperspectivismo? Será que conseguimos nesse Projeto de Extensão compartilhar o debate teórico do capítulo anterior?

Pretendemos reformular este documento com mais tempo, cadastrá-lo com uma escrita coletiva que beneficie todo o grupo academicamente e corrigir erros para tentar financiamento.

Título: Baobá: afeto e cultura nas encruzilhadas da ancestralidade e descolonização.

Palavras-Chaves: Afroperspectivismo - Saberes Tradicionais – Interseccionalidade – Mulheres negras — Teatro do Oprimido

Número de Componentes da Equipe da Ação de Extensão								
DOCENTES	ESTUDANTES				TÉCNICOS-ADMINISTRATIVOS	OUTRAS	COMUNIDADE EXTERNA	TOTAL
	Graduação (Bolsistas)	Graduação (Voluntários)	Colaborador Interno					
			Graduação	Pós-Graduação				
1		21	21		1		4	27

5. Área (s) de Conhecimento Envolvida (s)

<input checked="" type="checkbox"/> Ciências Exatas e da Terra	<input type="checkbox"/> Ciências Biológicas
<input type="checkbox"/> Engenharia/Tecnologia	<input checked="" type="checkbox"/> Ciências da Saúde
<input type="checkbox"/> Ciências Agrárias	<input checked="" type="checkbox"/> Ciências Sociais
<input checked="" type="checkbox"/> Ciências Humanas	<input checked="" type="checkbox"/> Linguística, Letras e Artes

6. Área Temática

Área Principal (Selecione apenas uma opção)	Áreas Secundárias (Selecione apenas uma opção)
--	---

<input type="checkbox"/> Comunicação	<input type="checkbox"/> Comunicação
<input checked="" type="checkbox"/> Cultura	<input type="checkbox"/> Cultura
<input type="checkbox"/> Direitos Humanos e Justiça	<input checked="" type="checkbox"/> Direitos Humanos e Justiça
<input type="checkbox"/> Educação	<input type="checkbox"/> Educação
<input type="checkbox"/> Meio Ambiente	<input type="checkbox"/> Meio Ambiente
<input type="checkbox"/> Saúde	<input type="checkbox"/> Saúde
<input type="checkbox"/> Tecnologia e Produção	<input type="checkbox"/> Tecnologia e Produção
<input type="checkbox"/> Trabalho	<input type="checkbox"/> Trabalho

7. Linhas de Extensão

<input type="checkbox"/> Alfabetização, leitura e escrita	<input type="checkbox"/> Desenvolvimento tecnológico
<input type="checkbox"/> Educação profissional	<input type="checkbox"/> Desenvolvimento de produtos
<input checked="" type="checkbox"/> Formação de professores	<input type="checkbox"/> Inovação tecnológica
<input type="checkbox"/> Espaços de ciência	<input type="checkbox"/> Propriedade intelectual e patente
<input type="checkbox"/> Línguas estrangeiras	<input checked="" type="checkbox"/> Metodologias e estratégias de ensino/aprendizagem
<input type="checkbox"/> Tecnologia da informação	<input checked="" type="checkbox"/> Infância e adolescência
<input checked="" type="checkbox"/> Jovens e adultos	<input checked="" type="checkbox"/> Terceira idade
<input type="checkbox"/> Turismo	<input checked="" type="checkbox"/> Temas Específicos/Desenvolvimento Humano
<input checked="" type="checkbox"/> Artes cênicas	<input type="checkbox"/> Saúde animal
<input type="checkbox"/> Artes integradas	<input type="checkbox"/> Saúde humana
<input checked="" type="checkbox"/> Artes plásticas	<input type="checkbox"/> Saúde da família
<input type="checkbox"/> Artes visuais	<input type="checkbox"/> Saúde e proteção no trabalho
<input type="checkbox"/> Mídias-artes	<input type="checkbox"/> Endemias e epidemias
<input type="checkbox"/> Mídias	<input type="checkbox"/> Fármacos e medicamentos
<input type="checkbox"/> Música	<input type="checkbox"/> Esporte e lazer
<input type="checkbox"/> Patrimônio cultural, histórico e natural	<input checked="" type="checkbox"/> Segurança alimentar e nutricional
<input type="checkbox"/> Comunicação estratégica	<input type="checkbox"/> Uso de drogas e dependência química
<input type="checkbox"/> Jornalismo	<input checked="" type="checkbox"/> Segurança pública e defesa social
<input type="checkbox"/> Desenvolvimento regional	<input checked="" type="checkbox"/> Questões ambientais
<input type="checkbox"/> Desenvolvimento urbano	<input type="checkbox"/> Recursos hídricos
<input type="checkbox"/> Desenvolvimento rural e questão	<input type="checkbox"/> Resíduos sólidos

agrária	
<input type="checkbox"/> Emprego e renda <input type="checkbox"/> Empreendedorismo <input type="checkbox"/> Gestão do trabalho <input type="checkbox"/> Gestão informacional <input type="checkbox"/> Gestão institucional <input type="checkbox"/> Gestão pública <input checked="" type="checkbox"/> Organizações da sociedade civil e movimentos sociais e populares	<input checked="" type="checkbox"/> Direitos individuais e coletivos <input checked="" type="checkbox"/> Grupos sociais vulneráveis <input type="checkbox"/> Pessoas com deficiências, incapacidades e necessidades especiais <input type="checkbox"/> Estilismo

10. Município(s) que será(ão) beneficiado(s) com a Ação de Extensão (*insira o número de linhas que julgar necessário*):

São Francisco do Conde

Candeias

Santo Amaro

Pilar

Belo Horizonte

Brasília

São Paulo

Bissau (Guiné Bissau)

Praia (Cabo Verde)

Luanda (Angola)

11. Identificação do (s) Local(is) de Realização da Ação de Extensão

Instituição	Endereço
Escola Três Marias	São Bento / São Francisco do Conde – BA
Intervenções Artísticas e Públicas	Diversos Locais

13. Público Alvo

Tipo de Público	Caracterização ¹	Número previsto ²
Comunidade Externa ²	Contempla crianças, jovens, pessoas adultas e mais velhas	Mínimo de 40 pessoas por

		habitantes do Recôncavo Baiano e também o diálogo com os grupos de Teatro do Oprimido e pessoas em outros estados brasileiros e países africanos (como Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Senegal, Guiné Bissau, Cabo Verde e Angola).	apresentação pública
Comunidade Interna	Discente	Contempla jovens, pessoas adultas e mais velhas estudantes da Unilab, Campus Malês e Campus Liberdade, visto que temos um membro do grupo de teatro do Oprimido de Angola estudando no Ceará.	21
	Docente	Contempla a equipe de profissionais com pesquisas e produções nas áreas de relações étnico raciais, arte, educação e direitos humanos, saberes tradicionais.	
	Técnico-Administrativo	Ao longo do Projeto, buscaremos parcerias com Técnicos ligados à manifestações culturais na região reconhecendo seus saberes e conhecimentos	1
	Terceirizados	Ao longo do Projeto, buscaremos parcerias e ações com a equipe de funcionárias da Unilab, majoritariamente negra, responsável pelo cuidado diário com a comunidade docente e discente e também detentora de	1

		conhecimentos de matriz ameafricana.	
Total de participantes estimados:			

14. Resumo da Ação (até 1.500 caracteres com espaço)

Temos como proposta de pesquisa o aprendizado de sete saberes tradicionais com mestras de saberes do Recôncavo Baiano e de Minas Gerais: 1) Chás; 2) Plantio; 3) Barro; 4) Culinária; 5) Costura; 6) Artesanato; 7) Oralidade (histórias, canções, ditados e provérbios). Buscamos também a construção de um repertório cultural que valorize os conhecimentos de estudantes da Unilab, principalmente as pessoas envolvidas nesse projeto, pois um coletivo carrega consigo histórias, canções, e estratégias de resistência dentro de uma cosmo-sensação amefricana.

O conceito de Amefricanidade proposto pela intelectual negra Lélia González (1988), considera que é preciso mencionar as heranças, ativismos e raízes de dois continentes África e América Latina. Compreender o contexto comum entre estes dois continentes, compreender as matrizes culturais de africanos do continente, da diáspora latino americana e de povos indígenas, amplia a definição de cosmovisão (estar no mundo tendo a visão como eixo norteador), para reconhecer modos de ser que atravessam um eixo sulizador (FREIRE, Paulo:1992), ou seja, modos de vida que envolvem outros sentidos não ancorados na racionalidade, na objetividade, mas em cosmo-sensações (Oyèrónké Oyèwùmí apud MEINERZ & PEREIRA:2018).

O aprendizado de ofícios tradicionais e de uma bagagem cultural, caminha na perspectiva de contribuir para a formação humana, profissional e pedagógica que vise aplicar as Leis 10.639/03, 11.645/08 na educação básica. Nosso foco é a atuação em comunidades negras. Dado o histórico de colonização e genocídio que configuram o racismo estrutural, entendemos que, para além de trocas culturais, existe a necessidade de fala e escuta de opressões que acompanham os sujeitos da pesquisa e a equipe do Projeto. O Estado e suas instituições exercem (o)pressões dentro de um sistema voltado à competição, aquisição de emprego e diplomas, sem muitas vezes se questionar sobre a condição social, a fome, o impacto do racismo, da lgbtqfobia, discriminação etária, gordofobia, do epistemício, da intolerância religiosa que afeta a população.

A necessidade de fala e escuta das opressões está diretamente ligada as reflexões sobre o amor presentes em bell hooks (2000). Quando bell hooks apresenta que comunidades negras possuem um histórico de opressão e essa trajetória impacta diretamente nas possibilidades de afeto, entendemos o teatro do oprimido como um elo para realizar as ações aqui propostas com afetos, compreendendo que existem demandas nas comunidades onde atuaremos, sendo também um aprendizado a criação de redes de apoio entre universidade – movimentos sociais – instituições públicas de educação, saúde e justiça.

Precisamos alcançar um aprendizado de saberes tradicionais com mulheres amefricanas, sem deixar de lado o reconhecimento de nossas Oportunidades, Fortalezas, Fraquezas e Ameaças. Cabe ressaltar que oprimidas e oprimidos são aquelas pessoas violadas em seus direitos, mas que não se apresentam enquanto “deprimidos”: Criam estratégias de enfrentamento tendo um papel fundamental para libertação humana (AKBAR, Na'im: 1984).

Aprender sobre um chá, sobre o barro, está além do chá e do barro. Esse aprendizado envolve o autoconhecimento, a auto-estima, o espírito da intimidade (SOMÉ, Sobonfu:2003), a cultura, a oralidade, o diálogo entre gerações, a crítica ao eurocentrismo na educação, a descolonização e o afroperspectivismo. Os saberes tradicionais também ampliam as possibilidades de atuação com teatro do oprimido se identificamos o potencial de cura envolvido na internalização de princípios da natureza e o contato com a mãe terra.

Saberes tradicionais são entendidos aqui na perspectiva da pesquisadora indígena Creuza P. Krahô: “(...) os saberes estão com os sábios: os/as chefes da casa, pajés, cantores/as, mensageiros, chamadores, corredores. Os jovens precisam se interessar em buscar o conhecimento junto com os sábios e os professores devem ser incentivadores desse processo.” (...)“Nesse movimento da comunidade, cada família sempre participa da construção dos saberes, cada uma construindo atividades cotidianas.”(...) “saberes são “jeitos de viver das mulheres que mantêm o movimento da vida (...)” (KRAHÔ, Creuza Prumkwyj: 2017 Págs. 13 e 115).

15. Objetivos

- Construir bagagens pessoais, profissionais e pedagógicas a partir da troca de saberes e fazeres com comunidades negras, em especial, mulheres negras americanas.
- Elaborar um currículo escolar afrocentrado com base nos saberes tradicionais.

Objetivos Específicos

- Valorização dos conhecimentos de mulheres negras americanas e de sua participação política, cultural e histórica.
- Aprendizagem de sete saberes tradicionais para construção de uma pedagogia afrocentrada.
- Criação de redes de apoio e pesquisa da Unilab com outras Universidades, movimentos sociais, comunidades negras e instituições públicas de educação, saúde e justiça a partir do Teatro do Oprimido e da apresentação de demandas por parte das comunidades envolvidas, bem como da equipe de trabalho.
- Criação de site, de apostilas e materiais audiovisuais para compartilhar os aprendizados e práticas de trabalho

16. Introdução (de 1000 até 8.000 caracteres com espaço)

Com o núcleo de Teatro do Oprimido que formamos na Unilab, construímos um grupo formado por estudantes e comunidade externa. Apresentamos uma peça Teatral no Festival Internacional Teatro do Oprimido e Universidade (Salvador). O espetáculo que construímos trazia quatro histórias de opressão que levantaram demandas de atuação solidária em São Francisco do Conde e Candeias. Histórias sobre o aborto, o racismo, a transfobia, o assassinato de um jovem negro.

Essas histórias partiram de relatos vivenciados direta ou indiretamente pelas pessoas que compuseram o grupo que participou da oficina. Outra ação do núcleo, em parceria com o Coletivo Andanças (Profa Elízia C. Ferreira) foi trazer para São Francisco do Conde o Grupo Marias do Brasil, primeiro grupo de Teatro do Oprimido do Brasil, formado por empregadas domésticas. As Marias apresentaram uma peça

teatral na comunidade quilombola Porto Dom João, em um encontro que contou com a presença das ganhadeiras de Itapuã, do mestre de samba Seu Régis.

Identificamos como demanda nesse processo: 1) aprender sobre raízes e resistências com mulheres negras. E para isso acredita-se que é preciso criar momentos de integração entre Unilab e comunidades negras do Reconcavo Baiano. 2) reconhecer o repertório cultural presente na comunidade acadêmica da Unilab, com experiências de resistência e matrizes amefricanas de conhecimentos. 3) As denúncias de opressão que surgiram nas oficinas podem ser encaminhadas, acompanhadas e estudadas por graduandos e graduandas que desejam conhecer os mecanismos de acionamento das estruturas públicas de proteção à vida e aos direitos humanos, criando assim uma rede de solidariedade e integração da Unilab com movimentos sociais e estruturas públicas de educação, saúde e justiça.

A partir da identificação dessas demandas, o Projeto Baobá é importante para reconhecer o protagonismo de mulheres, jovens negros, mestras de saberes, estudantes trans, poetisas que compõe o grupo. Quando estas pessoas podem ter o incentivo de criar encontros a partir de seus recortes específicos de pesquisa e multiplicarem as artes dentro da possibilidade de aprender com comunidades negras caminhamos para a efetivação do Projeto Pedagógico da Unilab.

Cabe ressaltar que uma denúncia de racismo, está ligada à macro relações de opressão. De acordo com o pesquisador Hélio Santos, “Segundo o Banco Mundial são cerca de 11 milhões de jovens na faixa etária de 15 a 29 anos e que raramente rompem o gargalo do ensino médio. (...) Hoje, a manutenção mensal de um presidiário está em torno de 2.400 reais. Já a manutenção anual de um jovem estudante do ensino médio é de 2.200 reais.” (SANTOS, Hélio:2018) Refletir e atuar contra o encarceramento e contra o genocídio da população negra que atinge 63 jovens negros por dia, cerca de 23 mil jovens por ano é uma opressão que identificamos como pré-requisito antes de falarmos em aprendizagem de saberes tradicionais.

Em contextos pedagógicos, profissionais, ou pessoais, os estudantes que compõe este projeto podem voltar a se deparar com a questão do racismo, e também ter de atuar frente a casos como a gravidez precoce e/ou aborto. Sabemos que a experiência de um aborto e suas consequências emocionais, não é um caso isolado de um Mini Curso de Teatro.

“Cerca de 503 mil mulheres entre 18 e 40 anos interromperam gestações em 2015, de acordo com as estatísticas da Anis, referência global no estudo dos direitos reprodutivos femininos, embora algumas organizações estimem que o número passe de 1 milhão”, Portal Geledés -Instituto da Mulher Negra em 27/08/2018. Ainda no mesmo site, encontramos dados sobre a violência à mulher: “Quase dez mil mulheres foram vítimas de feminicídio ou tentativas de homicídio por motivos de gênero nos últimos 9 anos, segundo levantamento da Central de Atendimento à Mulher, o Ligue 180. Desde 2009, a central registrou denúncias de morte de pelo menos 3,1 mil mulheres e outras 6,4 mil foram alvo de tentativa de assassinato. Na última década, o pico de registros ocorreu em 2015, ano em que o feminicídio foi incluído no Código Penal brasileiro como qualificador de homicídio e no rol de crimes hediondos. Naquele ano, a central recebeu 956 registros de assassinatos de mulheres, contra 69 mortes apontadas no ano anterior.

O número de denúncias, entretanto, está muito aquém das ocorrências de feminicídio. Segundo o Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde, só em 2016, cerca de 4.635 mulheres foram mortas por agressões, uma média de 12,6 mortes por dia. A secretária nacional de Mulheres, Andreza Colatto, explica que ainda há subnotificação de denúncias e alerta que muitos casos de assassinato de mulheres poderiam ser evitados. “Quando nós interrompemos um ciclo de violência contra uma mulher por meio de uma denúncia simples salvamos muitas vidas” (BRITO,Débora:2018).

Se os dados relacionados ao feminicídio precisam de mais Pesquisas, e de mais campanhas de enfrentamento à violência contra a mulher, os casos e as estatísticas em relação à transfobia encontram-se em estágio mais incipiente. De acordo com o mais recente Relatório de Violência Homofóbica no Brasil, referente a 2013, é possível observar que os dados oficiais sobre a violência contra a comunidade LGBT não são fiéis ao que acontece no Brasil. Naquele ano, foram registrados apenas 26 homicídios motivados por homofobia e transfobia. No mesmo período, o Grupo Gay da Bahia contabilizou 312 mortes por essa razão, segundo notícias colhidas pela associação. (Huffpost Brasil:2018).

Academicamente, podemos contribuir com esta ação de extensão registrando nos processos de trabalhos e oficinas teatrais, as metodologias encontradas para o combate às opressões e construção da identidades ligados à princípios da afrocentricidade:

- 1) centralidade da comunidade;
 - 2) respeito à tradição;
 - 3) alto nível de espiritualidade e envolvimento ético;
 - 4) harmonia com a natureza;
 - 5) natureza social da identidade individual;
 - 6) veneração dos ancestrais;
 - 7) unidade do ser.
- (In: NASCIMENTO, Beatriz (org), MAZAMA: 2009, Pág. 117).

Levamos em conta, a partir do princípio da ética no Teatro do Oprimido que existem realidades que podem pertencer somente há um processo interno de trabalho e que não poderão ser apresentadas publicamente, externamente em comunidades. Por vezes, a demanda de um projeto que multiplique o teatro do oprimido pode ter um desdobramento de apresentação em outra linguagem artística como uma exibição de filme, contação de histórias, oficina de pintura, plantio, rodas de conversa e não propriamente a partilha das histórias relatadas em oficinas de teatro do oprimido.

Os conhecimentos de mulheres amefricanas, os saberes tradicionais, dentro de cosmosensações se inserem nesse processo de combate à opressões como conhecimentos de cura, uma vez que a experiência de vida de uma mestra de saberes pode conter estratégias de resistência à opressões comuns. E a conexão com a terra, com os saberes tradicionais, o aprendizado de chás e do autocuidado dialogam com processos de autovalorização, de valorização de identidades negras.

O nome do Projeto -Baobá- foi escolhido por uma criança cabo-verdiana, Edu que em sua experiência enquanto negro, africano carrega inúmeras contribuições para o Projeto que vão desde as formas de brincar, perpassando pela formas de comer uma semente baobá, de fazer uma comida, de criar uma bandeira da afrocentricidade e atuar nos espaços de forma a contribuir para o enfrentamento ao racismo, à adultofobia, reconhecendo que nós adultos, temos muito a aprender com os mais novos e com as mais velhas. Edu, as crianças do Monte Recôncavo, do São Bento e Gurugé são vozes que modificam nossas epistemologias e pedagogias, principalmente, se as ouvirmos por meio de afetos, brincadeiras, transmissão de saberes e da oralidade.

No evento realizado em agosto de 2018, “Mulheres Árvore-sendo Raízes Negras”, uma das empregadas domésticas, atriz do teatro do oprimido Iza, mestra de saberes, muito contribuiu para construir o fortalecimento de comunidades negras que a escutaram na Comunidade Quilombola Porto Dom João. Hoje ela já não se

encontra mais no plano terreno. E aí está a importância de conhecer as mais velhas, aprender com elas. Quando falamos de diálogo entre gerações e ancestralidade, a árvore é um dos símbolos principais das culturas africanas e tradicionais, é também símbolo do teatro do oprimido. O Baobá pode ser destacado dentro do modo de vida afrobrasileiro. Dentre as suas várias significações, nas culturas de matriz yorubá, esta árvore surge “surge como o princípio da conexão entre o mundo espiritual e o mundo material”. (Intercom:2011)

17. Referenciais Teóricos (de 2.500 até 15.000 caracteres com espaço)

Temos como referencial teórico para compreender histórias e fazeres de mestras de saberes a teórica bell hooks (2000), trazendo foco para o conceito de amor, reflexões sobre o afeto em comunidades negras diante de contextos de colonização e escravização. Seguida de bell hooks, temos como base o acesso às teorias de Thereza Santos, Avelin Kambiwá (por meio de palestras na internet), e a tese de doutoramento de Sueli Carneiro (2005), “A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser.

As referências, que nos ensinam maneiras de chegar até essas mulheres com quem vamos aprender ofícios, são Sobunfu Some (2003), “O espírito da Intimidade”. Neste livro, teremos a partilha de filosofias africanas do povo Daagara que ampliam conceitos de família e coletividade, fundamentais para criar laços não só de pesquisa, mas de amizade com as comunidades onde estaremos presentes. Sentir os sujeitos do grupo e da pesquisa é parte das teorias de Oyèrónké Oyèwùmí, levando destaque para o conceito de cosmosensações que amplia o significado do termo cosmovisão de maneira que podemos estar e ler o mundo tendo a visão acompanhada de outros sentidos como constituintes das relações (Oyèrónké Oyèwùmí apud MEINERZ & PEREIRA:2018).

Para a crítica ao eurocentrismo, a colonização e hierarquização dos saberes, temos como principal fonte de referência Ricardo Benedicto (2016), seguido dos debates de Renato Nogueira (2010) sobre a descolonização dos currículos e de Na'im AKbar (1984) para uma matriz africêntrica de ensino e de pesquisas acadêmicas que representem os sujeitos pertencentes a matrizes negras de cultura, saber e conhecimento. A negação destes espaços se dá pela deslegitimação ou

anulação do Outro, provocando assim o que conhecemos por genocídio (Abdias do Nascimento) e epistemicídio (Boaventura Souza Santos).

O ensino e conhecimentos produzidos na oralidade, que constituem o foco da segunda linha de pesquisa estão fundamentados na tese de Alan S. Oliveira (2016). Para transcrever essas histórias, provérbios, canções, levaremos em conta o pretuguês, ou seja, os modos de falar das pessoas que carregam toda uma herança amefricana. Pretuguês e Amefricanidade são conceitos desenvolvidos por Lélia Gonzalez na década de 80, a amefricanidade, como apresentamos na introdução desse Projeto, amplia a percepção de comunidade negra ao incluir para além do afrodescendente, povos latino americanos de origens indígenas.

Nosso foco está em culturas e pessoas oprimidas, guardiãs de ciência, mas para chegar a essa ciência trabalharemos as opressões a partir da arte – Teatro do Oprimido- tendo como principais referências Augusto Boal e Bárbara Santos, esta última teórica, mulher negra e principal referência do Teatro do Oprimido atualmente. Teremos também como metodologia uma forma de trabalho (não publicada academicamente) que foi desenvolvida pela Professora Eliane Souza, no I Encontro de Comunidades Quilombolas da Unilab, a Metodologia FOFA. Nessa metodologia são levadas em consideração as Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças ao se construir um trabalho coletivo.

Nossa perspectiva de cultura é aquela apresentada por Cheik Anta Diop (BENEDICTO:2016), entendendo que a diversidade de grupos e de mestras faz parte de um berço comum, o berço Sul, cujas matrizes ligam o trabalho com a terra ao protagonismo feminino e à espiritualidade como filosofias de vida e modos de estar no mundo. Nesse sentido, existe aqui o suliamento de saberes (Paulo Freire, 1992) que consegue abrir espaço para dialogar e romper com o senso comum, preconceito e racismo da ciência euro-americana branca.

Temos como referenciais teóricos do Projeto, de um TCC e das apostilas de Troca de Saberes, cantoras, escritoras, avós, mães, mestres e mestras quilombolas, identificando que existe uma ciência na arte dessas pessoas. Podemos destacar como referências musicais, Mayra Andrade, Dominginhos, Preta Rara, 4k, MC Soffia, Maria Bethânia, Gilberto Gil, Grupo Ilumiara, o cancionista de lavadeiras como as Lavadeiras de Almenara, de Araçuaí, as quebradeiras de coco Babaçu, cantos de fé e trabalho, músicas tradicionais. Como referências de vida, Seu Badú, Dona Nilce, seu João e Giovana (Comunidade Quilombola Mato do Tição-MG), Dona

Joca (Comunidade Quilombola Porto Dom João- BA), Tantina, Dona Vera, Rose, Fátima, Dôra, Dona Geralda, Marielze, Dona Luzia, Seu Nônô, Teca Corujo, Severino, Dona Ana, Maria Viana, Dona Lúcia, Dona Raimunda, Dona Clarisse (MG), Dona Amélia, Ana Moça, Dona Kadú, Ângela Moreira, Dona Maria (BA). Como principais referências literárias, Eymard Toledo, Madú Costa, Conceição Evaristo, Paulina Chiziane.

18. Relação da Ação com a Sociedade (até 2.000 caracteres com espaço)

A primeira ação do Projeto Baobá que podemos destacar por reunir Teatro do Oprimido, Saberes Tradicionais, Repertório Cultural de membros do Projeto e a conexão com a terra internalizando princípios da afrocentricidade, foi a Troca entre as Comunidades do São Bento das Laje e Gurugé (São Francisco do Conde). Buscamos as histórias tradicionais da primeira comunidade e escolhemos teatralizar a história da cobra Xapoanã, bem como a história do Seu Zé de Lelinha (marisqueiro na região).

Juntamente à contação de história, fizemos oficinas de pintura e de jogos africanos construídos com material reciclável. Como alimentação, compramos frutas da feira, da agricultura familiar em Candeias. As cascas da fruta, foram trabalhadas na compostagem, e a semente de pau brasil, árvore presente no São Bento, ficou tanto para o jogo da mankala como para duas crianças responsáveis por plantar quando o adubo das cascas estiver bom para o preparo.

Mas para chegar a esse momento de Trocas com o Gurugé, o grupo do São Bento das Lajes, de idade diferenciada, passou por toda uma formação em Teatro do Oprimido, tendo a oportunidade de falar e trabalhar suas opressões, o enfrentamento ao racismo, o diálogo entre gerações, a auto-estima. Suas histórias foram escolhidas pelo tema: racismo em sala de aula. Com sonhos de serem atores e atrizes, apresentamos no Festival Internacional de Teatro do Oprimido na Universidade Federal da Bahia, sabendo que “ser humano é ser artista”.

Pesquisamos em vivências de Teatro do Oprimido, a diferença entre crime de racismo e injúria racial, entramos em contato com a Secretaria da Igualdade Racial do Estado da Bahia (SEPROMI) e tivemos a orientação de que é possível mobilizar um posto móvel para denúncias de racismo em cidades fora de Salvador. Estabelecemos parcerias com o grupo Marias do Brasil, caso seja preciso articular

um abaixo assinado em apoio a uma das comunidades de uma mestra de saber do Projeto. Encontramos o contato da rede de advogadas populares “Tamo Junta”, tomamos conhecimento de que existe um grupo de psicólogas negras na Bahia. Trabalhamos as trajetórias, opressões e autoestima de corpos negros para poder realizar trocas com outra comunidade.

Quando o grupo do São Bento foi para o Gurugé, neste momento já havia o fortalecimento possível para trocas porque tocamos em opressões e passamos por um processo de formação política e cultural. No momento em que levamos para cena a Cobra Xapoanã, Seu Zé de Lelinha, histórias que os adolescentes já conheciam em suas comunidades e as crianças já tinham dramatizado, já estávamos conscientes da cultura negra, dispórica e conseguimos plantar um Baobá, ou seja, o afeto e a cultura, considerando as encruzilhadas da ancestralidade e da descolonização.

Apesar de ainda faltar muito, para atender demandas, nos esforçamos ao máximo. Aprendemos como produzir provas para comprovação de denúncias de racismo. A ter um repertório de respostas para frases racistas que constantemente são ditas e ferem as pessoas. Dando esse giro de dentro para fora e de fora para dentro. Conhecendo nossos direitos, lutas e conquistas; pessoas e culturas de outros países, estados, cidades, sempre valorizando aquelas que estão dentro de casa, na comunidade onde moramos.

Cada ação do Projeto terá um desenho, uma configuração diferenciada. Descrevemos o exemplo acima para pontuar a nossa relação com a sociedade, que significará Troca de Saberes, promovendo os princípios da filosofia africana Kwanza. União (Umoja), Autodeterminação, responsabilidade (Kujichagulia), Trabalho Coletivo (Ujima), Economia Cooperativa (Ujamaa), Propósito (Nia), Criatividade (Kuumba), Fé (Imani).

19. Relação da Ação com as Diretrizes da UNILAB e o PPC do Curso (até 2.500 caracteres com espaço)

A ação tem relação direta com o projeto do curso de Pedagogia, Ciências Sociais e também com a diretriz e a missão da UNILAB, que privilegiam o contexto da interiorização, o recôncavo e as suas manifestações e, igualmente, os valores

epistemológicos referenciados nos legados africanos e negro-brasileiros, conforme a Lei 11.645/2008 e diálogo África /diáspora.

20. Metodologia / Atividades da Ação (de 1.500 até 5.000 caracteres com espaço)

A metodologia será dinâmica e processual, nos encontros semanais, terá como eixo sulizador o conhecimento oral perpassado pela ancianidade e ancestralidade. Em outras palavras, o caminho metodológico será aquele tradicionalmente transmitido por mulheres amefricanas que vão compartilhar saberes e fazeres e pelo teatro do oprimido, no contexto da UNILAB, encruzilhado com as disciplinas históricas renovadas pela Lei 11.645/2008. Teremos dois encontros mensais e esses encontros serão articulados a partir das demandas do grupo (formação interna de multiplicadores) e das demandas do grupo com as comunidades externas envolvidas.

21. Atividades do Projeto de Extensão

ATIVIDADE	QUANTIDADE	TÍTULO DE CADA UMA DAS ATIVIDADES	MEMBRO RESPONSÁVEL
CURSO	Atividade Permanente	Aprendizagem de saberes tradicionais	Mestras e mestres de saberes
		Curso de Formação em Multiplicação do Teatro do Oprimido	Mariele
	A quantidade será estabelecida a partir da demanda de trabalho com tema.	O trabalho com jovens e adolescentes a partir do reconto, da dramatização e da escrita das histórias de suas comunidade.	Naiane
		Artes Visuais/Criolo de Guiné Bissau	Dito
		Artesanato	Sanatra
		Contaçon de Histórias/	Dito/Naiane/

		Mediação de Leituras/ Brincadeiras Tradicionais	Mariele/Saynara/Sanatra
		Violências de Gênero/Orientação Sexual/ Ativismos LGBTQIA/ Feminismo/Mulherismo	Rutte/ Nadine/ Apolo/Ana Mambela/Lorena/Mariele
		Rodas abertas para o público	Todo o Grupo
EVENTOS		Viagens para apresentação/formação	Todo o Grupo Revezamento da relatoria entre os membros do Grupo.
		Intervenções artísticas em espaços públicos	
		Relatório de Atividades e Atas das Reuniões	

23. Impacto (até 1.500 caracteres com espaço)

Na população atendida:

A população atendida receberá, como valor curricular e de identidade, o impacto e os efeitos positivos do teatro do oprimido e os princípios estruturantes da sistema cultural amefricanos. Neste universo e suliando o espaço universitário e a relação com o público do Recôncavo, não é demais dizer que o impacto maior ficará a cargo da relação dialética do teatro e seus nuances com o contexto específico das múltiplas opressões, a Lei 11.645/2008 e da UNILAB.

Na formação discente:

A formação dos discentes será enriquecida com os princípios estruturantes do teatro e com a sua história, lugar que possibilitará aprofundamentos da manifestação de modo específico e, no mesmo movimento, a compreensão e/ou estudos das

múltiplas opressões, da sua relação com o contexto social e histórico e busca de estratégias e caminhos para uma transformação social efetiva.

Para a Universidade:

A UNILAB, a partir do projeto em tela, tornará experiência cotidiana, em consonância com o curso de Pedagogia, Filosofia Africana, Educação, Sociedade e Cultura na Perspectiva da Descolonização. Na mesma ordem, a UNILAB trabalhará de modo efetivo para trazer para o sistema interno dos seus trabalhos não um discurso a respeito da aplicação da Lei, mas sim uma forma direta e cotidiana.

24. Avaliação da Ação – Instrumentos e indicadores(até 1.500 caracterescom espaço)

De processo (desenvolvimento das atividades planejadas):

O processo (projeto) será avaliado mensalmente. A avaliação contará com o uso de encontros e atas para registrar sugestões, processos de trabalho da Professora Coordenadora, dos participantes e da UNILAB no que concerne ao aprendizado, ao método e sua continuidade.

De resultado (alcance das metas planejadas):

O resultado esperado tem no centro a realização de teatro, o resgate e valorização dos princípios estruturantes dos sistemas culturais africanos do continente e da diáspora, a reflexão sobre as experiências de múltiplas opressões e lugar de não-ser vivenciados pelos corpos negros nas diversas esferas sociais. As aulas, cursos, eventos, oficinas e a sua execução serão contabilizados no rol das metas. A apresentação em público, participação nos eventos, rodas de saberes são outros lugares de referência no tocante aos resultados.

De impacto (transformação social):

A transformação social tem como ponto central a valorização do teatro do oprimido e sistema cultural afro-brasileiro, dos seus manifestantes e da articulação com os mecanismos pelos quais os processos educativos não formais e os formais, presentes na UNILAB, trabalharão a aplicação da Lei 11.645/2008. Outro dado fundamental, no tocante à dinâmica social, tem relação com a valorização da internacionalização. Por fim, a formação de novos atores e atrizes, no contexto dos países que compõem o projeto UNILAB, é ponto merecedor de destaque e divulgação.

25. Resultados Esperados (até 1.000 caracteres com espaço)

Aprendizagem de saberes tradicionais

Plantio de ervas medicinais, mudas de árvores

Apresentações artísticas em espaços públicos

Roda de saberes com a comunidade acadêmica e civil.

Produção de um artigo ou ensaio etnográfico sobre o teatro do oprimido.

Promover viagens aos estudantes integrantes do projeto para visitar alguns lugares históricos onde o teatro do oprimido deixou suas referências.

Promover atividades de teatro entre os estudantes e outras instituições.

Compartilhar Apostilas a partir de cada saber estudado.

Doação do material para Biblioteca da Unilab, divulgação em site específico do Projeto, tentativa de tradução dos principais documentos em braile.

26. Produtos Acadêmicos Esperados

Livro

Anais

Capítulo de Livro

Artigo

Comunicação

Manual

Relatório técnico

Textos completos

voltados para divulgação restrita

Produto audiovisual

Programa de Rádio

Produto artístico

inclui partituras, arranjos musicais, gravuras, textos teatrais, entre outros.

Outros - Especificar:

Apostilas didáticas

- [] Jornal [] Programa de TV
 [] Revista [] Aplicativo para computador
 [] Jogo Educativo

29. Recursos Empregados na Ação

DESCRIÇÃO	Unidade de Medida	VALOR	
		Unitário	Total
1. MATERIAL DE CONSUMO (material de expediente, material educativo esportivo, utensílios e outros)			
Pacote de Papel ofício A4 500 folhas	01	23,90	23,90
Caderno	20	5,40	108,00
Caixa de Lápis 72 unidades	01	39,80	39,80
Tela para Pintura	40	4,70	188,00
Tinta Guache 250 ml	30	5,40	162,00
Pincel Chato 3 Unidades	14	7,40	103,60
Rolo Escolar Espuma	10	2,80	20,80
<ul style="list-style-type: none"> Obs: Orçamento realizado no site da papelaria Kalunga www.kalunga.com.br. Subtotal: 			646,10
2. MATERIAL PERMANENTE (máquinas/equipamentos, mobiliário em geral e outros)			
Câmera Fotográfica	01	469,00	469,00
HD Externo 1TB	01	294,68	294,68
Impressora	01	699,00	699,00
Garrafa Térmica 1 Litro	02	24,90	49,80
Ebulidor	01	18,90	18,90
Projektor Led Uc46 Wifi Portatil Hdmi 130 Polegadas	01	369,99	369,99
<ul style="list-style-type: none"> Obs: Orçamento realizado no site Lojas Americanas www.americanas.com.br Subtotal: 			1,901.37
3. DIÁRIAS E PASSAGENS			
Santo Amaro (Ida e Volta. 2 pessoas. 2 vezes por mês) Ou verificar a possibilidade de Transporte via	08	7,00	56,00

Unilab duas vezes por mês para o encontro do Grupo de Extensão.			
Candeias (Ida e Volta. 3 pessoas. 2 vezes por mês) Ou verificar a possibilidade de Transporte via Unilab duas vezes por mês para o encontro do Grupo de Extensão.	12	6,40	70,60
Festival Latino Americano de Teatro do Oprimido em São Paulo (Diária e Hospedagem.) Verificar a possibilidade de Transporte via Unilab.	20	45,00	900
Santo Antônio de Jesus. Verificar a possibilidade de Transporte via Unilab.			
<i>Subtotal:</i>			1,026.6
4. OUTRAS DESPESAS			
Lanches para Eventos (1 Intervenção Artística Permanente - a cada 3 meses)	50	R\$12,50	R\$625,00 Mensal R\$2,500 Anual
Lanches para o Minicurso (Atividade Permanente -2 vezes por mês)	40	R\$5,00	R\$80 Mensal R\$960 Anual
Formação do Grupo com Artistas e Mestres de Saberes	05	R\$ 40,00	200,00
<i>Subtotal Anual:</i>			3.660,00
Custo Total			7,234.39

30. Distribuição Cronológica das Atividades da Ação

Atividades da Ação	MESES/ANO(S)											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Rodas de conversa (quinzenais)	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Oficinas teóricas e práticas (mensais)	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Curso de teatro	*	*	*		*	*	*		*	*	*	
Eventos (Mês da Mulher Negra Latinoamericana e Afrocaribenha; Mês da Consciência Negra)							*				*	
Eventos Permanentes em Comunidades a cada 3 meses (Período mínimo para uma oficina de teatro com 2 encontros mensais)				*				*				*
Simpósios, Colóquios, Semana Universitária, Festival das Culturas	A partir da demanda											

31. Plano de trabalho do estudante (bolsista/voluntário)

Plano de Trabalho 1 – Responsável:

Objetivos das atividades do bolsista na ação de extensão:

- Encontrar mestras de saberes
- Promover espaços para a aprendizagem de sete saberes tradicionais com mestras de saberes.
- Organizar Apostilas de Troca de Saberes e Escrita literária de histórias.

- Articular doação de mudas de árvore, plantas medicinais.
- Vivências de Teatro do Oprimido para formação de Multiplicadoras e Multiplicadoras.
- Vivências de Teatro do Oprimido para fortalecimento da afrocentricidade, construção da cidadania e direitos humanos.
- Relacionar a prática do teatro do oprimido com os saberes da terra, com a ancestralidade.

Metodologia do Plano de Trabalho

- A metodologia será dinâmica e processual, nos encontros semanais, terá como eixo sulador o conhecimento oral perpassado pela ancianidade, pela iniciação e ancestralidade. Em outras palavras, o caminho metodológico será aquele tradicionalmente transmitido pelo teatro do oprimido no contexto da UNILAB, encruzilhado com as disciplinas históricas renovadas pela Lei 11.645/2008.
- Teatro do Oprimido
- Metodologia FOFA
- Pretuguês
- Contação de Histórias

Resultados Esperados na Execução do Plano de Trabalho

- Aprendizagem de saberes tradicionais com mulheres negras americanas;
- Plantio e cuidado da comunidade com plantas medicinais;
- Roda de diálogos com a comunidade acadêmica e civil;
- Produção de um artigo ou ensaio etnográfico sobre teatro do oprimido;
- Promover viagens aos estudantes integrantes do projeto para visitar alguns lugares históricos;
- Promover eventos de teatro do oprimido entre estudantes integrantes do projeto e

outros grupos/instituições.

-Conclusão do Filme Capitãs em Flor, onde falta a edição de um material audiovisual de mestras de saberes da Comunidade do capitão Eduardo (MG).

Cronograma de Atividades do Estudantes	MESES/ANO(S) 2019											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Rodas de Conversa	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Oficina teórica e prática	*	*	*		*	*	*		*	*	*	*
Eventos				*			*				*	

Plano de Trabalho 2 – Responsável:

Objetivos das atividades do bolsista na ação de extensão

- Pesquisa sobre jogos e brincadeiras africanos e afrobrasileiros.
- Construção de um repertório da Oralidade – canções, histórias, provérbios e ditados nos países africanos e estados brasileiros que compõe a Unilab.
- Oficinas de construção de jogos e artesanato.
- Trabalho com a arte a partir do ofício da mariscagem, da culinária, do artesanato e da cultura existente na comunidade do São Bento.
-

Metodologia do Plano de Trabalho

- A metodologia será dinâmica e processual, nos encontros semanais, terá como eixo sulizador o conhecimento oral perpassado pela ancianidade, pela iniciação e ancestralidade. Em outras palavras, o caminho metodológico será aquele tradicionalmente transmitido pelo teatro do oprimido no contexto da UNILAB, encruzilhado com as disciplinas históricas renovadas pela Lei 11.645/2008.
- Afroperspectivismo: Transmissão de histórias, contos, provérbios, ditados em todo processo de trabalho.

Resultados Esperados na Execução do Plano de Trabalho

- Roda de diálogos com a comunidade acadêmica e civil;
- Produção de um artigo ou ensaio etnográfico sobre teatro do oprimido;
- Promover viagens aos estudantes integrantes do projeto para visitar alguns lugares históricos;
- Promover eventos de teatro do oprimido entre estudantes integrantes do projeto e outros grupos/instituições.

Cronograma de Atividades do Estudantes	MESES/ANO(S) 2019											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Rodas de Conversa	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Oficina teórica e prática	*	*	*		*	*	*		*	*	*	*
Eventos				*			*				*	

Plano de Trabalho 3 – Responsável:

Redes entre Universidade, Movimentos Sociais e Instituições de Direitos Humanos

Objetivos das atividades do bolsista na ação de extensão

- Registrar as denúncias e opressões relatadas nos processos de Vivências/ Minicurso/ Oficina.
- Possibilitar o contato de pessoas que passam por alguma violação de direito com movimentos sociais e instituições ligadas aos Direitos Humanos.
- Compartilhar por meio de produções acadêmicas os processos de ações concretas e continuadas, as estratégias encontradas pelo coletivo para promover o empoderamento e a conexão de pessoas oprimidas com grupos e instituições ligadas aos Direitos Humanos.

6. I TROCA DE SABERES DOS CHÁS - UMOJA

I Troca de Saberes dos Chás UMOJA (UNIDADE)

PROJETO CRESCER & PROJETO BAOBÁ

1. Histórias Recontadas em Canções Amefricanas
 - a) Tio Flores
 - b) Senhora das Folhas Embolando Palavras
 - c) Wangari Maathai

2. Saberes do Chá e da Terra
 - a) Parábola da Cooperação
 - b) Plantas, Chás, Cura e Fé
 - c) Cerrado
 - d) Princípios Ativos da Camomila
 - e) Tintura
 - f) Gota Digestiva Composta
 - g) Sabonete

3. Histórias Criadas ao Ouvir Mestras de Saberes
 - i) Dona Briulho
 - a) Poesia “Vamos Cuidar das Nossas Minas”
 - b) A Linguaruda
 - c) Stória di Mankala
 - d) História de Seu Zé Ave
 - e) O dia que virou noite com tremores

- f) Cachoeira cura bunda
- g) A menina que teimou com a Mãe Maré
- h) Seu João Alegria e o sapatinho cristal

4. Vivência de Teatro do Oprimido e Amefricanidades

- a) JITOU (Público diverso)
- b) Relatos de Oficinas

1. Histórias Recontadas em Canções Amefricanas

“Quem conta um conto aumenta um ponto”

Ditado que já ouvi de contadoras de histórias

a) Tio Flores (Adaptação do Livro Tio Flores)

Tio Flores era costureiro na cidade de Olhos d’Água. Seu maior companheiro era o sobrinho Edinho, que ficava todas as tardes na casa do Tio. Edinho sabia fazer bainha, pregar botão, cortar o tecido, Quando tinha tecido grande, Tio Flores falava assim: ô minino! Segura o pano firme e – *zuumm* – a tesoura ia lá longe. Edinho só não podia mexer na velha máquina de costura preta do tio que fazia assim: -cló, cló, cló, cló, clóqui- Dava pra ver o pé de tio flores no pedal, pra cima e pra baixo.

Logo cedo Edinho chagava na casa do Tio Flores e espiava ele fazendo barba no banheiro, com a toalha enrolada na bunda, cantando:

- “Sô custurêro, to custurâno. Sô custurero. Tô custurano. Se agulha quebrar eu vendo meu pano. Cê tá doido minino? Não eu tô é sambano. Tá doido minino? Não eu tô é sambano”.

Tio Flores tinha a voz forte. Gostava de café forte. E Edinho tomava café com leite. Ele ia para escola a tarde e voltava correndo, porque depois de fazer a lição de

casa seu Tio contava Histórias...As que Edinho mais gostava era aquelas que começava com a palavra “Antigamente”:

-“Ô minino! Antigamente sua mãe lavava roupa no rio. E falava: Ô Creunice, Olga já casô? Ah! Ó só minina. E cantava, cantava: Senhora Santana ao redor do mundo. Aonde ela passava deeeeexava uma fonte. Quando us anju passa bébe água dela. Ó que água tão doce ó siiiiinhora tão bela. Encontrei Maria na beira do rio. Lavano os panimho do seu bento fio. Os filho dos homi em berço doradu. E tu meu minino em paiás deitado. Calai meu minino calaaaaai meu amô. Qui a faka que corta não dá táí sem dor”. Maaaaarricota meu sabão caiu no rio....

E seu pai ficava olhando o sabão indo embora. Mas sua mãe nem podia saber que ele ficava rindo do sabão descendo correnteza abaixo. Ele ficava lá no mesmo rio que ela. Aliás, foi o rio que uniu os dois. Um dava aquela olhada pro outro. Depois a piscadinda. E depois nasceu você. Filho do Rio. Seu pai jogava a rede (-shuuuuuuuuuuuuuuuuuu) e pra puxar essa rede, prá puxar essa rede. Aí minino, me ajuda aqui que eu não posso imitar seu pai não. Era muito peixe. Dourado, lambari.

Mas teve um dia que a cidade de Olhos d’água mudou. Era môtorista de trator, môtorista de caminhão, motorista de escavadeira, môtorista de moto, môtorista de carro, môtorista de carroto. Aqueles homens de gravata e terno apertado que passam de carro preto, com a janela do carro fechada, vieram construir uma fábrica. E a casa do Tio Flores, que era toda colorida de tecidos com flores, foi ficando cada vez mais cinza.

Isso porque Tio Flores passou a costurar para fábrica. No início a fábrica iludiu todo mundo. Emprego. Edinho não gostava desse tal de emprego, porque a mãe dele ficava o dia todo na fábrica e ele só tinha o Tio para cuidar dele. Só que um dia, Edinho viu que Tio Flores não estava costurando mais. É que o telefone do Tio Flores tinha tocado:

- triiim, trimm. Ô seu Flores. Olha nós não precisamos do serviço do senhor! – Como assim? (perguntou seu Flores). Agora nós vamos comprar roupa da china. – Tú,tú,tú- O telefone desligou. Tio Flores ficou disolado. Decepcionado, sem saber porque uma roupa lá da China que tinha que vir de barco podia ser mais barata que a dele. A costura era terrível, a mãe de Edinho falava. Mas rasgava uma roupa, a empresa não consertava. Pegava outra roupa nova.

A costura era o emprego de Tio Flores, era o seu ganha pão. Sem emprego, Tio Flores decidiu levar Edinho para conhecer a cidade, sair um pouco de casa. Quando eles chegaram no Rio, Edinho levou um susto. Se a casa do Tio Flores era cinza, imagina o rio? O céu perto do Rio? O céu que recebia a chaminé da tal fábrica.

Apesar de nascer na cidade de Olhos d'Água, Edinho nunca tinha ido no Rio. Sua mãe dizia que lá era perigoso. Jogavam pessoas na água, sofá, cachorro. E Edinho não trocava a casa de Tio Flores por nada. Seu sonho era ser costureiro. Igual ao Tio. Então desde pequeno, Edinho não passeava pra longe. Brincava ali na rua mesmo. Ia na casa de um coleguinha. Mas a maior parte do tempo era trabalhando. Estudo também é trabalho. No meio do Rio, estava só o pai de Edinho. O pai batia forte no peito, dizendo:

“-Eu nasci pescador, vou morrer pescador”; “-Eu nasci pescador, vou morrer pescador”. Como o pai de Edinho também era filho do rio, ele não ia no rio só pra pescar. E vendo o rio, morrer, sem levar sustento para casa, ele desaguava na bebida. Ia pro bar. Chegava tonto em casa. Cheirando a álcool. A mãe que era de fato quem trazia dinheiro pra casa decidiu separar porque as brigas estavam muitas. “-Saí desse rio sua peste. Você não traz nem um lambarzinho frito pra casa, não cuida de Edinho”.

Já fazia tempo que Edinho queria falar um segredo pro Tio. E depois daquele dia do rio foi só chegar na casa de Tio Flores que ele pegou uma caixa secreta. Quando Edinho abriu a caixa, saíram tantas cores que parecia um tesouro. “-Olha Tio Flores. Eu pegava todos os retalhos das roupas coloridas que a gente costurava, porque quero ser como você quando eu crescer, um grande costureiro!”. Vamos vender cortina Tio Flores?

“Ôooo Mînino”, já que você gosta de retalho, Olhos d'água quer que você venda bonecas abayomi. E eu faço as cortinas.

A mãe de minha mãe fazia bonecas assim pra gente, rasgava um pedaço da saia, um pedaço de pano e ia dando nó. Viu que linda a boneca?

Um som comum voltou a soar na rua de Tio Flores: -cló, cló, cló, cló, clóqui-

E no outro dia na feira a canção: “Papai era pescador, mamãe lavadeira, eu ganhava meus trocado...”

Olha a cortina, Cortina de Flores!!!! Cortina senhora, cortina senhor? Cortina moça? A primeira a comprar a cortina foi Dona Dita que parecia uma boneca

abayomi, com turbante na cabeça, ela subia e descia ladeira vendendo pipoca no carrinho. Isso já fazia 40 anos! “míiiiiiiiiino, que cortina bunita”. A dentadura dela quase pulava pra fora. E dona Dita, a mais sábia, a mais velha, saiu fazendo propaganda pela cidade toda.

Se eu tenho uma janela bunita, eu vou querer sair na porta da minha janela, não é verdade? Tudo bem que janela não tem porta. Mas passou a ter gato, pessoas e cores. Pegando, terra, cola e açúcar teve umas moças que fizeram tinta com urucum e açafrão pra pintar a fachada da casa, as paredes ficaram coloridas para receber a cortina. A casa do Tio Flores voltou a ficar com aquela fila, gigaaaaaante.

Até aquele passarim, o Jacú, vinha visitar o Tio Flores. Na rua, os cachorro tudo seguia o Tio Flores. E todo mundo sabia que a casa dele enchia não era só por causa da cortina. Se Edinho tinha segredo, imagina Tio Flores? Tio Flores, perguntava Edinho, como você consegue chamar tanta gente?

Uma das magias de Tio Flores era essa: uma boa broa e uma boa prosa.

Hoje Edinho é quem costura. Toma o café forte, sem leite. Ele sabe fazer a broa e dentro de caixinhas sempre acha um presente do Tio porque a presença de Tio Flores está na agulha, no fio, na tesoura que o vento passa e faz –zuuuuuuuumm- Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem tem uma tia, ou um tio que conta história?

Que tal a gente passear pela escola e ouvir as tia?

Fontes:

TOLEDO, Eymard. Tio Flores: uma história às margens do rio São Francisco. V&R, 2016.

Sou eternamente grata pela magia das Bibliotecas. Porque o livro do tio Flores, literalmente caiu na minha mão. Do nada. As ilustrações de Eymard Toledo, me fizeram lembrar de meu avô, minha avó que era ótima costureira. Depois eu fui fazer Senai, curso técnico de costura e coitada é da minha mãe, porque, com aquele monte de conta e fração para modelar uma roupa, se eu penso numa peça sai outra totalmente diferente.

Um dos ofícios que vamos aprender nas apostilas seguintes é a costura com mestras de saberes. Essa história era utilizada para fazer aulas passeios no Projeto

Crescer da Escola Municipal Governador Ozanam Coelho. E quando a professora Zezé me deu o livro, eu rodei o mundo com ele. Até no ônibus da Gontijo, de São Paulo à Bahia, já ouviram a história.

Canções:



Desenho de David 8 anos

- *Sô custurêro*. Canção de lavadeiras de Araçuaí (MG). Canto ensinado pela avó Dôra.
- *Senhora Santana*. Canção de lavadeiras de Almenara (MG). Canto de ninar, de trabalho e de fé, ensinado pela neta, Maria Vitória criança que foi buscar histórias com a sua “tia Flores”.
- *Papai era pescador, Mamãe lavadeira*. Canto aprendido com as Ganhadeiras de Itapuã (BA).

b) **Senhora das Folhas Embolando Palavras**

“Senhora das folhas me ensinou a me cuidar
 Senhora das folhas me ensinou a me cuidar
 Alfazema cura a dor, Alecrim a depressão, Aroeira
 Vai curar, Vai curar sua inflamação
 Alfazema cura a dor, Alecrim a depressão, Aroeira
 Vai curar, Vai curar sua inflamação”

A avó de Maria Vitória adoraava cozinhar e ela cozinava cantando.
 Cozinava com folhas, cozinava com flores. Quando ela afogava o arroz era assim:

“As andorinhas voltáaarão, eu também voltei
 Fazendo o ninhÔOO na trilha ki deixei
 E são as andorinhas que vem e que vão a procura de amor”

Como esta avó era moderna na hora de lavar a cozinha ia no gingado

“ Peladão eu danço, peladão eu danço
 Falei com dijej, pra fazer diferente, chapa quente pra gente dança”

Mas ela também era antiga:

“Senhora do rosário sua casa chêra
 Chêra cravos e rosa ô Lêlê
 Flor de Laranjêra
 Lá na rua de baixo
 Mandaram me prender
 Lá na rua de baxo
 Mandaram me prender
 Se a polícia me prende ô Lêlê
 A Rainha me solta”

Moara via a avó embolando palavras e embolava era tudo. Pelo fato da sua avó cantar, fazer reza, fazer chá, ter a fé dela. Pelo fato da avó de Moara ser feliz e não se importar com ninguém. Porque ninguém pagava as conta dela. Todo mundo chamava a avó de *macumbeira*. O povo ama fazer fofoca, inventar coisas. E quando os adultos repetem, as crianças acreditam. Teve um dia que era feriado. Só ficou avó e neta em casa.

MoÁra vou fazer um bolo de chocolate:

“-shiiiiiii. Moara se escondeu da avó. Pegou a cachorra, a Xica, e foi pra debaixo da cama. Fica queta ô Xica que vóvó quer fazer um bolo de cachorro que late”

- MoÁÁAaara cadê você? (gritava a avó)

E quando a avó foi chegando no quarto, cada passo fazia o coração de Moara bater mais alto e acelerado.

-Quê, que é isso minina? Escondida com a cachorra no quarto? Anda. Vêm, vem me ajudar, a fazer um bolo de chocolate, vamos comer uma calda deliciosa.

“-Buáaaaa”. Moara danou a chorar.

A avó sentou a neta na pedra da pia. E a menina pensou. “-Aí é agora que ela me joga na panela pra me comer também!”.

Chorando ela disse, -você é má vó. Quer fazer bolo de cachorro que late. Tirar a calda da Xica, vai tirar o rabo da Xica e me por na panela também. Pra fazer macumba.

- Quê, que é isso minina? Quem foi que te disse essas coisas?

- Os minino da escola, o povo lá da rua.

- É tudo mentira. Sua vó te ama Moara. Veja. Chocolate é isso aqui ó.

- Humm. E a menina provou.

- E macumba é isso aqui ó - -. A avó retirou do armário um instrumento de percussão.

- Você vem de uma família de rainha africanas Moara. E o povo yorubá, canta, toca tambores. Não é igual esse povo que só toca a língua pra falar mentira e falar mal dos outros.

- Vó quando você canta embolado, tá falando yorubá?

- Sim. "Oro mi má

Oro mi maió

Oro mi maió

Yabado oyeyeo

Oro mi má

Oro mi maió

Oro mi maió

Yabado oyeyeo"

Vem vamos ali no quintal.

- A avó de Moára, foi lá na horta pegou a camomila. Segura aqui, essa flor é pra acalmar você minina que tava assustada com medo de mim, muito nervosa e chorando.

- Hum cherosa vó.

- É mas tem gente que não pode tomar camomila. Cada pessoa é de um jeito. Então tem que saber qual planta faz bem pra você ou não.

- E essa aqui é pra mim. Dá licença plantinha. Vou te arrancar. Para trazer alegria. Porque eu fico muito triste quando os adultos falam mentiras para as crianças.

- E porque eles fazem isso vó?

- Vem vamos fazer um chá. E uma bela comida pra Xica, coitada da cachorra. Moara, você acha que se eu fizesse maldade com a Xica, ela ia ficar atrás de mim assim, desse jeito. Com esse carinho?

Tem gente que fala mentira Moara pra roubar, pra matar, pra enganar, certo? Muita gente não gosta da noite porque a noite é escura. Inventam coisas pras

peessoas não saírem mais na rua de noite. Para não fazer aquelas rodas de histórias na lua cheia. Sua avó é escura como a noite. E essas mentiras aí que você ouviu é pra tirar sua cultura negra, mas se você souber aprender sua cultura vai brilhar como a lua e ser forte que nem o Sol. Isso sim é magia negra viu?

- Hummm! Vó sua casa chera cravos e rosa...Olha alí vó...uma flor

- ô Lê lê....É a flor da laranjeira Moara.

Fontes:

COSTA, Madú, FILHO, Rubem (ilustrador). Embolando Palavras. Mazza Edições, 2013.

Experiência pedagógica com a história: Toda vez que eu ia ler o livro de Madú Costa, uma menina interrompia a história, saía correndo gritando, tinha medo de mim e me chamava de macumbeira. Na época eu não tinha a canção Senhora das Folhas, mas precisei recontar o livro, colocando a questão da macumbeira na história, trazendo canções porque a música também conecta as crianças na educação infantil. Algumas músicas de funk e de andorinhas foi as que ouvi minha mãe cantar na cozinha.

Canções:

Senhora das folhas. Canção criada pela pesquisadora, jogueira e capoeirista Raíne Machado

Trio Parada Dura - As Andorinhas

Paródia MC Leozinho - Se ela danço eu danço

Senhora do Rosário – Canto aprendido na oralidade

c) Wangari Maathai – Plantando Árvores no Quênia

Começa a história com o Jogo do Mosquito Africano (Jogo do Teatro do Oprimido, onde, em uma sequência rítmica com palmas, duas pessoas batem palmas, voltadas uma para outra e a terceira pessoa, que está no meio abaixa, porque há um mosquito na cabeça dela. Quando essa pessoa do meio sente que matou o mosquito ela levanta, todos estão em roda, então ela levanta, quem está ao

seu lado direito abaixa porque em cima da cabeça dessa pessoa agora haverá duas mãos reunidas para matar um mosquito. O mosquito passa para sempre para a cabeça ao lado, e com ritmo de palmas sempre haverá essa sequência).

Pú.

Pú.

Atenção senhores passageiros. Senhoras passageiras.

Vai começar uma história.

Apertem seus cintos de segurança.

Vamos viajar para os Estados Unidos.

Pú

Pú

Sejam vindos aos Estados Unidos da América

Welcome to United States

Helo. (Falar inglês embolado)

Whata is yur name?

"I'm single lady, I'm single lady, ô ô Ô ô Ô ô Ô ô Ô ô Ô ô

ÔÔÔÔ que essa é a história de uma minina que saiu de seu país para estudar do outro lado do mundo. Ela pegou o avião, lutou e foi. Lutou porque não é qualquer pessoa que pode pegar o avião e ir. E ela foi sabe porquê? Porque ela viu que tinha alguma coisa estranha acontecendo na terra dela. Quando ela era criança e ia buscar água na fonte pra sua mãe, ela via aquele monte de ovo de sapinho que escorregava da mão dela. Mas a fonte de água tinha secado. E a terra ficou pelada e quente. Porque a roupa da terra é o verde, são as árvores que refrescam. E a terra foi ficando laranja. Seca. E rachada. E ela foi estudar biologia. Ciências. Passou uns quatro, cinco anos na Faculdade pra estudar e voltar...vamos voltar pra terra dela?

Pú

Pú

Atenção senhoras passageiras

Senhores passageiros

Vamos para o Quênia

Pú

Pú

Atenção, como não sei falar saíli

Vou pedir licença pra cantar uma canção da terra de Wangari Maathai

Do jeito que eu ouvi

Kauane guake euête derredé

Kauane guake euête derredé

Nadure Dure Dure Waka

Nadure Dure Dure Waka

Vamos descer no Quênia e no Quênia vai ter trabalho!

Ô você aqui pode me ajudar a plantar essa árvore de...fala uma fruta gostosa aí gente? (perguntar para quem ouve a história)

Você pode me ajudar a plantar manga?

Goiaba?

Acelora?...hum.

Mas péra aí que a gente não vai plantar agora não.

Wangari Mathaai estudou, estudou, estudou e foi descobrir em outro país uma coisa que seu povo já sabia. Ela descobriu que a raíz da árvore puxa a água para cima. E que quando chove, a raíz da árvore leva a terra para baixo. Assim, plantando árvores, ela ia trazer o quê de volta? (esperar e ver se alguém se lembra)

-A fonte.

-O ovo de sapinho.

- O sapinho.

E o sapo é importante porque sem sapo tem muito mosquito e com muito mosquito.

-Ui (começa o jogo do mosquito na cabeça de quem conta história).

-Ô professoras, vem cá plantar também

-Ô seu polícia, não fica só segurando arma não. Vem plantar.

Wangari Mathaai juntou muitas pessoas, e muitas pessoas plantaram muitas árvores. Sabe quantas? (deixar que as pessoas acertem)

-Umás quarenta milhões.

E a terra que é nossa mãe, parou de ficar doente e seca. E seus filhos e filhas cuidando da terra, pararam de ficar doentes também. Pararam de ter fome.

-Pá. Pá. Pá. Pá. Pá.

Wangari Mathaai recebeu cinco tiros. Tentaram matá-la.

Ela que foi estudar nos Estados Unidos. Ela viu que aprender a plantar incomoda os países, como a Inglaterra que querem que o seu povo sempre compre coisas de fora, sem ligar para quem passa fome. Querem destruir sua terra.

Mas Wangari era forte.

Se manteve viva.

E é a primeira mulher africana a receber o maior prêmio do mundo. Ela recebeu o troféu do nobel da Paz em 2004, só depois de trinta anos de trabalho e luta. Mas qual é o maior prêmio do mundo?

Ir na fonte, pegar na água

Dizem por aí que crianças também tem mãos de floresta. Como Wangari Maathai. Semente que criança planta fica forte como Wangari.

Nossas mãos são cuias. Nossas mãos são cuias.

Com histórias para ofertar.

Fontes:

NIVOLA, Claire A. Plantando árvores no Quênia: A história de Wangari Maathai. SM Brasil, 2004.

Canções:

Avião pra começar a história. Aprendi com a escritora Madú Costa.

“Nossas mãos são cuias”. Música para começar ou fechar uma história. Aprendi com mestre de Congado Sebastião Farinhada. É possível encontrar canções e histórias no CD Vozes da Mata. Instituto Abrapalavra. Essa música das mãos não está no CD.

Beyoncé- Single Ladies

Canção do Quênia. Site com brincadeiras de todo o mundo. Que nunca mais eu consegui encontrar em pesquisas pelo google.

2. Saberes do Chá e da Terra

Para chegar até os chás, houve a contação de várias histórias, dentre as quais destacamos as que iniciam essa apostila. O Projeto Crescer que nasce em Belo horizonte, bairro Capitão Eduardo, do esforço de três mulheres Rose, Fátima e Mar. Entendemos que era preciso ver que os nossos chás são os chás do cerrado. Diferente se estivéssemos trabalhando em outra região. E são mais que chás. São uma cultura, um modo de vida. Cada integrante na época recebeu uma pasta com algumas informações que disponibilizaremos aqui de forma resumida, em virtude de não digitar todo o material devido à extensão.

a) PARÁBOLA DA COOPERAÇÃO (Arquivo Pessoal Rosemeire Batista)

Contam que na carpintaria houve uma vez uma estranha assembleia. Foi uma reunião de ferramentas para acertar diferenças.

Um *martelo* exerceu a presidência, mas os participantes lhe notificaram que teria que renunciar. A causa? – Fazia demasiado barulho e, além do mais, passava todo o tempo golpeando.

O martelo aceitou sua culpa, mas pediu que, também fosse expulso o *parafuso*, dizendo que ele dava muitas voltas para conseguir algo.

Diante do ataque o parafuso concordou, mas por sua vez, pediu a expulsão da lixa. Dizia que era muito áspera no tratamento com os demais, entrando sempre em atrito.

A *lixa* atacou, com a condição de que expulsasse o *metro*, que media os outros segundo as suas medidas, como se fosse o zinco perfeito.

Nesse momento entrou a carpinteira, juntou o material e iniciou o seu trabalho. Utilizou o *martelo*, a *lixa*, o *metro* e o *parafuso* e transformou uma madeira num fino móvel.

Quando a carpintaria ficou novamente só, a assembleia reativou sua discussão.

Foi então que *serrote* tomou a palavra e disse:

- “Senhores, Senhoras, ficou demonstrado que temos defeitos, mas a carpinteira trabalha com nossas qualidades, com nossos pontos valiosos. Assim, não pensemos só em nossos pontos fracos, mas também em nossos pontos fortes.”

A assembleia entendeu que *martelo* era forte, *parafuso* unia e dava força, *lixa* era especial para limiar e afinar asperezas e *metro* dava precisão, exatidão.

Sentiram-se então, como uma grande equipe, capaz de produzir móveis de qualidade.

Sentiram alegria pela oportunidade de trabalharem juntas e juntos.

b) PLANTAS QUE AS MESTRAS DE SABERES MAIS CONHECIAM NA COMUNIDADE DO CAPITÃO EDUARDO E BEIJA FLOR, BELO HORIZONTE

Pesquisa organizada por Rosimeire Batista, que além de mãe, avó, raizeira, trabalha no Centro de Saúde e tem a preocupação de buscar informações científicas em comunhão com os saberes tradicionais. Os dados apresentados são de arquivos pessoais de Rosemeire. Partem principalmente do trabalho da Rede de Tecnologias Alternativas que reuniu várias mestras de saberes nas hortas comunitárias de Belo Horizonte. Rosemeire foi uma delas.

Cabe alertar que a manipulação o uso de um chá é uma questão delicada e envolve a responsabilidade. Portanto o acesso à esse material deve ser para fins de conhecimento, não de uso irresponsável. É preciso ver que a planta cuida de um ponto do corpo, mas altera outros pontos. Como diz o Mestre Seu Badú, do veneno para o remédio o que muda é a dose.

Paralela a essa organização de Rose, contamos com trinta pessoas, avós, crianças e adolescentes que pesquisaram o que significava essas plantas para suas famílias. Cada pessoa desenhou a planta, contou histórias de tratamento com os chás e construímos uma mandala na escola onde plantando uma erva, plantava-se

um sonho. Por falta de condições de armazenagem e poucas pessoas para registrar perdemos estas fontes.

No material abaixo, predomina a cosmovisão, a identificação das plantas pela imagem, mas dentro de uma afro perspectiva, podemos conciliar saberes, ampliar estas informações trazendo afetos, espiritualidade, como por exemplo a importância da natureza em culturas negras e indígenas.

Ficam como referências para ampliação de saberes nomes como o Livro Vivo dos Huni Kuin, Crisângela Elen de Souza, Ângela Maria Gomes, Ernavário São Francisco de Assis.

(Arquivo pessoal Rose)

“Temos de colher as plantas medicinais cedo porque com o sol o princípio ativo vai para a raiz.”

A secagem deve ser feita sempre a sombra em um local limpo e bem arejado. Ao espalhar a planta você não deve deixar a camada muito espessa, para permitir que a parte de baixo **fique ventilada e não mofe**. Além disso, para garantir que a planta fique bem arejada, você deve mexer o material pelo menos **duas vezes por dia**. A planta pode ser secada em peneiras, caixa de papelão furadas ou penduradas aos molhos um varal.

“Pode secar na peneira, varal na sombra, caixa de papelão, onde não passa inseto, saco de pano de algodão, mas nunca as deixando juntinhas...sempre as removendo...”

Para saber se a planta já está desidratada, você tem que observar o seu aspecto **“crocante”**, quebradiço e se a cor e o cheiro da planta viva foram preservados. Quando ela apresentar essas características é só embalar e rotular o recipiente colocando a **data da embalagem, o local da coleta e o nome da planta**.

“Não deixar a planta pegar poeira”.

Não aconselhamos armazenar a planta em saco plástico porque ela começa a “suar” depois de um tempo. Já a planta armazenada no papel pode mofoar, por causa da umidade do ambiente. No entanto, **a planta pode ser embalada em um saco de papel dentro de um saco plástico.**

Nas caminhadas, Rose nos alertava muito, sobre onde pegamos as plantas. Na beira da rua, onde há poluição, passam insetos, cachorro e gato defecam, e diversas energias circulam, não é aconselhado recolher plantas. Ao escolher uma planta para remédio, é preciso antes **pedir licença para arrancá-la**. No caso da utilização das folhas, verificar a folha que não foi mordida, a que está mais saudável. Porque uma folha mordida já foi utilizada por outros seres vivos que ao comê-la, se beneficiaram dos seus princípios ativos.

Um organismo é diferente do outro, nenhuma pessoa é igual, então uma planta que é boa para uma pessoa pode fazer mal à outra pessoa.

Chuchu

Sinônimos: machuchu, coxixe, machite, maniche

Nome científico: *Sechium edule Sw*

Família: *Cucurbitaceae*

Parte usada: **Folhas**

Características Gerais: Planta trepadeira, perene, vigora, decídua, com tubérculo subterrâneo grande e rico em amido, com ramos provindos de gavinhas. Folha simples, ásperas, de margens lobadas. Flores amarelas, dispostas em ramos axilares. Fruto piriforme, suculento, de casca rugosa e espinescente.

Usos: possui ação calmante, carminativo (contra-gases) e contra hipertensão arterial (pressão alta). As folhas do chuchu são usadas depois de murchas na forma de chá, devendo coar o chá para evitar o incômodo de pequenas espículas das folhas, que são irritantes de mucosas. O fruto também é bastante utilizado na dieta, em saladas cruas, ou cozido com água, com a casca para auxiliar na eliminação de edemas em casos de pressão alta.

Alecrim

Sinônimo: alecrim comum, alecrim de casca, alecrim de cheiro, alecrim de horta, alecrim de jardim, erva da graça, flor de olimpo, rosa marinha, rosmaninho, rosmaninho.

Nome Científico: *Rosmarinus officinalis L.*

Família: Lamiaceae, antiga Labiatae

Parte Usadas: **Folhas**

Características Gerais: Planta aromática, arbustiva, de pequeno porte, muito ramificada e pode alcançar até 1m de altura. As folhas são opostas, coriáceas, sésseis, lineares, verde escuro e podem chegar até 2 centímetros de comprimento por 0,2 centímetros de largura. As flores são branco-lilás, com faixas violetas nos lobos, dispostas em cachos curtos.

Contém óleo essencial composto alfa-pineno, confeno, cineol, alcanfor de alecrim e borneol, tanino, um princípio amargo, saponina ácida, glicosídeo e resina.

Usos: O alecrim estimula a produção de e a circulação da bile, melhorando a digestão; aumenta a quantidade de urina para ser eliminada; relaxa os músculos lisos, evitando dor e cólica; e combate a infecção de ferimentos da pele.

“Ô engenho, engenho de tremer
quanta cana no engenho morena,
deixa moer

menina dos olhos verdes não parava de chorar
mas foi o alecrim que lhe fez clarear”

Canção ensinada por Dona Leide, comunidade Quilombola Marinheiros
(Brumadinho, MG)

Hortelã

Sinônimo: hortelã rasteira, hortelã pimenta, menta-vilosa

Nome Científico: *Mentha villosa Huds*

Família: Lamiaceae

Parte Usadas: **Folhas**

Características Gerais: Planta herbácea, com caule quadrangular, ereto, de 40 a 60 centímetros de altura. As folhas são opostas, simples, pecioladas, lacepçadas,

agudas, denteadas, verde-escuras na face superior e verde-pálidas na inferior, ligeiramente aveludadas nas nervuras inferiores.

Usos: possui ação tônica, estimulante estomacal e carminativa (contra-gases). É também muito usada como vermífugo e contra ameba e giardia. Na indicação popular, a hortelã é muito usada como forma de chá ou pó das folhas secas, como vermífuga e digestiva. A planta é muito cultivada em hortas caseiras, junto com hortaliças, e as folhas secas são muito utilizadas como tempero na culinária.

Limão

Sinônimo: limoeiro, limão verdadeiro, limão siciliano, limão eureka

Nome Científico: *Citrus limonum* Risso

Família: Rutaceae

Parte Usadas: **Fruto**

Características Gerais: Árvore de altura mediana e armada de espinhos. Folhas simples, alternas, glabras, persistentes, semi-coráceas, elípticas e aromáticas. Flores brancas e axilares. Fruto tipo baga globosa de casca lisa e polpa de sabor azedo e odor característico, rico em vitamina C.

Usos: é indicado para estados de gripe, tosse, bronquite e nos estados de anemia por deficiência de ferro, pois a vitamina C ajuda na absorção de ferro pelo organismo.

Poejo

Sinônimo: poejo, poejo das hortas, poejo real, erva de São Lourenço

Nome Científico: *Mentha pulegium* L.

Família: Lamiaceae

Parte Usadas: **toda a planta**

Características Gerais: Erva perene, com cerca de 10 centímetros de altura, com folhas muito aromáticas. Flores de corola violeta, reunidas e fascículos nas axilas das folhas.

Usos: a planta toda é usada para tratar gripe, resfriado, tosse e bronquite. Popularmente, é muito usada na forma de xarope, ou como chá com açúcar para aliviar cólicas e gases.

Erva Cidreira

Sinônimo: capim cheiroso, capim cidreira, capim limão, capim santo, capim de cheiro, capim marinho, chá de estrada, patchuli, capim catinga, capim cidrão

Nome Científico: *Cymbopogon citratus* Stapf

Família: Graminae

Parte Usadas: **folhas**

Características Gerais: Erva graminóide, erecta, com forma de touceiras que atingem até 1 metro de altura. Folhas estreitas, alongadas, de borda cortante. A erva cidreira é aromática, possui óleo essencial citral, com odor de limão, micreno, flavonoides, triterpenos.

Usos: é indicado como carminativo nas dispepsias (desconforto na digestão), gases e como calmante. O chá (infusão quente) das folhas da erva cidreira é a forma mais usada nas preparações caseiras para auxiliar nos estados de ansiedade.

Transagem

Sinônimo: tansagem, tanxagem, transsagem, plantago

Nome Científico: *Plantago major* L.

Família: Plantaginaceae

Parte Usadas: **folhas**

Características Gerais: Erva rasteira com folhas longamente pecioladas e elípticas. As flores são miúdas e brancas em longas espigas que nascem do centro da planta. O fruto é pequeno, com sementes pequenas e escuras.

Contém tanino, mucilagem, glicosídeo, alantoína e vitamina A.

Usos: possui ação anti-inflamatória em doenças de garganta, inflamações uterinas, doenças de pele, infecções de gengiva e de ouvido e conjuntivite. A transagem possui atividade laxativa (facilita a evacuação) e amolece feridas infectadas, proporcionando o vazamento de pus. Não é recomendado o uso interno de remédios com transagem para grávidas.

As preparações caseiras da planta são consumidas como hortaliça em saladas; a tintura alcoólica das folhas é utilizada como cicatrizante e anti-inflamatório; a infusão fria das folhas frescas são usadas em gargarejos para inflamações de garganta; a infusão quente (chá) é utilizada como laxante, e o cataplasma das folhas frescas auxiliam no tratamento de contusões ou ferimentos.

Infusão:

No caso das plantas verdes: Colocar menos água. Porque esta planta verde já terá água.

No caso das plantas secas: Despejar água fervendo sobre as ervas, e deixa-las repousar em vasilha de vidro, bem tampadas durante uns 10 minutos.

Decocção (Cozinhar as plantas):

Este jeito de preparar as plantas é útil para as cascas, talos, raízes e folhas sem cheiro e secas. Flores e folhas, cozinhar por 5 a 10 minutos.

Cascas, talos e raízes por 15 minutos.

Dicas sobre o tratamento:

- o tratamento não deve durar apenas um dia.
- o mesmo tipo de chá não deve ser consumido por mais de sete dias.
- os remédios caseiros não devem ser guardados por um período muito longo. O chá, por exemplo, devem ser consumidos em 6 (seis) horas.
- Guaco, puejo e transagem não são indicados para mulheres grávidas.

Dicas para a preparação dos remédios:

- Durante todo o processo de preparação do remédio caseiro é necessário uma atenção especial com a higiene do material e do local utilizados.
- Conhecer a origem e onde a planta é cultivada.
- O alumínio pode interferir na composição do remédio. Sugere-se colheres de madeira, vasilhas esmaltadas de inox, ou de vidro.

AS SEGUINTE FOLHAS DEVERÃO SER USADAS SOMENTE SECAS. USADAS VERDES PODEM PREJUDICAR O CORAÇÃO: FOLHA DE ABACATE, MARACUJÁ, CHUCHU, BANANEIRA, CANA, GUACO.

CARQUEJA, em excesso aumenta a diabete.

BOLDO, em excesso provoca cálculo biliar

Como Preparar os Chás

Normalmente, a dose para os chás é:

20 gramas de ervas frescas para um litro de água, ou seja, 4 colheres de sopa para um litro de água.

10 gramas de ervas secas para um litro de água, ou seja, 5 colheres de sopa para um litro.

1 colher de sopa de folhas verdes pesa 5 gramas.

1 colher de sopa de folha seca pesa 2 gramas.

Dosagens:

Adulto: Tomar até 5 xícaras por dia, ou seja, 1 Litro

Criança:

De 10 a 15 anos: Tomar até 3 a 4 xícaras por dia

De 5 a 10 anos: Tomar até 2 a 3 xícaras por dia

De 2 a 5 anos: Tomar até 2 xícaras por dia

De 1 a 2 anos: Tomar meia a 1 xícara por dia

Qual a diferença entre planta medicinal E medicamento fitoterápico?

Plantas medicinais são aquelas capazes de curar enfermidades e têm tradição de uso como remédio em comunidades. Para usá-la é preciso conhecer a planta, saber onde e como colher, como prepará-la.

Medicamento Fitoterápico é a planta medicinal industrializada para se obter um medicamento, o processo de industrialização evita contaminações por microorganismos, agrotóxicos e substâncias estranhas, além de padronizar a quantidade e a forma certa de uso que de ser usada, partindo de uma maior segurança de uso.

Sugestões de trabalho para desenvolver:

1. Identificar na sua família, os problemas de saúde.
2. Verificar se a forma que utilizamos as plantas na oficina se parece com a forma utilizada em casa.

c) O Cerrado

“Por que Proteger o Cerrado?

52% do bioma do cerrado foi destruído

62 litros de agrotóxicos são consumidos por ano por pessoas do Mato Grosso

901 espécies de fauna e flora estão ameaçadas de extinção

O Agronegócio expulsa os Povos e Comunidades tradicionais, protetores da biodiversidade do Cerrado

6 bacias hidrográficas brasileiras são abastecidas pelas águas do cerrado

80 etnias indígenas estão na região do cerrado”

Sem cerrado não teremos chuva para abastecer nossos rios, água para beber, nem alimento em nossas mesas.”

Fonte: semcerrado.org.br

Troca de Experiências em plantas medicinais

“A importância do conhecimento das comunidades na preservação da biodiversidade”

“75% dos 12 princípios utilizados pela medicina moderna tem relação com o uso tradicional” (OMS -1985)

“Medicamentos movimentam US\$300bi/ano, 40% destes derivam da biodiversidade”

d) Princípios Ativos da Camomila

A camomila foi a Planta escolhida pela maior parte da equipe do Projeto Crescer, tendo em vista que unindo o nome de dois bairros, Capitão Eduardo e Beija Flor, a proposta era trabalhar com uma flor medicinal que acompanhasse a gravação do Filme Capitãs em Flor, sobre a história dessas mulheres mestras de saberes que,

a Flor da Pele, lutam por direitos, e que conhecem das Flores e dos Chás para o cuidado da comunidade.

Fátima (mãe, Capitã) ao estudar os arquivos de Rose, trouxe as seguintes informações sobre a Camomila:

- Promove relaxamento geral do corpo e alivia a ansiedade
- Alivia a insônia
- Cura feridas bucais e trata problemas gengivais
- Alivia erupções da pele e queimaduras cutâneas, inclusive queimaduras solares
- Alivia a vermelhidão e a irritação dos olhos
- Alivia a inflamação digestiva e azia

A camomila tem origem europeia e sua larga utilização hoje deve-se a uma experiência de aclimatação em outros solos.

e) Tintura

Informações disponibilizadas por materiais do Ervanário São Francisco de Assis

O que é uma Tintura?

“A tintura é um dos processos usados para extrair e aproveitar os princípios ativos (de cura) das plantas. É o resultado da ação do álcool sobre a planta à temperatura do ambiente. No costume mais antigo, a tintura era chamada de garrafada”.

Quando apenas uma erva é utilizada, chamamos o remédio de tintura simples. Já a tintura composta é feita da mistura de suas ou mais plantas.

Uma das vantagens desse processo é que a tintura conserva os princípios ativos das plantas por um longo período de tempo, em média dois anos.

A tintura podem ser ingeridas em água, usadas externamente para fazer fricções, ou servem como matéria prima para a manipulação de outros remédios como pomadas e unguentos.

Preparação de Tinturas

A tintura pode ser preparada de dois modos diferentes: uma quando usamos a planta seca e outra quando usamos a planta verde.

Para facilitar o processo de preparação de tinturas, sugerimos deixar sempre prontas duas garrafas de álcool de cereais 96°GL já diluídas: uma para usar com plantas verdes e outra para usar com plantas secas.

Lembramos ainda que a água utilizada para fazer a tintura deve ser mineral ou destilada

PREPARADO 1 – PARA 250 gramas de PLANTA VERDE

Álcool 96°GL – 960 ml de álcool cereal

Água 40 ml

Total 1 Litro

PREPARADO 2 – PARA 100 gramas de PLANTA SECA

Álcool 96°GL – 670 ml de álcool cereal

Água 330 ml

Total 1 Litro

O álcool 70° do Preparado 2 é para plantas secas.

O álcool 70° utilizado na desinfecção dos materiais e utensílios da farmácia caseira é preparado conforme o método do Preparado 2. Para essa finalidade, pode-se usar o álcool comum 96° GL (não precisa ser o álcool de cereais).

A planta seca possui mais princípio do que a planta fresca, verde, ou seja, a planta seca é mais concentrada por isso utilizam-se menos gramas.

TINTURA DE CAMOMILA

Ingredientes

- 100 gramas de flor de camomila seca
- 670 ml de álcool de cereais 96°GL ----- 1litro do Preparado 2
- 330 ml de água mineral ou fervida

Materiais e utensílios

- copo ou proveta graduada
- vidro de boca larga
- tecido de algodão para coar a tintura
- caneca esmaltada ou vidro, ou beker

Modo de Preparo

- 1- Colocar a planta no vidro
- 2- Acrescentar o álcool Preparado 2 (álcool e água)
- 3- Tampar o vidro e envolver com papel opaco ou guardar em local escuro.
- 4- Rotular (ver o rótulo 1 para tinturas)
- 5- Guardar durante 15 dias, coar na caneca, embalar em vidro escuro e rotular novamente. (há pessoas que guardam por 28 dias, período de um ciclo lunar)
- 6- Após 15 dias coar na caneca, embalar em vidro escuro e rotular novamente (ver rótulo 2 dois para tinturas).

Rotulagem

ROTÚLO 1

NOME DA PLANTA USADA: Camomila

QUANTIDADE DA PLANTA USADA: 250 gramas

DATA DO PREPARO:

DATA PARA COAR:

RESPONSÁVEL:

RÓTULO 2**RENDIMENTO: 1 litro****NOME: Tintura de Camomila****COMPOSIÇÃO: Camomila****MODO DE USAR: 20 gotas em meio copo d'água****DATA DO PREPARO:****VALIDADE: 02 anos****RESPONSÁVEL:****f) Gota Digestiva Composta****Indicado para má digestão, azia, flatulência e problemas hepáticos****Preparação da Gota Digestiva Composta****Ingredientes:**

30 ml de tintura de Boldo

30 ml de carqueja

40 ml de tintura de Camomila

Material

- Copo ou Proveta Graduada
- Caneca esmaltada ou de vidro, ou balão volumétrico

Modo de Preparo:

1. Misturar os 3 tipos de tinturas na caneca;
2. Colocar a mistura em vidros escuros menores que possuem conta-gotas;
3. Rotular os vidros;

Recipientes para embalagem:**NOME: Gota Digestiva****COMPOSIÇÃO: Boldo, Camomila e Carqueja****MODO DE USAR: 20 gotas em meio copo d'água na hora do incômodo para adultos****DATA DO PREPARO:****VALIDADE: 02 anos**

RESPONSÁVEL: nome de quem fez a gota

Obs: Não é indicado para crianças

-Ao coar a tintura, espremer bem o tecido de algodão contendo a massa da planta, até esgotar todo o líquido, para se obter uma boa extração das substâncias de cura.

- As tinturas de boldo, carqueja e camomila, podem ser usadas separadamente como remédio.

g) Sabonete

- 100 gramas de glicerina transparente
- 5ml de extrato (Tintura)
- 5ml de essência (para perfumar)
- Fôrma (Pode reciclar embalagens desde que esterilizadas)
- Filme PVC para embalar
- Etiqueta

Modo de preparo:

Derreta a glicerina em banho Maria, acrescente o extrato (tintura), mexa após. Se quiser perfume no sabonete é indicado colocar 5ml de essência da planta, mexer novamente a panela. Deixe secar por 2 horas no mínimo.

Os processos do Chá até a Tintura foram ensinados por Rose (Capitão Eduardo) e Tatinha (Raizeira do Ervanário São Francisco de Assis). O sabonete contou com a colaboração e a receita de Crisângela Elen de Souza, aprendiz e acadêmica. Executamos estas atividades no Centro de Saúde e na “Famácia Caseira” de Rose. O sabonete também foi feito no Jardim Mandala, Jardim de cura criado pelo pesquisador Wellington Dias, em um espaço abandonado, que era um bota fora.

3. Histórias Criadas ao Ouvir Mestras de Saberes

a) Poesia “Vamos Cuidar das Nossas Minas”

VAMOS CUIDAR DAS NOSSAS MINAS?

Imagina um rio limpinho
Cheiro de terra molhada
Cachoeira na cidade
Cantoria na estrada
Passarinho voa
Amoe é peixe que pula com nada

Seu Nônô me ensinô
A gente só destrói o que sabe fazer
Como criar o mesmo rio
Que a natureza fez procê?
São milhões de anos essa criação
E o povo parece esquecer

Como diz Seu Antônio
Nem engenharia, nem ciencia
Ninguém sabe criar água
A fonte da sobrevivência
Está em dizer : - basta!
Há vida é na resistencia

Caminho por Belo Horizonte
Córregos e rios asfaltados
E a mexerica lá do pé
É diferente dos supermercados
Vendo o trabalhão que teve Deus
Peço licença pra uns ditados

Quero ficar na barra da saia
Da Terra nossa Mãe
Gira Sol, Cipó, Piedade e Moeda
Serras ameaçadas e não estranhe
O mundo dá voltas Gandarela
Viva em Minas e não apanhe

Sim, existem mineradoras
Que querem nos bater
Samarco, mib, vale, anglo gold
Retiram todo nosso direito de ter
Um mundo cheio de alegria em pura paz
Onde todos possam viver

300 Litros por segundo
A vale suga o rio Itabirito
Água dava pra mais de 100 mil
E da cidade vem o grito:
Passamos sede agora
O empreendimento era ilícito

Água mole, pedra dura por que
Bate tanto se me fura?
No dia 2 de maio
Uma licença sem ter cura
804 milhões de metros
Cúbicos de Fúria

Maravilhas, Apolo e Fazenda
Essa conta da barragem
Rejeito arrastou
Minas Gerais que sacanagem
Pude aprender Filipe

Sobre essas contagem

2 milhões 520 mil

2 milhões 990 mil

Financiamento público

De campanha “Vale”, que os viu?

Dinheiro não tem oposição

Só custeia esse regime vil

Dinheiro pra emergência grave

A isso rico diz: - não tem

500 dias Mar de Lama

Rio Doce morre além

Governo faz povo pagar

Tira FGTS, Tchou, amém

Desde 1500

Vivemos cruéis ciclos

Arrancando ferro e ouro

Andamos em círculo

Minério nasce onde tá a água

Matamos água é ridículo

Serra do Curral Del Rei

Só vê verde pela frente

Arrancam miolo deixam a capa

Só que depois sobra pra gente

Câncer, loucura e sede

Tem umas Minas Gerais doente

Anglo América amputa a mão

O pé dá em Conceição do Mato Dentro

Família Quilombola
 É despejada e penso:
 Quem é que puxa a linha?
 Por qual corde me arrebento?

Fraca corda cerca entrada
 De pessoas nada estranhas
 Eu não bebo minério
 Sinto suas artimanhas
 Se eu for sua cliente
 Lhe concedo as barganhas

Deixo aqui os seus produtos
 Compro do Cinério a couve
 De que serve o grande museu?
 Com a destruição que houve?
 Sem registro de Tio Flores
 Falta passado que se louve

Não fico na janela
 Dizendo: Vixi- acabou já era
 Fofoca boa vale muito
 Bem melhor do que novela
 É pegar lápis, pincel, enxada
 Criar a própria tela

Existem quadros vivos
 Aquarelas aquíferas
 E o cuidar da natureza
 Sai pelas boas revistas
 Projeto Manuelzão
 Bandeira Terra sem Turistas

Pelos quatro cantos que corri

Conheci muitas minas na luta
Se Dona Júlia revive O Onça
Tantinha a planta escuta
Dona Ana pila urucum
Marias, Walcir e Lúcia vão a labuta

Continuando com Dona Vera
Caeté Macaca Teca
Mutirão do Boi Rosado
Faz a mente ficar esperta
Os abraços e carinho
Deixam a esperança alerta

É possível outro modo de viver
Converso com Nilce, João, Badú
Efigênia e Cássia falam do angú
Marilene lê cartas
E na escola ganhamos chuchu

A planta multiplica sementes
Ato de solidariedade
E a matemática Jesus?
O que fazemos para a humanidade?
Vender comida não pode
Ser do mundo a verdade

Já em casa aconselha a mãe
Faça o bem sem olhar a quem
Olhando os dentes do cavalo
Não aceito ser réfem
De emprego amaldiçoado
Que irá exportar os bens

Nunca vi uma cidade rica
Pela extração de minério
E depois que sai empresa
O assunto fica sério
Sem emprego, lazer e lavadeira
Ribeirão sujo é sem remédio

A coroa de ouro do dito rei
É decoração sofrida
Olha esse tanto de carro aí
E falta transporte querida
Não entendo tanto celular
Com a linha do trem perdida

Do coração do Congo
Guerra extrai a internet
Da rede que faço parte
Coração intromete
Rio da Velhas limpo é meta
Quem cumpre é que promete

Dizer amar o próximo
E cuidar bem de si mesmo
O Universo cabe na mão
Sou floresta e carrego o peso
De focar em ser feliz
Sem jogar palavra a esmo

O que me hipnotiza é o verbo
Poesia mata sede e enaltece
Ao raiar de cada dia rosa azul
Vivo na sincera prece

De Ihe dizer profundamente
Ri deságua pra amar e transparece

Fontes:

Site e Facebook do Movimento Pelas Serras e Águas de Minas

Documentário: “Não vale a Pena” [https://www.youtube.com/watch?v= hu9Sb3yYKY](https://www.youtube.com/watch?v=hu9Sb3yYKY)

Programa Palavra Ética com Teca Corujo

Fizemos referência aos agricultores do cevae capitão Eduardo. A comunidade onde está à escola Municipal Governador Ozanam Coelho, rodeada pelo rio das velhas.

Tantinha é raizeira do município de Sabará “Ervanário São Francisco de Assis”. Dona Julia e Dona Vera, são agricultoras no bairro Ribeiro de Abreu, responsáveis também pela revitalização do Córrego Onça.

A história de tio flores (Eymard Toledo) nos apresenta o quanto as cidades são vítimas de um processo que desumaniza as relações, assassina os rios, fazendo com que ofícios ligados à terra e ao artesanato resistam à contextos de exploração e mecanização do trabalho.

Experiências pedagógicas: O trabalho com cordel surge a partir da leitura de Jarrid Arraes, que poetiza e pesquisa a vida de heroínas negras. Na época que escrevemos a poesia cada turma foi representada por um mulher negra, sendo as mulheres “escolhidas” Carolina Maria de Jesus, Esperança Garcia, Tia Ciata, Dandara, Acotirene, Aqualtune, “A menina que não queria ser princesa”, “Não me chame de mulata”, “A boneca preta da Lulu”, “Zeferina”.

As turmas do primeiro ciclo tiveram como representantes, “Nega Braba”, “A lição que Sarinha deu em Zebedeu”, “A rainha de turbante”, “Lave suas Cueca”, “O macaco e o tambor”, “Os cachinhos da princesa”. Cada estudante ganhou uma cópia do cordel que representava sua turma em uma pasta, onde dentro de um envelope com carta, vinha o convite para trocar cartas com a Comunidade Quilombola do mato do Tição (Jaboticatubas, MG) e Manzo Nzungo Kaiango (Belo Horizonte, MG). A fala de seu Badú que inicia esse trabalho (Pág.13) é uma carta. Por conta do cenário político de golpe presidencial, greves, manifestações e pela falta de apoio

financeiro para deslocamento, dentre outras questões, não foi possível fechar o ciclo de trabalho com as correspondências, mas essa é uma possibilidade enriquecedora de atuação.

c) Stória di Mankala

Autoria Dito Sambu, Mar e Rutte

Para Rutte e Dito só consigo dizer **nha cretheu, irmã e irmão.**

Segue uma História Inventada do jogo Mankala em Kriolo Caboverdiano

Nha tataratataratara donu, ta spiaba strela na ceu, i spia natureza ta muda tudu anu na komesu di txuba sabi me tempu di simentera.

N ta gostaba di txeru di txon modjadu. Oras ke si, dje sabi me ora di kemesa simentera.

Yaa Asentewaa fla: kel simenti e di meu.

Ti kel dia;

Nha tataratataratara donu koba djon, fazi duzi koba. Nha donu pui 48 gran di simenti na koba.

- Sakutam, ka mesti konfuson. Oras ki nhos simiea nhos ta dividi simenti. Poi kuantu simenti kada koba pa planta kria forsa. Pa garanti kri korienti b uta pui cinku gran na koba. Txon ta poi simenti pa um ladu pa kel otu.

Mi k unha armum dispôs di simentera, nu torna bai kel lugar ki nos donu koba, nu diskubri brincadeira di kel bes...bu sabi konta kantu tempu, kel brinkadera la tem, la na Egipto, kontenti Afrikanu?

Passa 7000 anos, antis di Kristu!

Na kel jogo la buta prenda matimatika, koncentrason, inteligência. I na brinladera ki ka mesti guarda simenti pa bu ka perdel. Nu tem ki dividis. E na brinkadera, di mankala, ki nha armum fazi storia di guerreira, i nbaka pa Egipto, ta txiga na MarGrandi Atlantiku. Ami nbira grandi lutador também, nbarka pa terra i npassa pa disertu di Saara e riu Nilo. Na kada lugar kim passa nu ta komesa ta brinka di um manera diferente. Nta nxinau kel regra li:

- 1- Nu mesti 2 armum.
- 2- Kada um di um ladu di tabuleru
- 3- Kada koba ta leba 4 simenti
- 4- Kada armun ta fika kum filera ku 6 koba;
- 5- kada ronda, um armun ki ta djuga. I ta komesa djuga sempri na si koba, na sentido rabesu di rilogio. Oras ki um armun kabu sementi na kaba di kelotu armin e ta kome tudu simenti di kel koba.
- 6- Pa bu ganha simenti, bu mesti pa koba du armun tieni pelo menus um gran, po djunta ku di bo:
- 7- kel armun ki ta djuga ka podi dexa koba di kelotu sem simenti, ki kontise tem ki ranja strategia de jogo pa kelotu armun podi fika ku simenti na koba.
- 8- tem 2 regra pa finda brinkadera: si simenti k ata diija pa poi na koba bu armum, buta fika ku tudu es; oras ki fika um kish simenti ki k ata conseguikume nada, nton ta acaba brinkadera. Kel armum ki kome simenti mas txeu ki ta ganha brinkadera.

Quando nos encontramos para fazer e jogar Mankala, Dito (guineense), jogava de forma diferenciada de Rutte (cabo-verdiana) e Mar (brasileira), perdia para as duas formas dada a necessidade de desenvolver matemática e raciocínio. Mas observando o tabuleiro, identificamos que dois campos, com seis covas, apresenta um total de $2 \times 6 =$ doze covas. Nosso ano tem doze meses e, principalmente, em comunidades africanas, é dividido em duas estações, a das chuvas e a seca. Fizemos essa associação com o tabuleiro da mankala.

E, em cada cova, colocar 4 sementes, também nos leva a pensar no mês com quatro semanas, ou na quantidade mínima de grãos para nascer uma muda ao plantar sementes na terra. A mankala pode ser jogada na terra.

Na nossa história em kriolo foi assim: Dois irmãos iam plantar com os avós e ficavam brigando para pegar a semente. O avô muito sábio, que conhecia o céu para

plantar, e sabia que dia plantar, depois do cheiro da terra molhada, esse avó que é um tataratataravô, certo dia desenha no chão para os irmãos o jogo da Mankala, para explicar que uma semente não é sua.

Não precisa de brigar, disputar se esse lugar é meu, se a semente é minha. Porque a semente vai se mover na terra. E se, na hora de plantar, não dividirmos as sementes a natureza não gera frutos. O melhor plantador de milho é aquele que dá milho para os seus vizinhos, mais plantas se comunicando mais a terra agradece com fartura. Não adianta ficar com a cova cheia no jogo da Mankala. Vai perder semente. Ganhar Semente. É o fluxo.

Na história inventada fizemos referência à guerreira Yaa Asentewaa para dar nome à irmã. Essa menina, ao se tornar mulher saí do Egito, levando o jogo para o mundo. Mankala existe a cerca de 7000 aC e algumas pessoas dizem que ela está relacionada ao movimento dos astros no céu, ao jogo de búzios.

c) História de Seu Zé Ave

“São Bento em água benta
 Jesus Cristo no altar
 Arreda cobra
 Arreda bicho que pica
 Que filha de Deus precisa passar”

“O que é que São Bento tem?

O que é que São Bento tem?

Tem atabaque, bininbal, capa bode e coisa e tão tem muitas histórias como iremos conta agora. Todo aconteceu na rua da mangueira em São Bento das Lages, com uma família conhecida, o homem chamado Zé Ave e sua esposa Candinha. Onde ele era marisqueiro e sua esposa também ele era devoto fervescente de Santo Antônio, ele saiu para marisca, e ao retorna para casa um certo dia ele não encontrou a imagem dele, ficou tão desnordeado que saiu a procura ficou 3 dias e 3 noites em cima da árvore onde todos da comonidade saíram a procura dele quando o achoo em cima da árvore e todas pensaram que ele estava morto. Ao levarem para casa pensando que estava morto para supresa de todos ele gritou. Candinha,

Candinha dá cá água, dá cá água. E todas festejaram com ooita dele e de Santo Antônio. FIM”

d) O dia que virou noite com tremores

“Ainda contam os mais velhos que um dia virou noite.

O dia virou noite isso aconteceu por causa do eclipse lunar onde todos da comunidade não conheceu esse fenômeno e no mesmo dia a terra tremeu onde todos ficaram preocupado pensando que era o fim dos tempos e teve as conversas. Entre eles. O que é isso? Não sei a terra esta tremendo eu estou com medo e a outra pessoa falou que também estava com medo ai meu deus. Depois todos ficaram sabendo desse fenômeno.

Fontes:

A oração que inicia a história, aprendi com Dona Raimunda (MG) para entrar no mato. Quando chego em São Francisco, São Bento me ilumina: A família que mais me apoia no Projeto e que, sem recurso financeiro, arruma formas de vir para todas as atividades na Unilab é uma família da comunidade do São Bento. A família Roseira Miranda tem lugar marcado no meu afeto, espírito da intimidade, cosmosensações.

Depois de um processo com o teatro do Oprimido e Amefricanidade, as crianças e adolescentes protagonizaram o teatro: Propuseram contação de histórias e jogos para as crianças e adolescentes da comunidade do Gurugé. Fizemos uma cobra de came, porque no São Bento das Lages existe uma cachoeira mística (que aparece de vez em quando) e uma cobra mágica. Essas histórias já tinham virado livro pelos esforços de Naiane Jesus Pinto em unir jovens na escrita literária de “São Bento Conta Sua História”.

Sanatra da Silva Roseira, uma rosa, Capitã em Flor, também tem dedicado suas pesquisas universitárias ao Teatro, tentando reviver o grupo que fazia intervenções no São Bento e que integra seus cinco filhos, Sayla, Saynara, Thonne, Anthony que sonham em ser artistas profissionais (Sayla quer ser modelo), fora o marido que é quase filho de novo e integra a alegria de um Projeto chamado Baobá. Essas foram as duas histórias contadas por crianças que viraram peça.

e) A Linguaruda

No tempo em que as pessoas sentavam em roda e comiam juntas embaixo da árvore. Nesse tempo vivia uma linguaruda. Mas ela era linguaruda, não é porque gostava de beijar na boca. Nem porque gostava de chupar picolé.

“-Oi! Tem dias que eu saio respondendo todo mundo, quando falam assim –olha o cabelo dela de Bombril- eu falo: Eu tenho mil e uma utilidades e você?

Nehuma.

Se os meninos ficam me seguindo com o olho pela rua eu canto – eu não chicrete, não sou chicrete, não me martiga porque eu não sou xicrete!

- Se me chamam de burra eu ensino – olha, sabia que o burro é o bicho mais inteligente que tem? Algumas pessoas que ficam perdidas ou que querem abrir estrada no mato soltam o burro pra saber qual o melhor caminho. A burra então, além de ser fêmea não recebe ordem de ninguém;

As vezes gritam: -magrela, magrela, Olívia Palito, eu bato certo: ‘esse palito aqui meu amor nunca vai limpar sua boca porca’,

Êi uma porca na história? Sim respeita as porca – Irmandade das Rainhas Linguarudas – Menina linguaruda (reino animal, espécie mamífero), Porca (reino animal, espécie mamífero), Burra (reino animal, espécie mamífero).

Mas tem dias que eu não sei responder...

Cansa, sabe?

Daí eu saio para aprender como é que se responde. Em Cabo Verde, se os mininos assediam uma menina na rua fazendo aquele som universal do ‘Pssssiu’, parecendo mais um spray de matar mosca, algumas meninas dizem em kriolo “Bo spray k ata mata moska”, em São Francisco se um homem preconceituoso pergunta a uma mulher africana se ela dorme em árvore, ou como ela veio, se foi nadando ou correndo, de Guiné Bissau até o Brasil, ela simplesmente olha e diz, não! Como eu vim? Eu vim de parto normal, e você?

Mas tem dias que eu fico calada.

No silêncio.

Responder, Responder, Responder ...gasta minha energia e a luz tá cara né?
Quero o silêncio sábio de vó.

Minha vó é que nem Matrix. Ela não tem essa necessidade de retrucar. As coisas passam e não atingem ela. E também vóvó só fala quando é para ajudar. Ela ouviu de um senhor que ela tem três peneiras na língua. Isso porque pra ela falar qualquer coisa, na primeira peneira ela penera verdades e mentiras. Na segunda peneira, ela penera aquilo que não acrescentaria em nada se fosse dito e só diz o que vai contribuir para uma situação, só diz algo que pode ser de grande valia. Na terceira peneira ela penera de novo e não deixa passar o que poderia ferir ou magoar alguém.

Isso é coisa de gente que cata feijão e não deixa passar uma pedrinha. O feijão dela hummm... “água o feijão que chegou mais dois”

Tem dias que eu tenho tanta raiva das pessoas.

Tem dias que eu tenho tanta vergonha das pessoas. Que me chamam pra uma festa e eu saio correndo. Vem visita, eu escondo embaixo da cama. Na maior parte das vezes, não sei onde ponho meus braços, minhas pernas. Parece que está tudo fora do lugar. Parece que eu não tenho lugar.

Tem os dias de Borboleta.

Saio voando, feliz, canto, danço, pinto, bordo fico cheia de gente

Algumas pessoas pensam que sou boba e fazem de mim gato e sapato.

Mas gatas tem 7 vidas.

E sapatos tem chulé.

Teve um tempo que eu caí na lama viu?

Fui afundando, afundando, afundando, afundando,

A
F
U
N
D
A
N
D
O

E quando não tem jeito a gente grita: Ô MÃE!!!

A mãe pode estar longe
Pode até ter virado estrela

Mas voz de filha é um strondo de arrebentar

E mãe é assim. Antes do grito ela já sente que você vai gritar.

E de um jeito ou de outro ela vem.

Tem que deixar ela vir e entrar porque quando ela vem, ela saí de dentro do nosso coração

Puxa a gente da lama.
Pode puxar pela orelha,
Pelo pé
Pela camisa

Ela puxa a gente da lama e de quebra ainda cata uns caranguejo

Aí mãe aqui no meu braço não tem caranguejo não

Caranguejo belisca né?

É o poder! É a FÔRÇA!

E a nossa mãe pode ser tudo.

Pode ser o céu.

Pode ser a terra.

Pode ser o mar... a maré

Pode ser uma pessoa

Pode ser uma pessoa que é mãe de todo mundo

As vezes eu acho que mãe é uma respiração

Ou que tenho váaaaarias mães

Tem dias que tô assim, linguaruda. Lua cheia é pra contar histórias.

E mesmo na lama, nascem flores de mil pétalas, de mil línguas como eu.

Querem alguns folcloristas e aqueles que tem uma ideia de dominação, de transformação de nossa cultura, né, falar de um sincretismo, do que nós cremos, com as entidades os santos católicos. Mas não é, então, são coisas diferentes. Pelo menos o inkisse, os estudiosos acadêmicos, eles ressaltam a cultura yorubá como predominante, mais importante. Isso eu falo a nível de Bahia. A nível de Salvador. E eles criaram um quadro, como todo mundo se encaixa naquele quadro. Que todo negro só cultua orixá. Só fala em orixá, orixá, orixá. Orixá é de um determinado grupo de africanos que chegou aqui. Orixá é de um grupo que veio da Nigéria (...) Os acadêmicos criaram um sistema de orixás e que começou a propagar por toda a diáspora. Parecendo que todo negro, né?, era tudo igual. E aí pinta o orixá com forma e dando muita humanidade. Como se fosse iguais aos santos, pessoas que viveram, que depois se tornaram orixá. Nós que somos angoleiros, pensamos diferente. Nossos inkisses que são equivalentes aos orixás. (...). A gente não vê como pessoa que viveu que morreu. É isso. É a natureza. Que tá aí. É a terra, a terra, a essência da terra [pedido de benção] é *kavungo*. É *issumbo*. É terra (...) Dandalunda é água (...) Não tem uma forma, não foi uma pessoa. Não! A natureza é a essência dos inkisses. São as matas, as plantas, as ervas. A água. E os fenômenos da natureza. (...) Isso é a natureza. É o que o homem não fez. O que o homem não fez. É aí que está a essência do inkisse. (...) E aprendi com Fu Kiau que o nosso planeta é futu (...) pacote dos inkisses canga selado por kalunga mudambjo dia para com a finalidade moio, nos dar a vida. Então o inkisse é essa essência curativa. Essa essência de vida. Que está na terra nas plantas, na água. No ar que a gente respira. (...) Todo mundo precisa de respirar. Então todo mundo precisa do inkisse. Ainda que não conheça inkisse. Ainda que não acredite em inkisse. Ainda que renegue inkisse. Nenhum ser humano terreno, vive se inkisse. Precisa de água, precisa de terra, precisa das plantas. (...) (VALDINA, Makota. In: <https://www.youtube.com/watch?v=JPIP6Wz-eRc&index=1&list=PLDY0E5vRndjhC0ZzJU25dls8BxmIvEQH0> . Acesso 27/01/18)

Falamos de chá e de plantas, mas para cada cultura, cada comunidade negra a natureza tem um significado. E com as diversas pessoas que estamos a aprender sobre plantas, não existe aprender só da planta. Aprendemos valores. Vivências. Indicamos como fonte de estudos os vídeos de Vóvó Cici, Makota

Valdina, cujas palavras são decisivas para o desenho desse projeto. Pedimos licença à essas mulheres, aos inkisses, para compartilhar vivências que estão acompanhadas da natureza e de mensagens com espiritualidade e afeto.

f) Cachoeira cura bunda

“Colhendo Lírio, Lírio lê, Colhendo Lírio Lírio lá...”

-Aí minha mãe, lá vem ela a dor de barriga. Vixi mais agora eu não posso. Tô atrasada. Tenho que chegar a tempo na reunião.

“Lata d’água na cabeça, lata d’água na cabeça, vai Maria, vai Maria, vai Maria vem”

-Ui, agora não posso, vou prender esse coco que eu preciso limpar a casa e chegar a tempo na aula. E lá na escola eu tenho vergonha de ir no banheiro, então...só amanhã.

No outro dia:

Ô meu Deus, não vou voltar em casa pra ir no banheiro logo agora. Se eu perder o ônibus de 8 horas, não tem mais transporte. “E além disso mulher, tem outras coisas...”

Moxica, era uma mulher que nunca pensava nela. Vivia sempre correndo pra lá e pra cá. Pensando nos outros, planejando, fazendo coisas e mais coisas. Sem freio. O último dia que ela lembra de ter parado na vida, foi o dia que ela pegou carona, até a cidade de Palmeiras e lá conheceu Dona Malu.

No dia que ela conheceu Dona Malu de 98 anos e Dona Malu olhou bem nos olhos dela, aí ela teve que parar. Porque Dona Malu tinha o Rio Paraguaçu dentro dos olhos. Parecia até os olhos d’água da história de Conceição Evaristo. Um olhar de Dona Malu carrega sereia, carrega peixe, tem peixe pulando e tudo. Naquele dia, quando Dona Malu tava olhando pra Moxica e contando que já viu a Mãe D’água passar a mão na canela dela pra que ela alertasse as crianças para não ficar dando nome pro Rio. Por que tem criança e adulto que é assim né? Chega no Rio de qualquer jeito. Sem pedir licença. Fica pondo nome, sem saber que ali vivem histórias, vivem sereias como a Mãe D’água. E elas tem o horário delas. Onde a água fica com elas. E a gente não pode nadar.

Ouvindo Dona Malu, contar a história da sereia, Moxica sentiu um trem, tipo um cisco caindo no olho, mas foi o peixe. O peixe pulou do olho de Dona Malu e

entrou no olho da Moxica, foi nadando, nadando, e por isso ela sentiu um aperto na garganta, no coração. Era o efeito da história de Dona Malu, mas também do peixe que ela nem percebeu que pulou de um olho pra outro. E esse peixe foi nadando até chegar na barriga dela. O peixe comia muito dentro da barriga da Moxica. Só que Moxica não se alimentava direito. E ela passou a sentir fome.

A fome não era de comida, mas de água. Ela não sabia quando ia voltar pra ver Dona Malu de novo, porque era longe e caro. Nem é todo dia que a gente tem coragem de pedir carona. Só com necessidade mesmo. Como ela queria aprender a trabalhar com o barro. Foi um dia que ela chamou todo mundo da escola pra ir na cachoeira com ela e um monte de gente falou que ia. Ela acordou 4:30 da manhã, fez comida para um batalhão de gente, não foi no banheiro de novo, achando que o povo já ia estar lá esperando ela, mas quando ela chegou lá no lugar marcado ninguém foi.

Nem bateu decepção na Moxica, porque povo hoje não tem palavra. É tudo furão. Em uma cidade ela esperou uma hora pelos coleguinhas. Na outra cidade, mais duas horas. As cidades eram perto. Tipo uns 15 minutos uma da outra. O que demorava era o povo e o transporte, a topic, o ônibus então? só Jesus na Causa e Maria no Coração. Nesse meio tempo esperando, ela viu um senhor levando um Lírio de presente para a moça da biblioteca da sua escola. E viu um senhor que virou pra ela e falou assim: “Olha, vai na sua cachoeira, eu vou te dar esse dinheiro. E você não vai pegar carona não, tá entendendo?”. –Tô entendendo, brigada, muito obrigada.

Ela explodiu de alegria e foi sozinha. Aliás ela achou que estava sozinha. Mas ninguém nunca está só. Ela foi descobrir que a fome de água dela ficou impossível de controlar logo no dia 08 de dezembro. Ela nem sabia que dia era que ela tava. Só sabia que era sábado. Mas, na hora de pegar uma van que ia para cachoeira uma senhora gritou na rua, no meio da feira – Hoje é dia de Oxum! – O grito deu vida pro peixe que morava nela. Ela foi comprovar. Esperou conectar a internet de dados do celular Samsung J5. Pôs no google e era mesmo o dia da Mãe das Águas Doces.

Moxica ficou tão emocionada que a fome de água dela veio logo assim, num dia especial e importante. De emocionada, ela nem ligou, com nada. E quem nada é peixe. Moxica cedeu seu lugar na van para um senhor, conheceu uma velha que fez o peixe que morava na barriga dela subir e quase trocar de Rio. Porque um rio

doente mata gente e mata peixe. Peixe é gente. E gente é peixe. Tá entendeno? Peixe fora d'água era ela que chegou na cachoeira. Chegando à cachoeira então? Aí que ela não estava sozinha mesmo. Uns meninos safados, falaram que ia tirar foto dela. E ela não deu bola. Nem retrucou. Queria só a cachoeira, mais nada. E quem nada é peixe.

Um monte de criança veio atrás dela. E apesar de só viver correndo, ela estava era muito enferrujada para ter a leveza das crianças que mais parecem uma folha voando no mato quando correm. De tão leves. Moxica tava tão dura. Dura no ombro, no pescoço, que parecia era mais pra um tronco de árvore coitada. Árvore perdendo raiz, ainda por cima, porque a primeira coisa que ela fez foi perder o chinelo na correnteza. Mas pediu aos céus, correu, o chinelo parou num galho e ela pegou. Imagina, voltar pra casa que nem saci? A raiz dela mesmo nem era o chinelo. Era a bunda. Isso mesmo. A bunda.

A bunda dela deve ter criado raiz. Porque ela sentou a bunda na água e não tirou mais. Que refrescância. De tanto prender coco. De tanto deixar de comer mamão, deixar de se alimentar, foi nascendo uma manga na bunda dela. Ô manga que doía viu! Mas nesse dia a bunda-raiz dela ficou na água. Por umas três horas, até que uma criança bem pequena, de dois anos a chamou para brincar e sair dali. Na hora de ir embora, ela foi convidada para ir para uma festa. A festa de Nossa Senhora da Conceição, que todo ano é organizada por uma senhora bem mais velha. Mas ela quis ir embora. E fez o quê? Pegou carona.

Subiu na caminhonete. E o senhor que tinha dado dinheiro pra ela, falou ô que? Que era para ela não pegar carona. Não é porque pegar carona é coisa ruim. Nada disso. E quem nada é peixe. Ela foi de carona até a Dona Malu em Palmeiras, lembra? Mas a gente tem que olhar com quem pega carona. Dar uma desculpa e descer se a carona não for segura. Em todo caso ligar para alguém e fingir que estão te esperando. Essa mentira aí não é ruim. Mentira é marcar um compromisso e não cumprir assim, só porque a pessoa não é importante. Tem gente que só puxa saco e cumpre as coisas com as rainha da Inglaterra. Tem umas rainha em casa, mas não tá nem aí pra elas. Quer a rainha da Inglaterra. Faz tudo para ajudar as rainha de Inglaterra. Tampa o sol com a peneira pra elas, ao invés de enfiar a peneira naquele lugar...como chama mesmo? A língua.

Isso mesmo. As vezes, tem reis e rainhas, pessoas que tem sabedoria e chegam até nós. As pessoas que tem sabedoria a gente pode até não saber quem

são, que são reis e rainhas. Mas a gente sente que elas são. A gente percebe quando elas tem, Rio no olhos, Olhos d'água. Essas pessoas dão livramento e é preciso escutar o que elas dizem. E Moxica teimosa, pegou carona. Na estrada de terra tudo bem, a carona tá suave. Suave na nave. Mas quando chegou no asfalto, minha mãe, veio um vento tão forte, o carro pegou velocidade, e ligou o acelerador, a nave que tava suave correu e o óculos dela voou láaaaa longe. Lá nas guritinha. O vento levou.

O coração de Moxica esfriou, o sangue sumiu do corpo dela. Não porque ela ia ficar sem óculos e tinha quatro graus de miopia não. Não senhora. Nada disso. E quem nada é? Peixe. O sangue de Moxica sumiu do corpo porque ela só ia acabar de pagar o óculos daqui há um ano. Ela dividiu o óculos novo em trinta e seis vezes no cartão do pai que nem vivia com a mãe. Minha mãe vai me matar. Alinhar pai e mãe pra conseguir esse óculos foi tão difícil como ver um eclipse. É isso, ela viu o eclipse, o apocalipse. Até o coração dela ganhar sangue de novo, o carro já tinha avançado uma distância grande. Ela bateu no vidro. –Pára moço.

Desceu da carona, foi difícil pular com as panela, e com as pernas bambas. E lá foi procurar o tal do óculos. No meio da estrada. Sem acostamento. Mas com o sol rachando, todos os matos da estrada ficaram amarelos e amarelo era a cor da bunda do óculos de Moxica. Ela ia correndo feliz – achei!- Não...não é o óculos, é um mato. Ficou mais de três horas na estrada. Pulando pra são Longuim. Mas ela tava feliz viu? Ela estava se sentindo muito bem. Independente do óculos. Nada ia afetar a felicidade. E quem nada é? Quem nada é Moxica.

Ela gostou tanto da cachoeira que na hora que ela tava lá com a bunda na água geladinha ela até pensou em agradecer, colocar um presente para as águas, dar o prato de dona Malu pra águas, a Dona Malu, a Dona do Olho de peixe do começo da história, lembra? Dona Malu trabalhava com barro e ela tinha levado para cachoeira naquele dia o prato de barro que Dona Malu havia lhe dado. Ela pensou assim, poxa, o que eu mais tenho de valioso pra retribuir essa alegria, é esse prato. Presente para Rainha das Águas Doces. Não vou dar o prato vazio, tenho cuscuz, posso pôr e tal. Mas eu gosto tanto desse prato cachoeira. E ela ficou com o prato. Só perdeu o óculos.

Depois de uma caminhada longa até chegar na cidade, encontrou uma de suas irmãs. Deu um abraço nela. E ela pensou até em chamar essa amiga para voltar lá, não para procurar o óculos. Nesse momento ela tinha desapegado já. Ela

queria voltar pra ir na Festa de Nossa Senhora da Conceição. Mas ela pensava muitas coisas e desobedecia seus pensamentos direto e reto. Ela fugia dos outros que nem peixe. Só mais tarde ela via – ah, eu devia ter feito isso e tal. No outro dia, quando ela foi fazer café de manhã...ela não desobedeceu pensamento não. Veio aquela sensação de aperto. Mas não veio a dor.

O aperto veio sem dor, e Moxica já foi traumatizada para o banheiro né? “Deixo passar tudo que não seja amor. Existe tempo e espaço para tudo que eu quero fazer”. Essa frase ela aprendeu com um rei e ajudava. É o quê rapaiz? É Nada. Nadica de nada. Nadica de dor para fazer coco. E quem nada é peixe. Foi uma cura. Cura não se explica. Mas teimosa como Moxica é veio assim nos pensamentos dela... devo ter um peixe na barriga. A água que engoli na cachoeira sem saber nadar, deve ter feito um rio na minha barriga e esse peixe, tá afastando toda dor. Dizem que depois desse dia, ela vive com mais fome de água ainda. Passou a beber água.

Carrega aquela garrafa de 1,5litros, hum... com um pau de canela dentro fica da hora. E Moxica tá danada viu? Danada pra levar mulheres pra água. Mulheres que são que nem ela, que não descansam. Ela viu que é importante parar. E teve a consciência de que as pessoas chamam seu nome só para resolver problema, pedir ajuda nisso, naquilo. Ela excluiu o zap zap. Era mais informação do que a que ela dava conta de digerir. Na hora do bem bom todo mundo nem -tchum-. “Tchum” agora, era da água meu bem.

Era o som da mulherada na cachoeira, mulherada velha, que só iam conhecer um lugar tão bonito, depois de velhas. Mulherada que nunca tinha ido pra cachoeira e era até perto a cachoeira, a pé não era perto, mas pegando a van? uns vinte minutos só. Essa mulherada nunca tinha ido pra cachoeira por conta de estar sempre na traficância. E da última vez que Moxica foi, aprendeu uma lição. Guardou o óculos. Mesmo não sabendo sobre suas raízes, tirou o chinelo pra pisar descalça no caminho de terra e de água que leva até a cachoeira. E sentiu que agradecer é bom. Moxica agradeceu com mangas, devia ser melão, mas tudo bem. Comprou flores amarelas e ofereceu o pratinho de Dona Malu.

A água rolou pro mar
A água rolou lá na pedreira
A água que foi pro mar
Ela vem da cachoeira
Vou chamar Mamãe Oxum

Vou chamar Mãe Yemanjá
 Ela é minha Rainha
 É a princesa do Mar
 (Música ensinada por Raíne e pelo Mestre de capoeira Adó de Santo Amaro da Purificação)

g) A menina que teimou com a Mãe Maré

Adultos precisam de ouvir histórias também. A gente vê os olhos dos pais e mães brilhando nos eventos da creche. A criança às vezes vai brincar de outra coisa, e o adulto ali, com necessidade de ouvir e contar causos.

*Eu subi o morro
 Eu descí a serra
 Eu vi a onça
 Quase que a onça me pega*

Não era pra ser diferente. Menina moça não tem computador. Mas a avó tem. Notebook, celular. Avó trabalha, cata marisco. Menina moça só estuda e estudar né trabalho não? É trabalho, só que não recebe. Avó é mãe 2 vezes. E no caso dessa menina sapeca de nome mar, o povo lamenta pela avó: coitada daquela ali, virou mãe duas vezes de uma menina tão teimosa. Essa avó-mãe emprestou o computador para a menina mar. E abriu as portas do céu. Porque essa menina sapeca gostava muito de ler e de estudar. Ave Mãe cheia de graça. Estudar é bom, mas né fácil não.

A gente dorme pensando, sonha com um monte de gente e de coisas, o que a gente lembra acorda e escreve. A menina, quando não entendia um texto acendia vela branca, dava era fome nela. Então ela já estudava na cozinha. Quando não tinha comida, bebia chá. Chá demais faz mal, viu? A barriga “cresce, explode humanidades”, chegava a transbordar, com aquela vontade de vomitar e tudo. Parece que quando come, o texto fica mais fácil. “Bu teni ki alimenta pam púdi pensa dretu”, assim diziam uma Ave Mãe, em kriolo de Cabo Verde. Tem que alimentar direito senão a cabeça fica fraca. Mas era pra eu ter começado essa história com era uma vez né? Pois é. Parei de usar era uma vez pra todas as histórias depois que ouvi uma poesia de Lukas Penteadó Kóka:

Era uma vez? Não. Pára que isso aqui não é conto de fadas. E a história que vai ser relatada é só realidade. Conta as memórias de uma vida pacata, que esmagou a maldade. 1996, quatro horas da manhã, dilatação de quatro dedos, mas não tinha parteiro. A saúde onde eu moro me dá nos nervos. Nome da mãe? Andreia! Preta! Nesse mundo é treta, quando madura via que a vida era dura. Parecia que Deus olhava e dizia: - Poucas ideias. Prazer! sou sim o desgraçado, como o engravatado tinha me falado. É, mas ele ficou impressionado, porque além de Nego Drama, sou um negro estudado. E eu sei que tenho muito a estudar, porém, na academia da hipocrisia, a matéria que eu não entendia, eles querem tirar. Um dia eu chego na Universidade. Eles nem tão ligado que a vida serviu de faculdade. De apenas 3 matérias: miséria, escravidão e infelicidade. Pois é Brasil! Eu nunca tive um but de mil, mas no sistema eu vou tentar dar uma bota. Porque eu quero ver meu bem. Quando no Enem, nego tirar 100, eles falarem que foi cota.

Na época que não tinha enem e nossas mães, as que estudavam, escreviam na folha de pão. Nessa época elas sabiam ter neném. Não só porque minha vó teve 17. Mas porque tinha gente que sabia fazer parto. Sabia cagar no mato. De cócoras. Porque o vaso só serve pra colocar a gente na postura que machuca o forévis. Mas era a vez de uma menina que precisava de um notebook. Trabalho de escola agora é tudo digitado. Esse trabalho não era qualquer coisa não. Ninguém entendia por que ela estudava tanto pra esse trabalho. Ana Moça ficou chateada. Menina sapeca você não vai mais na roça plantar com a gente? Você sumiu! Eu fiz alguma coisa com você?

Menina sapeca fugia de todos os convites para fazer esse trabalho, o TCC. Ela já tinha ouvido de várias pessoas que tinha cêcê. –Fedorenta. Ela retrucava com a irmã, pelo menos. – Branca Azeda. – Preta do sucavo cabeludo. Tudo racismo. Mas ser branca não é sofrer racismo como uma negra. Menina sapeca era negra só em alguns lugares. Tinha a pele que alguns falavam que era amarela, morena, parda só faltava a minina virar envelope de papel, aqueles pardo que carrega documento.

Deu um bizzu na cabeça dela, porque sempre chamavam ela de feia, e quando ela morou com uma menina da cor do céu a menina falou que a menina sapeca parecia com atriz de filme, de cabelo liso, olho claro e tudo.

Mas ela sabia que ser negra é ter cultura. Ser parda é ser folha de papel. Então ela sabia que era negra, mas que não sofria tanto racismo assim. Quando falavam pra ela rapar o suvaco, passar desodorante doía. Até diziam pra ela não ficar na casa dos primos pretos. Bem pretos. Casa cheia de bagunça, xixi de cachorro, cê vai pegar murrinha. Aliás, já pegou o cheiro deles. Vai tomar banho. Passar limão, bicabornato e água oxigenada volume 10.

Ela passou limão um dia, foi pro sol, voltou e feriu tudo. Que limão queima na pele. Pra fazer o TCC, ela tava suando tudo. Da tampa da perereca até a tampa do breoso. O TCC não é têtêrê. É um trabalho que a gente faz com embasamento teórico. Ou seja, citando pessoas e pesquisas, com sobrenome em caixa alta, espaçamento 1,5, margem da página 3,3 (superior, esquerdo,); 2,2, (inferior e direito).

Essa história que vamos contar é da época em que as mais novas não ouviam as mais velhas. Temos como referência teórica a pesquisa de SANTOS, Joselita Gonçalves dos. *Essa é a minha Filosofia*. 2018. (Da primeira página até a última) Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira. Você pode encontrar essa pesquisa na biblioteca da Unilab, no repositório virtual, enviando email, ou conhecendo a própria Dona Joca que anda samabando e sua rasteirinha não tem antiderrapante.

No dia que se passa essa história a avó que tinha notebook, zap zap, celular, estava muito brava. No meio do Mar. Pedindo para menina sapeca de nome mar sair do Mar. A praia era Itacaré. Bahia. Cheia de turista loiro. A avó pagando mó mico. De vestido, no Mar. Gritando mar saí do Mar mar. Como assim? Pedir pro mar sair do Mar? Vai ficar só areia? Sereia? O lugar de mar é no Mar uai.

Mas mar tinha coisas boas também. Chamá-la de menina sapeca às vezes pode parecer pejorativo, porque ela não era assim imatura, sabe? Ela reciclava copo. Pegava copo plástico de evento, de lanchonete para fazer o Beba poesia. Um trabalho de poesia pelas ruas para matar outro tipo de sede.

Se o TCC deixasse, ela ia estar vendendo. Dedicada aos estudos ela vivia com a pressão de que tinha era que trabalhar. Mocinha ela não era mais também. Ela não bebia álcool porque dava dor de cabeça, mas teve um Natal que ela bebeu vinho Chapinha. Quando ela foi no banheiro viu o vinho na calcinha e achou que ele tinha descido direto. Pra quê? Falou com a mãe, a mãe cochichou pro pai e no outro dia o pai deu ela um manual de negócio sexual, que não era kit gay, era ensinando umas coisas de preservativo e tal. Não falaram mais nada, de tipo explicar as coisas, ela também nem quis saber.

Em outra comunidade ouvi a história de uma menina que não sabia que era rainha. Seu corpo negro recebeu a menstruação durante a noite. Quando ela acordou e viu sangue na cama também não sabia o que era menstruação e que tinha menstruado. Na verdade ela achou que tinha levado um tiro. Porque era isso o

que ela ouvia e associava ao sangue: tiros. É por causa desses sangues que mar foi fazer TCC, parou de trabalhar para ficar lendo e escrevendo: vagabunda né?. O sangue de tiro dói e mata. O sangue da menstruação também significa morte. Todo mês o corpo da mulher se prepara para gerar um bebê.

Se ela não fica grávida, aqueles nutrientes que ia sustentar e criar uma vida descem e ela ovula, sangra. A morte que vem no sangue da menstruação não é ruim. É um renascimento. Depois da fase do cio, depois do período quando a mulher saí de uma lua onde tudo fica assim tipo –uôu-uhu!!-vou beijar, namorar- muita agitação. Ela ovula e menstrua. Cada uma tem a sua lua. A agitação no cio, não é só pra namorar. mar mesmo ficava animada para fazer teatro, cuidar das plantas e ela sabia que logo em seguida esse sangue do neném que ela não teve, ia regar as plantas, pra elas crescerem muito fortes e mar poder tomar chá, porque chá ela bebia muito e até comia quando tinha que ler texto difícil, quando tinha que fazer TCC, quando tinha qualquer coisa e quando não tinha nada.

Chá de cravo. Chá de gengibre. Chá mate com limão. O sangue da menstruação é cheio de nutrientes. Chá de canela faz descer mais sangue. Camomila alivia dor de cólica. E esses nutrientes não valem a pena serem jogados no vaso, porque do vaso sanitário vão pro Rio. O ser humano é o único animal terrestre que caga na água. E água doce no mundo, água que não é salgada, são só 2%,3%. Muita gente passa sede, falta d'água. Arranca árvore e arrancar árvore seca rio, mata gente, mata irmãos e filhos, seres vivos. Pior do que sangue e coco na água, são os produtos químicos que vão no shampoo, creme, detergente porque esses produtos são invisíveis, como os agrotóxicos no nosso corpo, no leite materno, no sangue. Visível é a doença. O rio morrendo, o posto de saúde cheio de gente, e a teimosia de mar no Mar com Dona Joca.

- Mar sai do Mar, mar. Ô mÁAr.

Ela de chapéu, com vestido e tudo, tendo que ouvir.

Íiiii, ó vó

Eu nado borboleta ó.

Você deixe de ser "leutéria" menina sapeca. Nem nadar você sabe, saí daí que é fundo.

Né fundo não vó Ó. E ela abaixa. Ia lá pro meio do Mar.

Nadava de costa, achava que nadava. Engolia água, sorte que a água do mar não tem fim. Teve uma hora que ela tirou até a calcinha só zoando.

Dizem que os signos afetam a personalidade de uma pessoa. E a menina sapeca era de um signo que caracteriza muitas pessoas de “cabeça dura”. Mas isso é mentira. A cabeça só fica dura quando a gente não aprende as coisas. Até que um dia por bem ou por mal a gente desendurece a cabeça. Na ansiedade de falar muitas coisas, essa história parece meia sem pé nem cabeça. Mas não é. Porque para desendurecer cabeça, a gente perde a cabeça.

Onde já se viu mar desobedecer um bom conselho, que não era o conselho só de vó, mas o conselho do próprio Mar? Da mãe Maré. Isso mesmo, a mãe maré fala com algumas pessoas e nesse dia ela, de alguma maneira, a Mãe Maré falou para vó de mar que ela, mar, não podia nadar e ficar no Mar.

mar só podia ter bebido água de esgoto para estar afrontando duas mães. Ou melhor, 3 mães porque vó é mãe duas vezes. Fora a mãe dela que morava longe e não ia gostar de nada disso. Mar só podia ter bebido água de esgoto. E foi isso que ela fez.

Chegou em Itacaré de noite, num lugar que ela nem conhecia, ela estava indo lá pela primeira vez num encontro de Pedagoginga na Casa do Boneco, para um Cururu do Ibejis. Chegou, chamou uma amiga que não podemos revelar o nome, elas foram pro mar de noite, pediram licença, beleza, mas elas não viram o mar onde estavam entrando. Naquele Mar o ser humano estava jogando um esgoto. E mar, que morava em Minas Gerais, onde não tem praia, quis até provar da água para ver se era salgada mesmo. Tava uma delícia. Salgadinha. Elas nem notaram que tinha esgoto ali. Sim, sua amiga, que não podemos revelar o nome por questões de ética e de segurança, era baiana, sabia que a água era salgada, mas foi na onda de mar e bebeu da água sagrada também. O problema não eram elas. Não era estar de noite na praia. O problema é jogar esgoto na praia.

Quanto nome tem a Rainha do Mar?

Quanto nome tem a Rainha do Mar?

Dandalunda, Janaína

Marabô, Princesa de Aiocá

Inaê, Sereia, Mucunã

Maria, Dona Iemanjá

Onde ela vive?
 Onde ela mora?
 Nas águas
 Na loca de pedra
 Num palácio encantado
 No fundo do mar
 O que ela gosta?
 O que ela adora?
 Perfume
 Flor, espelho e pente
 Toda sorte de presente
 Pra ela se enfeitar
 Como se saúda a Rainha do Mar?
 Como se saúda a Rainha do Mar?
 Alodê, Odofiaba
 Minha-mãe, Mãe-d'água
 Odojá!
 Alodê, Odofiaba
 Minha-mãe, Mãe-d'água
 Odojá!

Precisamos identificar os problemas. Quem pagou mico nessa história não foi as meninas no esgoto. É quem criou o esgoto dentro do mar. Não foi a vó de vestido, gritando no meio do mar pra mar sair do Mar. A menina mar também pagou mico. No outro dia, depois do dia da teimosia, foi caminhar da casa onde estava até a casa do boneco e precisou de ajuda para caminhar. Sentou no meio da rua. Chorou. Chegou na casa do boneco com olho vermelho. Isso já era tarde. Depois do almoço. Porque ela tentou levantar da cama, e só conseguiu depois de uma hora da tarde. As irmãs fizeram massagem na barriga dela. Era cólica. E o problema não é a cólica, não é a menstruação. Lembram o que eu falei da menstruação? O problema é a desobediência.

Lhe deram chá. Ela nem sabe de quê que foi o chá. A natureza pode ser tanto um remédio como um veneno. Pode dar vida e tirar a vida. Como diz o teórico Fu Kiau, kalunga, a terra, é um futu, um “pacote de remédios”. E complementando

com a sabedoria de seu Badú do quilombo do Mato do Tição, o que muda do remédio para o veneno é a dose. Kalunga em uma língua de Angola significa Mar. mar se banhou em uma dose de Mar de corpo aberto. Para cultura de Dona Joca, vinda do candombré, quando a mulher menstrua, fica de corpo aberto. E com o corpo aberto, todos os trabalhos de bom ou de ruim podem vir para o seu corpo, entrar em você.

E o Mar é a Mãe onde filhas e filhos descarregam suas dores, suas alegrias. A cachoeira também. A árvore também. Então mulher menstruada não pode subir em árvore, nadar. mar foi aprender isso já mulher velha porque quando era mocinha sapeca ficaram com vergonha de lhe falar as coisas. E a vergonha é fruto de um tabu, de um comportamento onde falar de menstruação parece escola sem partido, ou seja parece crime. Se estão querendo prender professoras em sala de aula. Daqui a pouco podem prender mães e pais. Aliás já prenderam, no pelourinho, no trabalho.

Hoje prendem se um adulto bater na criança. Por isso mar não apanhou da vó de vara de marmelo. Nem tem mais essa planta também. Cipó a gente não acha mais pra pegar e bater. Fio de luz, chinelo, rasteirinha sem antiderrapante tem, mas é crime. Como diz Dona Amélia, a gente que é mãe não pode fazer isso, bater. Tá certo. Mas e a polícia, pode? Pode bater desse jeito? Espancar?

4k “A rua? –Recita. A Rua? – Recita (...) Mais uma guerra estorou todo mundo pede paz e graças ao nosso senhor. Mais uma vez, ferindo um inocente. E quem sofre é gente da nossa gente. Enquanto isso um menor vai maquinado com um sorriso no rosto, coração dilacerado, sei lá no fundo ele teme perder sua vida. Vai entender? Fazer O quê? Periferia. É. De lá de onde eu vim (...) é só um jogo e uma soma. As armas, são só o contratempo, e eu? Eu sou o tempo pô. Eu. Sou filho do tempo. Ao relento e deitado eu senti. Era quinta feira, eu acho que algum de vocês aqui já ouviram sim. Mas ninguém sentiu o que eu senti. Era a PM que deveria nos proteger. Agora feche os olhos, feche os olhos mesmo. Imagine um labirinto. E no meio desse labirinto, a chave para essa solução. Toda vez que eu recito isso, sempre vem uma lágrima no rosto Jão. Eu? Eu só fui mais um dos milhões. É o racismo, eles? Eles me bateram até não querer mais. Me perguntaram se eu era gay, e eu respondi, Pra que rapaiz? Eu bissexual ao 19, nem sabia se pode. Aos 18, eu nem imaginava que ia perder minha audição. Foi um enquadro, no meu próprio bairro. Quem deveria proteger, estorou os meus ouvidos. Ouçam. E eu? Eu mais uma vez resisti. Eu? Eu só clamei por duas pessoas naquele momento. A mim mesmo e a Yemanjá. Ela que nunca me abandonou, e nunca se deixou levar. Êi! Fechou os olhos, imaginou o tal labirinto? Agora abra. E seja bem vindo ao labirinto. Eu. Eu só escuto 20% desse ouvido, Desses eu não posso escutar nada pô. Mas enquanto a poesia viver em mim, nem os meus irmão se cala. (...) A união é bom. Quando não se tem a utopia. Quando não se

toca, não sente, não si sente. Aí minha tia? Eu não vou te roubar. Não precisa esconder seu celular, eu tenho o meu pô (...)"

Poesia 4k, Samuca Koala

O mundo não é só o que vemos. Ver uma senhora de vestido no mar, implorando pra mar sair do mar, na lente dos olhos azuis de um turista loiro pode ser engraçado. Ver uma senhora em seus sessenta anos, de notebook na mão, na universidade, com diploma e tudo. Na lente de quem quer roubar seu território é falta do que fazer. O notebook é batalha. E a foto da vó com diploma na mão, na tela do notebook, o maior incentivo. A vó tá mais nova e mais viva que a neta inclusive.

Ela abriu estradas e me dá ferramentas para luta, para fazer o TCC. A foto dela não é só ela. É muita informação. O TCC dela? O TCC dela é outra história. E tem a ver com o dia do mar. Por quê? Porque mar, a menina sapeca não ficou só com a cólica. Depois daquele dia do Mar o ouvido dela entupiu. Ela pulou de um pé só para a água escorrer. Passou pano morno. Sua mãe enviou óleo de mamona lá de minas gerais. Nada. E quem nada é Peixe. Ela foi no médico, depois que ela viu que água no ouvido pode apodrecer e virar otite, ela ficou com medo.

O doutor passou cerumin, remédio. Ô consulta demorada, pra ele só olhar pra ela, nem tocar, nem medir pressão do ouvido nem nada e passar o tal do cerumin. Saiu um caminhão de cera. mar podia fazer mel. Mas tinha medo de limpar ouvido. Porque pode dar problema se, ao limpar o ouvido, empurrar cera pra dentro dos tímpanos. No dia que ela foi no posto de saúde, porque, olha que esquisito?, o cerumin tirou a cera, mas não tirou a água, ela tava em lágrimas. Quem ela encontrou? A avó. Não mar, deixa, vou arrumar folha da costa. Ninguém manda ser teimosa. A folha da costa nunca chegou.

Numa noite de lua cheia, mar ouviu um dos ouvidos fazer um estralo. Desentupiu. No outro dia, de dia, o outro ouvido que ficou entupido fez mais um estralo. Desentupiu os dois. Esse dia era o dia do TCC de sua mãe avó. Mar pôde ouvir todo TCC dela. E elas estavam fazendo um Caruru.

Saí saí saí ô piaba
 Saia da Lagoa,
 Põe a mão na cabeça
 Outra na cintura
 Dá remelexo no corpo
 Dá umbigada na outra

Dois meses de sofrência pra entender saí piaba da lagoa, nós temos dois ouvidos e uma boca. Pra entender que nela o ouvido só entupiu, e no seu irmão o ouvido estourou. Então precisamos ouvir duas vezes mais, ouvir o dobro. Na noite desse dia, que desentupiram os ouvidos e sua mãe avó defendeu o TCC, a lua estava vermelhinha no céu. mar e sua amiga Lálá ficaram admiradas. É assim uma abrindo o caminho pra outra. Andando com a outra. A gente vai capinando as árvores de espinho.

Porque quando a terra está machucada primeiro nascem os cupins. Depois essas plantas mais bravas, árvores de espinho pra ir recuperando o solo. Isso demora muitos, muitos anos. Pra voltar a ter uma floresta. Algumas pessoas vão se redimir e ajudar a terra a renascer, junto com os outros animais que sem ter de fazer o tal do TCC, já trabalham dia e noite fazendo ciência cuidando da mãe terra. Vai sangrar a mão. Mas sangrar é renascer. Igual menstruação. A gente poda daqui. Tira umas teorias euoperias racistas. Deixa outras que são muito foda. E tem lugar que a galera só planta uma coisa. Aí não. Monocultura não pode. E olha a gente nem precisa de plantar.

Se a gente deixar a terra pelada, nunca vai nascer uma coisa só, nasce diversidade. O natural da vida é diversidade. E foi podando lá, podando aqui que mar fez seu TCC, mas nem foi ela que fez. Porque ela só fez cuidar de árvores que tavam escondidas, sufocadas por outras plantas no meio da mata. mar chegou até a um baobá. A primeira aula de mar na faculdade foi com Dona Joca e Rutte. E Dona Joca, mãe avó emprestada, sabia entender mar como uma mãe entende a filha. mar, bate com a colher do lado de fora da panela pra estourar toda pipoca. Tem que tocar samba pra pipoca, pra não ficar nenhum piruá.

Trabalho da professora Giselle, da professora Rutte, batia certo. Era tudo com arte e teatro. Além de emprestar notebook, Dona Joca ia na cachoeira e prometia voltar com caderno de presente para mais uma neta estudar. Estudar não é o único caminho para fazer historia. Ninguém é obrigado a fazer faculdade e TCC. Tem muitas maneiras de viver, de plantar. Mas mar queria ser que nem Dona Joca. Porque dar um caderno de presente à uma criança ou emprestar notebook pra menina sapeca é como uma mensagem. É falar assim: ÔÔOO mÁaar sua sapeca, olha o tanto que eu lutei, o tanto que nós lutamos pra você chegar aqui.

Se fosse antigamente você não ia poder estudar, falar suas teorias e fazer pesquisas pra construir uma escola, tá entendendo, bênção? Quer ficar aí pulando muro? Se jogando contra o muro pra derrubar que muro sua danada? Se cê quiser derrubar, muro. Você sabe fazer massa e construir outro melhor? Ou vai fazer um pior pra ter risco de cair e machucar outras pessoas? Você sabe que muro você quer por fogo? Você sabe como vai derrubar o muro? Ou vai de peito aberto? Por que no hospital você viu como é que é por causa de um ouvido, tá entendendo, bênção? Outro dia um irmão negro pediu a mar 10 reais e ela não tinha.

Dava vontade dela ter o diploma, o emprego pra tirar 10 reais do bolso, só dez, desgraça. Ela foi na feira no dia seguinte pra conseguir o tal dos 10 reais fazendo poesia, mas só conseguiu fruta. Ela tinha vontade de falar para esse irmão assim: Você ÔOOOOO, você “diz graça”, bênção, então entra na universidade de graça, que você consegue auxílio de permanência pelo seu perfil, pela luta da sua avó, da sua mãe e da sua irmã, fora sua inteligência porra, tá entendendo, bênção?. Mas na hora, o que saiu da boca dela foi: tá maluco é? vai plantar aipim e vender na feira se quiser 10 reais seu folgado!

Na hora que ele pediu 10 reais, ela falou assim só esse pouco, com raiva, quase sem voz. Porque tinha hora que ele era convencido demais da conta e faltava humildade de príncipe pra ouvir e aprender. Então ia dar merda. Fica aí irmão achando que é príncipe e não vira rei, não vira lampião, só lamparina pra o Estado apagar com um sopro e a sua mãe, sua irmã ficarem sem luz. Assim como muitos príncipes, né? Alguns chegam a vender tudo da mãe sem pedir se pode, geladeira, fogão, pra ter outros tipos de dez reais. A gente sabe que eles folgam e não pode dar corda. Nem abraço. Enquanto eles se prestam a fumar e a discutir o nosso bem, é a mulher que lava a roupa, a louça, a escada, o chão.

Ô língua! enxada é mulher com pá-lavra que corta a revolução. Mesmo grávida cozinha e limpa chão. Mesmo solteira é o pai da casa. E acompanhada está sozinha. Porque os filhos homens estão o dia todo fora. Caminhando pela cidade. Fazendo sua escola sua mocidade. Ok, buscaram água no chafariz? Pegam no batente? Mas quando chegam em casa só fazem o esforço de escovar o dente. Não pegam em mais nada? Acham que mente que pensa não pode ficar cansada? Por que só vocês são ouvidos no que diz? A mulher mesmo valente é excluída da conversa. Política e maconha: só para quem presta. Torna-se festa daqueles que oprimem. Que se juntam nas poucas horas livres. E que querem decidir pelo mundo.

Sem ao menos chegar aos fundos da própria casa. Ajudar a irmã embuxada que já fez café, janta e almoço e ainda tem trabalho até o pescoço. Mas não era só pra feira que ela queria mandar ele não.

Ela mesmo se mandou pra feira, só que o aipim que ela até plantou com Ana Moça e Edimilson, era só daqui a seis meses, se chovesse que sem árvore, não tem chuva e sem chuva não tem planta. Deu uma vontade de chorar lá na feira quando ela foi, mas até chegar na roça pra molhar o aipim a lágrima já ia ter secado. Na feira. Se o irmão tivesse ido ia se dar bem. Cambada de homem safado, eu quero dar é a poesia sua peste. Antes se mar cobrasse pelo que eles queriam, ia ter o dinheiro do aluguel e 10 reais todo mês. Todo mês. Mas tem que? Tem ser sexy, sempre sexy, tem que ser sexy, sempre sexy. E só de ouvir pssiu da vertigem, então não rola. Puta, hetero, santa ou virgem. Falei amém à mãe. Amem a mãe, viu? Porque mulher não chora.

Ela tinha essas coisas de querer ser mãe. E os irmãos negros era tipo um filho dela, porque todos eram uns filhos da mãe... da mãe dela, sabe? Irmão escuta: Na feira, na rua ou na escola sendo quem você é, você faz revolução. Mas vê se sobrevive, assim foi com meu primo: Pra um irmão negro sem desgraça, branco pobre sem desgraça, pardo sem desgraça, a gente fala tchau e não sabe se vai voltar a vê-lo depois. Irmão negro parou de estudar. Ele é muito mais inteligente que a menina mar, inclusive. Justiça de guerreiro te traga para representar nossa volta.

Vê se pode? No dia do TCC de dona Joca que foi bonito. TCC fora da escola. No quilombo. A lua iluminou a mata de mar. Puta, hetero, santa ou virgem. Deu uma Lua vermelha no céu. Lálá viu. A Lua tava que nem sangue de menstruação. Luar de Luanda em meu coração.

Que noite mais funda kalunga
No porão de um navio negreiro

Que viagem mais longa kandonga
Ouvindo o batuque das ondas
Compasso
de um coração de pássaro
No fundo do cativoiro

É o semba do mundo kalunga
 Batendo samba em meu peito
 Kawo kabiecile kawo
 Okê arô oke

Quem me pariu foi o ventre de um navio
 Quem me ouviu foi o vento no vazio
 Do ventre escuro de um porão
 Vou baixar o seu terreiro
 Epa raio, machado, trovão
 Epa justiça de guerreiro

Ê semba ê
 Samba á

O batuque das ondas
 Nas noites mais longas
 Me ensinou a cantar

Ê semba ê
 Samba á

Dor é o lugar mais fundo
 É o umbigo do mundo
 É o fundo do mar

Ê semba ê
 Samba á

No balanço das ondas
 Okê aro
 Me ensinou a bater seu tambor

Ê semba ê
Samba á

No escuro porão eu vi o clarão
Do giro do mundo

Quem me pariu foi o ventre de um navio
Quem me ouviu foi o vento no vazio

Do ventre escuro de um porão
Vou baixar o seu terreiro
Epa raio, machado, trovão
Epa justiça de guerreiro
Ê semba ê ê samba á
É o céu que cobriu nas noites de frio
Minha solidão
Ê semba ê ê samba á
É oceano sem fim, sem amor, sem irmão
Ê kaô quero ser seu tambor

Ê semba ê ê samba á

Eu faço a lua brilhar o esplendor e clarão

Luar de luanda em meu coração

Umbigo da cor
Abrigo da dor
A primeira umbigada massemba yáyáyá
Massemba é o samba que dá

Vou aprender a ler
Com as rainha camaradas!

Vou aprender a ler
 Com as rainha camaradas!
 Vou aprender a lÉer!
 Com as princesa camarada
 Vou aprender a ler
 Com os reis camarada
 prender a ler
 Com príncipe camaradas!
 Vou aprender a ler
 Com as rainha camaradas!

Fontes:

Lucas Penteado Kóka – Recomendamos o vídeo Lei 10.639 Preta Rara – Nossa Voz Ecoa <https://www.youtube.com/watch?v=-Pv0RTnsJak> onde o poeta recita os versos aqui citados. Bem como o blog:

<http://sociedadedospoetaslivres3.blogspot.com/2017/03/lucas-penteado-koka-poesia.html>

Samuka Koala (4k) – <https://www.youtube.com/watch?v=um3K6K9CjzU> ver também o Canal no Youtube Preto Disgraça:

<https://www.youtube.com/channel/UCEjLO11GYUJuzqiLJXn-YgA>

Maria Bethânia - Iemanjá Rainha do Mar

De suas irmãs Raíne e Juciane, mar aprendeu uma canção Yáyá Massemba

h) Seu João Alegria e o Sapatinho de Cristal

Olha o suco, Olha o suco, Olha o suco de acerola
 Olha o suco, Olha o suco, Olha o suco de acerola

Povo na cidade não valoriza suco natural não sô. Quer é coca cola. Pois é, vender suco de acerola na cidade né fácil não. Mas na roça, lá no quilombo tinha seu João. Com pé de acerola todinho pra ele.

Com suco, galinha e quiabo na hora que ele quisesse, porque seu Jão Alegria tinha terra pra plantar. A gente vai visitar seu Jão, mas não pode sair de casa nem meio dia, meia noite ou as seis da tarde.

Repara! Aline que me ensinou, ela é da Bahia. Repara menina, que nesse horário a rua fica quieta, os bichos não cantam, nem cigarra faz festa. Lá no quilombo de Seu João tem a Festa de São João, com a fogueira de uns três metros ou mais, onde ele caminha na brasa sem queimar o pé. Cinza de fogueira serve pra remédio, mas tem que saber comé que é. Dona Nilce sabe, falta gente pra aprender. Outro dia, foi um homem no quilombo. Não tava conseguindo pisar no chão. O médico passava só pomada. Dona Nilce viu: isso é bicho de porco. E já tá no último nível de inflamação. Pomada não adianta. Vamos banhando com folha e tem que tirar aos poucos com agulha. Ainda bem que ele foi lá nela.

Outra hora, ela curou um pé. Ela curou um pé cheio de bolhas escaldando o pé com chá panacéia e outras folhas. Recebeu em casa uma filha que quando a ansiedade batia, explodia com bolhas no pé. Fez como Águida e Aretusa, que lavam os pés de mulheres feridas com rosas e gerânio. Ou como Kakaih que tirava a bota e sua medicina de curar males é banhando pés com sal grosso.

Se aquela menina que calçou o sapatinho vermelho encantando e teve como única solução cortar os pés com o machado, se essa menina da história do dinamarquês Hans Christian Andersen conhecesse algumas destas pessoas não ia precisar ter cortado o pé. Ia vir curar o resfriado com a vitamina C da acerola, poderia chegar até numa época que não é da acerola, mas ia achar uma fruta da época que dá para fazer suco ou chá e tem os benefícios para aquele período do ano. Era só ficar calma, chegar a uma mestra, respirar e o sapatinho sairia.

Ô minino pega uma cebolinha no quintal. llllll óoooo vô. Giovanna vai lá e pega. O minino tirou cebolinha com a raiz? Foi vô tá errado? Giovana vai ser uma contadora de histórias como o avô. Seu Jão levou a gente lá no cruzeiro de noitão, de madrugada e cantou canções.

Lá no Mato do Tição tem o candombe, ensinado por Tia Tança. Tem Seu Badú que escreveu uma carta. Tem Giovana que escreveu outra. Podemos ler as cartas? (Carta de Seu Badú pág 13.)

Quem quiser responder a carta, escreva uma mensagem bem bonita, com perguntas, que nós vamos levar até lá.

h) Dona Briulho

Nossas mãos são cuias, nossas mãos são cuias
Com histórias para ofertar

Vamos dar uma caminhada hoje?

Eu subi o morro, eu desci a serra
Eu vi a onça, quase que a onça me pega

Tic, tic, tic, sabe que barulho é esse? Era a menina que subiu o morro e foi capinar com a enxada na serra. “Bate a enxada de lado mocinha, assim você capina mais rápido. Olha não encurva tanto o corpo.” Tic. Tic. Tic. “- Ei vai com calma. Vem bebe água. Roma não foi feita em um dia.”

E assim ela ia plantando, plantando, plantando. “A batata a gente planta assim ó: vai fazendo a rodilha”. Tic, tic, tic. Até que um dia: Tic, ui, Tic, ai - ela começou a perceber que sentia uma dor no peito. E ela chorava -Um é, um é, um é-. Disseram que era para ela ir em Dona Bill e ela foi. Chegou lá para ser cuidada, para saber de um chá para tomar. Até tentou cantar uma canção:

Sai, sai, sai ô piaba. Saia da lagoa. Bota a mão na cabeça. Outra na cintura. Dá remelexo no corpo. Dá umbigada na outra.

- Um é. Um é. Um é – Ai ai ai Dona Bil tá doendo o estômago, o peito. “Veja só”, disse Dona Bil, você carregou muito peso. Está com a espinhela caída e o peito aberto. Venha amanhã cedo para eu poder te benzer. Mas é preciso chegar antes das 6h. E a menina foi pra casa dormiu. Quando deu 4 horas ela olhou no relógio e dormiu mais um pouquinho. 4:30, 5h...

Tava durumino cangoma me chamou. Disse levanta nego cativo já acabou. Disse levanta povo cativo já acabou.

A música do despertador não falhava. Nem a benção de Dona Bill. Com ramos de aroeira, asê, afeto e benções Mãe Bill cuidou de uma filha, sem ao menos conhecê-la. Indicou os chás e o resguardo para tirar a inflamação do peito.

Vem, vamos tomar um café. Você sabe mocinha que Oxalá é o orixá que todas as noites desce à terra para retirar as doenças do mundo? Pode reparar que demanzinha tem aquela neblina, aquele orvalho nas plantas. É Oxalá trazendo paz, com sereno, lavando tudo com gotas de orvalho. Depois, quando o sol nasce, Oxalá volta para as nuvens. Quando peguei em seu corpo senti a leveza das nuvens de Oxalá. Você precisa se cuidar mais.

As crianças que ouviam essa história ficaram muito contentes. Até mesmo uma criança adulta, contadora de história sorriu. Isso porque é uma beleza poder curar alguém com amor. A mãe de Dona Bill partiu por conta da falta de resguardo com o peito aberto. O que seria da menina? Ela ia no médico, fazia exame e vinha o famoso né nada não. Como médicos e Donas Bil podiam trabalhar juntos. Porque cada conhecimento fortalece o outro. E Dona Bill representa muita coisa. Porque as raízes estão sumindo. Falta quem aprenda com as folhas sagradas.

Uma das pequenas que ouvia a história de Dona Bill, criança de nome Pérola logo foi encontrando um ramo de folha para benzer como Dona Bill. Cheia de brilho, amanhecida de uma festa de Oxum, acordamos em um terreiro de Oxalá com Pérola sorrindo imaginando a benção- ah! E esse sorriso da pequena Dona Briulho já é outra história.

5. Vivências de Teatro do Oprimido e Amefricanidades

PROJETO BAOBÁ

Aprendemos a importância de nas oficinas reforçar desde o início que as pessoas são atrizes.

No teatro do oprimido cada jogo tem uma razão de ser. Mas, os jogos não precisam ser explicados porque isso restringe, limita seu sentido. Sempre é necessário conversar sobre os jogos, o que gostou, o que desafiou, em um dado momento da oficina. É bom que as pessoas mesmas apontem seus aprendizados e trajetórias de vida com uma dinâmica. Descrevemos alguns processos. Mas não

recomendamos fazer uma oficina sem ler o Livro Jogos Para Atores e Não Atores de Augusto Boal.

a) JITOU (Público diverso)

O Teatro Oprimido envolve um processo delicado. Implica em remexer, fazer pessoas relembrem traumas e opressões. Então para além do Livro de Jogos, para multiplicar o método é imprescindível a leitura de Augusto Boal, Bárbara Santos, que também possuem vídeos na internet, vimeo e youtube.

Cada oficina é uma oficina. E sempre quando pensamos um norte do que fazer, muita coisa muda e a gente vai para leste, oeste e sul.

Dado o perfil de cada grupo, é preciso criar linguagens, diminuir ou aumentar o tempo de um jogo. Ter essa sensibilidade de perceber até quando ficar em um jogo, quando mudar de jogo é um desafio. Precisamos ter o cuidado com as sensações. Um jogo com afetos, não pode ser interrompido de forma abrupta. Uma das formas utilizadas pelo Projeto, é verificar o perfil do grupo para montar a oficina. Se é um grupo que ouve pouco. Vamos buscar jogos na categoria dos sentidos, por exemplo. Porque os jogos no Teatro do Oprimido são divididos a partir dos sentidos. Como temos a busca por africanidades, buscamos experimentar a presença griôt, com a contação de histórias durante todo o processo. O contato com a terra, pisar na terra. Levar uma muda para plantar. Um lanche natural. Um chá é fundamental. A meditação também tem sido um caminho de encontros.

1º Encontro (8 horas de duração)

- **Ouvir o nome das pessoas, breve apresentação.**
- **História para conexão entre o grupo:**

Tinha um menino que vivia tentando enganar o avô. Cada dia ele aprontava uma coisa diferente. Certa vez ele viu um passarinho. Falou: É hoje que eu engano o avô. Escondeu o passarinho entre as mãos. E pensou baixo. Porque o avô parecia escutar até pensamento.

- Primeiro vou perguntar pro vô o que eu tenho entre as mãos. Se ele acertar, faço uma pergunta mais difícil. Pergunto pra ele se ele acha que o passarinho vai estar vivo ou morto. Se vôvô disser que o passarinho está vivo, eu mato o bicho. Se ele disser que tá morto eu solto o passarim.

Se achando um gênio, o menino saiu correndo. Chegou com as mãos atrás das costas. Meio desajeitado. Segurando o passarim . Ô Vô: O que eu tenho escondido nas mãos?

O olhar de silêncio do vô deu aquele sorrisinho: um passarinho

- Ah! Tá certo então vô. Mas o passarim tá vivo ou tá morto?

- Depende de você. Se eu disser que tá morto, você vai deixar ele vivo. Se eu disse que tá vivo você vai ter coragem de matar ele? Assim é cada momento da vida da gente meu neto. A gente escolhe se vai matar o momento. Ou se vai deixar o momento vivo.

História ensinada pelo mestre de saber Silas da Fonseca (Sabará, MG)

- **Explicação do que são os jogos no teatro do oprimido.**

O jogo no Teatro do Oprimido parece, mas é diferente da brincadeira. Pode ser como o passarim. Quando a gente se entrega ao jogo escolhe deixar vivo um momento, o passarinho. O jogo, pode refletir sobre como nos comportamos no dia a dia. O jogo pode refletir muito a nossa postura na vida. E é importante se tiver um jogo que desafia, que dá medo, com consciência, ir superando o medo, ir vencendo os bloqueios no jogo. Vamos compartilhar nossas dificuldades e percepções na medida em que a oficina ir acontecendo. É preciso ter coragem de compartilhar, ir vencendo a vergonha de falar em público. E pra quem vai falando muito ir aprendendo a escutar. Ninguém é obrigado a fazer um jogo que se sinta desconfortável.

- **O que a gente precisa contar? (Ouvir as respostas)**

Precisamos contar para nossos pés onde estamos indo (Sessão de **alongamento do corpo**)

- **Jogos de Caminhada pelo Espaço**

- Círculo Máximo, Círculo Mínimo

Puxar canções de luta enquanto são feitas as caminhadas. “Vou aprender a Ler, pra ensinar meus camaradas”. “Dandara é dona da terra, é dona das demandas, quando dandara chega, Dandara é quem manda” (Ir trocando o nome de Dandara e incluir nomes de integrantes do grupo).

No Teatro do Oprimido, entendemos que ser humano é ser artista. Quando fizemos nossa primeira apresentação cada pessoa disse quem era, mas fez uma personagem. Perguntar se alguém se lembra como a outra pessoa do grupo se apresentou e se pode imitá-la para os outros verem.

Então, pensando que todas as nossas situações cotidianas são teatro, podemos nos apresentrar fazendo uma cena. Alguém sugere um lugar que conhece, ou um que vai todo dia? Sugestões do grupo

- Sala de aula
- Salão de Beleza
- Alugando casa em São Francisco
- Paquerando em uma festa
- Concorrendo a emprego
- Encontrando a amante do marido
- Tentando uma bolsa de auxílio na Unilab
- Enquadramento, batida policial
- Para uma criança
- No seu espaço de fé e religiosidade
- Comprando ovo com o carro do ovo

Geralmente as cenas foram formadas por duplas. Simulando uma manicure, por exemplo, as pessoas no papel de manicure e de cliente, foram dizendo quem eram, informações de sua vida. Na personagem, o diálogo sobre si mesma ficava sem ser pensado, porque o corpo de quem a polícia quer conhecer, ou o corpo de quem está sendo paquerado são papéis vivenciados e puxam para espontaneidade e improvisação.

Este jogo foi criado no dia, alterando a sequencia inicial, por conta do perfil do grupo.

Refletimos sobre um elemento do teatro do oprimido no que diz a fazermos teatro o tempo todo, mas faltar ser diretorxs de nós mesmxs. Por conta da força que os papéis exercem.

- **Jogo das frases**

Em roda são ditas frases que vocês já ouviram e as deixaram tristes. Repetição duas vezes com o mesmo gesto e corpo de quem sugeriu a frase. Seguida das frases que machucam, vem a proposta de repostas, de possibilidades de retrucar a frase anterior, com repetição duas vezes.

(Jogo aprendido com Bárbara Santos)

- **Leitura de trecho do livro de Augusto Boal**

Ainda em roda, é feita a leitura.

“Palavras tem histórias, evocam ideias e emoções, fatos passados, desejos futuros. Quando uma empregada ouve a palavra Maria, ela vem associada a uma ordem: (o grupo apresenta possibilidades de entoar Maria no sentido de ordem e as demais pessoas repetem). Maria passa a ser o prenúncio de ordem e exige um bater continência em posição de sentido. Quando, porém Maria escreve o seu próprio nome, em folha branca, sobre si, ela tem e pode associar seu nome –Maria- ao amor, ao prazer, a liberdade, a política, a poesia. Pode assumir seu nome e se assumir como sujeito.”

Reforçar para que as pessoas sintam o jogo e não façam correndo.

- **Escrever o nome no ar sentindo as curvas, as letras**
- **Escrever o nome em folha branca**
- **Contar a história do nome**
- **Deixar os papéis em espaços diferentes da sala e observar a letra da outra pessoa**
- **Jogo da troca de nomes**

As pessoas caminhando pelo espaço ao se cumprimentarem dando as mãos, vão falar o último nome que ouviram. Sempre vão de ouvir de alguém um nome diferente, mas quando ela ouvir de outra pessoa seu próprio nome, sai do jogo.

- **Círculo de Nós**

A roda não pode ficar fechada, com todas as pessoas dando as mãos. Senão fica fácil desmanchar o nó. A proposta é que todo mundo vá se embolando um no outro até não dar mais. Ficar literalmente cheio de nós. Não falar para as pessoas que elas vão ter que desembolar depois.

- **Quando o grupo tentar se desembolar, cantar músicas ensinadas por Dona Joca, Inelma, Lálá e irmandade do caruru**

“Ô embolê, embolê
 Ô embolê embolá (2x)
 Eu quero ver ô minina eu quero ver
 Eu quero ver o macaco embolá
 Macaco macaco caco
 Macaco macaco au
 Eu conheci um macaquinho
 Macaco do matagal
 Eu conheci um macaquinho que é filho do macacão
 Neto do macaco velho
 Que mora lá no sertão”

- **Para festejar o nó que desembola, recantar músicas, com uma pessoa do grupo propondo coreografia e as outras imitando. Pode trocar a pessoa que propõe a coreografia.**

‘Saí, saí saí ô piaba, sai da lagoa
 Bota a mão na cabeça
 Outra na cintura
 Dá remelexo no corpo
 Da umbigada na outra”

“Ina jha jha? – Jhá!

Ina jha jha? – Jhá!

Começa a rotação entãaaaaao jhaaaaa, jhá:

Mão na cabeça

Jeyjack

Mão na cintura jey jack”

(...)

Jog o musical aprendido com kuringa Diol Mamadou (Senegal). As perguntas e respostas, são comandos para ir dançando e tocando nas partes do próprio corpo.

História do ditado “macaco velho que não mete a mão em cumbuca”

Quando o povo ia caçar macaco no mato, pegava uma cumbuca para fazer armadilha. A cumbuca é o pote onde ficam as sementes de sapucaia. O macaco velho ia lá na cumbuca, virava o pote, pegava a comida e saía fora. O macaco novo não. Ele com sede ao pote. Ansioso, afobado, metia logo a mão na cumbuca pra pegar a comida. Mas só que com a mão agarrada na cumbuca ele ficava preso, não conseguia escalar na árvore. E era pego pelo caçador.

Daí o ditado, macaco velho não mete a mão na cumbuca

Mas vamos deixar de lado a mão na cumbuca e por a mão no coração.

Ouvir o batido do coração.

- **Jogo Badú**

Badu é um jogo criado na Índia. Repetindo na mão e no peito, o som do coração. Dedo indicador e anelar da mão direita bate duas vezes na mão esquerda. Na sequência duas batidas também com a mão direita no coração esquerdo. Seu Régis (mestre de samba, quando fez a oficina em Itapuã, disse que o batido tem o mesmo princípio do samba).

Fazer o ritmo Badú e ir falando o nome. Quando estiver no clima, ir complicando.

Fazer o ritmo Badú, falar o nome e fazer um gesto.

Dividir as pessoas em grupos. Cada uma com seu gesto e nome dentro do Badú, vai combinar uma performance com seu grupo, considerando os gestos de toda equipe.

Performance pode ter um jeito de entrar e sair de cena.

Outro aprendizado que tive com a estética do oprimido e com Bárbara Santos: Desde o início ir fazendo jogos e criar o hábito de apresentar performances. Muitas vezes a oficina para construir uma peça de teatro tem, tem jogos, mas as pessoas, desde o início não criam o hábito de se apresentar para as outras, a construir narrativas. O hábito ajuda perder o medo, a vergonha, já fez tanto para o grupo que nem conhecia no início, vai fazer o mesmo no dia tal. “O hábito do cachimbo é que faz a boca torta”.

- **Intervalo**

- **Jana Cabana (Jogo indiano)**

Três pessoas. Duas formam uma casa e a outra mora dentro. Deve ter as casas para todas as pessoas, de menos para uma, que fica do lado de fora, sem abrigo. Ela sobra no jogo, mas não perde o jogo. Porque se ela falar “**pessoa**”, todas as pessoas tem de sair de suas casas e é aí que ela vai roubar ocupar o lugar de uma. Se ela falar **casa**, as casas, as duplas se desmancham, os moradores ficam quietos e se formam novas casas. Se quem está de fora falar tempestade, vira uma bagunça, salve-se quem puder sem esquecer de se reorganizar fazendo casa e pessoa dentro.

Falando em Índia, na busca por uma casa puxar a meditação.

Música Vander Lee – Onde Deus possa me ouvir

- **Meditação Sahaja Yoga**
- **Explicar o que é O Teatro do Oprimido**
- **Jogos de confiança:**

-Vampiro de Estrasburgo

Em lugar apertado não tive boas experiências com esse jogo. Fazer onde tem espaço. De olhos fechados e com a mão no cotovelo para amortecer qualquer batida do corpo contra alguém ou contra coisas da sala e, andando em câmera lenta – por tudo que é mais sagrado câmera lenta - as pessoas vão ficar alertas com os vampiros. O vampiro anda de braços esticados, e encosta com respeito – com respeito- na outra pessoa. Dá uma apertadinha e essa apertadinha é uma mordida

com a mão – com a mão- que vai transformar a pessoa mordida em vampira. A pessoa que é mordida dá um grito de terror (exemplo, pedir alguém para gritar). Se duas pessoas vampiras trombarem dão um grito de prazer, que não é para namorar, mas é para voltar a ser humano porque ninguém quer *temer* o vampiro. Sem ofender vampiros e vampiras.

- Floresta de Sons

Formar duplas. Cada pessoa da dupla faz um som característico para pessoa gravar. É preciso gravar porque em caminhada de olho fechado, uma pessoa será guiada. E a outra, que faz o som será a guia e estará de olho aberto porque é responsabilidade dela o cuidando a colega. Para não trombar em ninguém.

- **Explicar o Teatro Fórum com o jogo os 4 que marcham**

Tentar (re)existir frente a marcha irreduzível de 4 pessoas que caminham e cantam com passos fortes, com um som e um passo igual e querem que o diferente, ou saia do caminho, ou se torne um deles.

- **Conversar sobre os jogos, superação de bloqueios, o que gostou ou não.**

- **Leitura de trecho de livro de Augusto Boal:**

“Para que o teatro seja praticado massivamente, é necessário que a atividade artística seja natural a todos os homens e a todas as mulheres. São as repressões que sofremos aos sermos educados que nos limitam e estreitam nossa capacidade de expressão.

As crianças dançam e cantam e pintam. Depois, com a repressão que sofrem na família, na escola, no trabalho, convencem-se de que não são dançarinas, nem cantoras, nem pintoras. Porém, devemos compreender que todas são pessoas capazes de fazer aquilo que outra pessoa pode fazer. (...) Nem todos poderão fazer com a mesma maestria. Mas todos poderão fazê-lo. Ser humano é ser artista”.

Como no grupo tinham crianças e adolescente e adultos, e pouca tinta As crianças foram primeiro orientadas a:

- **Pintar a bandeira nacional do jeito que lembravam que ela era.**

Depois dessa etapa:

- **Pintar a bandeira, mas desenhar nela como você sente seu país.**

O grupo de pessoas mais velhas escreveu sobre

- **O que mais me impressionou nos últimos anos (pode ser qualquer coisa, mas que de fato tenha marcado sua lembrança).**

Depois dessa etapa, escolher uma história diferente da sua e ler, sentir o que é a outra história que você pegou. Fazer a metáfora dessa história com um único recurso: folhas em branco. (Jogo que aprendi com Cachalote Mattos - RJ).

- **Partilha de experiências desses Jogos.**
- **Panela de energia. (Jogo que aprendi com Diol Mamadou – Senegal)**

Cada pessoa une o “dedão” da sua mão esquerda ao “dedão” da mão esquerda da outra pessoa, todas precisam de estar em roda para o jogo dar certo. O encaixe das mãos forma uma panela. E com o corpo direito (braços e mãos), jogamos nessa panela desejos, sonhos. Colocamos para “ferver”, balançamos as mãos e emanamos essa energia para o universo.

2º Encontro (8 horas de duração)

Perguntar como foi o dia como a pessoa está

Comprimentar as pessoas nas possibilidades de afeto que as deixe confortáveis. Abraçar.

- **Batizado mineiro**

O grupo fica em roda. Cada pessoa, na sequência da roda, dá dois passos a frente, diz seu nome, diz uma palavra que comece com a primeira letra de seu nome e que corresponda a uma característica que ela possui, fazendo um gesto e um som que ilustre essa característica. O restante do grupo imita a pessoa por duas vezes. Quando todos tiverem se apresentado faz uma rodada passando as imitações direta,

sem deixar cair o ritmo. Sem a pessoa lembrar para as outras como foi seu gesto, sua apresentação.

- **Lanche. Para chegar até o lanche propusemos uma corrida em câmera lenta. E nesse jogo compartilhamos a filosofia Ubuntu. (Ver nota de rodapé, Pág. 28)**
- **Corrida em Câmera lenta**

Ganha a última pessoa que chega. Uma vez começada a corrida as pessoas não poderão interromper seus movimentos que deverão ser executados o mais lentamente possível. Não vale fingir que está correndo. Andar miudinho. Cada corredor deverá alongar as pernas ao máximo a cada passo. O pé, para passar adiante da outra perna deve passar sempre da altura do joelho, por exemplo. Pra fazer o gesto de um corredor que estaria correndo de verdade na velocidade rápida. Ou seja é preciso que o ator, ao avançar, estique bem o seu corpo e a cada centímetro que caminhar uma nova estrutura muscular se configure. Em câmera lenta perceber os músculos.

Quando o pé tombar no chão, deve-se ouvir o barulho. Jogo feito com concentração e silêncio. Um pé pisou o chão, o outro levanta.

- **Corrida em câmera Lenta variante Dito**

No dia que fizemos este jogo, Dito Sambu (Guiné Bissau), criou uma variante onde duplas trocariam seus nomes. Então Lori por exemplo estaria correndo, mas ao trocar de nome e se chamar Edson, se ela ganhar é Edson que comemora. Para Lori conseguir “vencer”, teria que torcer para Edson.

- **O que queriam que eu fosse quando eu crescesse**
- **O que eu quero ser**

Primeiramente, as pessoas fazem imagens sobre o que sua família ou amigos, ou alguém queriam que elas fossem. E depois numa segunda rodada, fazem imagens do que elas sonhavam, sonham ser.

- **O ponto, o abraço e o aperto de mão**

Fixar os olhos atentamente em um ponto da sala. Tentar chegar de olhos fechados até esse ponto. Se na sua caminhada esbarrar e sair da trajetória, não desiste. Após algum tempo, quem está multiplicando pode pedir para as pessoas abrirem seus olhos e ver se chegaram. O grupo pode tentar fazer esse exercício outra vez. Aliás dependendo da entrega a um exercício, ele pode se estender e ir criando variantes. Cabe ao grupo estar afinado com a propostas. Quem conseguiu chegar de primeira pode arriscar algo mais desafiador. Quem dificultou muito sua proposta pode facilitar. E assim vai.

Nos exercícios de olhos fechados, sempre andar fazendo uma barreira com o braço. A mão segura esquerda o cotovelo direito, a mão direita no cotovelo esquerdo. Braços cruzados e para frente. Isso para não machucar. A continuidade do exercício do ponto pode seguir para o abraço. Uma pessoa de frente para outra, em fila horizontal, se abraçam. Desfazem o abraço com cuidado, para não largar um afeto de vez, deixar uma pessoa abruptamente faz mal. E também desfazer o abraço devagar ajuda a conservar a estátua do corpo ao abraçar.

Cada pessoa, de olhos fechados, dá oito passos para trás mantendo a estátua do seu corpo que abraçou. Depois dá oito passos para frente, e vê se consegue encontrar a pessoa abraçada. O exercício pode ser feito duas vezes. Sempre para ver se a segunda vez sai melhor que a primeira ou não. Para aprender a superar os medos, a desafiar, para ver o tamanho do desafio e aprender na próxima tentativa com erros e acertos da primeira vez. O aperto de mão segue a mesma lógica. Mas aí são as mãos que se encontram. É bom sentir a mão da pessoa antes, na hora do abraço sentir o cabelo, o cheiro, porque de olhos fechados as pessoas não seguem muito a linha reta.

Em jogos de abraço, olhos fechados podem acontecer situações de assédio, um grupo de teatro do oprimido tem opressores e opressoras. Nessas horas é bom ter uma poesia, falar através da poesia, de uma música. Porque na hora da piadinha, do racismo e do bullying, a arte é uma linguagem que dá conta porque toca na alma. Mesmo que a pessoa não dê o grito, não fale que foi assediada é bom observar o comportamento. Se for machismo, não somente as mulheres, mas os homens também precisam para a oficina e discutir.

- **Repetição do jogo das frases do dia anterior**

Repetimos as frases que oprimem e as possibilidades de retrucar, de responder.

- **Imagem da palavra**

Fizemos imagens das situações das frases do jogo anterior. Caminhada pelo espaço. Cada pessoa na hora da indicação da multiplicadora fez uma imagem com seu corpo. Voltamos a roda. As pessoas que se voluntariam a compartilhar sua imagem se apresentam para o grupo. O grupo aponta nomes para as imagens. E é escolhido um nome por meio de consenso um nome para cada uma das cinco imagens. Caminhada pelo espaço. A multiplicadora fala o nome de uma das cinco imagens a partir do jogo Para e Anda. Quando ela fala anda as pessoas andam. E andando, se a multiplicadora falar um nome as pessoas fazem a imagem da palavra andando.

Pode acontecer que a multiplicadora peça para parar e parado o grupo faça a imagem. É legal fazer seções de transição falar a imagem de palavra de forma alternada. E se tiver o clima, trocar os comandos. Quando falar anda é para ficar parado. Quando fala para é para ficar andando. No livro de jogos, a sequência é Para-Anda, Pula-Agacha- Fala o nome ou grita. Mas dependendo da experiência da multiplicadora em conduzir a dinâmica é melhor aprofundar mais no para e anda. Porque é preciso concentração não só para fazer o jogo, mas para que as pessoas entendem e ele fique definido.

- **Jogo do Pato**

Todo mundo tem uma cadeira pra sentar. De menos o pato ou a pata. Quando ela vem correndo fazendo o som da pata ou do pato que ele quiser, ela vai se aproximar de algumas cadeiras. Nas cadeiras que estiverem mais perto da pata, as pessoas precisam sair. Desapegar de seus lugares e ocupar outros porque senão a pata senta e quem fica em pé sobrando vira a próxima pata a querer um assento. Não é bom fingir que a pata não passou perto, ou ficar sempre na cadeira mais próxima a sua. No jogo temos a oportunidade de arriscar. Ninguém está perdendo

ou vencendo. Temos ali a oportunidade de testar possibilidades, o que muitas vezes a vida não permite.

- **O urso de Poitiers**

Tem um monte de lenhadores e lenhadoras trabalhando. Numa floresta onde tem urso. O urso está de costas. Quando ele vira, solta um som estremeedor, um rugido. E as pessoas paralisam. Como naqueles filmes de dinossauro, quem fica quieto o urso não pega. Mas esse urso ou urso, vai ver que tem um corpo quente ali, cheirar, usar de “n”, de muitas estratégias para ver se pega alguém. Quem mexe, ri, chora, grita (etc) vira urso e tenta fazer o mesmo, levar mais pessoas.

- **Utilizar o jogo do urso para conversar sobre o que é a improvisação no Teatro fórum.**

Quem é opressor na peça, precisa incorporar o papel do urso. Oprimir com concentração. A mesma coisa o oprimido, precisa também testar todas as formas de resistir, colocando alma e verdade nessa ação, afinal de contas o Fórum é a história de outra pessoa, mas é também a história de todo mundo. Porque enquanto houver uma opressão, toda comunidade precisa se mobilizar para enfrenta-la. E a partir que alguém tem a coragem de contar sua história, essa história não é mais do ciclano, do beltrano. A forma como os lenhadores e lenhadoras trabalham numa sociedade, pode afastar ou abrir mais brechas para a atuação de ursos. Desde já pedimos desculpas aos ursos para utilizá-los como metáforas de opressores. O ser humano oprime muito mais que eles.

- **Intervalo**

- **As histórias do “O que mais me impressionou nos últimos anos” feito no dia anterior**

Pela afinidade de histórias que mais impressionaram são formados grupos. Nesse caso, foi possível utilizar desse jogo para já partir para a montagem de um teatro Fórum porque a maior parte das histórias escritas, infelizmente, foram de opressão. E tinham afinidades.

- Os grupos fazem a imagem da opressão de seu tema. Primeiro cada pessoa faz a imagem do opressor que representa o conjunto das histórias comuns. Em caminhada pelo espaço quando a multiplicadora falar pára, as pessoas fecharão os olhos e imaginarão tudo que esse opressor pode falar para ofender e agredir um corpo oprimido. Depois cada pessoa fará uma imagem que represente as oprimidas, os oprimidos daquelas histórias. Caminhada. Quando a multiplicadora falar pára, as pessoas fecham os olhos e imaginam possibilidades de resistência e os sofrimentos pelos quais passam os corpos oprimidos.

- **Assusta e Protege**

Em roda, as pessoas se olham. Cada pessoa, mentalmente, vai escolher alguém da roda em que projeta a crença de ser a sua protetora. E vai escolher também outra pessoa que vai ser quem a amedronta e a ameaça. Andando pelo espaço, o objetivo é fugir de quem te ameaça, e correr para o lado de quem lhe protege.

- **Jogo da Briga de Galos, Sim, Mas**

Duas pessoas vão brigar. Mas vão brigar escutando uma a outra. Geralmente quem briga não escuta quem tá falando só quer falar. E é até por isso que as vezes existe briga. Por ouvir e entender a outra pessoa mal. Nesse jogo a briga verbal é possível e pode jogar duro, tocar em feridas, se tiver um coletivo sensível, ético e solidário. Onde todos vão se apoiar. Quem briga, vai pegar e aceitar todos os xingamentos que recebeu. Repetir sim eu sou isso e aquilo que você diz, MAS...A partir do “mas” desse a lenha. Como uma lenhadora, mal sabendo que existem ursos maiores. Mas nesse jogo não tem urso não. Só galo e galinha. E pode brigar galinha com galinha, galo com galo, galo e galinha.

Com o decorrer de todo o processo e principalmente com esses jogos, o jogo do urso, o jogo da briga de galos e galinhas, já teremos um apontamento de quem tem um potencial de ser oprimido e opressor numa primeira apresentação da peça.

- **Reencontro dos grupos** escolher uma história de opressão e para ensaiar uma cena curta da história escolhida. Apresentação das cenas. Com comentários e se possível, intervenções.
- **Conversa sobre os jogos, as histórias.**
- **Finalização do dia** colocando na panela o que as pessoas desejam para o próximo encontro.

3º Encontro (8 horas de duração)

- **Hei, Heia, heia Riá rá rá la Rôa**
(Canção de dança circular)
- **História do príncipe**
- **Conversa sobre Teatro Fórum**
- **Das histórias dos grupos** escolher apenas uma para trabalhar no Fórum
- **Quem são os opressores e oprimidos nas histórias dos grupos**

Apreendi com Diol Mamadou que no grupo as pessoas podem ser escultoras e massa. Então, uma pessoa voluntária, poderá ser a escultora e as demais, massa para que ela construa uma imagem sobre como ela acha que:

1) Cada personagem entende o que é determinada coisa. Se o Fórum for sobre a história de racismo que se passa na escola, por exemplo. Podemos construir imagens a partir das perguntas: Como a professora, a diretora entendem o que é educação? O que é racismo? Como elas entendem quem é o aluno tal? A pessoa escultora tem liberdade de modelar a face, as expressões e os corpos dessas imagens. A mesma coisa para as personagem oprimidas. A pessoa vai fazer uma imagem que tente captar as mensagens que a oprimida quer passar. Como a oprimida entende o que é a educação? Como ela se sente? O que ela faz em casa quando chega e fica sozinha pensando naquilo tudo que a machucou?

“O teatro é uma qualidade que se passa de um a outro. E não uma qualidade que reside em um ou outro” (BOAL 😊)

- **Hipotismo Colombiano**
- **Fazer as personagens da história antes de chegar na cena. O que as hipnotiza? Como elas vivem?**
- **Ensaio da cena trocando papéis**

4º Encontro (8 horas de duração)

- **Uma pessoa do grupo puxa um alongamento**
- **Outra pessoa do grupo pergunta para outra como foi a semana**
- **História do olho**
- **Com olho só no celular**
- **Zip, Zap Bop, Toin**
- **Escolher 1 pessoa espectadora para anotar as frases chamaram mais atenção. Cada pessoa que está assintindo a passagem da cena vai ficar responsável por anotar as falas de uma personagem. Se tiver mais pessoas assintindo, do que o número de pessoas em cena, não tem problema. Duas pessoas espectadoras podem ficar responsáveis por anotar as frases que mais marcaram nas falas de uma mesma personagem. É bom que quem assiste a uma personagem específica dê sugestão de cenas, de gestos. Nesse jogo cada personagem da peça vai ter como se fosse um diretor, uma diretora.**
- **Troca de personagens. Quem estava anotando, faz as personagens que estava assintindo. E as que estavam atuando ficam responsáveis por olhar quem faz o papel que elas estavam fazendo.**
- **Eu não acredito em você**
- **Pique Pique simples. Atores e atrizes fora de cena. Multiplicadora fala uma frase da peça e a cena que acontece naquela frase se reconstitui. As pessoas seguem a peça dali em diante.**
- **Espaço para construção de Musicas , Poesias, Desenhos, Pinturas**
- **Panela – Desejos para o dia da Apresentação**
- **Chuva para entrar na Floresta**
- **Roda dos animais**

Em roda, a começar dos pés, nos transformamos em animais. Deixar o grupo sugerir os bichos. Elefante, Rato, Pavão, e ser humano para entrar na história.

Obs. cada parte do corpo vira o animal de maneira gradual e por último o som.

- **História de Shri Ganesha - Valorizar as possibilidades de cena que estão perto, as saídas simples não são menos valiosas do que o que a gente considera uma atuação complexa e com recursos que estão longe do nosso alcance.**

Shri Ganesha é o Deus Elefante. Criança, que faz de tudo para proteger sua mãe. Inocência e Alegria. Só que inocência não é ingenuidade. Seu irmão Shri Kartikeya possui um pavão muito veloz. E Ganesha, o elefante andava sobre um rato. Kartikeya quis apostar com Ganesha que dava a volta ao mundo inteiro e chegava primeiro. Ganesha aceitou a aposta. Quase que Kartikeya não ouviu o sim. Porque antes de ouvir um sim ou o não ele já se preparou para correr. E com sua habilidade de um Deus, passou por cada canto do planeta. Levou alguns dias é claro. Porque também não é para tanto. Ganesha levou menos de um minuto. Chegou até a sua mãe. Pediu a bênção, e deu uma volta em torno dela. Sua mãe era o mundo.

(História ensinada por Kakaih Machado – Sahaja Yoga)

REFERÊNCIAS

- **Teses, Dissertações e Monografias**

BENEDICTO, Ricardo Matheus. **Afrocentricidade, educação e poder: uma crítica afrocêntrica ao eurocentrismo no pensamento educacional brasileiro**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Paulo. 2016.

CARNEIRO, Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. Feusp**, Tese Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. 2005.

DE SOUZA SILVA, Ana Paula. **Tia Eu Não Sou Negro!** Como professor dos anos iniciais lida com racismo na sala de aula de uma escola de Goiás. Monografia. Universidade Federal de Brasília. 2016

FONSECA, Marcus Vinícius. **“Pretos, pardos, crioulos e cabras nas escolas mineiras do século XIX”**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2007.

FRANCO, Marielle. **UPP—A redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminenses. 2014.

GOMES, Angela. **Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro-africana: terreiros, quilombos, quintais da Grande BH**. Tese de Doutorado. Tese, Programa de Pós-Graduação em Geografia, IGC/UFMG, Belo Horizonte. 2009.

KRAHÔ, Creuza Prumkwyj. **Wato ne hômpu ne kãmpa: Convivo, vejo e ouço a vida Mehi (Mãkrarè)**. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

NUNES, Míghian Danae Ferreira. **Histórias de Ébano: professoras negras de educação infantil da cidade de São Paulo. 2012. 308 f.** 2012. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação)—Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

OLIVEIRA, Alan Santos de. **Sankofa: a circulação dos provérbios africanos: oralidade, escrita, imagens e imaginários**. Universidade de Brasília, 2016.

SANTOS, Joselita Gonçalves dos. *“Essa é a minha filosofia”*. Monografia. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira. 2018.

SILVA, João Paulo Araújo Silva. **“HOMENS E MULHERES DE “RIBA MAR”**: a pesca artesanal de Porto Inglês, Cabo Verde, em perspectiva etnográfica”.Dissertação de mestrado. Universidade federal de Minas Gerais 2018.

- **Livros**

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma única história.** Tradução de Eri a Barbosa. Original disponível em: http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html. s/d. Tradução disponível em: <http://www.google.pt/url>, 2009.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores.** 3ª. rev.. e ampliada, Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2000.

_____. **O arco-íris do desejo:** método Boal de teatro e terapia. Editora Record, 1996.

_____. **Teatro do Oprimido: e outras poéticas políticas.** Editora Cosac Naify, 2014.

DIOP, Cheikh Anta. **Unidade Cultural da África Negra:** esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. Editora Pedagogo. Lisboa, 2015.

FANNON, Frantz. **Os condenados da Terra.** Civilização Brasileira, 1979.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MAZAMA, Ama. **A afrocentricidade como um novo paradigma.** In: Nascimento EL. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, p. 111-27, 2009.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **The Invention of Women:** Making an African Sense of Western Gender Discourses. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. Global, 2015.

SANTOS, Bárbara. **Percursos Estéticos.** Cadê Editorial. 2018.

_____. **Teatro do Oprimido-Raízes e Asas:** Uma teoria da Práxis. Ibis Libris, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **O que é:** lugar de fala?. Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar.** São Paulo: Odysseus, 2003.

WEITZMAN, Rodica. **Educação Popular em Segurança Alimentar e Nutricional: uma metodologia de formação com enfoque de gênero.** Belo Horizonte: Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas, v. 231, 2008.

- **Livros Literários**

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. Pólen, 2017.

CHIZIANE, Paulina. CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. Editora Companhia das Letras, 2018.

COSTA, Madú, FILHO, Rubem (ilustrador). **Embolando Palavras**. Mazza Edições, 2013.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Host Publications, Inc., 2007.

_____. **Olhos d'água**. Pallas Editora, 2016.

_____. **Insubmissas lágrimas de mulheres:(contos)**. Nandyala, 2011.

NIVOLA, Claire A. **Plantando árvores no Quênia: A história de Wangari Maathai**. SM Brasil, 2004.

PINTO, Naiane de Jesus (Org). "São Bento Conta Sua História". Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde. 2018.

TOLEDO, Eymard. **Tio Flores: uma história às margens do rio São Francisco**. V&R, 2016.

- **Artigos**

AKBAR, Na'im. **Ciências Sociais Africêntricas para Libertação Humana**. Tradução Mpenzi Rocha. 1984.

ASANTE, Molefi Kete, **Afrocentricidade**. Tradução Renato nogueira. Disponível em <https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/03/afrocentricidade-molefi-k-asante.pdf> . 2016.

BARTHOLOMEU, Juliana Stefany Silva. **O que é Lugar de Falar?**. Revista Alabastro, v. 2, n. 11, p. 69-75, 2018.

Bôas Filho, Orlando Villas. "**A constituição do campo de análise e pesquisa da antropologia jurídica**." Prisma Jurídico1.1 (2007): 333-349.

BASTOS, Jairo. Frantz Fanon: **As Máscaras do Ressentido**. Disponível em: http://www.cep.pr.gov.br/arquivos/File/2018/PAIDEIA/10/Fanon-Mascaras_do_Ressentido.pdf

MUDIMBE, Valentin Yves. "**A invenção de África**." *Concinnaitos*. Ano 11 (2013): 73-81.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos feministas, v. 10, n. 1, p. 171, 2002.

DA SILVA, Ana Célia. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. SciELO-EDUFBA, 2010.

DE SOUZA, Bruno Moitinho Andrade. **Os Templos de Matriz Africana em Salvador e o Meio Ambiente Urbano**. Revista de Direito Urbanístico, Cidade e Alteridade, v. 2, n. 1, p. 1-17, 2016.

DOS SANTOS JUNIOR, Renato Nogueira. **Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado**. 2010.

FINCO, Daniela. **Relações de gênero e as brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil**. -posições, n.42, dez., 2003.

FLORES, Tarsila. **Genocídio da Juventude Negra no Brasil: As novas formas de guerra, raça e colonialidade do poder**. Diversas Abordagens, p. 109, 2016.

FRÓES, CRISTINA; REIS, BORJA. **O investimento público e o desenvolvimento econômico do Brasil**. Revista Oikos.org, v. 7, n. 2, 2008.

GONZALES, Leila. **A categoria político-cultural da amefricanidade**. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, n.92/93 (jan/jun.), 1988, 69-82.

_____. **Cultura, Etnicidade e Trabalho: Efeitos Linguísticos e Políticos da Exploração da Mulher**. Comunicação apresentada no 8. Encontro Nacional da Associação de Estudos Latino Americanos, 5-7 de Abril de 1979.

hooks, bell. **"Vivendo de amor."** O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe 2 (2000): 188-198.

KRAHÔ, Creuza Prumkwyj. **Mulheres-cabaças**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 11, página 110 - 117, 2017.

MACAMO, Elísio. **Respostas sem perguntas, ou: porque África não é um problema por resolver**. In Progress 2º Seminário Internacional sobre Ciências Sociais e Desenvolvimento em África - PAINEL V: PROMOÇÃO DA CIÊNCIA E DESENVOLVIMENTO. Lisboa. 2013, (pp. 255-254). Disponível em : <https://pascal.iseq.ulisboa.pt/~cesa/index.php/en/menupublicacoes/e-book/502>.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de Educação sobre o negro na sociedade brasileira, 2004.

PETIT, Sandra Haydée. **Práticas Pedagógicas para a Lei Nº 10.639/2003: A Criação de Nova Abordagem de Formação na Perspectiva das Africanidades**. Educação em Foco, v. 21, n. 3, p. 657-684, 2017.

RAMOSE, Mogobe B. **Globalização e ubuntu**. Epistemologias do Sul, p. 175-220, 2010.

SILVA, Adriana Maria Paulo da. **Aprender com perfeição e sem coação: uma escola para meninos pretos e pardos na Corte** (Plano, 2000) Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

SILVA, C. F. S., & CANTO, V. S. (2011). **Mulheres negras brasileiras construindo identidades negras positivas: um caminho para a consolidação da cidadania?**. SILVA, André Luiz dos Santos; SANTOS, Nágila Oliveira. Cadernos África e Africanidades, 2.

VIEIRA, Bianca. **Em bom pretuguês: Lélia Gonzalez, uma quilombola amefricana**. Lutas Sociais, v. 19, n. 34, p. 214-218.

WALDMAN, Maurício. **LIÇÕES DA MÃE ÁFRICA: O Exemplo das Mobilizações Ambientalistas**. 2009. Disponível em: http://mw.pro.br/mw/africanidades_19.pdf

- **Reportagens, Portais de Notícias**

LEITE, Carlos Roberto Saraiva da Costa. **A Frente negra Brasileira**. Portal Geledés <https://www.geledes.org.br/frente-negra-brasileira-2/>. Acesso:02/01/19

BASILIO, Ana Luiza. **Quinze anos depois, Lei 10.639 ainda esbarra em desconhecimento e resistência**. Portal Geledés <https://www.geledes.org.br/quinze-anos-depois-lei-10-639-ainda-esbarra-em-desconhecimento-e-resistencia/> Acesso:26/12/18.

Programa de Formação em Saberes Tradicionais da UFMG
<http://www.saberestradicionais.org/sobre/> Acesso:26/12/18

Articulação Pacari plantas Medicinais do Cerrado <http://www.pacari.org.br/>

PARANHOS, Fábio. Paranhos. **Farmácia Homeopática do Centro de Saúde Modelo é reaberta**. Prefeitura de Porto Alegre.
http://www2.portoalegre.rs.gov.br/sms/default.php?p_noticia=172239&FARMACIA+H+OMEOPATICA+DO+CENTRO+DE+SAUDE+MODELO+E+REABERTA.
Acesso:26/12/18.

BOAL, AUGUSTO. Teatro como arte marcial. Portal Folha Uol.
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2912200010.htm>
São Paulo, sexta-feira, 29 de dezembro de 2000. Acesso:26/12/18.

NOVA, Carolina, **Israel quer pacto de segurança para elevar cooperação científica com Brasil** In: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/03/israel-quer-pacto-de-seguranca-para-elevar-cooperacao-cientifica-com-brasil.shtml>. Acesso 31/12/18.

Agência Brasil. **Angola suspende atividades da Igreja Universal**. In: <https://www.geledes.org.br/angola-suspende-atividades-da-igreja-universal/> . Portal Geledés. Acesso:26/12/18

SANTOS, Bárbara. **A arte de Curingar**.

In: <http://kuringa-barbarasantos.blogspot.com> 2010. Acesso: 26/12/18

Sobre a origem do nome favela. <https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/de-canudos-para-o-brasil-a-historia-da-palavra-favela-2/> . Portal Revista Veja. Acesso 02/01/2019

INTERCOM. BAOBÁ – árvore símbolo fundamental das culturas africanas tradicionais.

In: <https://www.geledes.org.br/baoba-arvore-simbolo-fundamental-das-culturas-africanas-tradicionais/>

Acesso: 17/09/2018

SANTOS, Hélio. **A ascensão dos negros no Brasil X O genocídio de jovens.**

<https://www.geledes.org.br/helio-santos-ascensao-dos-negros-no-brasil-x-o-genocidio-de-jovens/>.

Portal Geledés. Acesso: 04/09/2018

BRITO, Débora. **Denúncias de feminicídio e tentativas de assassinato chegam a 10 mil.**

<https://www.geledes.org.br/denuncias-de-femicidio-e-tentativas-de-assassinato-chegam-10-mil/#>

Portal Geledés. Acesso: 04/09/2018

Huffpost. **Vamos mapear a homofobia e transfobia no Brasil.**

Brasil. <https://www.geledes.org.br/vamos-mapear-homofobia-e-transfobia-no-brasil/>

Portal Geledés..Acesso: 04/09/2018

Exame. **Aborto clandestino é drama para mais de meio milhão de mulheres no Brasil.**

<https://www.geledes.org.br/aborto-clandestino-e-drama-para-mais-de-meio-milhao-de-mulheres-no-brasil/>

Portal Geledés. Acesso: 10/09/2018

- **Canções e Poesias**

Sô custurêro. Canção de lavadeiras de Araçuaí (MG). Canto ensinado pela avó Dôra.

Senhora Santana. Canção de lavadeiras de Almenara (MG). Canto de ninar, de trabalho e de fé, ensinado pela neta, Maria Vitória criança que foi buscar histórias com a sua “tia Flores”.

Papai era pescador, Mamãe Lavadeira. Canto aprendido com as Ganhadeiras de Itapuã (BA).

Senhora das folhas. Canção criada pela pesquisadora, jogueira e capoeirista Raíne Machado

Trio Parada Dura - As Andorinhas

Paródia MC Leozinho - Se ela danço eu danço

Senhora do Rosário – Canto aprendido na oralidade

“Nossas mãos são cuias”. Aprendi com mestre de Congado Sebastião Farinhada. É possível encontrar canções e histórias no CD Vozes da Mata. Instituto Abrapalavra. Essa música das mãos não está no CD.

Single Ladies – Beyoncé

A água rolou pro mar – Mestre Adó

Sambas: Onça/ Piaba/ Macaco/ Quem entrou na roda – Mestre Dona Joca

Lucas Penteado Kóka – Recomendamos o vídeo Lei 10.639 Preta Rara – Nossa Voz Ecoa <https://www.youtube.com/watch?v=-Pv0RTnsJak> onde o poeta recita os versos aqui citados. Bem como o blog: <http://sociedadedospoetaslivres3.blogspot.com/2017/03/lucas-penteado-koka-poesia.html>

Samuka Koala (4k) – <https://www.youtube.com/watch?v=um3K6K9CjzU> ver também o Canal no Youtube Preto Disgraça: <https://www.youtube.com/channel/UCEjLO11GYUJuzqiLJXn-YgA>

Iemanjá Rainha do Mar - Maria Bethânia

Yáyá Massemba – Roberto Mendes

Retrato da Vida - Mayra Andrade, Djavan, Yamandú Costa, Dominginhos

Falsa Abolição - Preta Rara

Menina Pretinha, Rapunzel de Dread - MC Soffia

Tenho Sede - Gilberto Gil

Senhora Santana - Grupo Ilumiara

Cancioneiro de lavadeiras como as Lavadeiras de Almenara e de Araçuaí.

Quebradeiras de coco Babaçu.

Músicas tradicionais.

- **Mestras e Mestres de Saberes**

Definição ainda ampla das pessoas que são referências de vida na comunidade.

-Ana Moça (BA) - Mulher negra, mãe, Agricultura em São Francisco do Conde

-Ângela Moreira (BA) - Mulher negra, Costureira, Empregada Doméstica, em Alagoinhas.

-Crisângela Ellen de Souza. - Pesquisadora.

Barbosa, C. K. R., de Souza, C. E., Fonseca, M. C. M., & Casali, V. W. D. (2017). Teor de óleo essencial e caracterização organoléptica de hortelã-pimenta após fragmentação e secagem. *MAGISTRA*, 28(2), 279-284.

- Creuza Prumkwyj Krahô (MA) mulher indígena da etnia Krahô, pesquisadora. KRAHÔ, Creuza Prumkwyj. **Wato ne hômpu ne kâmpa**: Convivo, vejo e ouço a vida Mehi (Mâkrarè). Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

-Dona Amélia (BA)- Mulher negra, mãe, vendedora de frutas em São Francisco do Conde.

-Dona Ana (MG) - Mulher negra mãe, agricultora em Belo Horizonte.

-Dona Clarisse (MG)- Mulher negra, mãe, raizeira, em Belo Horizonte.

-Dona Geralda (MG) - Mulher negra, mãe, lavadeira em Belo Horizonte.

-Dona Joca (BA)- Mulher negra, mãe quilombola, pesquisadora universitária. SANTOS, Joselita Gonçalves dos. *“Essa é a minha filosofia”*. Monografia. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira. 2018.

-Dona Kadú (BA) - Mulher negra, mãe ceramista. Ver:Filme Barro Vivo.
https://www.youtube.com/watch?v=iUIZ2_YeFFo

-Dona Lúcia (MG) - Mulher negra mãe, agricultora em Belo Horizonte.

-Dona Luzia (MG)- Mulher negra mãe, agricultora em Belo Horizonte.

-Dona Maria (BA) - Mulher negra mãe, quilombola da Comunidade Monte Recôncavo

-Dona Raimunda (MG) - Mulher negra mãe, agricultora em Belo Horizonte.

-Dona Vera (MG) - Mãe, mulher amefricana, guardiã de sementes crioulas em Belo Horizonte.

-Dôra (MG) - Mulher negra, mãe, lavadeira em Belo Horizonte.

-Fátima (MG) – Mãe, mulher americana, educadora popular

-Maria Viana (MG) - Mulher negra mãe, agricultora em Belo Horizonte.

-Marielze (MG) – Mãe, mulher amefricana, conhecedora de chás, Inhaí

-Pajé Agostinho Ika Muru e Agostinho Manduca Matheus (AC).

Livro: UNA ISI KAYAWA - LIVRO DA CURA DO POVO HUNI KUIN. Editora Dantes.
1ª Edição – 2014.

-Rose (MG) – Mãe, mulher americana, técnica em saúde, raizeira

-Seu Badú (MG) – Homem negro, quilombola, homeopata, raizeiro, agricultor
(Comunidade Quilombola Mato do Tição-MG)

Retrato do Mestre Seu Badú Siqueira.

<https://www.youtube.com/watch?v=76ZS9uggwjA>

-Dona Nilce (MG) – Mulher negra, quilombola, raizeira (Comunidade Quilombola
Mato do Tição-MG)

-Seu João (MG) - Homem negro, quilombola, homeopata, raizeiro (Comunidade
Quilombola Mato do Tição-MG)

-Seu Nônô (MG) – Homem amefricano, revitalizador de nascentes.

Quadrilátero Aquífero. <https://www.youtube.com/watch?v=3BY1I5q6bCo>

-Severino (PE) – Artista Plástico, Poeta, Construiu o Viveiro Boi Rosado Ambiental

<https://boirosadoambiental.blogspot.com/>

- Seu Zé do Ganahum – quilombola da comunidade Porto Dom João, multiplicador e
criador de técnicos para salvar a espécie de Ganhamum em solos contaminados.

-Tantinha e Fernando (MG) – Casal de raizeiros, construíram Ervanário São
Francisco de Assis.

Cultivando Saberes. <https://www.youtube.com/watch?v=KUDI5yltrWw>

<https://pt-br.facebook.com/ervanariosaofrancisco/>

-Teca Corujo (Angola) – Artesã e ativista Movimento Pelas Serras e Águas de Minas
Palavra Ética. <https://www.youtube.com/watch?v=I5u-LlnZIFk>